

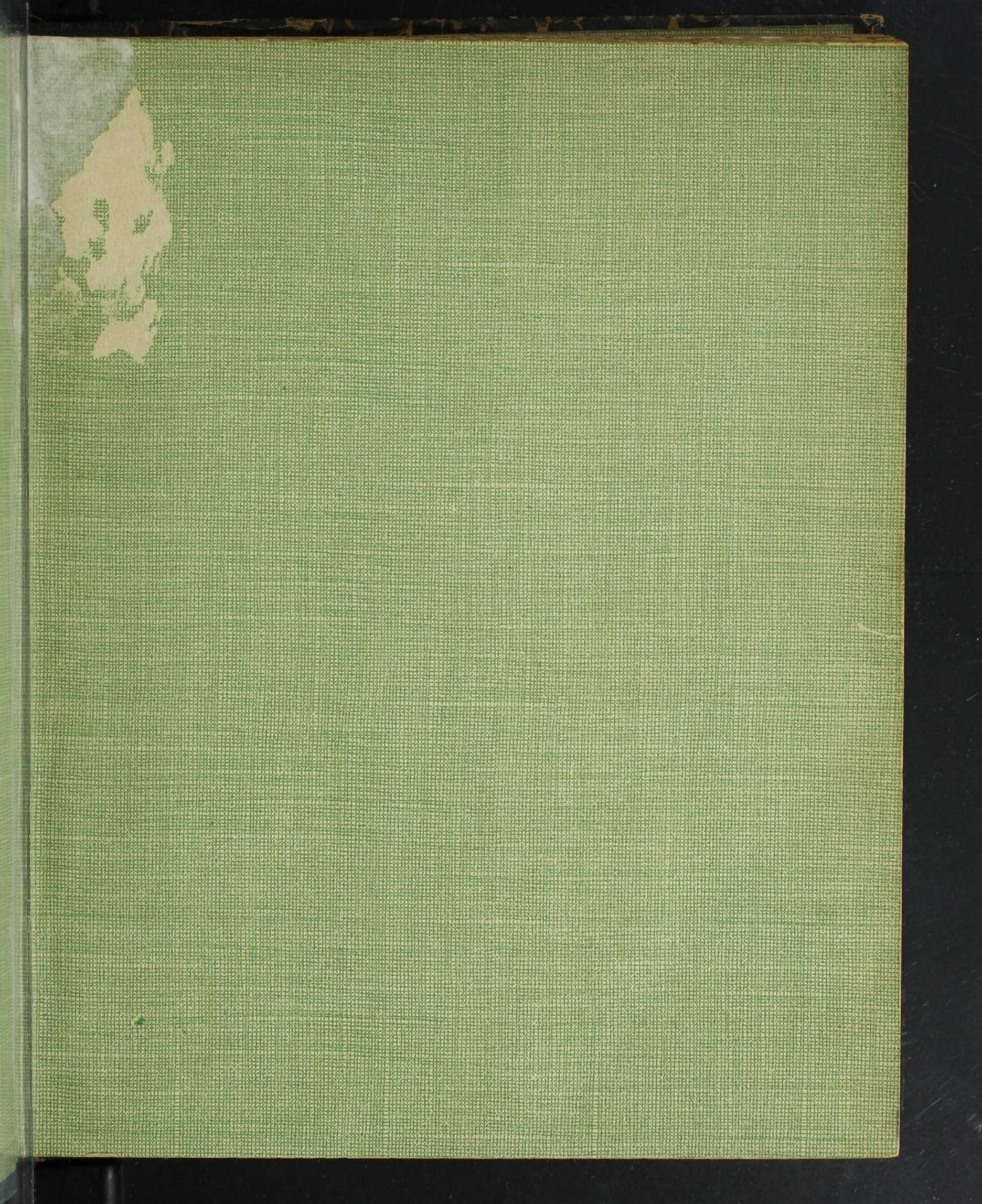


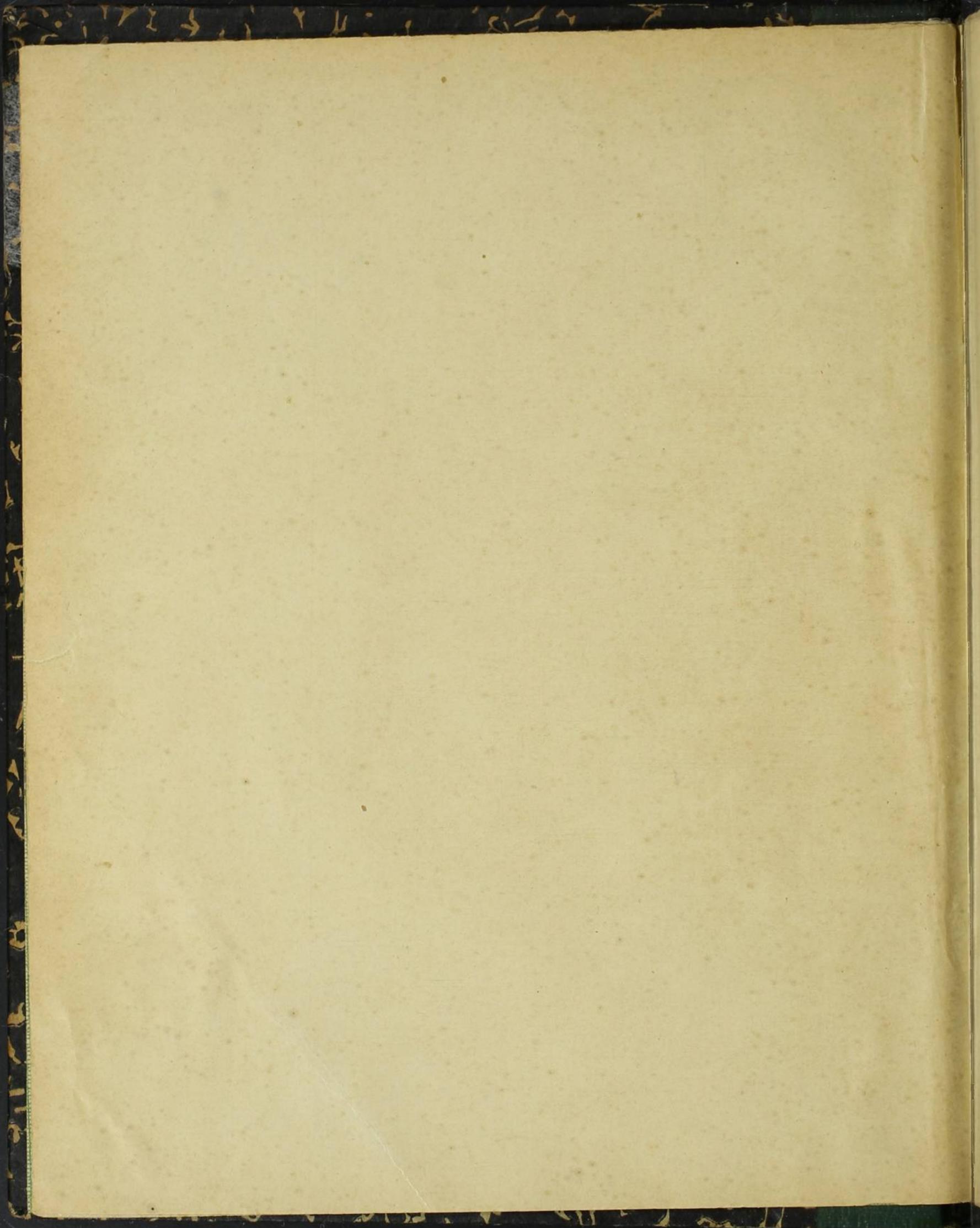


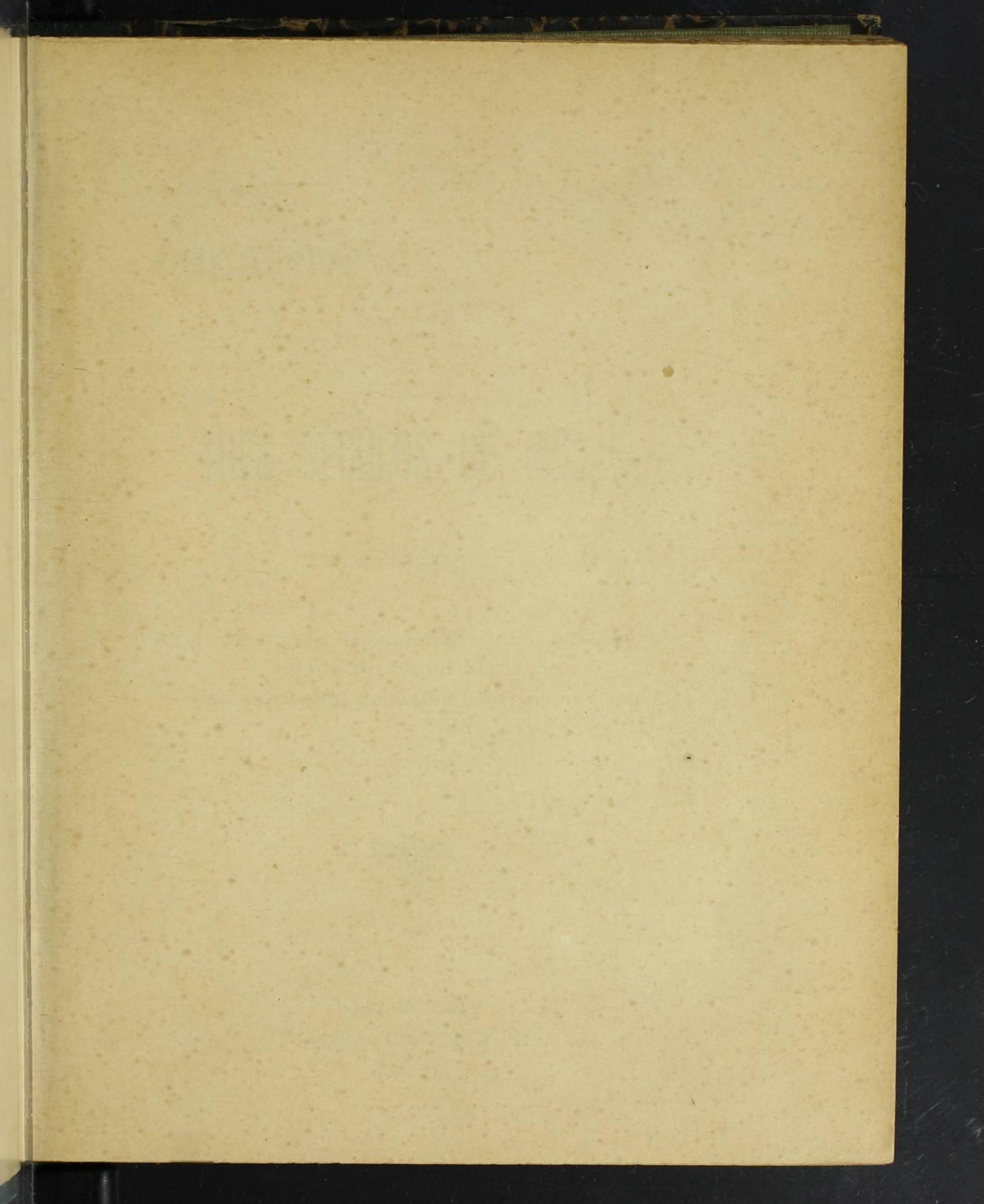
Leart

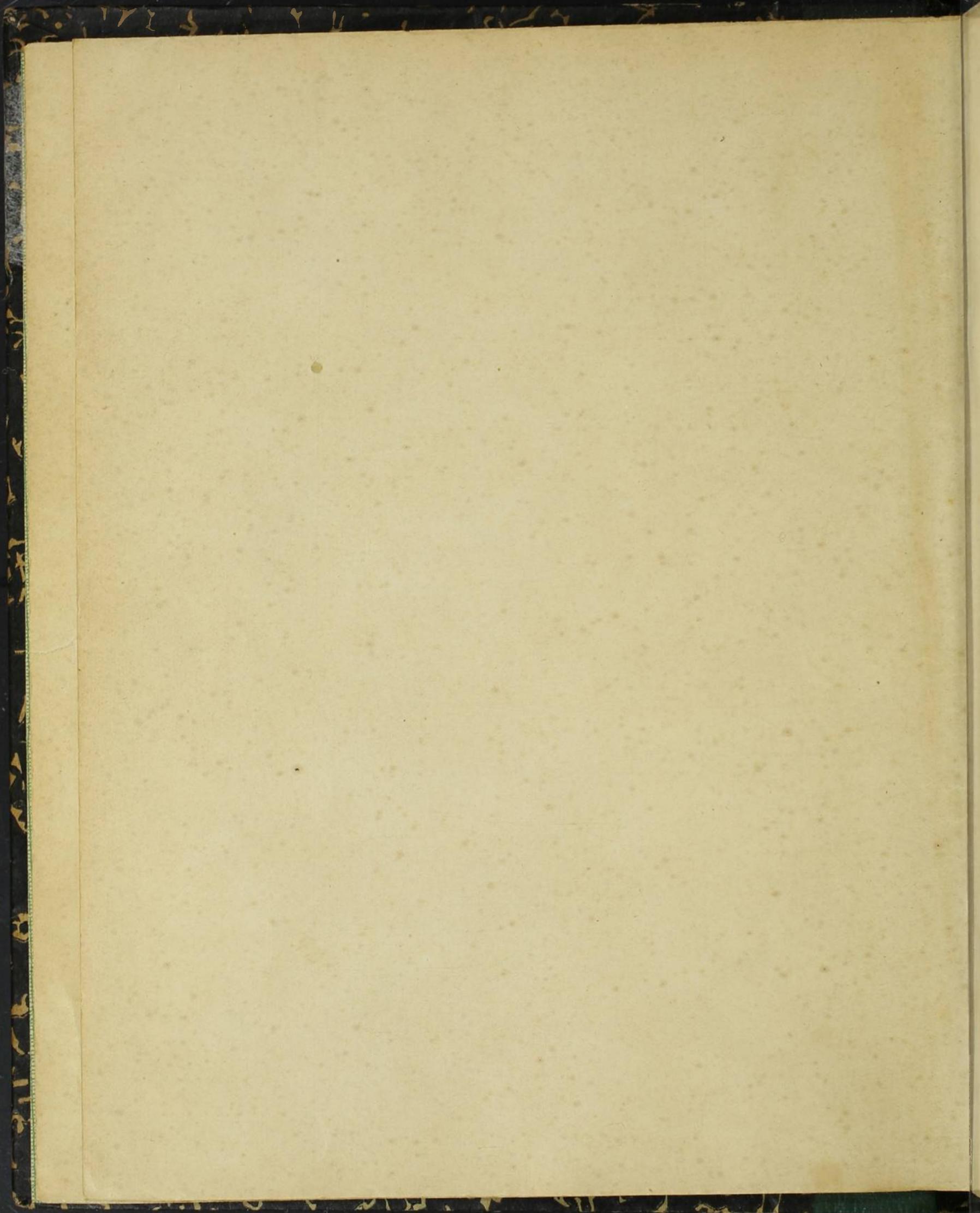
LIVRARIA - ENCADERNAÇÃO

RUA PEIXOTO GOMIDE, 1805 - TEL. 282-5078









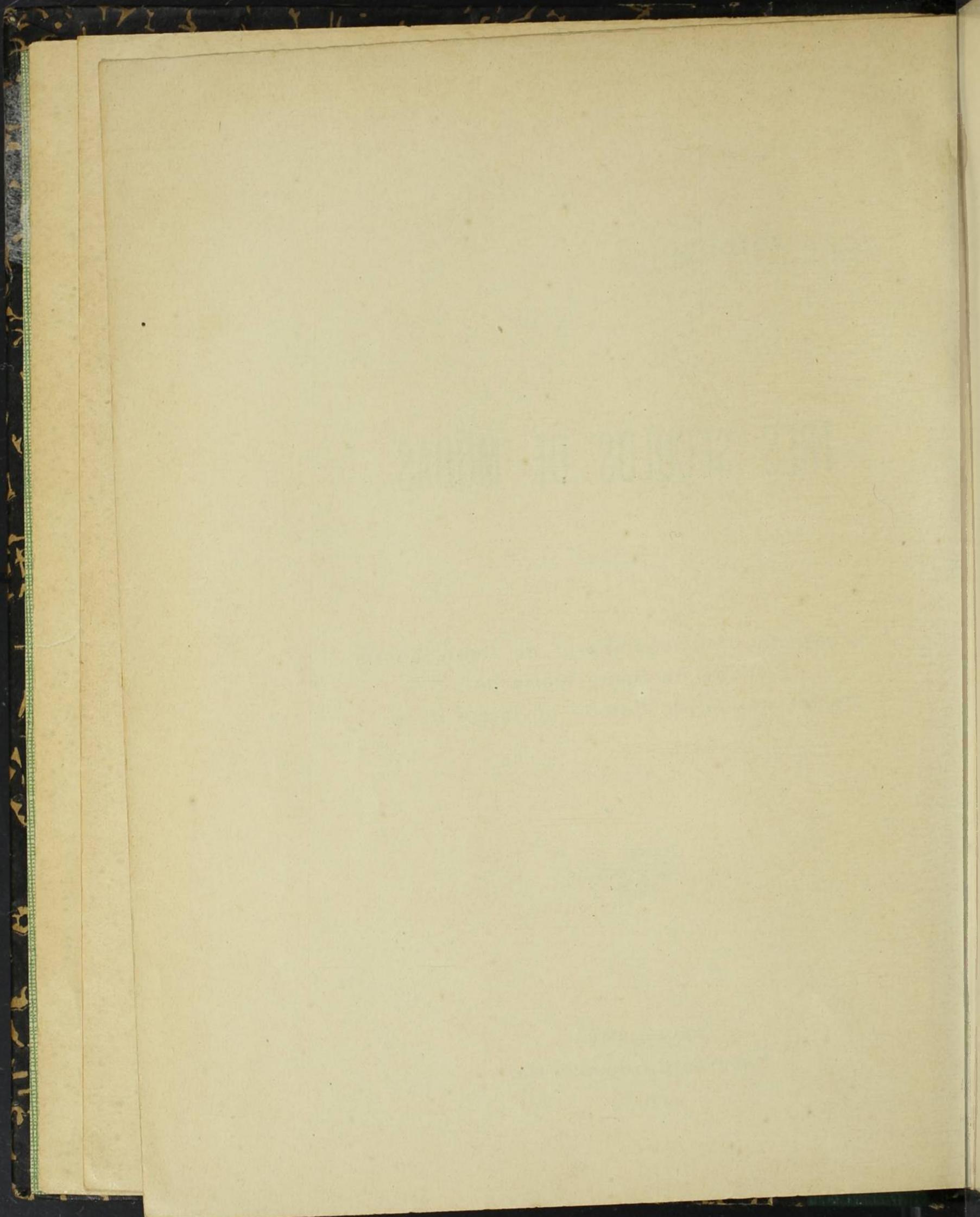
João Affonso

TRES SECULOS DE MODAS

A proposito do tricentenário da fundação da
cidade de Santa Maria de
Belem, capital do Estado do Gram-Pará

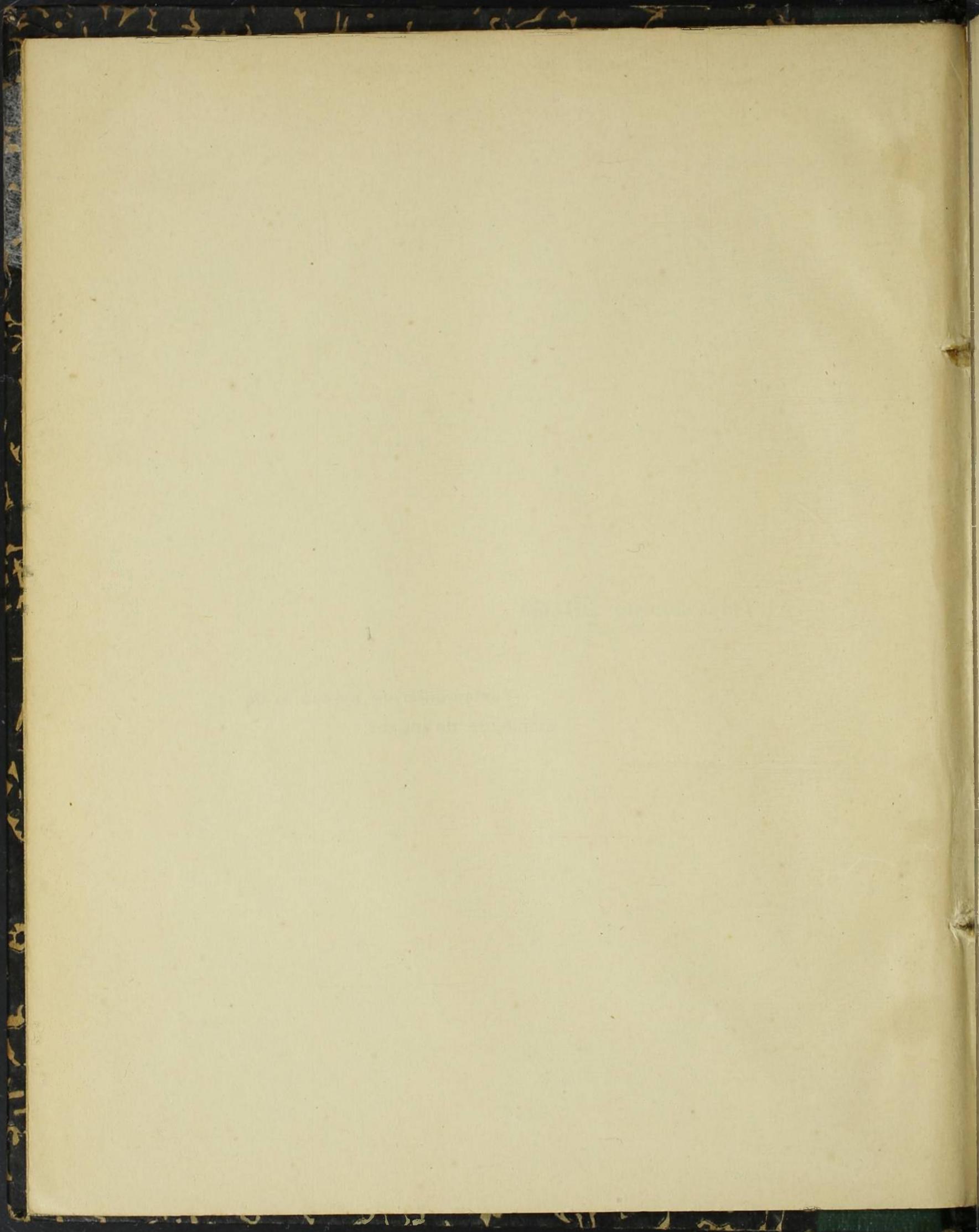


BELEM - PARÁ
Tavares Cardoso & Ca.
1923

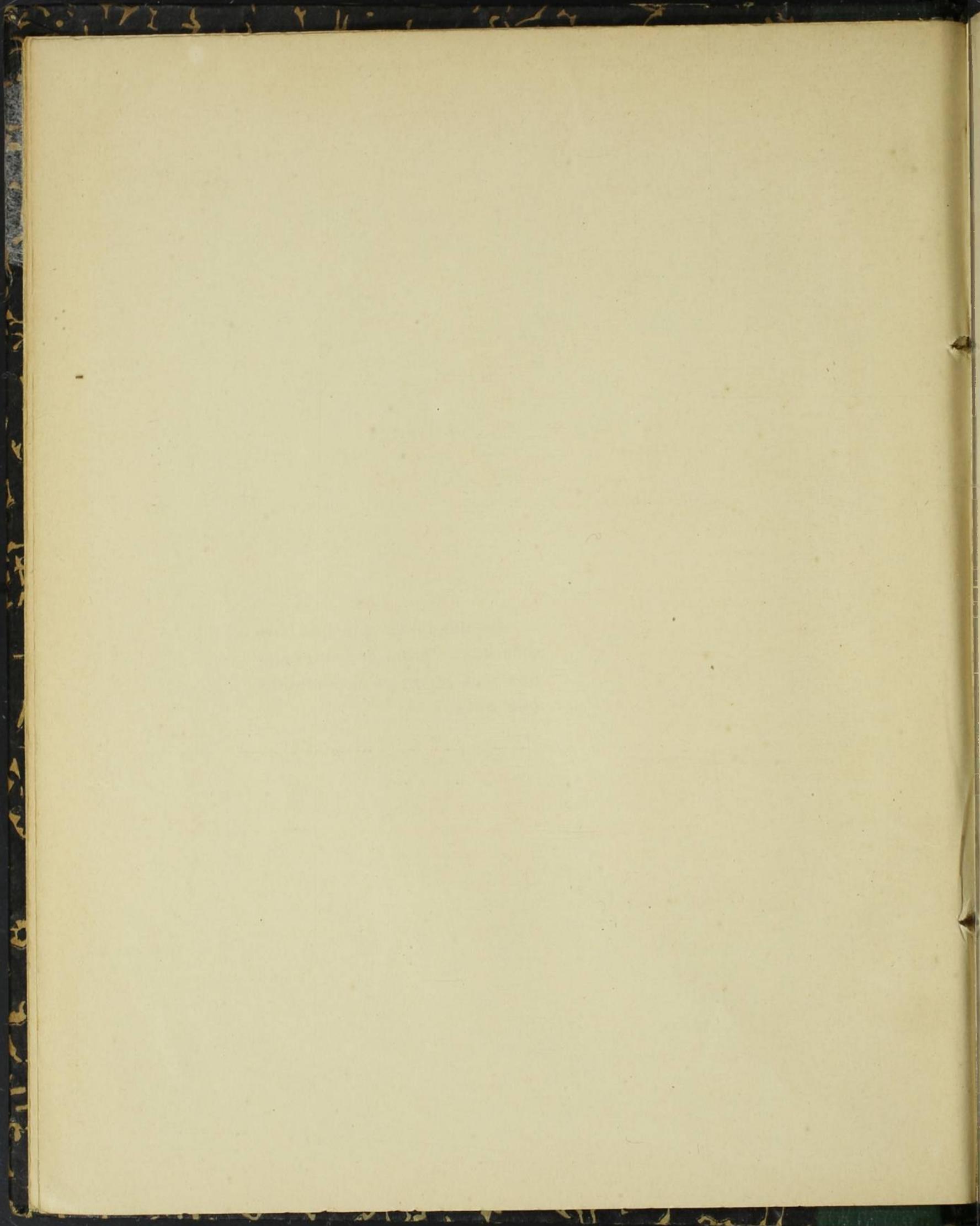


A THEODORO BRAGA

Testemunho de apreço, e de
afinidade de ideias.



Os desenhos que ilustram
esta obra foram todos copia-
dos pelo autor, de documentos
que possui.



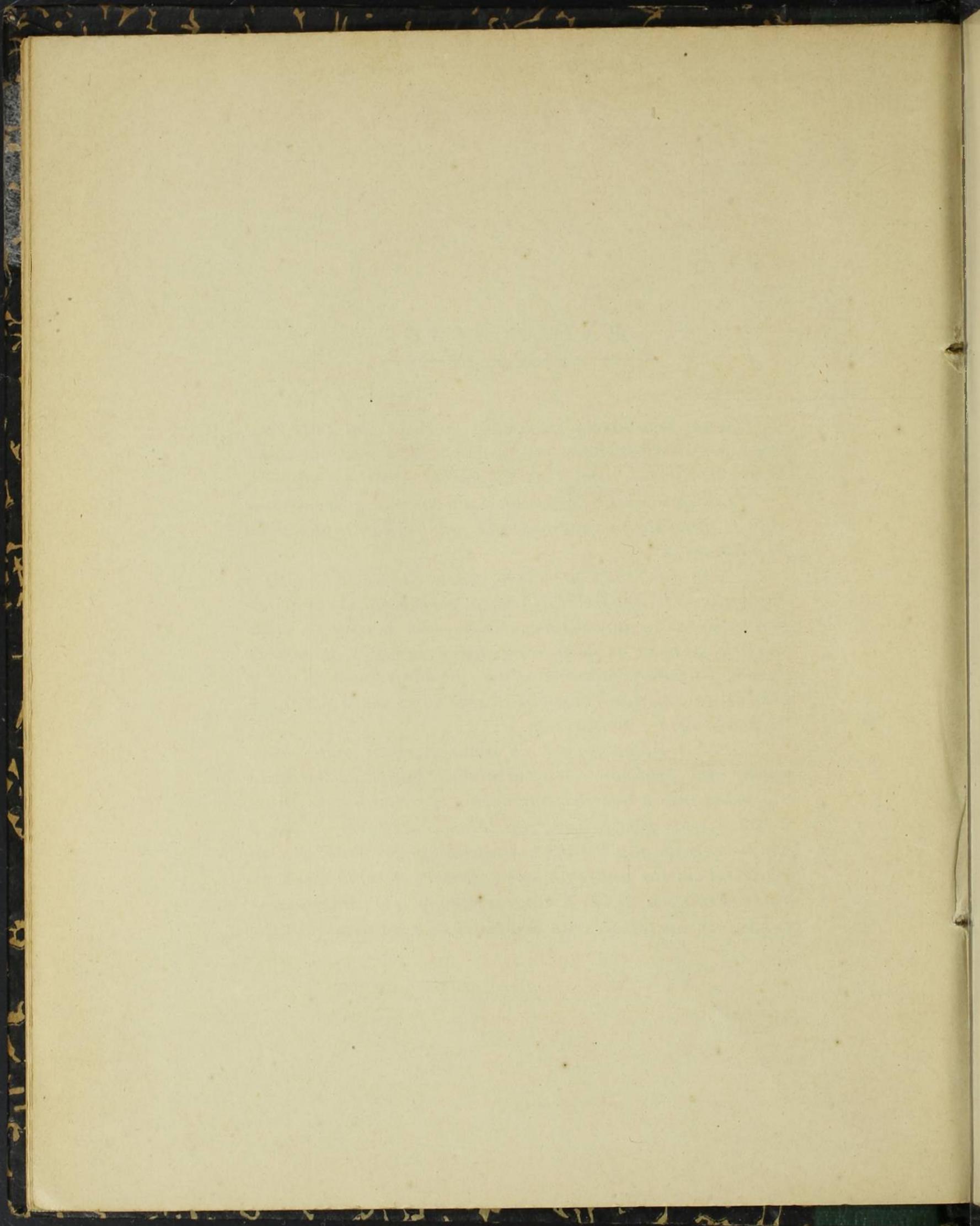
EXPLICAÇÃO

Esta obra devia ter vindo a lume em 1916, por ocasião do tricentenário da fundação da cidade de Santa Maria de Belem, capital do Estado do Pará.

Circumstancias que em nada interessa mencionar aqui, contrariaram a projectada publicação, impedindo-a de realisar-se.

Nem por isso, entretanto, perde ella inteiramente a oportunidade apparecendo agora, porquanto já então des-pontavam as modas actuaes, tendo como principaes características, para as damas as saias e mangas demasiado curtas, os saltos excessivamente elevados; para os cavalleiros os casacos exageradamente cintados e o calçado medievalmente, ponteagudo.

Eis a razão porque ao autor pareceu mais conveniente não ampliar o seu trabalho, o que aliás necessitaria remanear o que já estava feito, a começar pelo titulo, e isto apenas pelo prazer, um tanto contestavel, de registar as extravagancias da indumentaria presente, só comparaveis ás da anarchia dos costumes nascida da Revolução Franceza, tendo a "merveilleuse" e o "incroyable" condignos successores na melindrosa e no almofadinha.



Tres Seculos de Modas

A proposito do tricentenário da
fundação da cidade de Santa Maria de Belem
do Gram - Pará

I

Para começar

Persuadido de que, para a sociedade paraense contemporânea do tricentenário da fundação de Belem, não seria sem algum interesse, entre os múltiplos assumptos, cuja explanação a data que ora se celebra torna opportuna, uma vista de olhos pelos dominios do vestuario e seus accessorios durante o periodo em exame retrospectivo, sob seus varios aspectos, assumpto este susceptivel de merecer a attenção dos estudiosos, como de excitar a appetencia dos curiosos,—atrevo-me a offerecer ao leitor meus serviços de cicerone, pilotando-o através dos trisecu-

lares meandros percorridos pela caprichosa Moda, a deusa tyrannica, a cujas phantasias nos dobramos servilmente; fazendo-lhe vêr por quantas transformações passou successivamente, nesse espaço de tempo, a exterioridade humana, a figura que fizeram nossos antepassados, tanto mais ridiculos, ao nosso entender, quanto mais de longe os observamos, e tambem a figura que actualmente fazemos, sujeitos á critica dos que nos observarem... daqui a cem annos.

Não faltará, provavelmente, quem repute a materia por demais futil, e mesmo destoante da gravidade do facto, que se visa commemorar. Amparome, porém, aos conceitos emittidos por conspicuos historiadores, que não se dedignaram de a elucidar, indo um delles ao ponto de affirmar que “a historia do vestuario, no seu conjuncto, é uma das faces da historia do homem toda inteira; é a historia da civilização e da sociedade humana”.

Vamos, pois, examinar um determinado trecho dessa face da historia do homem, sem a minuciosidade que conviria, se se tratasse de esgotar de vez todos os numerosos ramos, em que ella se subdivide, porque então daria para uma bôa meia duzia de grossos volumes; mas, pelo contrario, resumindo-a com a possivel clareza, e amenisando-a de modo a não enfastiar o leitor, antes procurando fazer com que este, folheando, na commoda intimidade da sua cadeira de balanço, sem tedio nem bocejo, estas pa-

ginas despretenciosas, imagine que perpassam por sua frente as figuras animadas de alguma interessante "fita", movendo-se no quadro de projecções do seu cinema predilecto.

Quanto ao auctor, a tarefa que tomou aos hom-bros seria infinitamente mais pesada, se elle se propuzesse remontar o curso das éras, em procura da-quella que registou o apparecimento das primitivas e summarias vestes humanas. as quaes, segundo todas as probabilidades, foram as de que se utilisaram nossos primeiros paes, quando, instinctivamente tocados do sentimento do pudor, intentaram subtrahir a innocente nudez com que haviam sahido das mãos do Creador, á indiscreta bisbilhotice dos demais habitantes das edénicas florestas do paraíso terreal.

De facto, seria exorbitar da área imposta a um estudo da ordem deste, que, além de perfunctorio, obedece a circumscripto programma, indagar se a garridice, ingenita na mulher, foi que levou mamãe Eva a preferir a exigua parra, ou se faltava á flora paradisiaca o nosso mamoeiro, cuja folha, além de mais consentanea com a elementar decencia, é, por igual á da vinha, precursora, no formato e nos recortes, das rendas, dos fólhos e dos babados, que mais tarde viriam a realçar a belleza feminina; indagar, do mesmo passo, se papae Adão, submettendo-se, por sua vez, ao honesto preceito, póde ser tido e havido como legitimo inventor da tanga, do saio-te, ou do calção.

Não vem ao caso, tão pouco, investigar se preva-

leceriam normas estabelecidas para o côrte das pelles grosseiras, com que se agasalhavam os troglodytes, e os coetaneos da época do rangifero ou da pedra polida, até que, surgindo os ensaios de rudimentares tecidos, com elles assentaram desde logo seu indispensavel posto, no meio dos usos e costumes da humanidade, os alfaiates e as costureiras.

Outrosim, escusa evocar as personagens biblicas, os esplendores da côrte de Salomão, as magnificencias pharaonicas, a rainha de Sabá, Cleopatra; o sybaritismo dos gregos e dos romanos, o effeminado Alcibiades, Petronio o arbitro das elegancias.

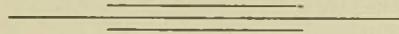
Nem mesmo serviria para encurtar conversa, repartir a Historia em tres grandes phases: a Antiguidade, a Edade-media, a Renascença; a moderação do luxo sob a austera influencia dos primeiros annos do Christianismo, as pompas solarengas das castellans scismando embevecidas aos pizzicatos dos bandolins dos pagens adolescentes, a sumptuosidade do Vaticano de Julio II e de Leão X, decorado pelo escopro de Buonarroti e pelo pincel de Sanzio.

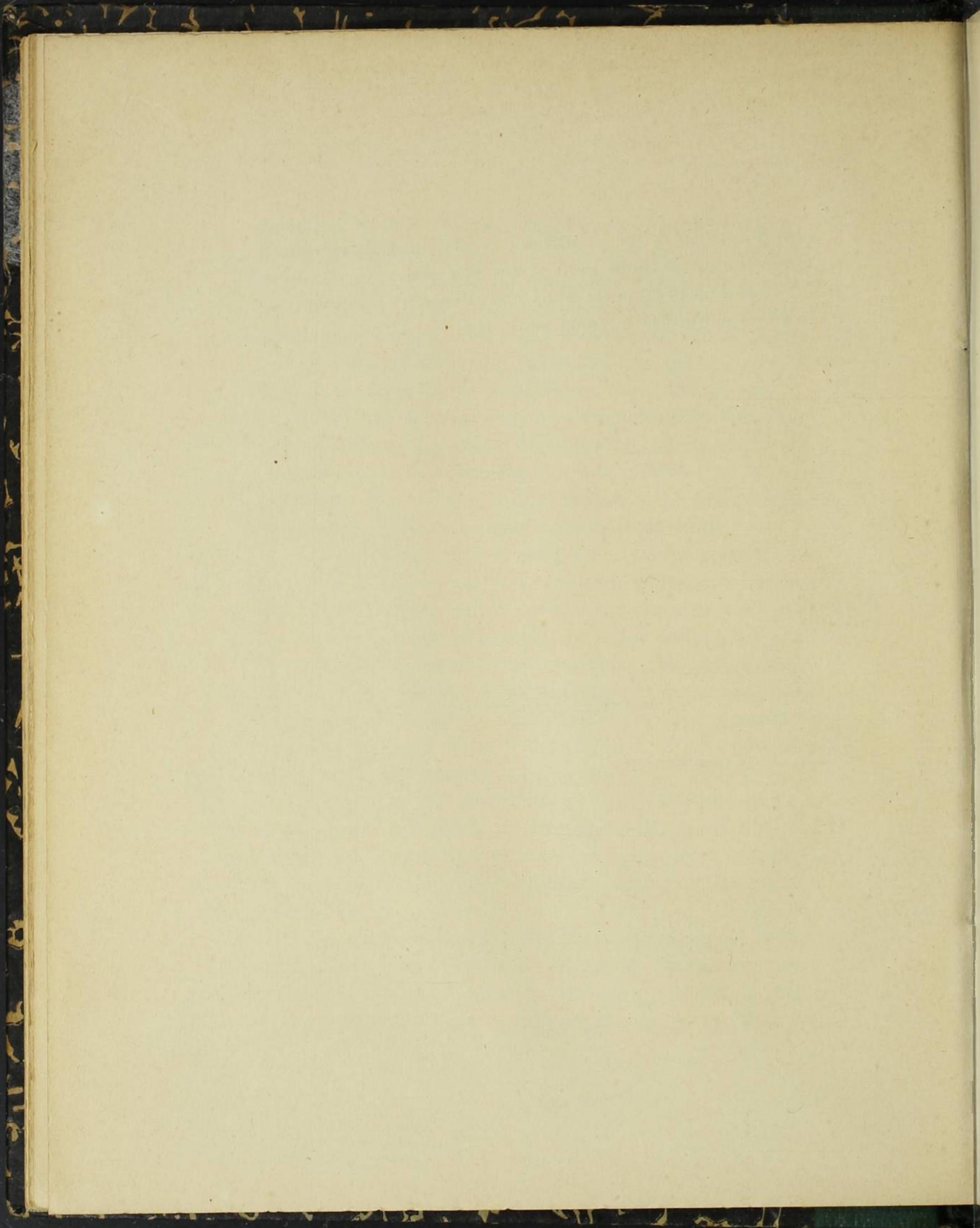
De parte ainda, apesar de já mui proximo do cyclo traçado, o reinado de Henrique III, com os seus "mignons" espadachins, rixosos e provocadores, batendo-se á adaga pelas bitesgas solitarias do Paris de 1580.

Está convencionado que começaremos por 1616, e por 1616 começaremos. Já tendo offerecido aos leitores meus bons officios, resta-me assegurar-lhes que empregarei toda a diligencia por evitar-lhes o

enfado do guia de profissão, com a sua monotona
lenga-lenga recitada cem vezes por dia.

Estou ás ordens de Suas Excellencias: a caminho,
minhas senhoras e meus senhores!





1616 a 1700

Ao tempo em que o capitão Francisco Caldeira de Castello Branco, e os homens d'armas de sua comitiva, desembarcados das caravelas que os transportaram de São Luiz do Maranhão, calcavam com suas rudes botas conquistadoras a guajarina plaga, galgando ousados a breve ribanceira, de onde os espreitavam, tomados de ingenua curiosidade, os indios tupinambás, e a cavalleiro da qual ribanceira, sem mais tardança, passavam a edificar, com todas as traças da estrategia de então, o fortim do Presepio, lançando assim os primeiros fundamentos da futura cidade de Santa Maria de Belem do Gram-Pará;—a esse tempo, reinava em França Luiz XIII.

Antes que occorra a algum leitor, á guisa de objecção, inquirir a que proposito veio ter Luiz XIII, cognominado “o Justo”, ás margens do Guajará, de encambulhada com os fundadores de Belem, apresso-me em explicar que, sendo o fito exclusivo destas linhas falar de modas, as leis por que estas se regiam

e regem, sempre fôram e são, desde tempos immemoriaes, ditadas pela França, pelo menos á civilisação chamada occidental, de que participamos em virtude da nossa ascendencia latina, e a ella teremos forçosamente que recorrer, com especialidade no tocante ao vestuario feminino.

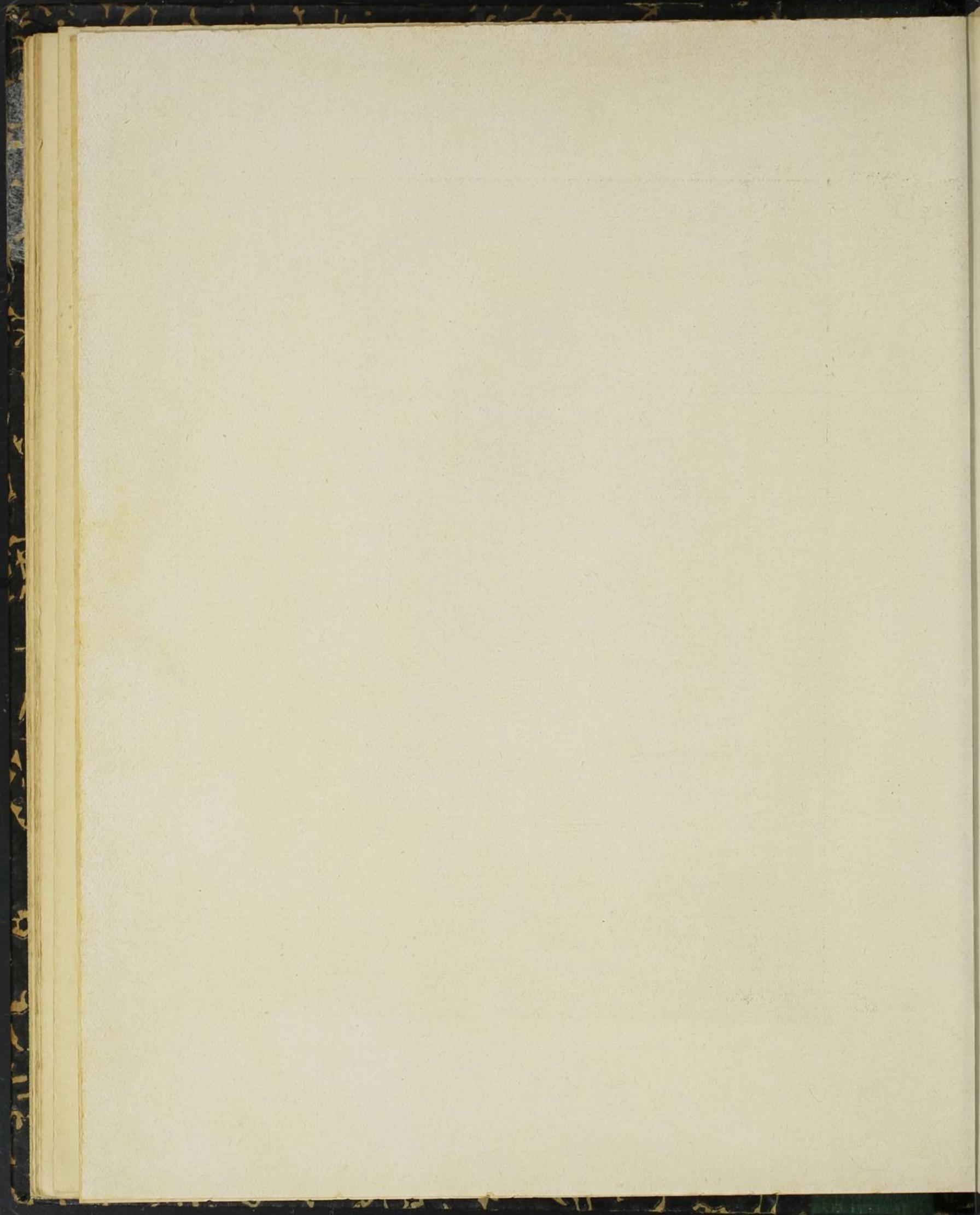
Reinava, pois, em 1616, Luiz XIII, mas havia apenas seis annos; e no primeiro quartel do seculo 17^o o talhamento das roupas, para ambos os sexos, pouco differia ainda do que se usava no tempo de Henrique IV, o rei soldado e galanteador, o “vert-galant”, como o alcunharam, protestante perjuro, ora huguenote, ora catholico, ao sabor das conveniencias occasionaes, por lhe parecer que Paris valia bem uma missa, mas em todo o caso querido de seus subditos, pelos esforços empregados em prol do bem estar do povo, cujo supremo ideal seria, no seu entender lá delle, comer gallinha aos domingos.

Sómente, para as damas, havia cessado o porte do “vertugadin”, especie de chumaço circular no alto das saias, em redor dos quadris, muito parecido com a fórma das ancas das saloias portuguezas, de vestes sungadas. No mais, era o mesmo corpete muito tezo, forçando o busto a empertigar-se, com um ligeiro decote quadrado, tendo por detrás, de hombro a hombro, uma alta gola de filó, montada sobre armação de arame, que a conservava sempre em pé, e fazendo como que uma aureola á cabeça, penteada em bandós ondeados, coroada por um minuscuro toucado guarnecido de perolas. Mangas fôfas, em



1616

J. H. C.
1915



duas ordens de tufos, terminando por canhões de rendas. Os vestidos, de meia cauda, eram de espessos tecidos de sêda e setim, adamascados ou bordados a ouro, com alamares e passamanes de aljofares e contas, e grande profusão de joias. Como assim, as mulheres tinham o ar sobranceiro, a attitude senhoril propria das princezas da familia dos Medicis, salvo aquellas que intentavam, na côrte britannica, perpetuar as maneiras de Izabel de Inglaterra, virago com pretensões a belleza seductora, tão exaggerada em adornar-se, que o seu peitilho parecia uma taboleta de ourives, em completo contraste com sua rival Maria Stuart, levada, mais por constrangimento que por espontanea vontade, mais pela imposição do feroz reformismo de João Knox que de seu proprio impulso, a dar o exemplo dos talhos singelos, das fazendas chãs, das côres escuras, o que em summa será excepção fortuita introduzida por motivos de crença religiosa, e nunca uma derogação ou alteração das linhas geraes da moda, transmittidas, como outr'ora succedia, do final de um para o inicio de outro seculo.

Quanto aos homens, a unica mudança consistiu em serem os calções, anteriormente afôfados, e curtos pelo meio da côxa, agora descidos até quasi ao joelho, afigurando-se, por isso, menos rotundos, posto que ainda bastante fartos. O resto, sem modificação apreciavel: justilho muito apertado, enfiado de talas metallicas para aprumar o torso, o pescoço esgonçado numa colleira de gaze encanudada e dura

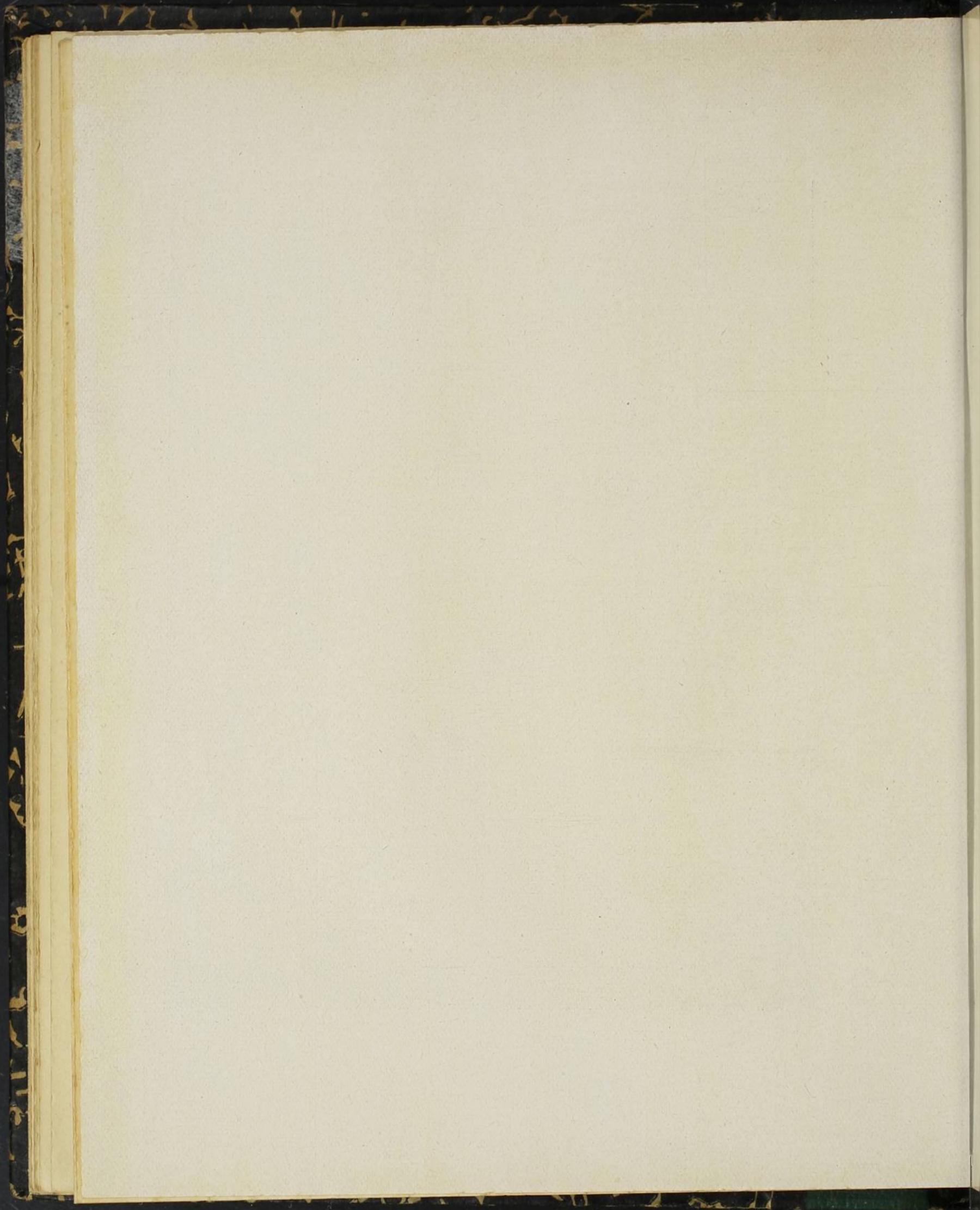
de gomma, barba aparada em ponta, cabellos á escovinha, chapéo de formato conico e de pequenas abas, com uma breve pluma. Resquicios das passadas frivolidades dos peralvilhos contemporaneos de Henrique III, alguns delles guardam o habito de enfiar argolinhas de ouro nos lóbos das orelhas. Como calçado, quando a etiqueta não permittia as fortes botas altas, usavam-se sapatos rasos, de saltos um pouco elevados, quadrados nas pontas, atados no rosto do pé por laços de fita larga; meias compridas, de sêda fina, ordinariamente vermelhas, chamadas "meias de Milão". Os trajos masculinos eram communmente confeccionados em velludo, e algumas vezes, para os gastadores, em um certo "panno de ouro", com enfeites de perolas, de que fala em suas Memorias o marechal de Bassompierre, que pagou por uma fatiota dessas 14.000 escudos, não obstante os editos reaes, desde 1601, prohibirem aos habitantes do reino o uso de ouro ou prata em suas vestimentas, "excepto as mulheres publicas e os gatuños", com cuja conducta Sua Majestade não se incommodava.

Vinham desde então as alternativas de côres da moda. Agrippa d'Aubigné, historiador e sillographo, appellidado "o Juvenal do seculo XVI", já enumerava umas trinta, preferidas da gente do tom naquella época, entre ellas: "Ventre de gazela, zincolin, estréa, triste amiga, espanhol doente, flôr moribunda", e outras por este teor...



1616

J. A. P.
Apr 1915



Vinte annos mais adiante, porém, é que se nos depara a mais completa transformação. Chega a época da bravura sem fanfarrice, da nobreza sem enfatuamento, do cavalheirismo sem affectação; a época em que os homens se batem sorrindo e os exercitos se combatem gracejando, fazendo a guerra que depois se chamou “la guerre en dentelles”; a época de que Dumas pae tirou os Tres Mosqueteiros, e Theophilo Gautier creou o capitão Fracasse, e Rostand evocou Cyrano de Bergerac. Athos, o prototypo da verdadeira fidalguia; Aramis, o abbade feito soldado; Porthos, o herculeo bonachão; o barão de Sigognac, o duque de Vallombreuse, e Christiano de Neuville, e de Guiche, e Carbon de Castel-Jalloux, o que hoje se diria—“uma rapaziada escovada”,—formam a cohorte intrepida e jovial dos cadetes da Gasconha:

“Ce sont les cadets de Gascogne,
“Bretteurs et menteurs sans vergogne...”

E’ de ver como o vestuario, os objectos que com elle se relacionam, reflectem o novo estado d’alma, os costumes novos: predomina por esta vez o bom senso, coisa que nem sempre, conforme veremos no decurso deste estudo, anda de par com a moda, que outras vezes até do bom gosto se divorcia. As roupas, desembaraçadas dos ornatos pesados, das formas solennes, são folgadas, sem comtudo deixar de accusar as linhas do corpo; gorjeiras encanudadas

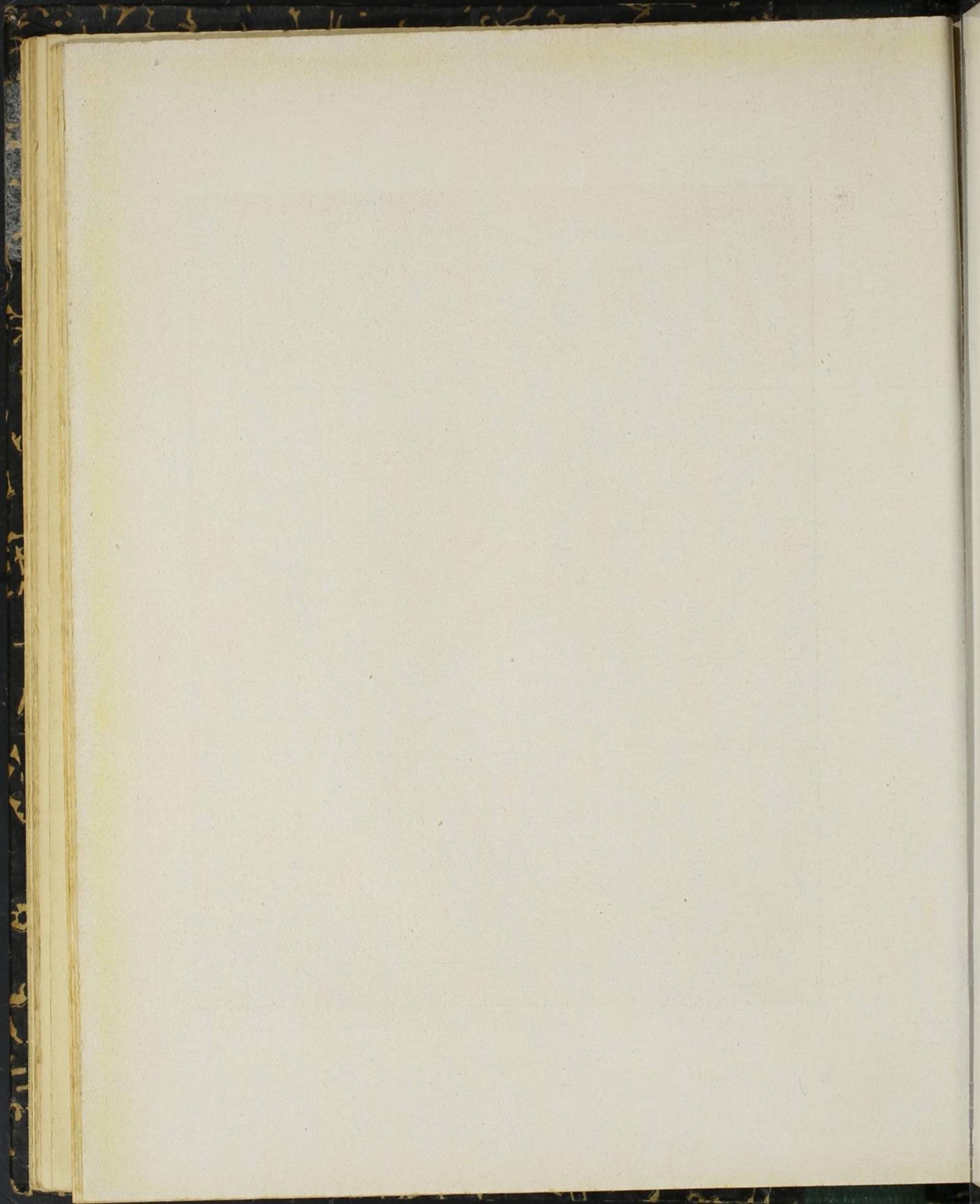
afogando o pescoço, justilhos e corpetes mettidos de barbatanas, tudo quanto constrange, tudo quando incommóda, é judiciosamente banido: a creatura civilisada, liberta das torturas de uma etiqueta pedante, move-se, anda, corre, dança, pensa—no seu natural.

A refórma aproveitou por egual a senhoras e cavalheiros. Nada mais gracioso que a figura de Mademoiselle de Montpensier, fazendo causa commum com os partidarios da “Fronde”, e commandando os tiros de artilharia da Bastilha contra as tropas reaes, incumbidas de manter á força o prestigio do cardeal Mazarino, que com a sua velhacaria e a sua avareza compromettêra a estabilidade do edificio politico recebido das mãos de Richelieu. Cousa curiosa: sem sombras de feminismo, sem velleidades de masculinisação, a parte anterior do traço da mulher, na phase historica que atravessamos, é, com insignificantes differenças, semelhante á do homem, e a ambos se adapta com a mesma commodidade, e o mesmo garbo. Na cabeça, cujos cabellos, desprovidos de aprestos artificiaes, descem, naturalmente anelados, até aos hombros, o marcial sombreiro de feltro, de largas abas erguidas a uma banda, ladeado de uma farta pluma ondulante, e posto á bolina, num geito pittorescamente provocante; o corpo do vestido é um casaquinho curto, ao de leve atado á cintura por uma fita, gola deitada, bastante larga, á marinheira, de cambraia branca orlada de renda de ponta, mangas tufadas, até meio braço, de onde



1640

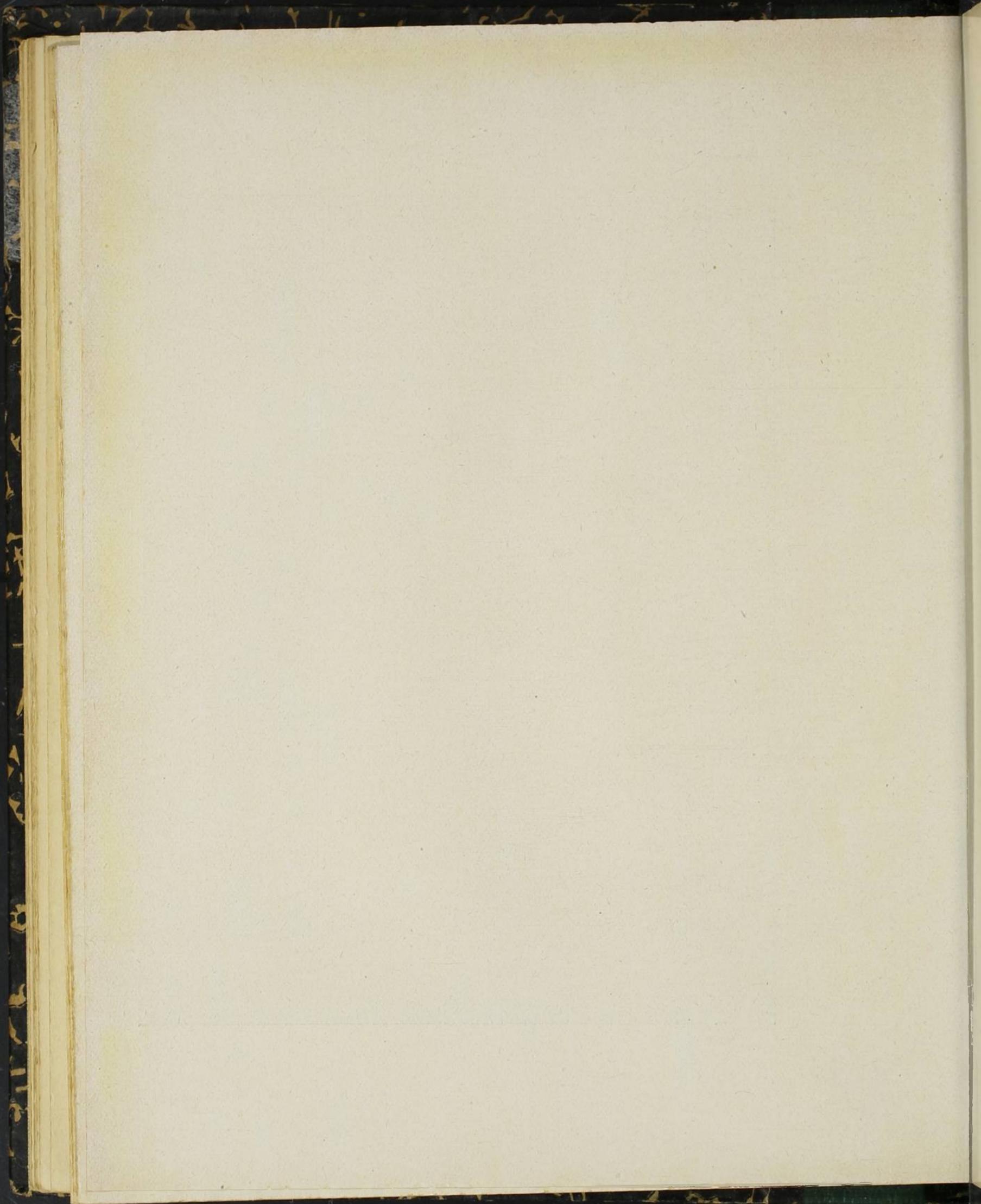
J. M.
Cop. 1915



1640



J. A. F.
O. N. 1915



emergem manguitos de cambraia, terminando em canhões de rendas finas. Aliás, para a época, o uso e abuso das rendas, importadas de Veneza, assumiu um tal character de desperdicio, que muitas leis sumptuarias foram promulgadas, prohibindo-as. As saias são simples, geralmente com muito poucos enfeites ou guarnições, e mal roçando pelo chão.

O rosto dos homens, enquadrado pelos cachos dos cabellos, se accentúa pelo fino bigode um pouco retorcido nas pontas, e a pêra curta, como se vê no retrato de Carlos 1º por Van Dyck. Chapéo emplumado, casaco curto, gola e canhões de rendas, são, consoante atrás se explicou, "mutatis mutandis", identicos aos das mulheres. Do largo boldrié, passado a tiracollo, pende a longa durindana, chibante e duellista. Os calções pouco amplos, vão estreitando para os joelhos, e ahi presos por laços de fitas. Laços, laçarotes e lacinhos de fitas, são o enfeite então preferido. Nas duas bordas dos casaquinhos, ao invés dos botões e suas respectivas casas, de espaço a espaço, lacinhos de fitas, tendo nas pontas luxuosas agulhetas de diamantes. E estas agulhetas de diamantes forneceram um interessante episodio de historia anecdotica, a proposito das relações intimas entre Anna d'Austria e o duque de Buckingham.

O calçado, e as meias de sêda compridas, não soffreram alteração sensivel, mas cumpre registrar as luvas de pelle, com grandes canhões, e, havendo cessado pouco a pouco o costume da fidalguia trazer por toda a parte a meia mascara de velludo, as

frequentadoras da alta sociedade, na emergencia de expôr a face a descoberto, trataram desde logo, como adjutorio á formosura, de appellar para os arrebiques de varia especie: mais que nunca, apparecem as “moscas”, moda trazida da Italia no XVIº seculo, e consistindo em rodellinhas de tafetá preto, colladas no rosto, ora na face, ora no canto da bocca, imitando os “signaes”, com que a natureza, ás vezes, esmalta a pelle humana, mas nem sempre em logar visivel a todos...

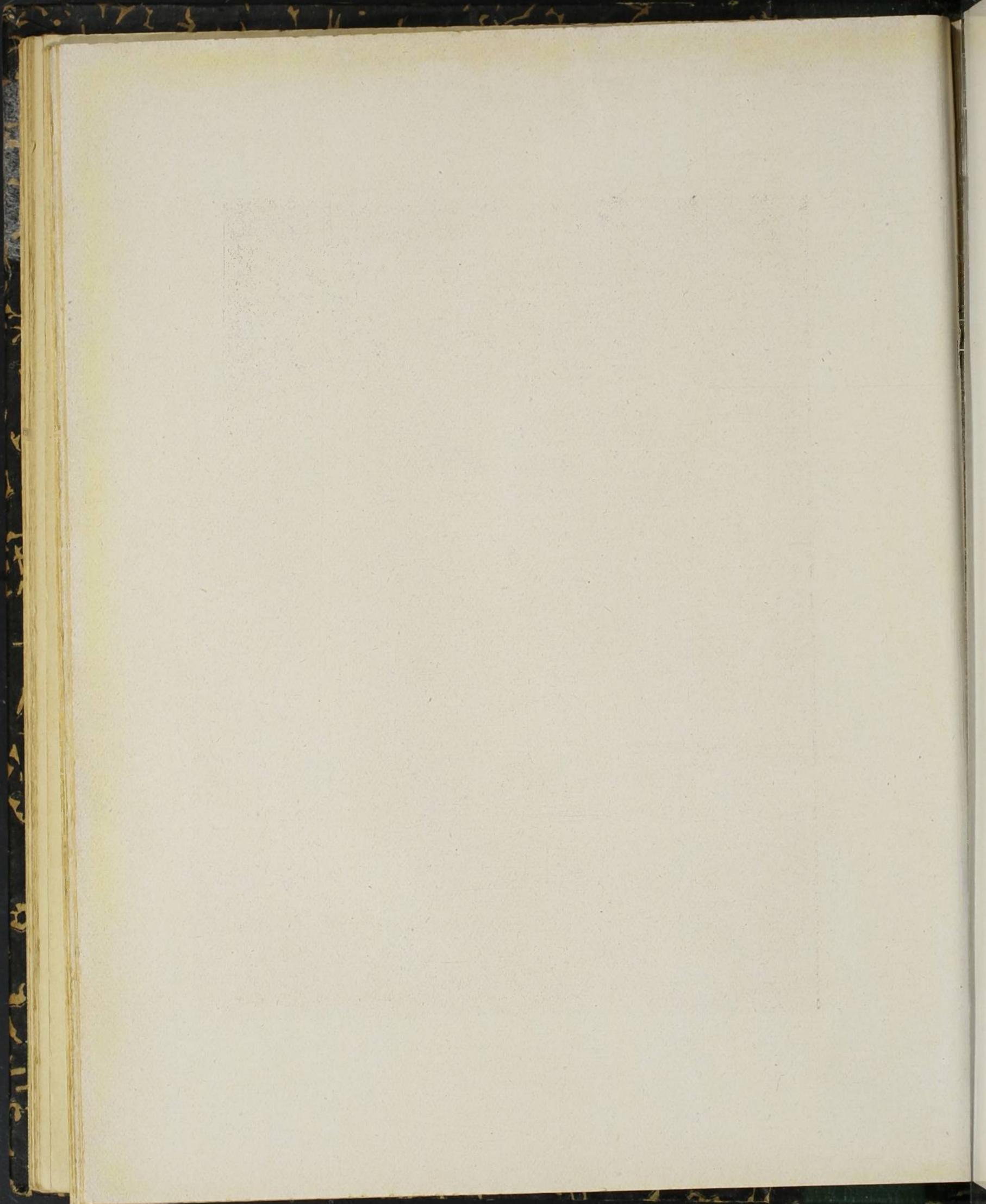
Por emquanto, nada se oppõe a que nos demoremos bastante, no exame e descripção dos vestuarios, e utensilios correlativos. A moda, se moda póde chamar-se a lenta marcha evolutiva do feitio da roupa, do formato do chapéo, do talhe da barba e do cabello, da fôrma do sapato, mais concomitantemente ao sabor das modificações que o tempo imprime nas opiniões e nos costumes, do que pela influencia inventiva das costureiras, dos alfaiates, dos chapeleiros e dos cabelleireiros, reduzidos ao papel secundario de instrumentos passivos das ordens do freguez; —a moda tinha longa vida, antes que soffresse qualquer mudança radical.

A que acabamos de perlustrar, prolongou-se, isenta de desvio notavel, pelo menos até proximo de 1660. Durante a regencia de Anna d’Austria, guiada por seu primeiro ministro, o cardeal Julio Mazarino, ao qual diziam-na ligada por um casamento



1660

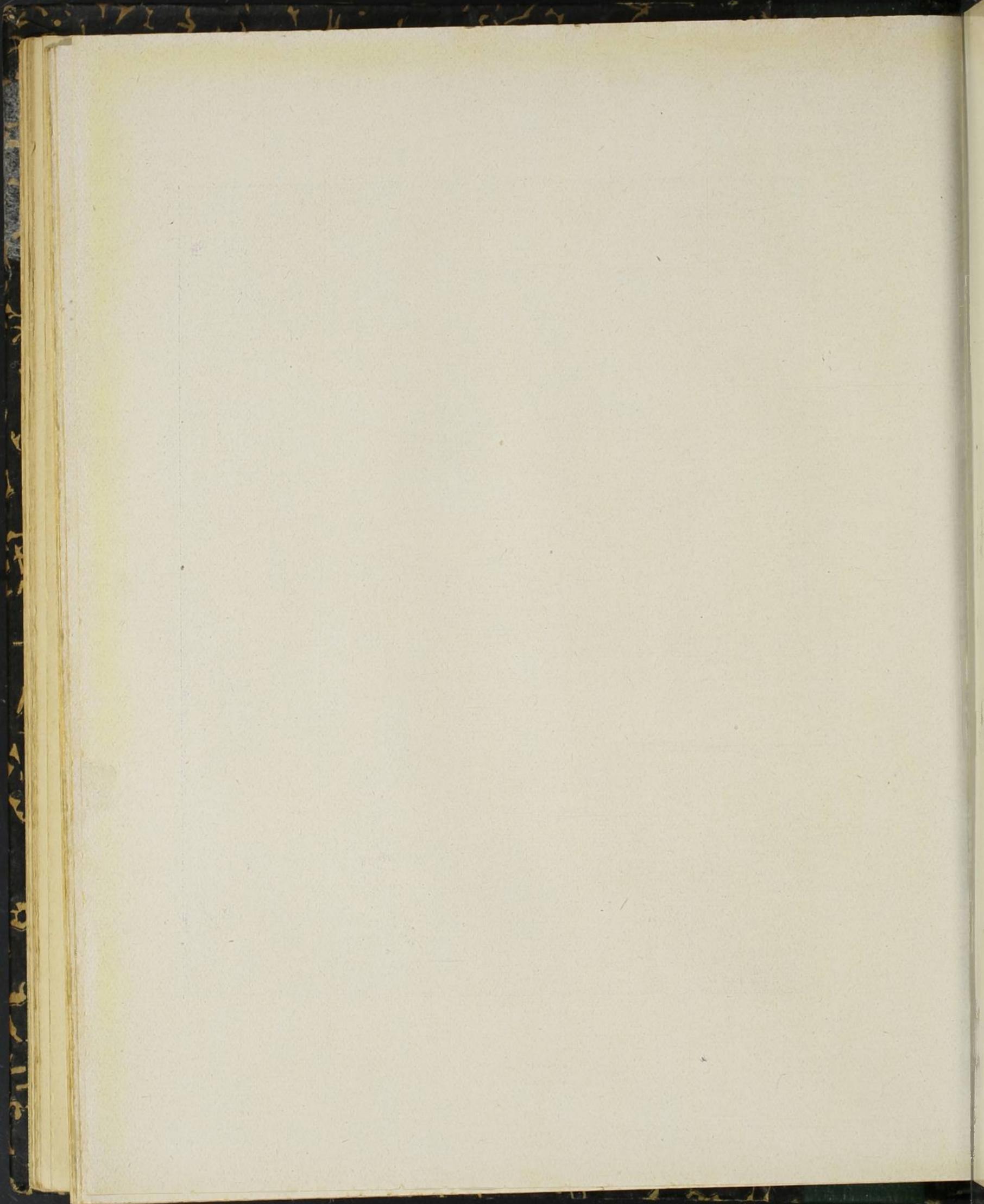
J. A. P.
"A"
Cop. 11915



1660



Jo. Alf. v.
Op. 1915



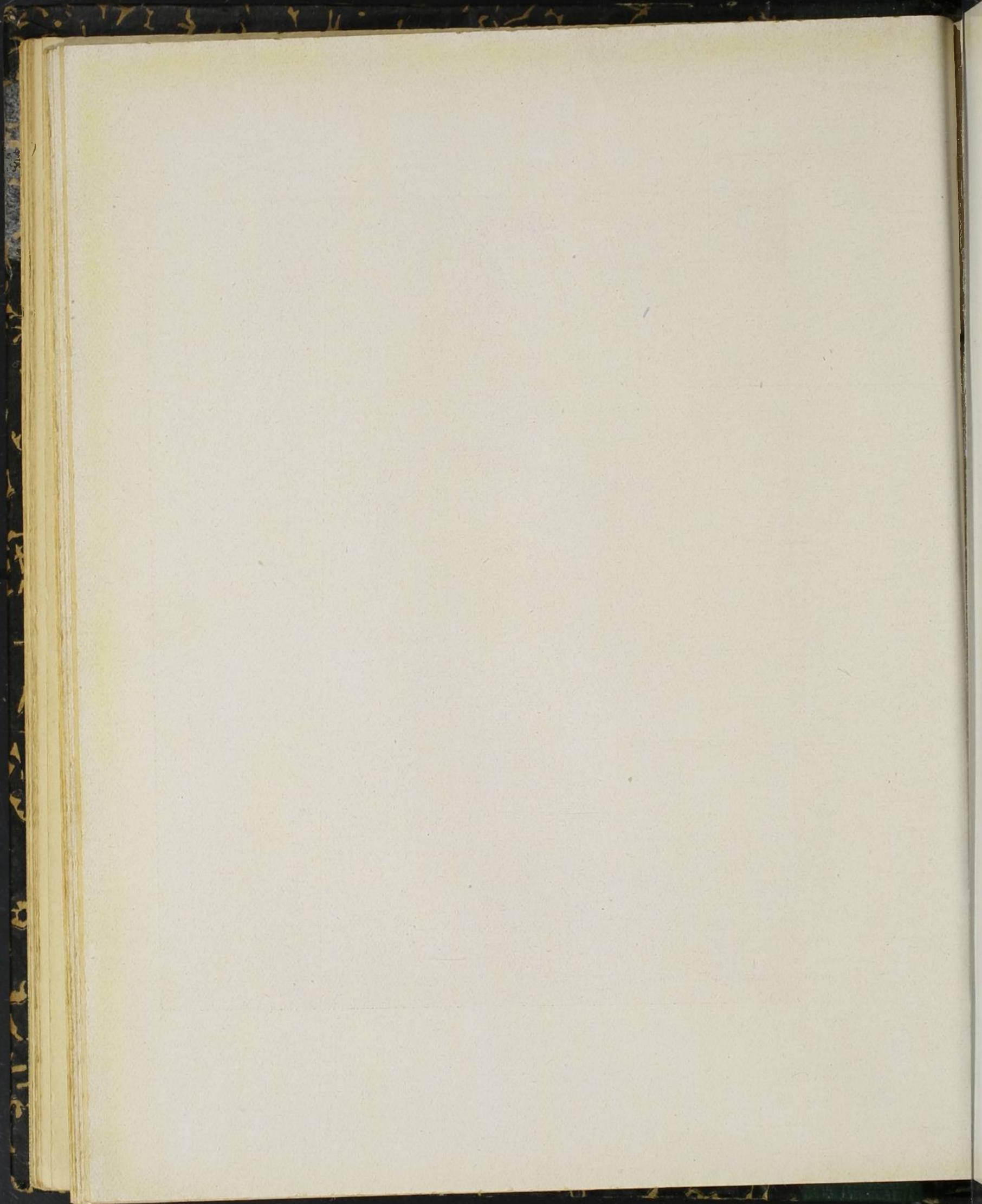
secreto, a cupidez do astuto italiano fazia obstaculo ás innovações tentadas pela mocidade frondista, pertencente ao grupo dos “galantes”, mesmo depois de proclamada a maioridade de Luiz XIV; mas uma vez este desembaraçado de taes obices, e podendo, emfim, governar por si mesmo, estribado na celebre formula “l’E’tat c’est moi”,—a cõrte de França requintou, como nunca, de luxo e de aparato, em todas as coisas tão luxuosa e tão apparatusa, auxiliada por circumstancias supervenientes, e felizes coincidencias, que a segunda metade do seculo XVIIº, occupada pelo seu reinado, bastou para que o seculo inteiro fosse designado por “seculo de Luiz XIV”, o grande seculo de Luiz o Grande. Este periodo privilegiado grupou os maiores nomes das lettras, das artes, das sciencias, da oratoria, da politica: Corneille, Racine, Molière, Boileau, Madame de Sévigné, Saint-Simon, Vouet, Le Brun, Mignard, Lesueur, Poussin, Puget, Coysevox, Coustou, Levau, Mansard, Vauban, Le Nõtre, Pascal, Boussuet, Bourdaloue, Colbert, Louvois, de Lionne... e voltemos ás modas, que são o nosso assumpto obrigado.

Nos salões e galerias do magnificante castello de Versailles, todo marmores, e dourados, e espelhos, e pinturas, e esculpturas; nas alamedas e avenidas dos parques e jardins circumjacentes, em que a geometria dos canteiros, e o recorte dos arvoredos, eram como que a continuação da architectura do palacio, não podiam circular senão figuras adequadas ao scenario de luxo e de opulencia a que davam vida e ani-

mação figuras imponentes, guindadas, aprumadas, repletas de dignidade e de vaidade. Madelon, Agnés, Philaminta, as “preciosas ridiculas”, as heroínas da “escola das mulheres”, as “sabichonas”, voltam a reproduzir mais ou menos os vestidos que já vimos em voga no início do século, na transição do reinado de Henrique IV para o de Luiz XIII: saia ampla, algumas vezes com sobre-saia de cauda um tanto alongada, corpo meio justo, meio casabéque, mangas não muito tufadas, até ao cotovello, com canhão de rendas; mas a gola, também de rendas, ainda mais larga que a de vinte annos passados, quasi uma romeira, abre na frente, em pequeno decote, ordinariamente quadrado. Os enfeites são de galões e requizes, ou em lacinhos de fita. Como penteado, o cabello em anéis, ou em cachos (vide o retrato da marquezia de Sévigné), ou então frisado na testa e cahido pelas costas (penteado a Maintenon, do nome da amante real). No alto da cabeça, entre lacinhos, ligeiro gorro de velludo, touca de gaze, ou simplesmente um lencinho de rendas.

Valerio, Lélío, Clitandro, Dorante, Cleonte, o proprio sr. Jourdain ao converter-se de burguez rico em gentilhomem caricato, ostentam a maxima empafia no seu modo de trajar. O contraste das novas peças do vestuario masculino entre 1660 e 1680, com as da vintena precedente, é radical, a crermos nos artistas da Comedia Franceza, interpretes fiéis do repertorio moliéresco. Usa-se uma pequena véstia muito parecida com o bolero espanhol, bem aberta na

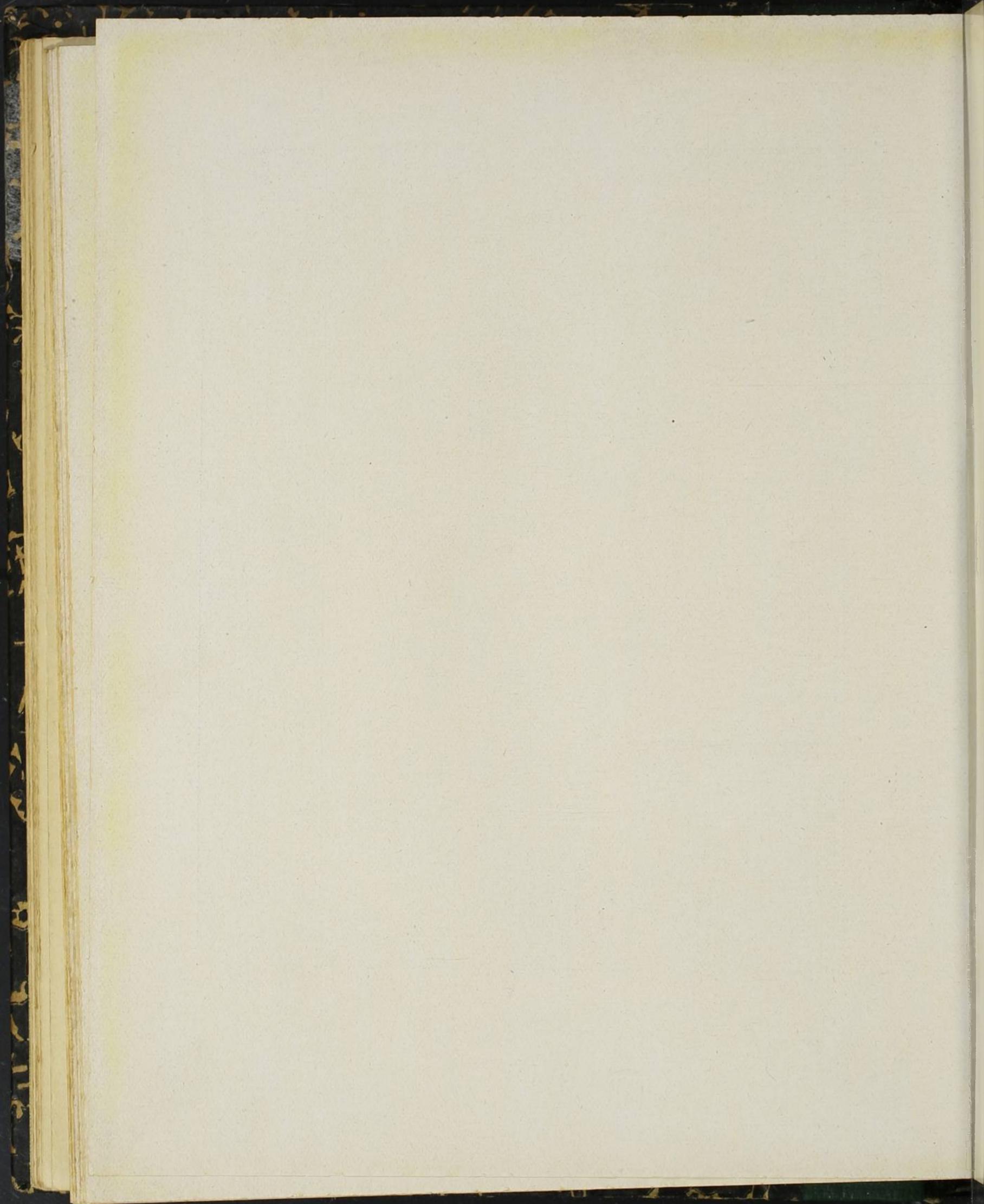




1680



J. A. P.
Cop 11915



frente, dando sahida franca á luxuosa e fôfa camisa de cassa fina, de nitida alvura; mangas sómente até ao meio do braço, manguitos tambem de cassa, e punhos em fólhos de rendas caras. Ao pescoço, começa de apparecer a gravata: uma tira larga e rendada, atada em simples nó, e pendentas as pontas sobre o peito. Não se vêem os calções, cobertos, da cintura aos joelhos, por uma especie de saiote, cujo modelo fôra importado da Hollanda, ou da Allemanha, chamado "rhingrave". Bolero e saiote, eram talhados em ricas fazendas, de elevado preço, especialmente os pannos das tecelagens nacionaes, restauradas por Colbert, o eminente estadista, propugnador da grandeza da França; por ornatos e enfeites, galões e bordados a ouro, e mais uma infinidade de lacinhos de fita.

Acabou-se o arrogante feltro desabado dos mosqueiros: o chapéo, agora, é redondo, de copa baixa, pouca aba e pouca pluma, propositalmente achatado, mais para trazer embaixo do braço do que á cabeça, esta já de si sobrecarregada com a prodigiosa cabelleira, que attinge sua maxima expansão. Luiz XIII tendo restabelecido a moda dos cabellos longos, cahida em desuso nos reinados anteriores, os imitadores a quem a natureza negára o dom de um abundante systema capillar, deram de encobrir a importuna calvicie com os postiços; e sob Luiz XIV, esse incommodo accessorio constitue uma enorme juba, que desce pelos hombros e pelas costas abaixo, toda encaracolada em pequeninos anéis, communi-

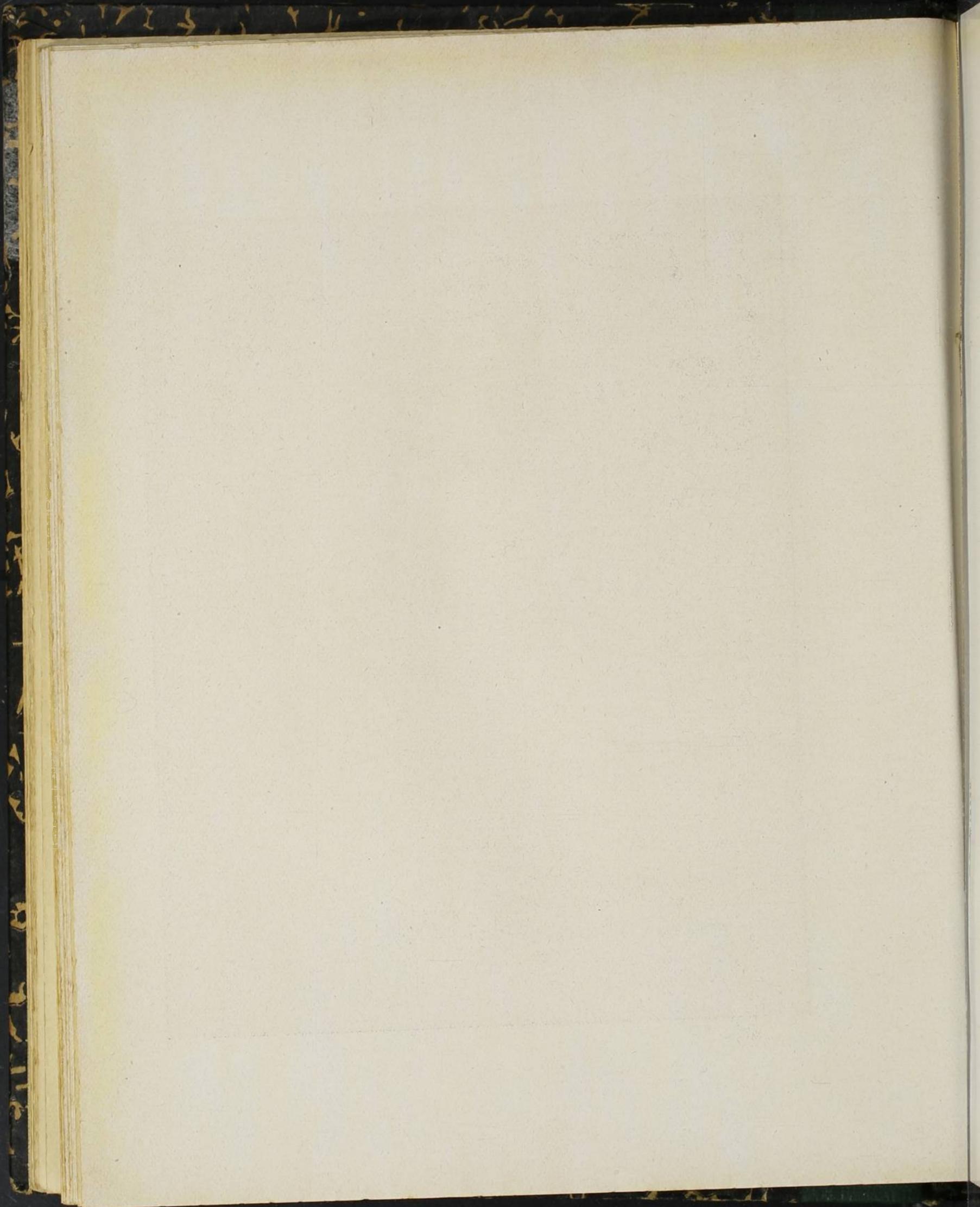
cando ao portador o aspecto de um cão d'agua de pêlos frisados. O bigode é reduzido ao minimo: um pincezinho de cada lado do sobre-labio, e isso mesmo não tarda em ser supprimido, predominando por longa data a cara completamente barbeada, tal anda tanto em voga na época presente, o que demonstra que, em materia de moda sobretudo, nada é novo, tudo é repetido. As meias de sêda compridas, afinam em luxo com o resto do vestuario, ornamentando-se lateralmente de bordados, que sobem do tornozelo até quasi á barriga da perna. Os sapatos são sempre de ponta quadrada, e o rosto em fórmula de pala exaggeradamente alta, sobrepujando o laçarote de larga fita; particularidade notavel: os saltos são envernizados ou forrados de côr vermelha, emblema de nobreza. "Talon rouge", é a designação dos cortezãos que fazem antecamara em Versailles, no salão denominado de l'"Oeil de boeuf", conversando e intrigando, enquanto aguardam, logo pela manhã cedo, que Sua Majestade lhes conceda uma primeira audiencia, ainda na cama. Vae se desenvolvendo cada vez mais, entre senhoras e cavalheiros, o porte da bengala, ou melhor, do bastão, muito mais longo que actualmente, dando pela altura do peito, e feito de madeira preciosa, ricamente encastoadada.

Não tardará, entretanto, que importantes modificações se realizem no fato masculino. Nessa época assás longinqua da historia do vestuario, o homem era mais frequentemente innovador que a mulher;



1700

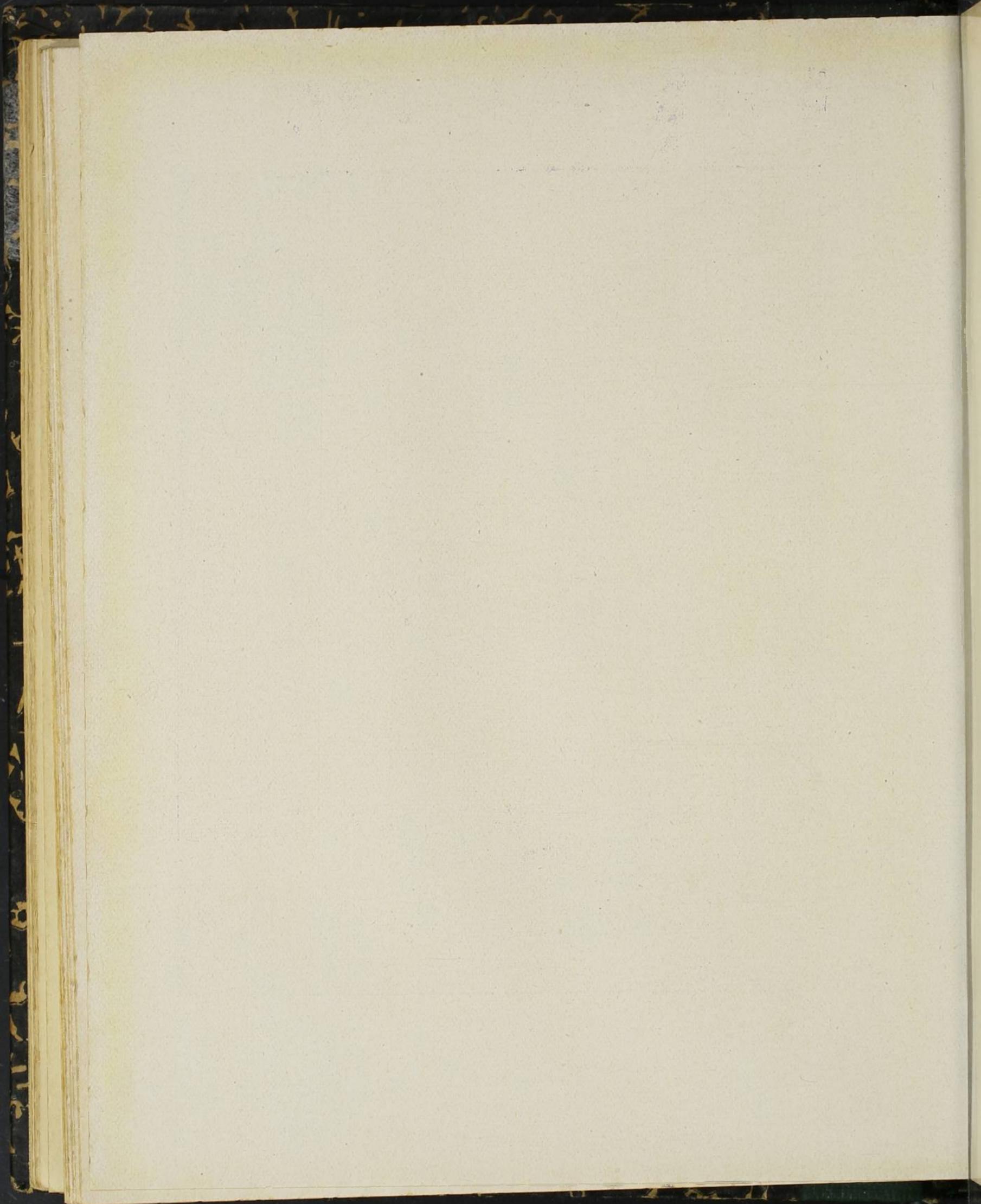
J. Alf.
Op. 1915





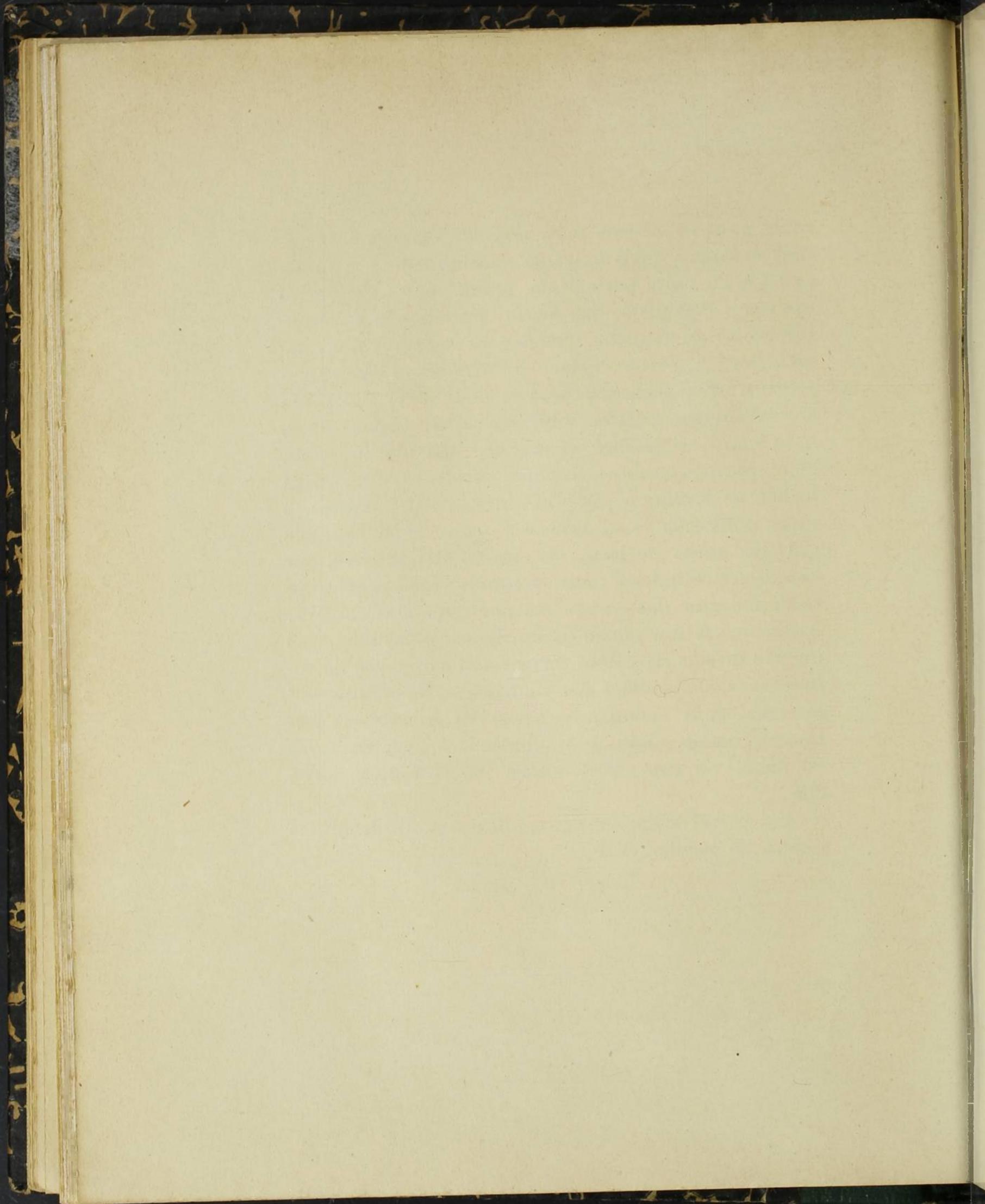
1700

João
Cop. 1945



mais para os nossos dias, ella se desferrará fartamente, com a mais extrema volubilidade, e a moda variará da noite para o dia, pondo assim em sérios apuros o chronista, que acaso emprehenda a herculea tarefa de registrar e consignar todas as suas oscillações. A véstia curta e o “rhingrave” cedem o passo a uma peça, que bem se póde dizer a precursora da nossa solenne sobrecasaca, de amplas abas, indo quasi ao joelho; as mangas vão até ao pulso, com enormes canhões, e dando sahida a punhos sem fólhos de renda; a gravata, ou lenço de pescoço, é mais comprida, e complicada com uma segunda gravata, atada em laço. Os calções estreitam-se, por bem dizer collados á côxa; algumas vezes, a extremidade superior das meias vae por cima dos calções. Attenuam-se um pouco os bordados; comtudo, duas ou tres ordens de galões guarnecem as bordas da sobrecasaca, os canhões das mangas, as “portinholas” lateraes, com acompanhamento de numerosos botões de metal. Quando a sobrecasaca abre na frente, deixa vêr um collete quasi tão comprido como ella.

E é nestes trajos, que pingamos o ponto final nas modas do seculo XVII°.



1701 a 1800

O seculo XVIII° é o seculo da graça e da galanteria, do espirito e do galanteio; da frivolidade, do madrigal, do epigramma, do amor voluvel, dos sentimentos superficiaes. E' tambem, no seu declinio, o seculo da maior catastrophe, do maior cataclysmo social que o universo jamais presenciou. No seu curto cyclo, equivalente a um fugaz instante escoado da ampulheta do Tempo, a humanidade viveu mais, passou por mais violentas sensações, soffreu mais profundos abalos, do que de gosos e dôres experimentou no longo estádio de mil e setecentos annos de civilisação christã. Elle vae do champanha vertido nas ceias do Regente ao sangue derramado na plataforma da guilhotina; da barca florida transportando namorados á ilha de Cythera, á carreta dos Sanson, levando condemnados á praça de Gréve; do luxo mais brilhante ao luto mais pesado, do riso mais crystalino á lagrima mais ardente; começa na apothéose dos Capetos, acaba nas vascas do Terror.

Assim, não deverá causar admiração que, acompanhando a trajetória de uma sociedade precipitada vertiginosamente do zenith de sua pujança ás profundezas do abysmo, o vestuario civil, participando da incerteza dos espiritos, da versatilidade das opiniões, da confusão das classes, oscillasse constantemente, soffresse repetidas modificações, mesmo transformações completas.

Vamos, com effeito, sahir do remanso da moda, evolucionando tranquillamente em determinadas etapas, e penetrar no turbilhão dos caprichos, das phantasias ephemeras, tão depressa imaginadas e postas em circulação, e logo substituidas por outras tão transitorias como ellas. Seguil-as em todas as suas phases, seria enfadonha minuciosidade: teremos pois, que abreviar, e até omittir alguns particulares, porque, uma vez lançada nessa corrida de astro vagabundo através dos annos, a moda não mais deixará seus habitos proteiformes, mudando de feitio pelo menos uma vez por quinzena.

Por morte de Luiz XIV, Philippe d'Orleans, seu sobrinho e genro, assumiu a regencia, que se prolongou de 1715 a 1723, quando Luiz XV, bisneto do fallecido monarcha, foi proclamado maior.

Data desse interregno de governo provisório o relaxamento das regras severas em vigor na cõrte franceza. Muito embora a moral não fosse integralmente observada, comtudo guardavam-se as apparencias, e a fachada solenne e majestatica conservava a rigidez da linha. Sem duvida, os reis antece-

1720



To the
Honble
Genl
of the Army
1715



dentes tinham suas amantes, mas em termos, se assim se póde dizer, e sahidas da legitima nobreza, que mais de perto os rodeava. Gabriella d'Estrées, "a bella Gabriella", ter-se-ia sentado no throno, ao lado de Henrique IV, se uma morte prematura, e suspeita, não a tivesse surprehendido em plena mocidade; Mademoiselle de La Vallière, que expiou na solidão do claustro, sob o modesto nome de soror Luiza da Misericordia, a fraqueza de se deixar abraçar nas chammas do sol da realza, como Seméle aos raios do poderoso Jupiter, era de familia fidalga; assim as Marquezas de Montespan e de Maintenon, e tanto Luiz XIV, apesar de toda a sua prosapia, não desdenhava de hobrear com essas tres nobres concubinas, que não hesitou em reconhecer e legitimar os numerosos bastardos que dellas houve, e até mesmo com a ultima dellas, conselheira e apoio de sua velhice, e dama de grande religiosidade e devoção, se desposou secretamente.

A principio, Luiz XV quiz cingir-se á tradição dos antepassados, e, se bem que com reputação de apathico e retrahido, deu arras aos seus instinctos sultanescos, inscrevendo na matricula de suas conquistas amorosas, para estrear, nada menos de quatro irmãs, quatro filhas do marquez de Nesle: a condessa de Mailly, a condessa de Vintimille, a marqueza de Lauraguais e a duqueza de Chateauroux. Mas em breve foi contagiado pelo exemplo do Regente, que preferia recrutar suas favoritas na classe menos elevada das actrizes e dançarinas da Opera, que me-

lhor se prestavam aos seus deboches e orgias. Foi assim que Joanna Antonieta Poisson, rapariga de burgueza extracção, filha adulterina do syndico das fazendas reaes com a mulher de um paioleiro do exercito, guindada a marquezia de Pompadour, desbancou todas as concorrentes, e exerceu por dilatados annos a mais completa influencia sobre o animo do rei. Educada na escola de sua mãe, a quem um epigramma contemporaneo attribuiu este epitaphio:

“Ci-git qui, sortant du fumier,
Pour faire une fortune entiere,
Vendit son honneur au fermier,
Et sa fille au propriétaire...”

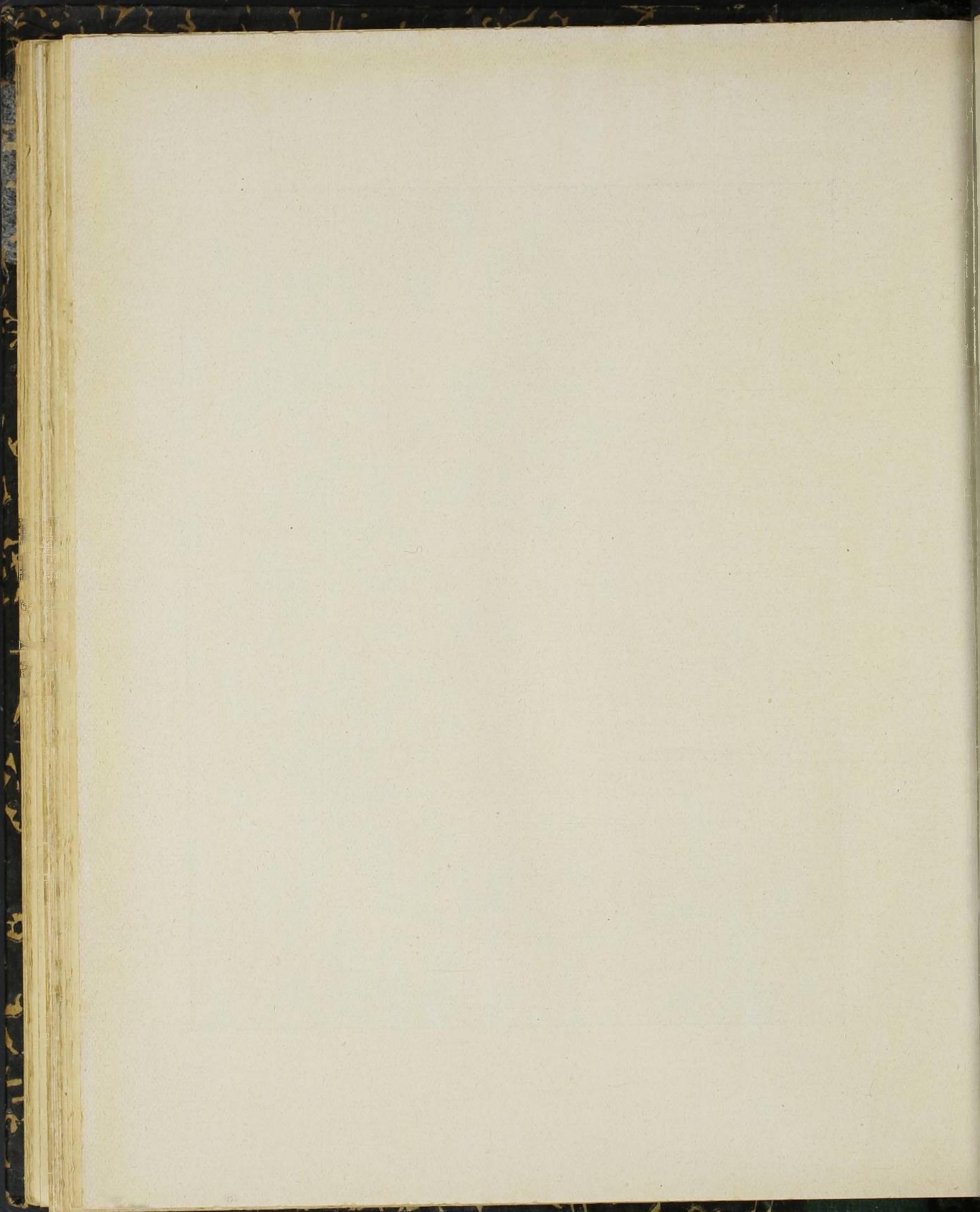
nenhum escrupulo a detinha na caça á fortuna e ao predominio. A Du Barry, que lhe succedeu já nos ultimos annos do soberano, e, após uma brilhante carreira, acabou tragicamente e estupidamente no cadafalso revolucionario, vinha talvez ainda de mais baixo: um de seus biographos estampa a sua certidão de idade, a certidão passada por L. Galon, vigario de Vaucouleurs, do baptismo de Joanna, filha natural de Anna, por alcunha Quantiny, tendo por padrinho José Demange e madrinha Joanna Birabin.

A ambição dessas intrusas não se limitava ao circulo relativamente estreito da côrte, onde se introduziram: sahidas da burguezia ou da plebe, fazia-se essencial para ellas, depois de supplantar a fidalguia, dar que falar de si no meio da sua gente,

1720



J. A. S.
Cop. 1915



deslumbrar a sua grei com os ouropéis de sua riqueza, com as legendas da sua fama. Para tal conseguir, utilisavam todos os meios. Intelligente e sagaz, Madame de Pompadour sabe aproveitar todos os enijos de recommendar-se á posteridade, mesmo á immortalidade. Por sua iniciativa, creou-se em Vincennes uma fabrica de porcellanas, que, transferida posteriormente para Sévres, adquiriu reputação mundial. Partiu della a primeira idéa da fundação da Escola Militar de Saint-Cyr, á cuja construcção dedicou parte de seus rendimentos particulares. Ella se arvora em protectora das lettras e das artes: encommenda a Voltaire peças de theatro para as festas da côrte, e o autor do "Candido" lhe consagra este dithyrambo:

“Ainsi donc vous reunissez
Tous les arts, tous les gouts, tous les talents de plaire;
Pompadour, vous embellissez
La cour, le Parnasse et Cythère,
Charme de tous les coeurs, trésor d’un seul mortel,
Qu’un sort si beau soit éternel!”

Ella gratifica Rousseau, após a representação da sua pastoral “Le devin du village”; obtem uma pensão do bolsinho real e um aposento no Louvre para Crébillon, e faz editar suas tragedias; festeja Buffon; auxilia Montesquieu e Marmontel. No dominio das artes, sua influencia na decoraçáo e no embel-

lezamento dos interiores domesticos se faz sentir ao ponto de haver no seu tempo uma “arte nova”, a “arte Pompadour”.

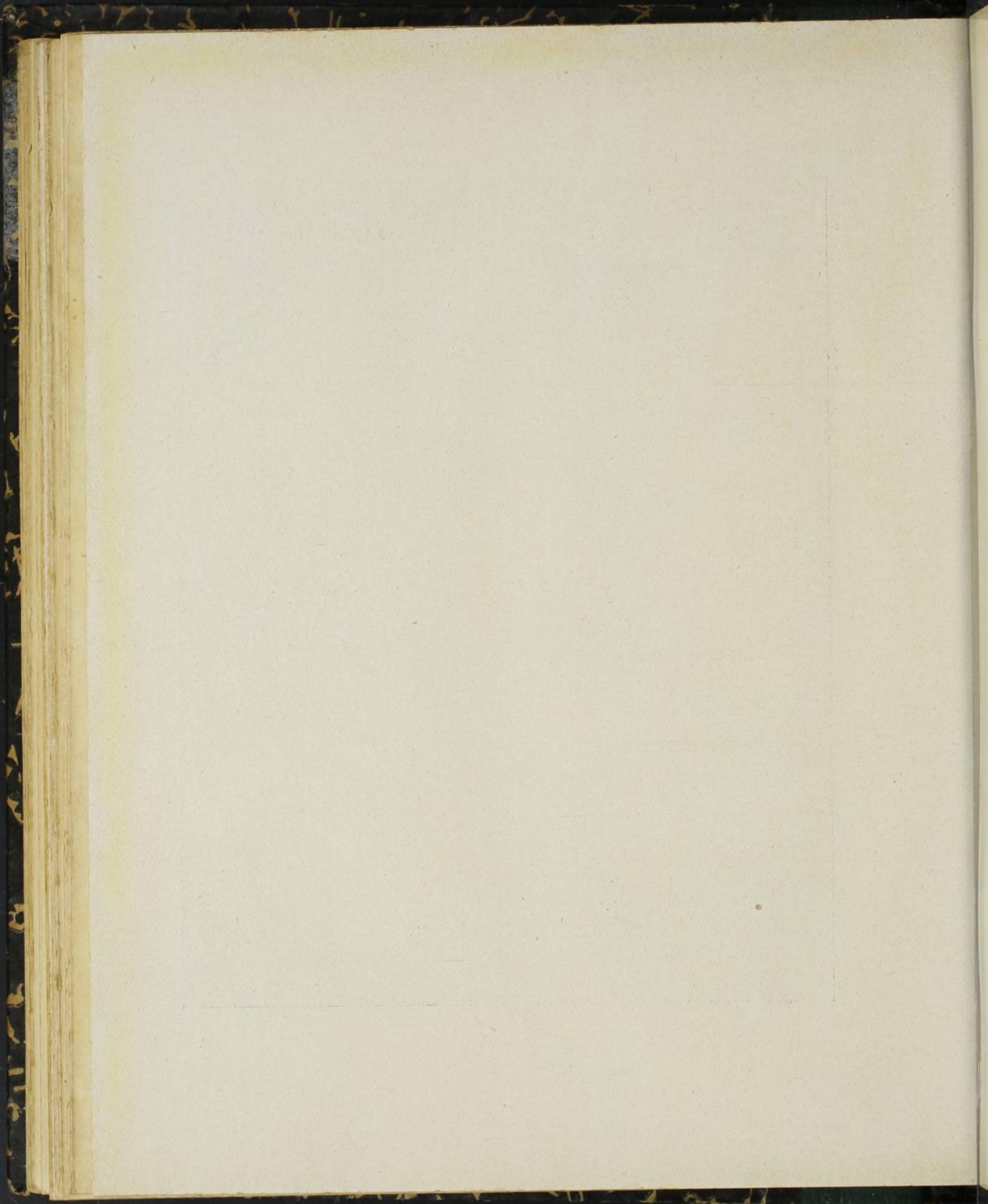
Não é para admirar, pois, que com o seu exemplo, os seus caprichos, “désse a nota” nas oscillações, nas creações da moda, nos vestidos, nos penteados. Até nossos dias, ainda se chamam “á Pompadour” o estofos pintalgados, salpicados de flores, de arabescos, ou de simples manchas de côres varias.

Sucedeu-lhe nessa tarefa Maria Antonieta. Se bem que na côrte de Luiz XVI a moral fosse respeitada pelo rei, honesto e digno pae de familia, nem por isso a phantasia perdeu o seu imperio. Sómente, o que d’antes competia ás amantes reaes, coube agora á propria rainha, que desse modo empunhava o sceptro da dupla realeza: a do throno e a da moda, fazendo assim com que, do principio ao fim, o seculo XVIII° fosse o seculo da graça, porque foi o seculo da mulher. Com effeito, em todos os sentidos, é ella que domina, intellectual e materialmente; nas rodas aristocraticas da côrte, com as damas de honor e as açafatas; nos salões onde pontificavam as philosophas e livres pensadoras, sob os auspicios de homens celebres: os cenaculos da marquezia de Lambert, de Madame de Tencin, de Madame Geoffrin, patrocinados por Fontenelle, os da marquezia du Defand, de Mademoiselle Lespinasse, da marquezia du Chatelet, por Voltaire, os de Madame d’Epinay e da condessa d’Houdetot, por João Jacques Rousseau, os da duqueza de Choiseul, da marechala de Beau-



1740

J. A. G.
© P. 1915



vau, da marquezia de Crequi, das irmãs de Noailles, por Sanson; nas alcovas das heteras famosas, a Duthé, Théroigne de Méricourt. E', sim, o seculo da graça, o seculo da mulher, "o reinado da saia", como dizia Frederico II, mas tambem o periodo dissolvente das suas energias, dos sentimentos viris, em que os costumes, effeminando-se, prepararam, no sentir de um publicista, "a obra de disequilibrio moral e social, de onde sahiu a Revolução".

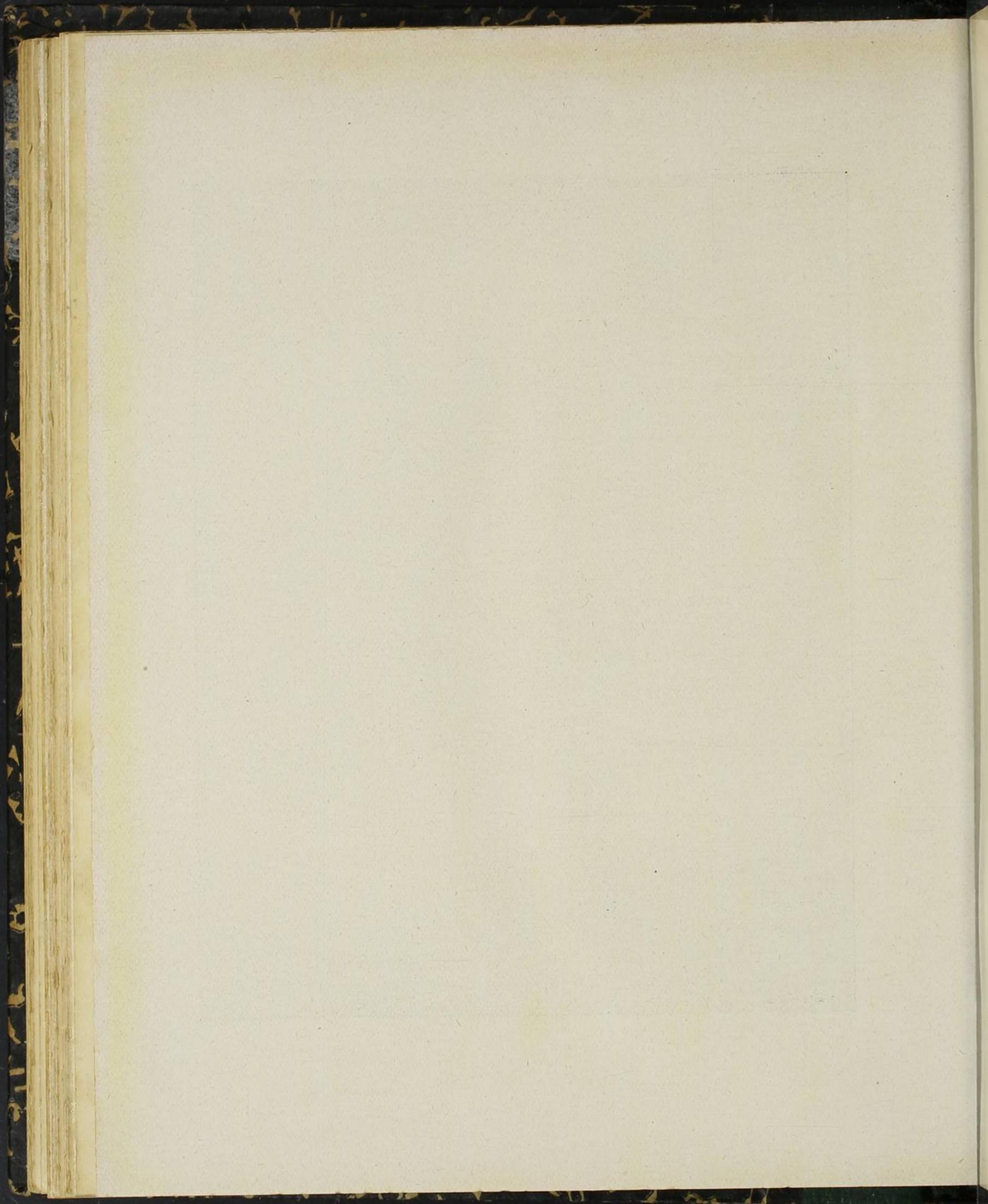
Sob a Regencia, as saias ampliaram-se consideravelmente. Já não se póde dizer a restauração do "vertugadin"; é muito mais que isso, é o nascimento do "balão", da "crinolina". A anagua, de panno grosso, armava a roda com arcos de barbas de baleia, sobrepostos a intervallos eguaes, e cuja circumferencia diminuia á medida que se approximava dos quadris, dando á tafúla assim trajada o formato de um sino, de um abafador de bule, ou melhor, de uma campainha colossal, de que a parte superior do corpo fosse o cabo, rematando numa cabecinha risonha. O corpete não se distanciava grande coisa dos seus predecessores: decote quadrado, e embaixo terminando em bico muito agudo, e cintura muito delgada, fazendo resaltar ainda mais a monstruosa rotundidade das largas ancas. Era esse o vestido denominado "aux grands paniers". Os fólhos de rendas, em continuação ás mangas, tomam desmedido comprimento. Os penteados, são, por ora, modestos, enfeitados, ás vezes, com um ou outro laço, e com os pequenos pennachos hoje conhecidos por "aigrettes".

Os peraltas imitadores de Philippe d'Orleans, os "roués" frequentadores das pagodeiras nocturnas do palacio do Luxemburgo, traziam a sobrecasaca menos longa e menos larga de abas; o collete encurtou em proporção, descobrindo mais os calções, presos nos joelhos por jarreteiras de setim. A fazenda dos fatos já não é tão espessa, nem tão pesada; acabaram-se os galões, os alamares, os laçarotes de fitas: em compensação ha um grande luxo de bordados, a ouro e a matiz. A gravata de rendas, sempre mais extensa, faz parte do peitilho da camisa, sahido do collete entreaberto na parte anterior: são os "bofes" cujo uso se prolongará por bastante tempo, com maior ou menor exaggero, em fólhos ou em canudos. Extendem-se tambem os punhos, emergindo dos canhões das mangas, e cobrindo completamente as mãos. Ao vel-os, pensa a gente quanto seriam incommodos para o sabio sr. conde de Buffon, que os não podia dispensar, quando se abancava para escrever os trinta e seis tomos da sua monumental Historia dos tres reinos da Natureza. Diminue mui sensivelmente o volume das cabelleiras, que não descem além da nuca, nem se frisam em anéis miudos. O chapéo é de tres bicos, debruado de arminho. Continuam as ricas meias; o calçado é mais fino e elegante, tendo por unico adorno fivelas de ouro. Subsiste sempre o rosto masculino sem vestigio de barba, cuidadosamente escanhado, os nédios parecendo padres ou actores, os magrizelas franzindo-se no ricto sardonico de Voltaire.



1740

J. A. G.
Cop. 1915



Entre 1720 e 1740, notam-se, nos vestidos das mulheres, raras variantes, e essas mesmas no tocante unicamente á maior ou menor amplidão das saias, com as sobre-saias conhecidas por “polonezas”. Os homens, espicham ou encolhem as sobrecasacas, e, concomitantemente, os colletes. Homens e mulheres, dão para empoar as cabelleiras, e esta moda por tal fórma tende a tornar-se excessiva, que o paciente carrega á cabeça com um soffrivel numero de arrateis de pós. Ninguem ignora como foi descoberta na Europa a substancia propria á fabricação da porcelana, que os chinezes e os japonezes, ao que dizem, já fabricavam desde dois seculos antes da era christã, como aliás, segundo parece, faziam muitas outras coisas, que só passado muito tempo a civilisação occidental entrou de imitar, o que justifica o diploma de “barbaros” com que aquelles povos nos distinguiam. Consta, pois, que o chimico saxonio João Frederico Boettger, á cata de penetrar o segredo da louça chineza, por acaso o surprehendeu, experimentando o pó branco e argiloso intitulado “kaulim” por causa da região de Kauling, na China, de onde procedia, e com o qual o seu criado de quarto lhe empoava a cabelleira. Por aqui se póde avaliar que pesc supportava o craneo de um mortal... por amor da moda.

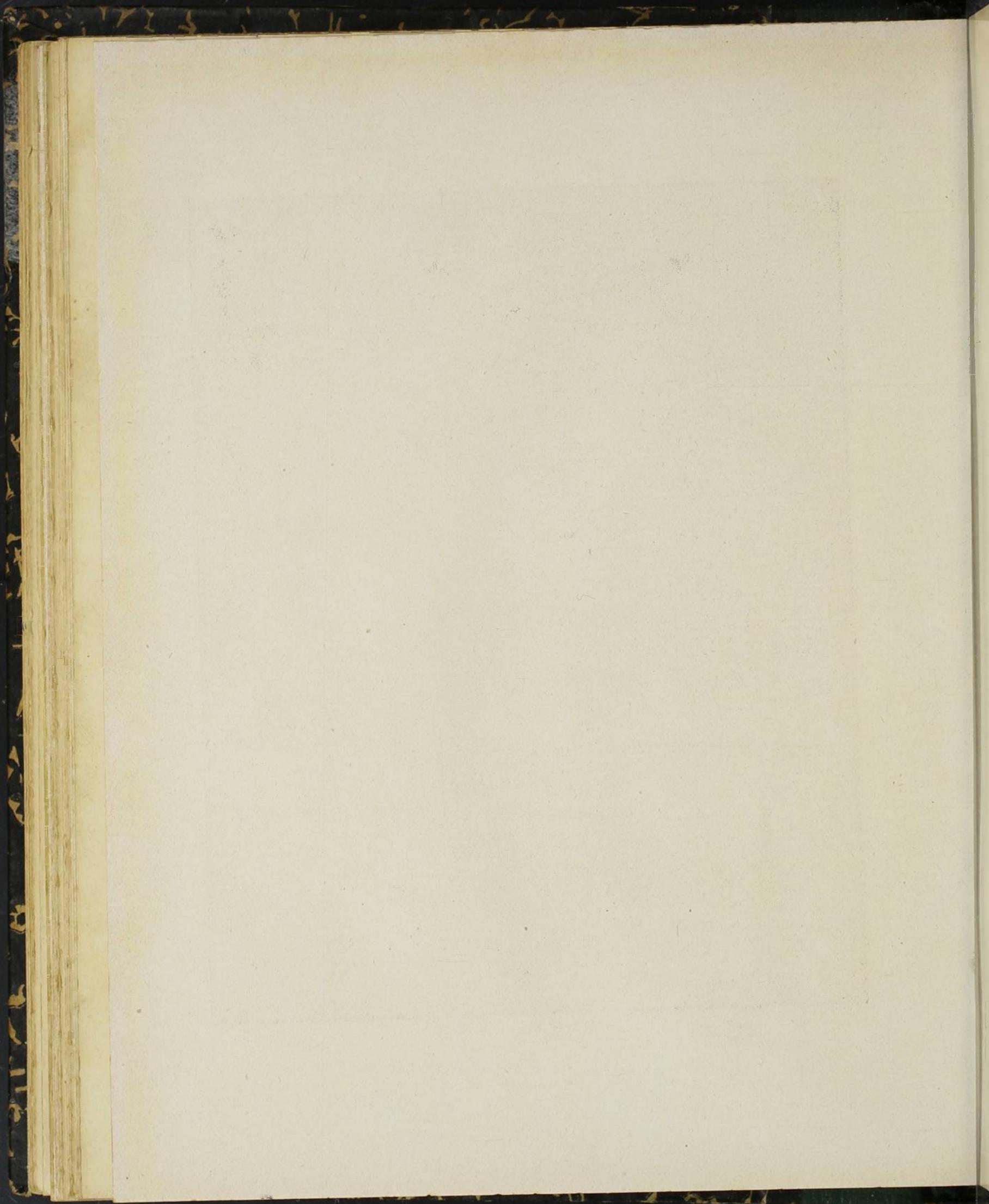
Uma época houve, porém, que merece ser assignalada como das poucas em que a moda se mostra revestida de moderação, de senso e de gosto. Por volta de 1760, surgiram os vestidos “aux petits pa-

niers". De todas as variantes que elles soffreram nesse seculo chamado da graça, foi essa, certamente, a mais graciosa, e, nesse reinado da saia, mais seductora e attrahente tornou a mulher. O corpete, talhado em decote quadrado e guarnecido todo em volta de um folho de filó, abre levemente na frente sobre uma camiseta, é atacado por fitilhos cruzados, e, como de rigor nesse modelo, acaba em ponta bem aguda, fazendo esbelta e fina a cintura. Na parte superior da saia, a sobre-saia, em vez de cahir até abaixo como a poloneza, arrepanha dos dois lados, em tufos; a saia, de moderada largura, é de comprimento igual em toda a roda, e não chega ao chão, dando apenas pelos artelhos, afim de que se vejam bem os delicados sapatinhos, de courinho envernizado ou de setim, com as minusculas fivelas de prata, e trepados nesses extraordinarios tacões torneados, que passaram á historia da sapataria com o nome de "tacões a Luiz XV", e que o critico Ramalho Ortigão chamou "apiorrados", votando-os á execração dos paes de familias, como immoraes e nocivos á saude da prole. As mangas do corpete são justas ao braço, vão sómente até aos cotovellos, e os babados que as rematam perderam muito do exaggero primitivo, deixando livre o antebraço. Os tecidos são leves, alegres, salpicados de florinhas, ou listrados ás riscas finas. Os bordados apparatusos, as joias custosas, não se usam: ao pescoço, á cinta, nos pulsos, petulantes lacinhos de fita estreita, ordinariamente de velludo preto. E se ajuntarmos ainda

1760



J. A. F.
Cop. 1915



um lacinho á pequenina touca de rendas, pousada como uma borboleta sobre o modesto penteado, teremos que confessar jamais ter ideado a garrida e feminina um toucado mais catita. No todo, a mulherzinha assim ataviada, tal uma bonequinha mimosa, tinha seu que da gracil estatueta tanagriana.

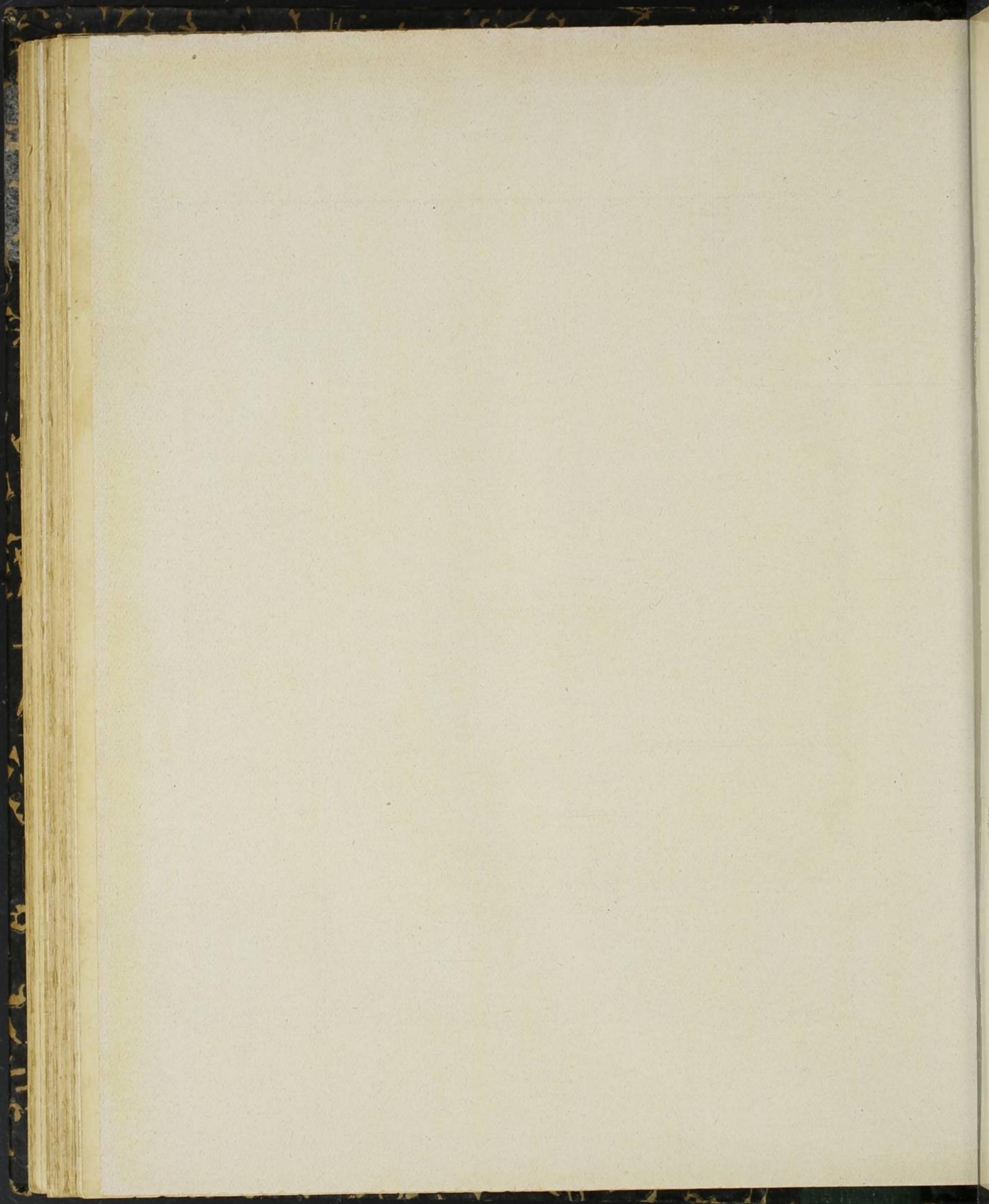
No donaire e gentileza, não se deixaram ficar atrás os cavalheiros. A cabelleira, alva de pós, emmoldura o rosto barbeado com todo o escrupulo, em duas ordens de canudos, e é lisa por detrás, tendo o "rabiço" um pouco longo, atado por larga fita preta. A sobrecasaca afina sensivelmente na cintura, accentuando-a bem, e depois se expande em grande roda nas abas, relativamente pouco compridas. O collete é cada vez mais curto, abrindo sempre em cima para dar passagem aos bofes rendados. Também já se limitam a proporções razoaveis os canhões das mangas, e os punhos deixam as mãos a descoberto e desembaraçadas. Calções collados á côxa, e abotoados ou afivelados no joelho. O chapéo tricorne não tem mais ornato algum. Desta fatiota gamentia, nem mesmo os ecclesiasticos escapavam, e os abbades, embora adoptando rigorosamente a côr preta, risinhos, rubicundos, saltitantes, parte integrante das rodas mundanas, preferindo o toucador ao confessorario, pareciam representar uma religião prazenteira e condescendente, indulgente e accommodaticia.

Imaginemos agora, nos trajos descriptos, um par elegante e espirituoso deslizando pelos salões nos passos e figuras do minuete, que era a dança da época,

tão adequada ás modas de então, desbancando a pavana, cantada e dançada ao mesmo tempo, com a vaidosa vagareza e o majestatico empertigamento do pavão, e a "passacaille", e a sarabanda, e a gavota, herdados do seculo XVII^o, e todas supplantadas pelo novo bailado. Todos os grandes musicos contemporaneos, que introduziam em suas operas as gavotas destinadas aos saraus da côrte, Lulli com "L'Amour malade", e o "Ballet du Roy", Rameau com as "Indias galantes", Gluck com "Alceste" ou "Armida", Gretry com "Andromaca", Mehul com "O julgamento de Paris", todos sacrificaram á voga do d'a. e compuzeram minuets, assim tambem Campra, Mozart, Haydn e, sobretudo, Boccherini, que deixou verdadeiros primores no genero, escriptos para os quartettos de camera, violino, viola d'amor, violoncello, e, como acompanhamento, o cravo, ou a espineta. Não faz muito tempo, o publico portuguez assistia á interessante evocação de um desses bailes obsoletos, encaixado na comedia "Peraltas e Sécias", de Marcellino Mesquita, estudo de costumes nacionaes sob o reinado de Dona Maria I.

Aliás, nas lettras como nas artes, o seculo XVIII^o se assignalou pelo estylo faceto, descuidoso e ligeiro, nos sainetes de Marivaux, nos epigrammas de Piron, nos quadros de Boucher e nas figurilhas de Clodion, posto que, ao lado desses, outros se houvessem com profundeza e seriedade, tal a obra consideravel da Encyclopedia, sob a direcção de Diderot e de d'Alembert, as esculpturas de Pigalle, os desenhos





do pastellista La Tour, as scenas domesticas e as pinturas de genero de Chardin, só por si equivalentes ao melhor da celebre escola naturalista hollandeza, cujas obras primas foram honradas com o pedante desprezo de Luiz XIV, o qual, desdenhoso de tudo quanto não tivesse o arranjo louvaminheiro, a encenação pomposa de Van Loo e de Van der Meulen. exclamava, ao lhe apresentarem os quadrinhos de Franz Hals e de Teniers: “Levem-me daqui estas calungas”. As mesmas comedias de Beaumarchais, aparentemente superficiaes, e sem malicia, dizem que mal escondiam as mais ferinas satyras aos costumes; que o “Barbeiro de Sevilha”, ao depois realçado pelo genio de Rossini com uma inimitavel partitura, o que ha de mais fino e espirituoso em musica buffa, o Barbeiro de Sevilha, e o conde de Almaviva, e a condessa, e Rosina, e Cherubin, e don Bartolo, e don Basilio—são personagens symbolicos; que o famoso prefacio do “Casamento de Figaro”, e o não menos famoso monologo do quinto acto, apressaram o desenlace insipiente da Revolução.

Passando de “delfina” a rainha, Maria Antonieta assumiu o encargo de inspiradora das modas. Antipathizada por um grupo de cortezãos descontentes, que entre si a gratificavam com o epitheto desprezível de “austriaca”, que mais tarde havia de contribuir para impopularizal-a de todo, ella foi, por uma insinuação a principio soprada á socapa, e pouco a pouco engrossada até explodir num formidavel echo, accusada de frivolidade, de desperdicio, de ca-

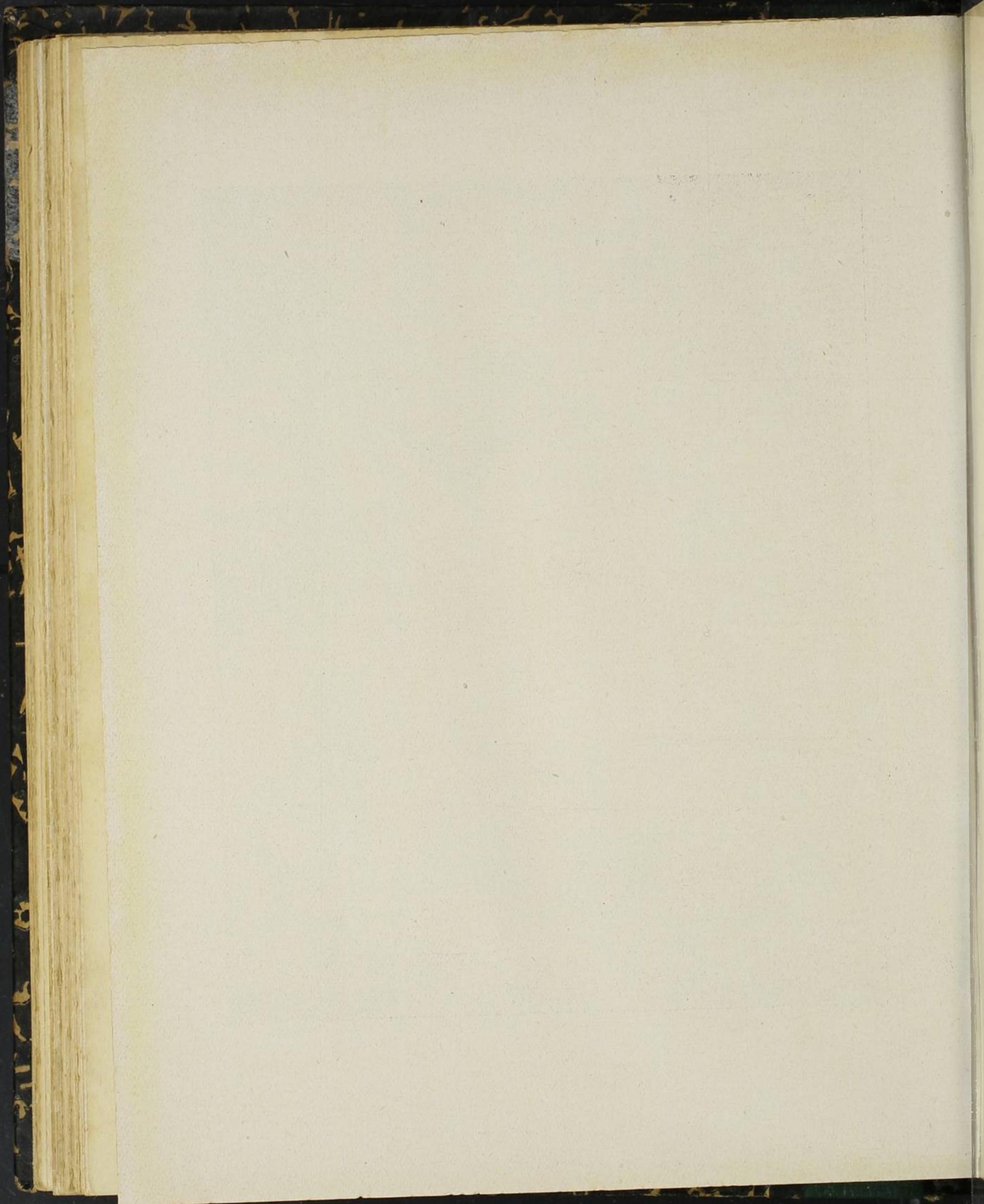
prichos escandalosos, de phantasias ruinosas. Fôram esses os fundamentos do requisitorio atrabiliario de Fouquier-Tinville perante o tribunal revolucionario, inculpando "a viuva de Luiz Capeto" de haver delapidado de um modo horrivel as finanças da França. Mais afastados dessa temporada de paixões revoltas, de odios acirrados, de vinganças exaltadas, os historiadores modernos julgam menos severamente a infeliz princeza, martyr do desfecho fatal de causas longamente accumuladas, e de que ella não podia furtar-se a ser um factor inconsciente, imposto pelo destino. Bella, joven, educada com esmero e com mimo, carecia de expandir o espirito de alguma maneira, não tendo encontrado afinidade de gostos no esposo que lhe coubera em partilha na distribuição dos casamentos principescos negociados pela diplomacia ao serviço da politica internacional. Effectivamente, Luiz XVI, excellente creatura, pouco se preocupava com questões de arte, de elegancia, de etiqueta, comtanto que o deixassem cultivar seus habitos caseiros, e sua innocente mania de serralheiro amator. Avessa, por outro lado, a certas intrigas galantes, se bem que igualmente isso lhe fosse increpado, por allusões hoje reconhecidas como insidiosamente calumniosas, a ultima rainha de França formou uma côrte na côrte, uma côrte privativamente sua, composta de pessoas que lhe mereciam particular predilecção, e que a coadjuvavam na realização do programma de distracções, que melhor quadravam ás suas idéas. E estas idéas tendiam sem-

1780



To A. G.
J. A. P.
©p. 1915





pre para uma especie de culto da natureza, de poetico bucolismo, artificial embora, por isso que impregnado de luxo e de apparatus, incompativeis com a verdadeira vida do campo. Foi assim que o Trianon se transformou numa herdade, de que a soberana e suas damas, e os fidalgos que as assistiam, eram pastoras e zagaes. Tudo obedecia, pois, ao modo pastoril, e reflectindo o exemplo partido de cima, todas as manifestações do espirito revestiam essa fórma obrigatoria, nas pinturas de Fragonard e de Greuze, nos versos dos madrigalistas, nas novellas de Florian, estylo este que repercutiu pelo mundo a fóra, do que dá testemunho a Arcadia lusitana com Filinto Elysio e Bocage, entre outros, e, na colonia brasileira de então, Thomaz Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Imprimindo ás jornadas do Trianon o cunho vergiliano, Maria Antonieta queria que as personagens que circulavam nos bosques umbrosos, nos pavilhões rusticos, usassem da correspondente singeleza de trajos. Crearam-se tecidos leves e claros—percales, cassas, cambraias—com os seus tons frescos designados por titulos sentimentaes; restringiu-se a amplitão das saias, cercearam-se as caudas, abaixaram-se as trunfas dos penteados, nada de cerimoniaes, nem de protocollos: para andar no campo, convem um “deshabillé” apropriado. E os fatos dos homens faziam-se tambem de estofos alegres, colletes com pintinhas, florinhas e palmas coloridas, bordadas ou estampadas sobre fundo branco, meias egualmente brancas.

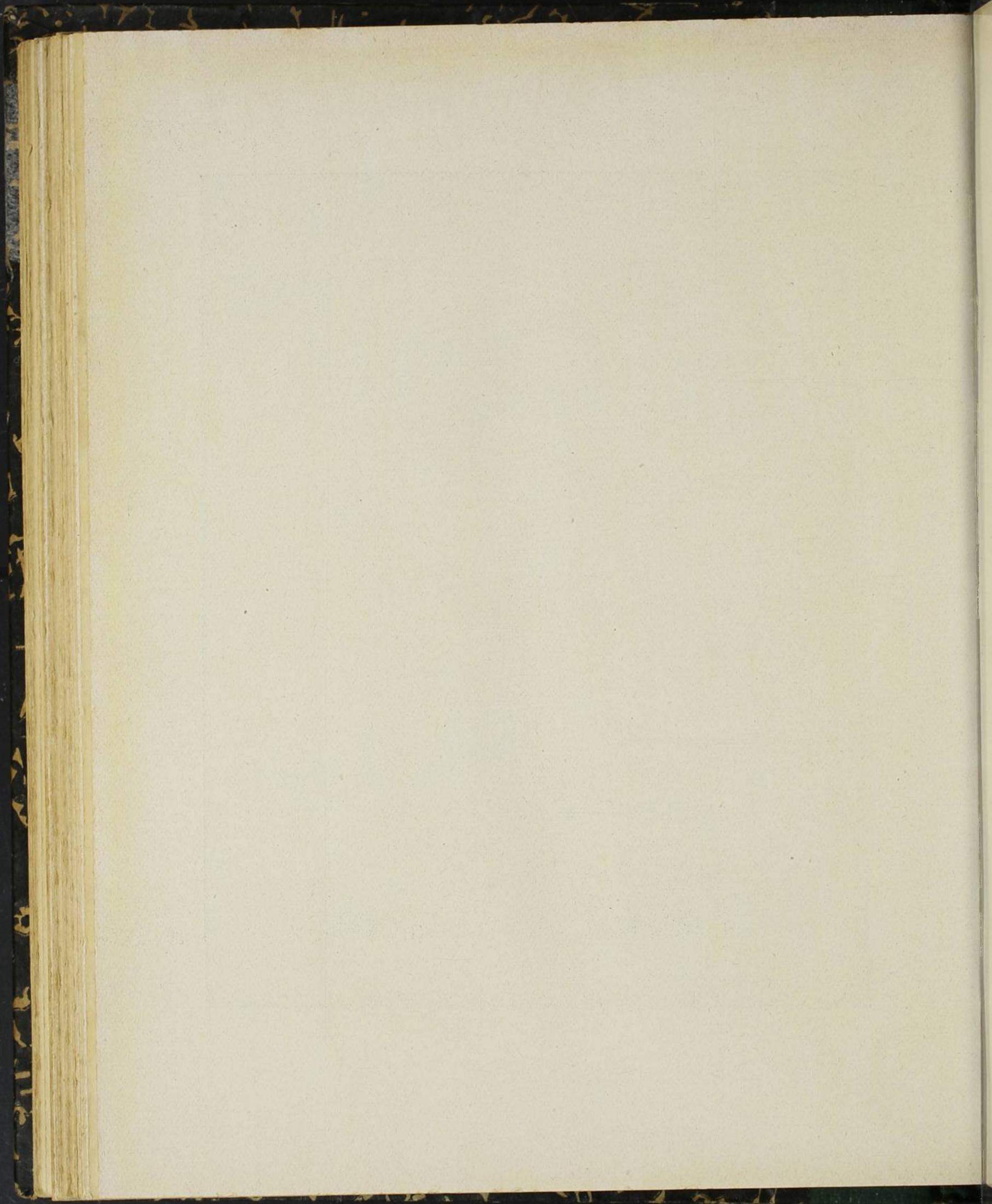
Mas a influencia da régia phantasia foi impotente para evitar que a moda descambasse, afinal, de doidice em doidice, no extremo exaggero. Já conhecia Paris as casas de modistas, e estas commerciantes, avidas de lucros, imperando tyrannicamente sobre a fraqueza de suas clientes, tratavam de multiplicar os modelos, de “lançar” figurinos sobre figurinos, cada qual mais complicado, e mais estrambotico. Já conhecia Paris, com as modistas, as costureirinhas, as apprendizes, os “trottins”, como agora se diz, correndo as ruas de manhã á noite, da loja da patrôa para as casas das freguezas, sobraçando grandes cartões forrados de papel de phantasia, seguros por compridas alças de cadarço, em que ellas enfiavam o braço. Diga-se de passagem que jamais a cartonagem constituiu uma industria mais florescente e aprimorada como no seculo XVIII, desde as caixas de grandes dimensões até aos mimosos escrinios e bocetas de variados feitios e ricamente ornados, para joias, para perfumes, para as mil farfalhas e bagatelas da mulher elegante.

Mademoiselle Bertin, fornecedora da casa real, “marchande de modes de la Reine”, estabelecida á rua Saint-Honoré, onde expunha, numa boneca do tamanho natural, um manequim, as successivas creações de seu genio inventivo, e que se derramavam pela Europa inteira, Mademoiselle Bertin dominava e influia ao ponto de ser appellidada “o ministro das modas”, e como ella, outras de somenos importancia. E nem só as costureiras e modistas adquiriam



1780

J. A. R.
© 1915



celebridade. O sapateiro Charpentier e seu collega Bourbon, dictavam leis aos pés submissos da humanidade que se picava de andar no tom.

Mas nenhum dos differentes collaboradores da obra transcendente e complicada de vestir, calçar, pentear e arrebicar os peralvilhos de ambos os sexos, assumira então maior ascendencia que a mui nobre e respeitavel corporação dos senhores cabelleiros, que chegou a contar, em Paris, mil e duzentos membros, congregados em syndicatos, protestando contra a intrusão dos mestres barbeiros, peruqueiros, banhistas, "et reliqua", nas delicadas funcções de accommodar os cabellos das damas, funcções que elles assemelhavam ás artes liberaes dos poetas, dos pintores e dos estatuarios, reclamando o privilegio exclusivo de "conciliar a côr do bello com a côr da carne, de distribuir as sombras, de dar mais vida á tez, mais expressão ás graças". Os chefes dessa temivel classe dos cabelleiros passavam o bastão de commando como se fôra uma dynastia hereditaria. Do reinado de Luiz XV, vieram um após outro, Frison, depois Larseneur e Dangé, depois Legros, que em 1765 exhibia em sua casa cem bonecas demonstrando a maneira de harmonisar as proporções da cabeça com o ar da physionomia, e publicava um livro intitulado "Art de la coiffure des dames françoises", descrevendo, com vinte e oito estampas em apoio, quarenta e dois penteados de sua invenção, applaudidos na côrte, e na burguezia abastada. Passado Legros, temos Leonard, Lagarde, Le-

fevre, auctor do “Tratado dos principios da arte de pentear as damas”.

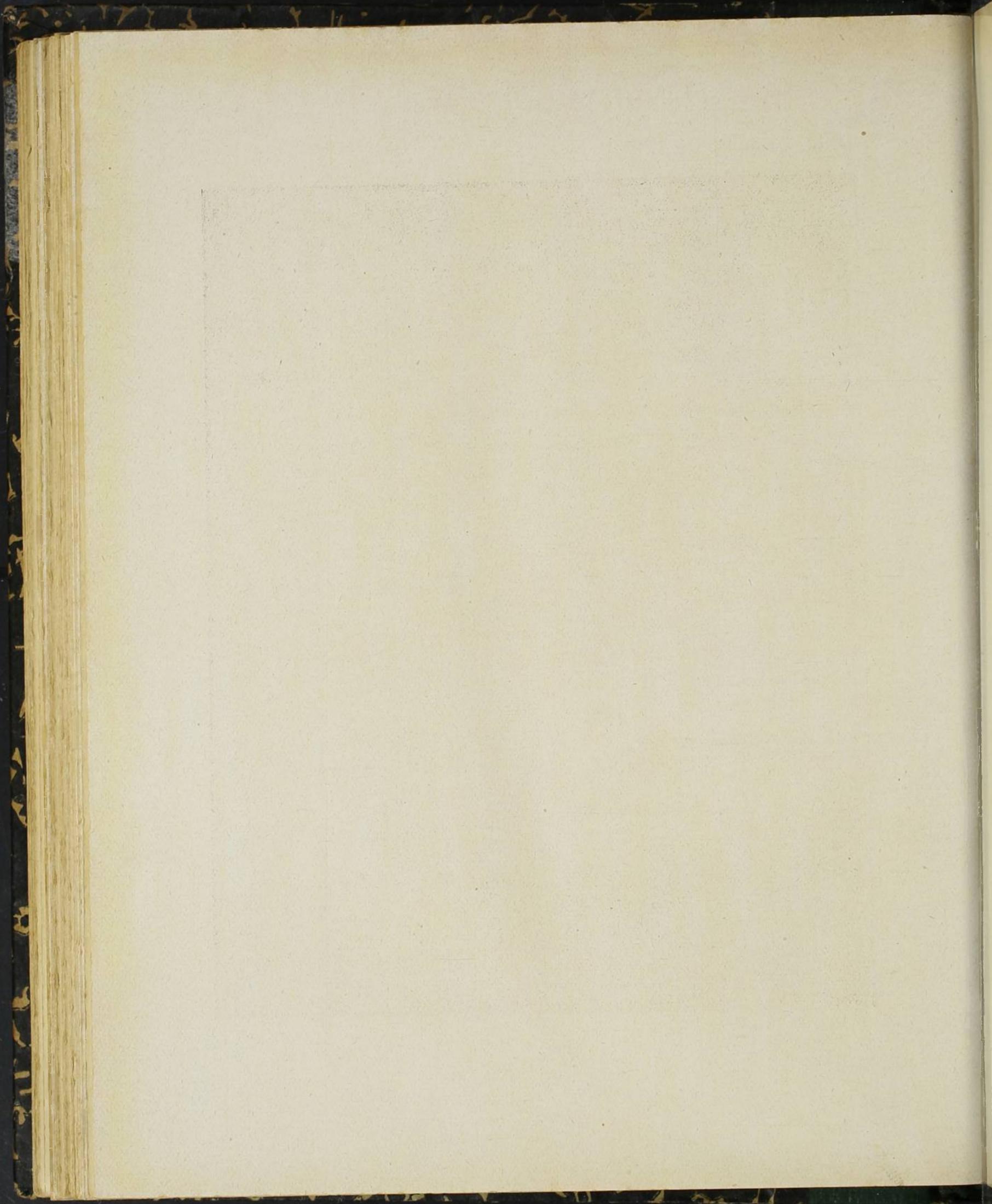
Para formar esse conjuncto difficil que era uma parisiense devidamente embonecada, prosperavam, naturalmente, as industrias correlativas, cada qual de seu lado fornecendo uma das partes componentes daquelle todo.

O fabrico das sêdas de Lyão recebeu um incremento consideravel, lisas, lavradas, adamascadas, listradas, semeadas de ramilhetes, e cujas côres, ao gosto da época, eram designadas por nomes tirados do vocabulario da sensibilidade: “suspiros abafados, saudades superfluas, candura perfeita, queixumes indiscretos”; algumas vezes, tambem, assás naturalistas, como: “lama de Paris, febre de leite, mostarda”, diversos tons de pulga—“barriga de pulga, pulga velha, pulga nova, costas, ventre, côxa, cabeça de pulga”. Por fim, cousa ainda mais material: “caca do Delphim”, e “caca de pato”, esta ultima expressa com tanta franqueza, que a bôa educação não permite reproduzir aqui. Por egual, prosperava a industria das fitas, ornamento indispensavel, e que occupava, sómente em Saint-Etienne e Saint-Chamond, quinze mil duzentos e cincoenta fabricantes, com uma cifra de operações computada em dezeseite milhões, dos quaes menos da metade para a exportação, e para as tintas com que eram manufacturadas, já se sabe, epithetos do mesmo modo alambicados ou excentricos eram imaginados: “attensões sollicitas, desespero, olhar abatido, um instante, uma



1780

J. J. J.
Op. 11915



convicção, viva pastora, côxa de nympha commovida, entranhas de petit-maitre”.

Bons negocios faziam, de seu lado, perfumistas e droguistas, especialmente na parte relativa á côr vermelha para as faces e os labios das madamas, e que convencionaremos indicar pelo nome generico de carmin. Não se applicava á tôa, o carmin: a tonalidade regulava pela qualidade pessoal, segundo se tratava de uma fidalga ou de uma burgueza, de uma senhora honesta ou de uma cortezã, da mãe de familia ou da comica. Tão elevado era o consumo do carmin, explica o auctor de um estudo da mulher no seculo XVIII^o, que uma companhia offereceu em junho de 1780 cinco milhões de contado para obter o privilegio de vender um carmin superior em qualidade a todas as qualidades de carmin conhecidas até então; e o cavalleiro d'Elbée, computando em mais de dois milhões de boiões a venda annual, propoz que se lançasse um imposto de vinte e cinco soldos sobre cada boião, afim de formar pensões em beneficio das esposas e viúvas pobres dos militares. O effeito do carmin era completado pela “mosca”, a rodellinha de tafetá preto, a que atrás já se alludiu, e que chegou a constituir um dos mais respeitadas artigos do codigo da faceirice. Em casa do afamado Dulac, á rua Saint-Honoré, vendiam-se “moscas” em feitio de coração, de lua, de crescente, de cometa, de estrella, de nabo. Havia a “brincalhona”, a “beijoqueira”, a “equivoca”; posta ao canto do olho, chamava-se a “assassina”; “majestosa”,

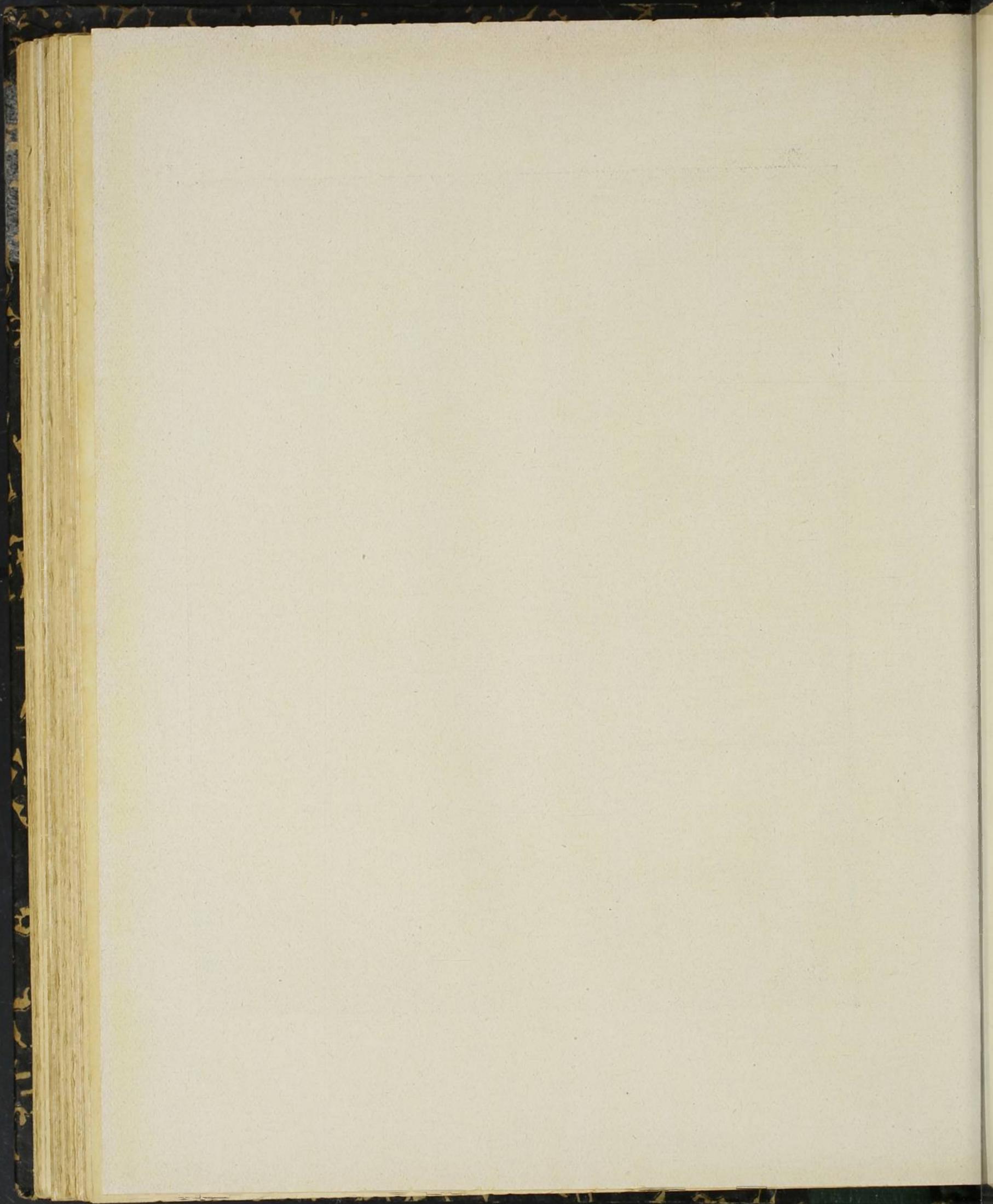
sobre a fronte; jovial na covinha do riso; “galante”, no meio da face; “faceira”, “preciosa”, “velhaca”, perto dos labios. Apareceram senhoras, ostentando na tempora direita “moscas” de velludo do tamanho de um pequeno emplastro, e madame Cases requintou, com uma “mosca” cercada de diamantes.

Com estes elementos, os dirigentes e as inspiradoras da moda levaram-na a um ponto de exaggero tal, a um tal grau de exasperação, pôde-se dizer, que bem parecia o desatino, o paraxysmo de uma sociedade em decadencia, apprehensiva de seu proximo fim. Não haverá proveito, talvez, em procurar nos pintores da época as informações uteis á investigação da verdade. Elles accommodavam, arranjavam seus modelos de accôrdo com uma esthetica razoavel, corrigindo as demasias e os disparates: Madame Vigée-Le Brun, a eximia retratista e amiga intima de Maria Antonieta, assim o confessa. Ha, porém, outros documentos mais fidedignos. Consultem-se as estampas de Moreau le jeune—“La loge á l’Opéra, Les petits parrains”—, de Cochin, dos Saint-Aubin, de Debucourt, de Guersant, e tantos outros mestres gravadores, que opulentaram a preciosa colleção dos irmãos Goncourt: por ellas se poderá aquilatar da exorbitante rotundidade a que attingiram as saias, e da desconchavada accumulção de enfeites de toda a sorte, folhos, babados, laços, bambinelas, bambolins, faixas. Julio Quicherat, na sua “Historia do vestuario em França”, escreve: “Não se imagina que de enfeites exigiam os vestidos de appara-

1790



J. A. S.
Cop. 1915



to. Os “paniers” attingiam sua maxima amplidão; havia-os de quatro e cinco metros de roda. A superficie da fazenda que os cobria era coberta de laços, de coques, de ramilhetes de flores e de fructas, de tufos de gaze cosidos ao comprido, na largura, de través, sem contar os volantes, sem prejuizo dos fios de contas e de pedrarias. Por isso, o preço de um vestido podia representar uma fortuna.” Os chapéos iam pelo mesmo conseguinte: copa descommunal, em fórmula de pão de assucar, coroada por tres plumas espetadas a prumo, como tres arvores no alto de uma montanha, com uma successão de lacinhos de cima a baixo, abas enormes. Os saltos dos sapatos se elevam cada vez mais: “parecem umas andas”, observa um chronista.

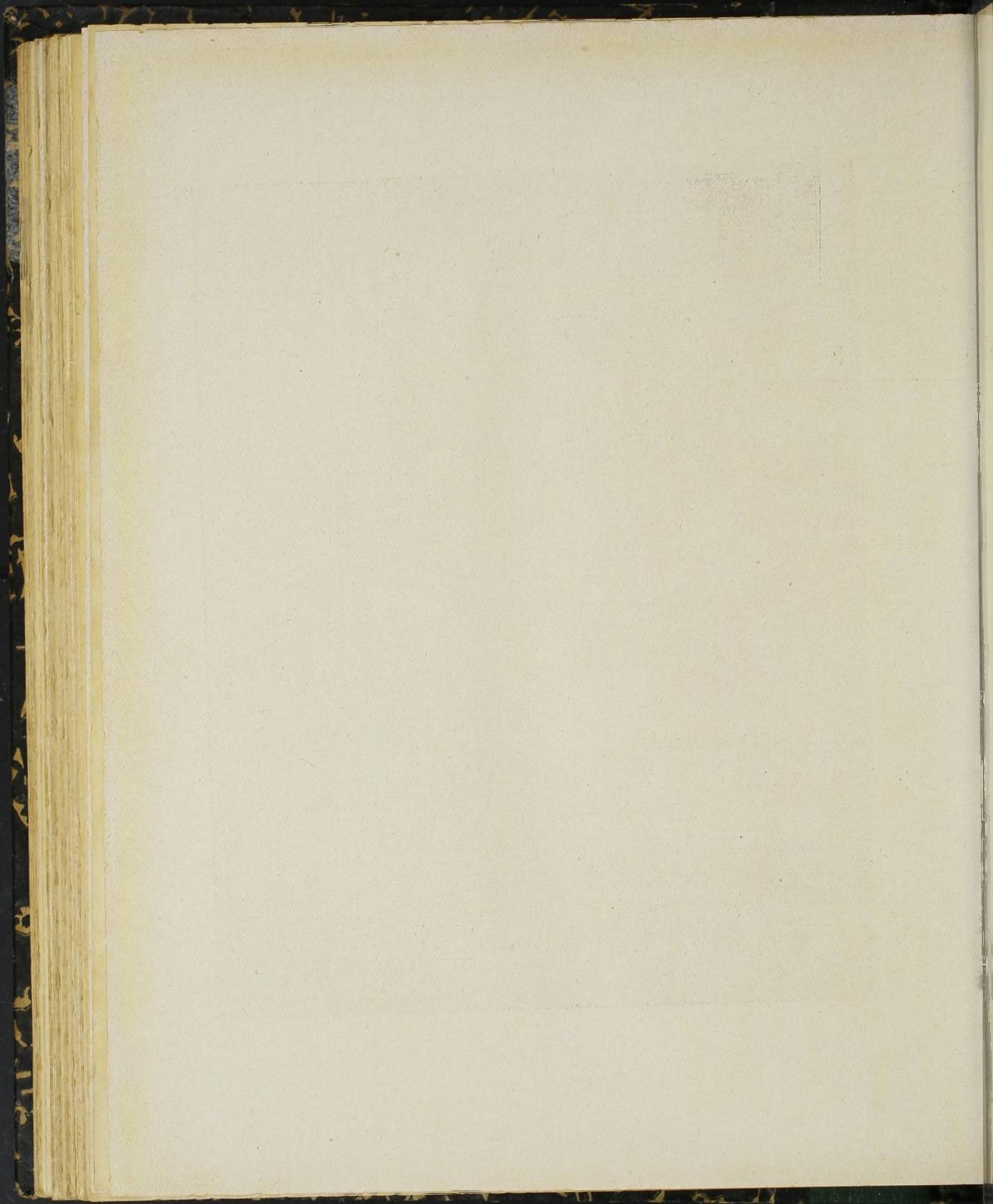
E ainda isto nada é, em comparação dos gigantes, dos monstruosos penteados, de uma altura despropositada, de uma composição extravagante, em que o trabalho do cabelleireiro equivalia a uma obra de architectura, um edificio monumental, com muitos andares de canudos sobrepostos, e supportando allegorias, figuras symbolicas, accessorios variados. Vejamos o que nos informam os commentadores: “Não se limitavam a fazer pyramides de cabellos para as mulheres; lançavam ainda, por cima de todos estes caracões, estes tufos, estes cócós, fitas em quantidade, flores, fichús, chapéos, toucas, construidos ao mesmo tempo que a cabelleira, e que tinham o ar de um verdadeiro mostruario de mercadorias de toda a especie. A Revolução, que desen-

raizou as torres da Bastilha, fez desmoronar tambem as que se amontoavam na cabeça das mulheres. Entretanto, ora o "pouf", peça de gaze medindo até quinze metros, augmenta, encimado por plumas de avestruz, o volume do penteado, misturando-os com os cabellos; ora cestas de flores ou de fructos desempenham o mesmo officio, quando não são navios em miniatura, com mastros, velas, cordame, bandeiras, figuras de prôa e ancoras! E esta armação se intitula á "Minerva", á "parque inglez", á "Belle Poule", á "fragata de Juno"! Este outro consigna: "A cabelleira foi então estaqueada, alteada, arredondada em cupula pontuda, decuplada em volume pela adjuncção de perucas ou "chignons", e sobrecarregada de fitas, laços frageis, minusculos toucados. Durante trinta annos, esta moda foi em augmento. Só houve um limite a essa extranha architectura, quando o proprio peso dos materiaes ameaçou desmoronar a machina. Plumaz, enormes tufos de plumas, tufos de gaze dispostos com arte, eram pregados no enchimento interior, na invisivel guarnição de crina; e como esta trapalhada fazia assemelhar o alto da cabeça a um ninho, veiu a idéa de fixar-lhe objectos heteroclitos, pequenas teteias de cima de mesa, fructos, estatuetas, um theatrinho, pastores moinhos de vento, panoramas campestres." Ainda um terceiro testemunho, o mais longo, o mais minucioso, para exgottar o assumpto, que não deixa de ser interessante: "A allegoria reina no penteado, que se transforma em poema rustico, em scenario

1790



J. A. F. Co.
Sep 1915



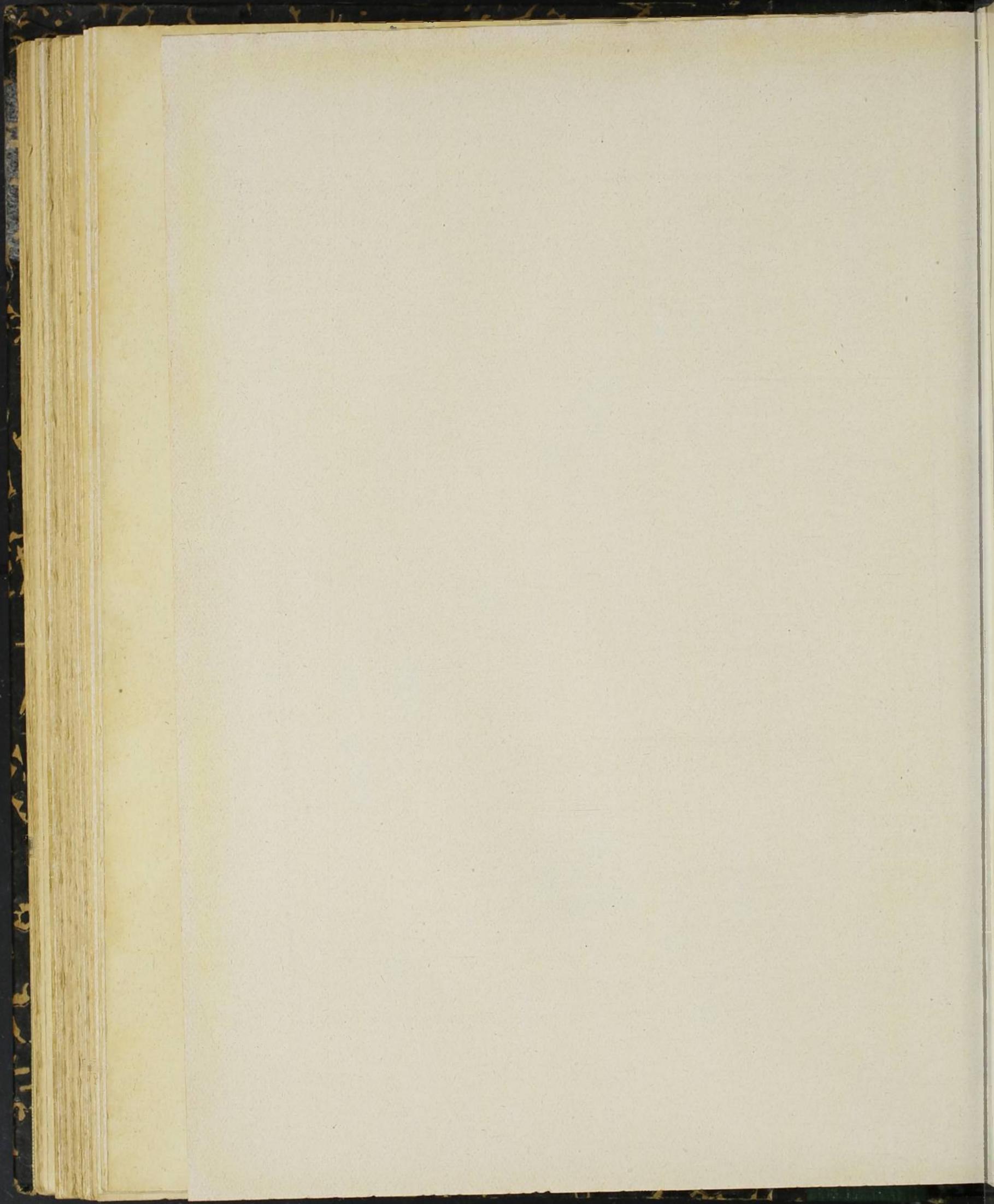
da Opera, em vista optica, em panorama. A moda exige as cabeças ornadas com jardins, estufas, vergéis, campos, hortas, e até lojas de ervanarios; groselhas, cerejas, maçãs, mólhos de grama, figuram nos cabellos ou nas toucas das mulheres. A cabeça da mulher se converte em paizagem, em canteiro, em bosquetes onde serpêam regatos, onde apparecem carneiros, pastores e pastoras. Ha toucas em "Terrazzo", em "Parque inglez". Esta loucura prodigiosa das accommodações compostas, machinadas, arranjadas em fórmula de quadros, desenhadas em illustrações de livros, em imagens de cidades, em pequenos modelos de Paris, do globo, do céu, o caballeiro Duppefort a descreve do natural na comedia dos "Pennachos", quando fala das elegantes que queriam trazer á cabeça o jardim do Palais-Royal com seu tanque, a fórmula das casas, sem esquecer a grande avenida, a grade e o botequim; quando fala de viúvas que lhe encommendaram um catafalco de gosto e pequenos Amores brincando com fachos do hymeneu, de mulheres que desejavam trazer todo o systema celeste em movimento: o sol, a lua, os planetas, o sete-estrêllo e a via lactea; amantes desejosas de mostrarem-se aos olhos do amante pintadas com um Bosque de Bolonha guarnecido de aninaes, ou de uma revista da Casa do Rei. E como achar que é exaggero, que é caricatura? Não disseram que Beaulard imaginou collocar sobre a cabeça da esposa de um almirante inglez o mar! um mar de Lilliput, feito de tufos de gaze, um mar com uma es-

quadra microscopica, feita de retalhos, a esquadra de Brimborion! e não se viu, no começo de 1774, nos salões, nos espectáculos, esse penteado incrível, “infinitamente superior, diziam, a todos os penteados que o precederam, pela multidão de coisas que entram na sua composição, e que todas devem ser sempre relativas áquillo que a gente mais estima”; não se viu o penteado do coração, o “Pouf sentimental”? Descrevamos, para dar uma idéa, o da duqueza de Chartres: Ao fundo está uma mulher sentada numa poltrona, segurando uma creança de peito, representando o senhor duque de Valois e sua ama. A’ direita, vê-se um papagaio debicando uma cereja, á esquerda um negrinho, os dois animaes queridos da duqueza. O todo é entremeado de madeixas de cabellos de todos os parentes de madame de Chartres, cabellos de seu marido, cabellos de seu pae, cabellos de seu sogro, do duque de Chartres, do duque de Penthièvre, do duque de Orleans! A voga é dos penteados falantes: eis, por morte de Luiz XV, os penteados á “Circumstancia”, que choram o rei por meio de um cypreste e de uma cornucopia collocada sobre um feixe de trigo; eis os penteados á “Inoculação”, em que o triumpho da vaccina é figurado por uma serpente, uma maça, um sol nascente, e uma oliveira coberta de fructos! Parece que a França desse tempo invejava as invenções da velha Roma, dos trezentos penteados da mulher de Marco Aurelio. Tentemos enumerar os que deixaram nome: os penteados á “Candura”, á “Frivolidade”, o “Chapéu



1795

J. A. P.
Op. 1915



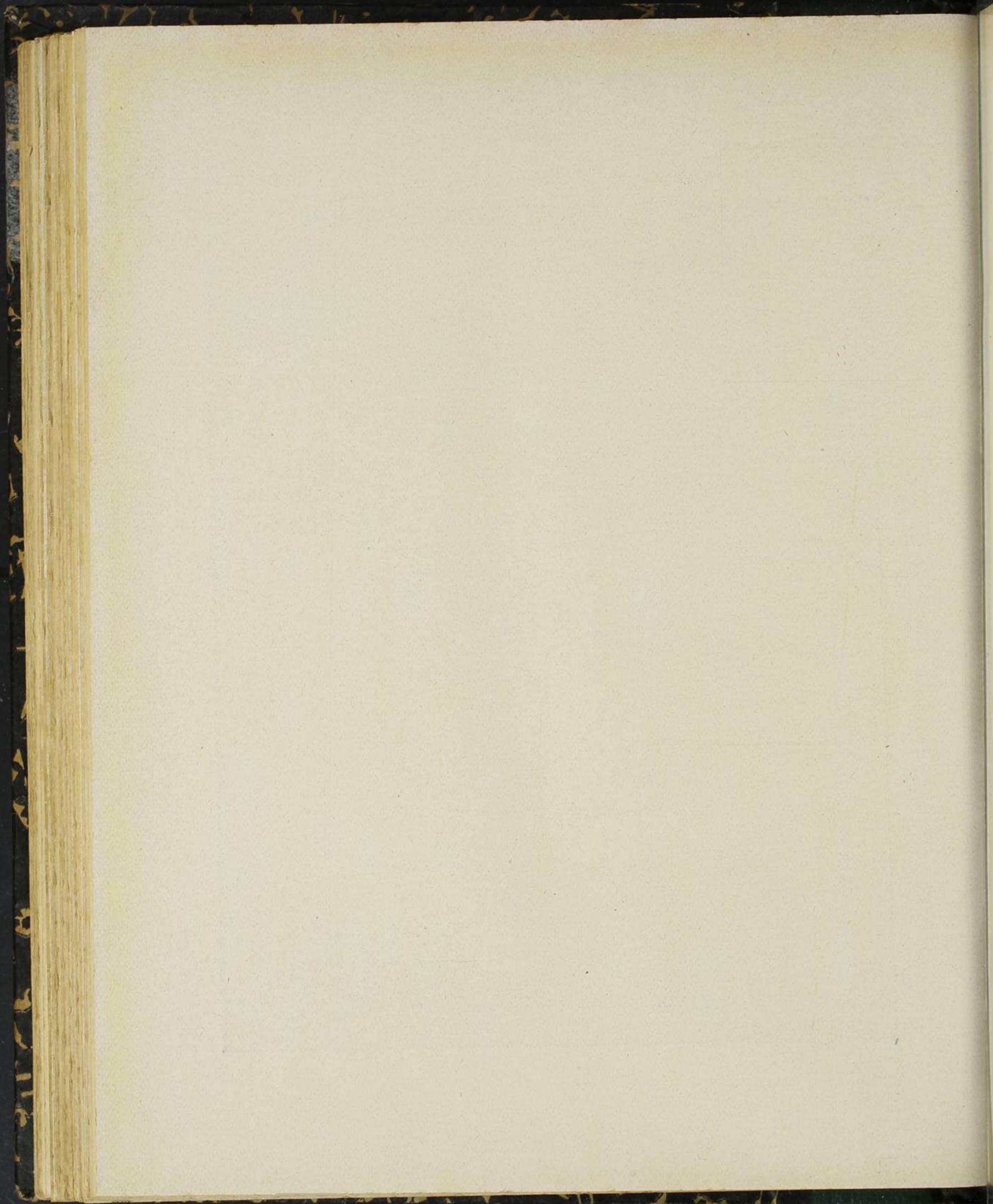
mosqueado”, a “Banhista”, o penteado das enxaquecas, a touca “Colyseu”, á “Gabriela de Vergy”, á “Cornucopia”; a touca do “Mysterio”, a touca da “Beijoca”, a touca da “Dorminhoca”, da “Christa de gallo”, do “Cão deitado”, chapéo á “Corsega”, á “Caravana”, o “pouf” da “Pulga”, da “Asiatica”, o penteado aos “Insurgentes”, figurando uma serpente tão bem imitada, que o governo, para poupar os nervos das damas, prohibiu a sua exposição. E’ o “capacete inglez”, ornado de perolas, a touca á “Rechonchuda”, a touca “Berço de Amor”, a “Bastiana”, a touca do “Presepio”, a touca “á la Belle-Poule”, com uma fragata a todo o panno; o penteado “Mappa-mundi”, desenhando exactamente sobre os cabellos as cinco partes do mundo; o “Zodiaco”, que espalhava sobre tafetá azul celeste o céo, as estrelas, a lua; o “Pennacho-guarda-sol”, que se abria, e garantia dos raios solares. São os penteados á “Minerva” e á “Flora”, á todas as deusas da antiguidade, os penteados baptisados por Colombe, Rancourt, Granville, pela Cleophila, por Voltaire e por Jeannot das Variedades. Ha ainda a “Parnasiana”, a “Chineza”, a “Calypso”, a “Thereza”, que é o penteado de transição entre o penteado da idade madura e o da velhice, a “Syracusana”, as “Asas de borboleta”, a “Voluptuosa”, a “Mimosa”, o “Gorro cabelludo”, finalmente, a “Caleche”. Por um instante, esta furia de penteados extravagantes era ameaçada, detida pela voga do “ourico”, um penteado relativamente simples, rodeando de uma simples fita os cabellos

levantados em pontas. Mas logo as modistas sobresaltadas, as lojas desertas, redobravam de esforços e de exhibição. A moda recrudesca mais louca e fazia subir a duzentas e trinta e duas libras um coque fornecido pelo cabelleireiro da Opera á Saint-Huberti. Eram novas sobrecargas, prodigiosos pennachos que enriqueciam os plumistas, que lhes valiam, de uma só vez, de uma unica cidade do estrangeiro, de Genova, onde a duqueza de Chartres mostrava seus pennachos, uma encomenda de 50 mil libras. Os andaines de cabellos subiam e subiam sempre: chegavam a exceder em altura aos penteados "Sobe-aocéo", figurados em grandes manequins expostos em agosto de 1772 num botequim da feira de Santo Ovidio, e que tanto fizeram rir o povo reunido alli. E' a época dos penteados tão majestosamente monumentaes, que as mulheres são obrigadas a vergarem-se dentro das suas carruagens, ou mesmo ajoelham-se; e as caricaturas francezas ou inglezas pouco exaggeram, quando pintam os cabelleireiros trepados numa escada, para dar a ultima demão, e coroar sua obra. A altura das portas dos aposentos mal póde dar passagem a esses edificios ambulantes, sujeitos a damnificarem-se por onde passam, quando Baulard intervem com um rasgo de genio, inventando os penteados mecanicos, que abaixam um pé em se tocando numa mola, para transpôr uma porta baixa, para entrar numa sege; penteados denominados á "Vóvó", porque preservam das reprehensões dos velhos: uma joven senhora se apresenta a elles, calca-



1795

J. A. G.
© 1915



da a mola, com o penteado baixo; volta-lhes as costas, e o penteado, num abrir e fechar de olhos, sóbe mais um pé, ou mesmo dois.”

Se quizerem mais, recorram ao “Tableau de Paris”, e ao “Nouveau Paris”, de Luiz Sebastião Mercier, que trata minuciosamente das modas até ao fim do seculo decimo oitavo. Mas não será fóra de proposito consignar que essas e quejandas excentricidades não eram impunemente apresentadas nas ruas. Algumas vezes a guarda suissa do jardim do Luxemburgo teve que mandar sahir certos individuos, para não provocarem escandalos, e os frequentadores do passeio publico do Palais-Royal vaiavam as vestimentas que ultrapassavam as raias do senso commun. Por aqui se verifica que até em ninharias taes a Historia se repete. Volvidos cento e tantos annos, passeantes das alamedas do Bosque de Bologna levavam surriada dos garotos, desta vez por uma razão diametralmente opposta á que condemnava as exuberantes crinolinas de suas tetravós, isto é, por demasiado esguias—a “jupe entravée” e a “robe collante”.

Não se supponha, todavia, que taes desmandos se generalizavam, sem nenhuma especie de excepção. Pelo contrario, justamente no declinio do seculo, certa classe de gente sensata adoptava vestuarios, que nada tinham de rebarbativos. Parece que por influencia da burguezia ingleza, cujos sentimentos

protestantes aconselhavam a sobriedade e a compostura, viram-se senhoras, trajando, com simplicidade, vestidos de mediana largura, constando de um corpete quasi afogado, com pequenas abas como as de um casaquinho, emendando, por detrás, com uma poloneza, sobre uma saia completamente lisa, e essa poloneza erguida na parte superior por um tufo, que dir-se-ia o precursor da anquinha. Na cabeça, penteados dos mais modestos, não empoados, nem sobrecarregados de ornamentos. Tal se vê, por exemplo, no quadro de Julio Goupil: "Ultimo dia de captiveiro de Madame Roland".

Com identica moderação vestiam os cavalheiros, que pelo mesmo diapasão afinavam suas idéas, entre outros os do partido celebre dos girondinos, sacrificados ao odio dos convencionaes, e que, segundo Dumas pae, que gostava de florear a Historia, marchavam para o cadafalso cantando:

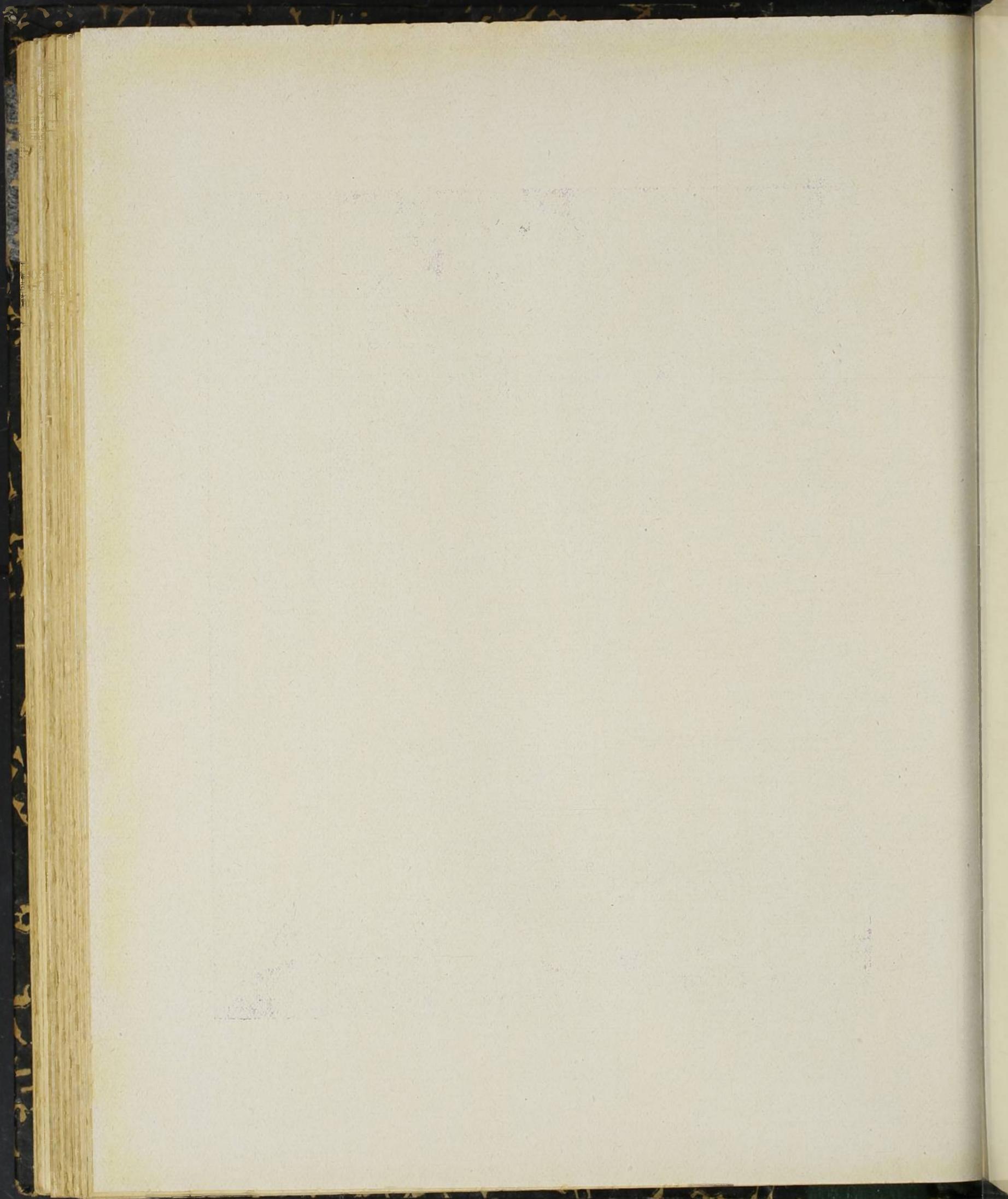
"Mourir pour la patrie,
C'est le sort le plus beau, le plus digne d'envie."

A sobrecasaca é muito menos farta que as anteriores: abre na frente, tem as abas um pouco chanfradas, já se approxima um tanto do nosso fraque. A proposito, hão de permittir que abra aqui um parenthese, para uma explicação conveniente. Seguimos a moda franceza, é certo, mas emquanto á nomenclatura de algumas peças de roupa, divergimos: o francez chama "frac" ao que nós chamamos



1800

J. A. G.
Cop. 1915



“casaca”; chamamos “fraque” ao que o francez intitula “jaquette”; a nossa “jaqueta” para elle é “veste”; aquillo que distinguimos como “paletó”, o alfaiate parisiense dirá que é “veston”, e intitulará “paletot” o que na nossa lingua designamos por “sobretudo”. Mas bem: essa sobrecasaca chanfrada, vizinha do fraque, tem ás vezes, cobrindo-lhe os hombros, uma, ou duas, ou tres, sobrepostas, murças ou cabeções, como os dos ecclesiasticos, ou como nos capotes dos cocheiros londrinos conhecidos por “carricks”. E’ abandonado o chapéo de tres bicos por outro de abas pequenas e copa alta, afunilada, sem nenhum enfeite mais que a fita presa por fivela de metal. Como as posses dessa gente não lhe proporcionam os meios de andar de carruagem, ou de cadeirinha, elles se defendem da lama das ruas não calçadas, calçando botas altas até ao joelho. O collete parou decididamente na bitola em que havia de ficar para sempre.

A Revolução, em tudo e por tudo foi uma revolução: revolucionou a ordem social, revolucionou os costumes, revolucionou os vestuarios. Até então, só as pessoas gradas entretinham as modas: o povo baixo cingia-se á andaina de roupa sempre talhada pelo mesmo padrão. Agora, as coisas mudaram: fôram-se os “ci-devant” nobres; os “sans culotte” subiram a “citoyens”; somos todos um: “liberté, égalité”. Cada cabeça, cada sentença... emquanto não

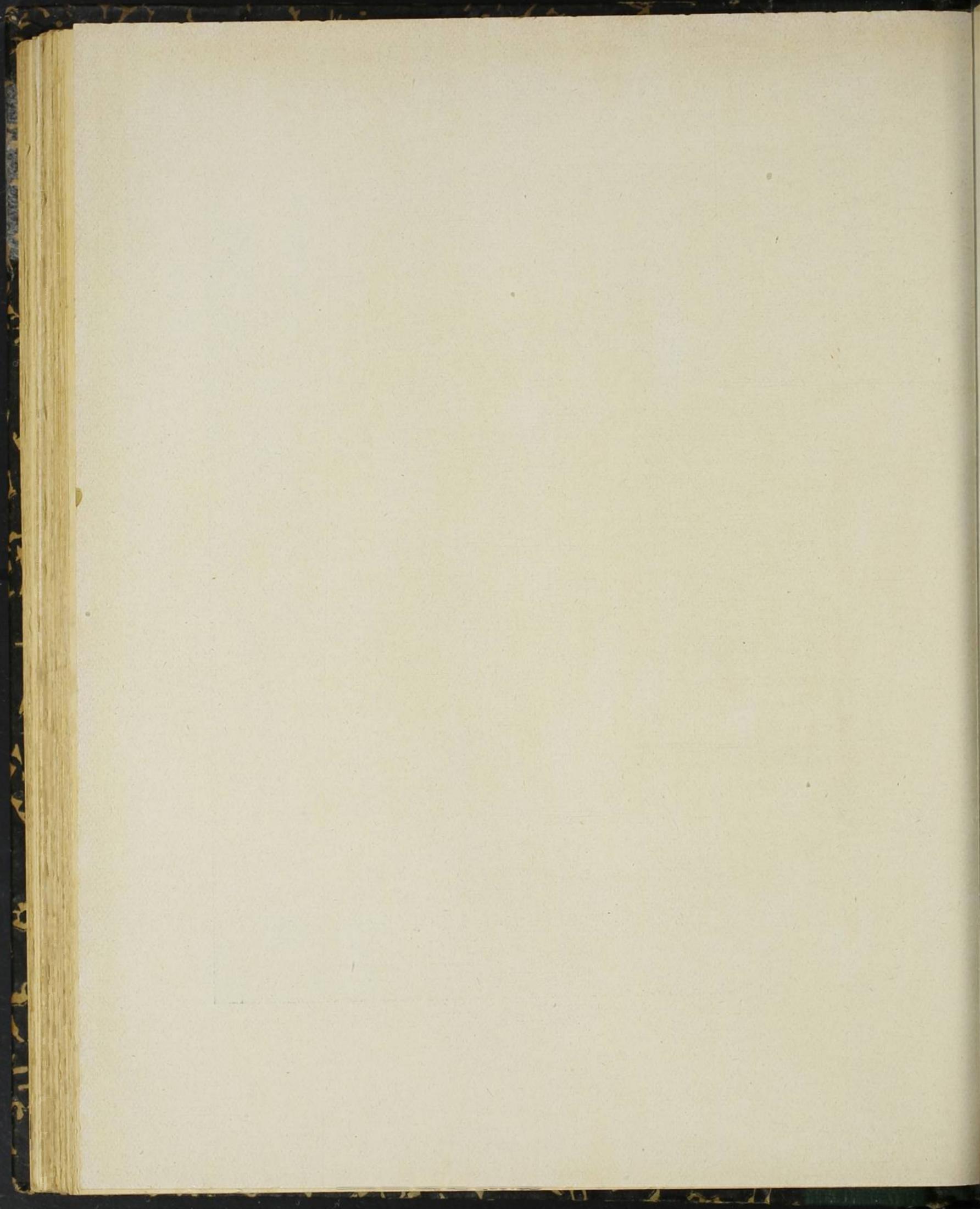
lhe chega a vez de ser decepada pelo carrasco, e atirada á fatal cesta de vime acolchoada de serradura empapada de sangue. E porque na politica, no governo, todos queriam mandar e ninguem se entendia, nas modas tambem campeava a anarchia, a desordem, a confusão. Os historiadores desses dez annos de agitação e de indecisão, concordam em reconhecer que a moda "variava com a opinião publica", e Deus sabe quanto a opinião publica variava de manhã á noite, de hora em hora; que a historia do traje parisiense, no prazo em que a nação transitava da Constituinte á Convenção, da Convenção ao Terror, do Terror ao Directorio, do Directorio ao Consulado, "tem de ser acompanhada de anno em anno, de mez em mez, cambiando mesmo em um só dia".

Tornar-se-ia, por conseguinte, demasiado enfiadinho, e mesmo assás complicado, tentar, no meio dessa barafunda, a enumeração dos variados modos de trajar de uma multidão desvairada, entregue á paixão de destruir, sem um programma definido de reconstrucção. Comtudo, merece a pena destacar as figuras, acima de todas notaveis por sua grutesca apparencia, da facção que, ao tempo do Directorio, se fazia distinguir pela alcunha de "merveilleuses" e "incrovables", e que seriam supinamente caricatos se não fossem sinistramente macabros, constituindo-se em emblema do ridiculo, quando em torno delles tudo fazia presagiar um futuro carregado de males e desastres. "La fille de Madame Angot", a opereta



1800

J. A. G.
Sep 1915

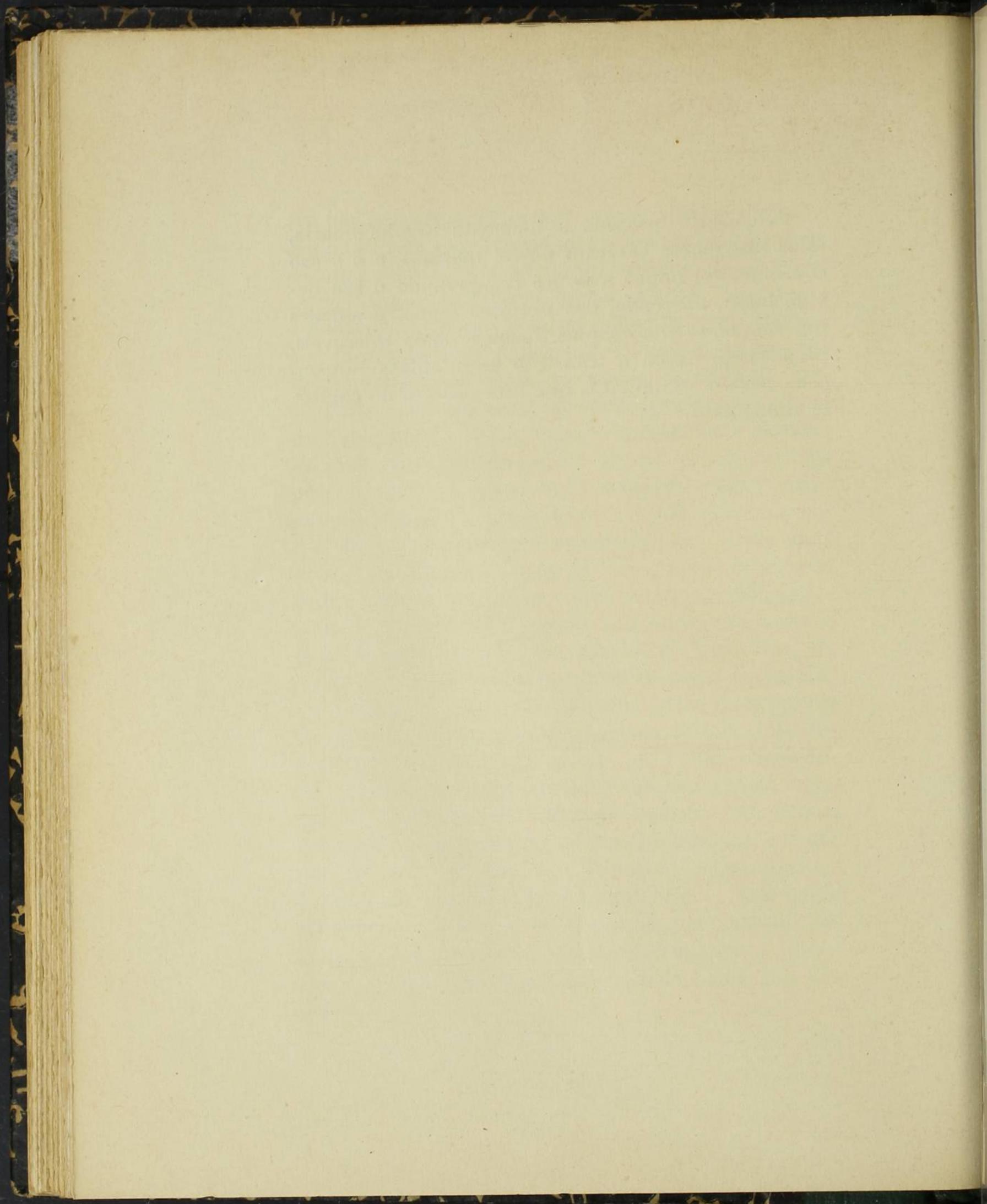


famosa, poz em scena esses dois personagens typicos, encarnados em Mademoiselle Lange e no conspirador Trenitz, cujos figurinos foram desenhados por Grévin. A “merveilleuse” pretendia arremedar a mulher da antiguidade grega, mas a severa tunica, o peplo solenne, eram substituidos por um vestido esguio, aocmpanhando as fórmãs do corpo, com a cintura logo abaixo dos seios, uma cauda enorme, e a saia fendida ao lado, deixando á mostra grande parte da perna. Na cabeça, sobre os cabellos encaracolados, os chapéos, ou capotes, chamados “cabriolés”. Maneiras affectadas e espaventosas, olhares impertinentes, através de lunetas de um feitiço especial.

Incriveis, elles o eram, os taes “incroyables”, pois pareceria incrivel que homens em seu perfeito juizo se enjorcassem de uma tal maneira, conspurcando a dignidade do sexo. Imagine-se um chapéo armado, ou chapéo bicorne, de desmarcadas proporções, sobre uma cabelleira chamada de “orelhas de cachorro” por penderem, dos dois lados do rosto, duas melenas desgrenhadas, escorrendo até ao peito; ao pescoço, enrodilhado até ao queixo, um lenço, ou gravata, dando muitas voltas, e atando num enorme laço pontudo; o collete, de traspasso, tão curto quanto é curta a cintura das “merveilleuses”, abotoando, por consequencia, e com dois botões somente, logo abaixo dos sovacos, mas, em compensação, expandindo-se nos dois triangulos de uma gola immensa, deitados sobre os dois pannos, ainda maio-

res, da gola de uma casaca, cujas abas, estreitas e afinando para as extremidades como as duas laminas de uma tesoura, vão até perto dos pés. Os calções, estreitissimos, collados á perna, são de "alçapão", e atados nos joelhos com laços de fita. Dos joelhos aos tornozellos, ou pouco antes, descem umas perneiras, apertadas sobre as meias, terminando em sapatinhos, ou escarpins, de verniz preto, e de entrada muito baixa. O supracitado collete curto abotoava sobre um segundo collete, de que só appareciam pequenas porções em cima e em baixo, e daqui emergiam, bailando de um e do outro lado, sobre o ventre, duas "chatelaines" espalhafatosas. Das duas mãos, mettidas em luvas vistosas, uma apoiava-se numa bengala, ou antes, num cacete, de bôa grossura, e retorcido em espiral, e a outra empunhava uma singular luneta, em fôrma de forquilha, de modo que o individuo, ao servir-se della, enganchava o nariz no intervallo deixado pelas duas hastes divergentes. Toda esta disparatada fatiota é de côres berrantes, de largas listras, de botões coruscantes. E não contentes em fazer tão degradante figura, os "incroyables", além de falarem em termos rebuscados, supprimiam os "rr", mudavam o "ch" em "s", e o "g" em "z": "Bonjou!... bonjou!... Toujou de plus en plus chamantes... ma paole d'honneu... Gloie a la déesse de cet avissant sejou... C'est incoyable, ma paole d'honneu... Bonjou!..." diz Trenitz a Mademoiselle Lange e a Cydalisa.

Felizmente, passada a tormenta revolucionaria, estas aberrações cahiram por si mesmas, e o senso commum foi pouco a pouco recuperando o seu devido logar, nascendo, das proprias monstruosidades um momento dominantes, fórmias mais, toleraveis, preparando assim a transição para outras innovações, para o seculo XIX, que fará objecto do capitulo immediato.



IV

1801 a 1900

A aurora do seculo XIX annunciava o nascimento de um novo astro, uma estrella de primeira grandeza, que derramaria sobre o mundo intenso clarão, clarão rubro de batalhas, de conquistas, de ambições, de orgulho. Bem succedido na carreira das armas, Bonaparte, aproveitando a oportunidade que o fazia abitro dos destinos da França, fez-se coroar imperador. Numa côrte composta de "parvenus", de "arrivistes", como agora se diz, de sargentes arvorados em duques, principes, e até reis, de saloias guindadas a grandes damas, o gosto não seria, muito provavelmente, dos mais apurados: o que se queria era brilhar, offuscar, ostentar. Assim o demonstra o vasto painel da coroação de Napoleão 1º que se encontra no museu do Louvre. Elle proprio deu o exemplo á mascarada, trajando á imitação dos cesares romanos, e o seu pessoal, mettido em fardões agaloados e bordados, cobertos com chapéos emplumados e empennachados, dava idéa de

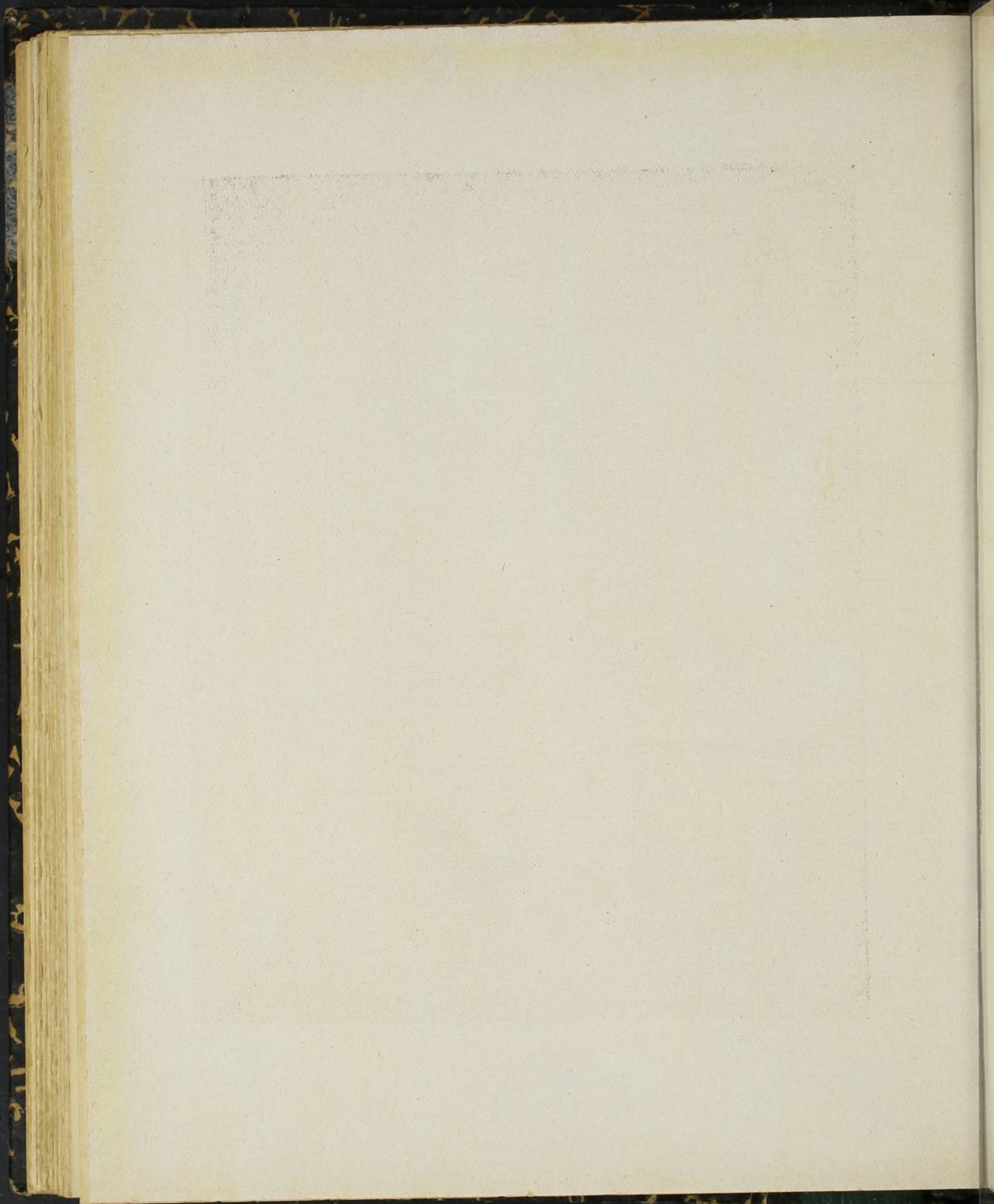
uma companhia de cães sabios, ou de macacos ensinados a dançar a som de realejo. Fôra desse ambiente de aparato pesado e feio, a moda hesitava ainda. E' bem possivel que o novel monarcha, que em tudo queria metter o bedelho, e tudo queria que lhe passasse pelos olhos, dictando, sob os muros de Moscou, o decreto regulamentando a Comedia Franceza, militarizando, caporalizando todas as coisas, pretendesse estabelecer um padrão uniforme, um figurino official, pelo qual vestissem todos os seus subditos, o que aliás já fôra tentado, logo no começo da republica, pelo convencional Robespierre, que disso encarregou o pintor Luiz David, exactamente o mesmo a quem por ventura o imperador incumbiria a tarefa, por isso que o artista, republicano exaltado, acabou bonapartista fervoroso, e, de um pincel oportunista, tanto immortalizou Marat como en-deusou Napoleão. Mas nem tudo pôde o despotismo, e a moda, despota dos despotas, zomba de quantas regras lhe queiram impôr, que não sejam as de seus proprios caprichos e phantasias.

Nos primeiros annos do seculo passado, a mulher conservava o vestido talhado á maneira grega, que as faceiras da republica tanto imitaram, até chegarem ao exaggero da "merveilleuse", e agora, menos ridiculo, continuava, entretanto, a ser a estreita tunica, bem decotada, atada em baixo dos braços por um cinto bordado de pedrarias, de mangas tufadas no alto e descendo depois justas ao braço até cobrir a mão; penteado, tambem á grega, enrolando-se o



1805

J.A.F.
©p. 1915



cabello geralmente num “pitó” circulado por uma fita, um fio de perolas ou um diadema.

Os homens, porém, abandonaram os desmandos dos “incroyables” e dos “muscadins”, trocando-os por fatos mais austeros e ponderados: a sobrecasaca bastante longa, o collete afogado, as botas altas. Todavia, procedente daquella sucia de doidelas, fer-teis em imaginar coisas desagradaveis á vista, vemos entrar em scena, para pouco a pouco fixar-se definitivamente nos usos masculinos, o horrendo, o monstruoso chapéo de copa alta, de pêlo de sêda ou de massa, a cartola, o penante, a cantimplora, ordinariamente de côr preta, e algumas vezes de castor alvadio, ou de longos pêlos cinzentos, nesse caso designados pela alcunha de “carneiro”, pelo que os garotos, nos logares publicos, o acolhiam aos gritos: “Mé! mé!” Mas o bruto a tudo resiste: com maior ou menor altura, variando alternadamente de formato, afunilado de baixo para cima á semelhança de um defumador de borracha, direito como um tubo de chaminé, alargando-se como a bocca de um bacamarte—o que o francez chamava “tromblon”—aba larga ou exigua, curva ou chata, elle atravessa os annos, transpõe a fronteira de um para outro seculo, e fica, de vez, considerado, na cabeça dos homens civilisados, o ornato supremo, para os actos solennes, para as cerimoniaes officiaes, sempre feioso, estúpido, incongruente...

, Se formos a assignalar ao Brasil os seus fóros de tributario da moda, seria aqui opportuno estudar

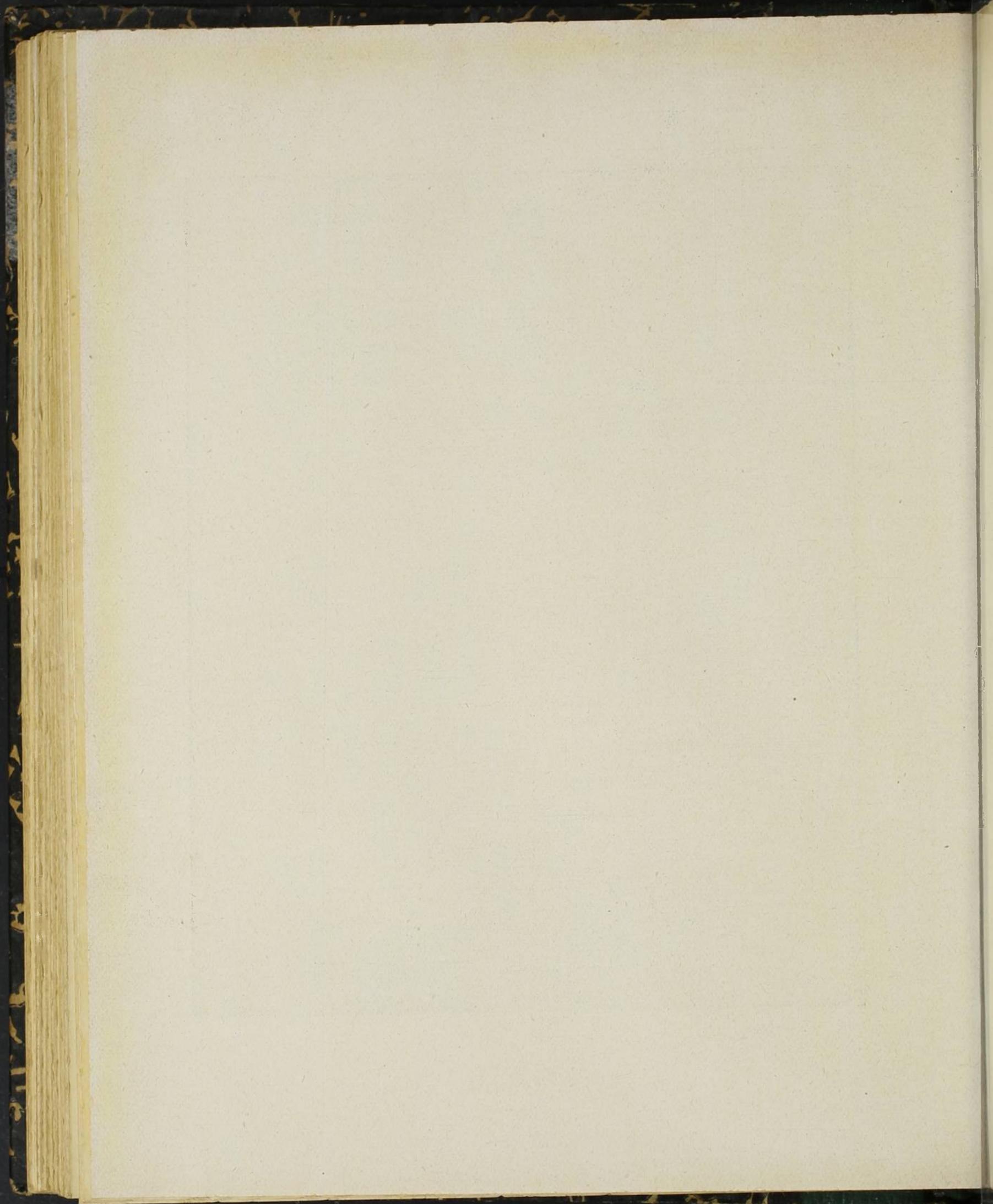
qual a influencia nesse sentido exercida sobre a nossa sociedade embryonaria pela chegada ao Rio de Janeiro de dom João VI e a sua côrte, fugindo espavoridos, numa carreira desabalada do Tejo ao Guanabara, á invasão das tropas napoleonicas commandadas por Junot. Mas a côrte de dom João VI não tinha, ao que parece preocupações de elegancia e de apuro, que a vinculasse á Historia como um exemplo typico. Pensava ella antes em fartar o bandido do que em frivolidades de vestuario e quejandas insignificancias, consoante nos ensina um historiador patricio, quando escreve que “a prodigalidade era grande e a dispensa ou “ucharia” da côrte, de que se mantinha a turba innumeravel dos criados, consumia, só ella, seis milhões de cruzados”. Carlota Joaquina, não obstante a fama pouco respeitavel que deixou, é de crêr que considerasse dispensavel, para o effeito de seus escandalos, cuidados demasiados em sua pessoa. O marido, esse não se lhe dava de entrajarse mal e descuidadamente, comtanto que o deixassem fungar o seu rapé, do qual se alguns pingos lhe emporcalhavam o peitilho da camisa, não seria porque sacrificasse ao gosto do dia, que achava uma nota de alto catitismo em salpicar de grãos de tabaco de Espanha os bofes de rendas. Como quer que seja, quem quizer conhecer dos trajos de então, procure orientar-se pelos desenhos do natural, com que o francez João Baptista De Bret illustrou a noticia de sua viagem ao Rio.

Aliás em nenhuma época da nossa existencia de



1805

J. A. S.
Cop. 1915



civilisados se viu baixar das alturas governamentaes o padrão da moda. Dom Pedro I, posto um escriptor moderno lhe attribúa “predilecções casquilhas”, não era, certamente, nenhum janota; sua primeira esposa, a archiduqueza Leopoldina, não cogitou talvez de exercer a soberania da elegancia conjunctamente com os attributos do throno, e outrotanto succedeu com a segunda, a princeza Amelia de Leuchtenberg. Nem sequer á Domitilia, marqueza de Santos, concubina imperial, metteu-se-lhe em cabeça dominar por esse lado. Conhecemos todos nós sobejamente os habitos chãos de dom Pedro II, da imperatriz Thereza Christina, e das princezas suas filhas, comprazendo-se na salutar obscuridade das virtudes domesticas, para os julgar capazes de se entreterem com taes futilidades; e nesse particular, elogio igual cabe ás familias dos cidadãos, que se têm succedido na presidencia da republica. Segue-se, portanto, que, no assumpto, jamais innovamos, nem inventamos de nossa conta: somos e seremos tributarios do estrangeiro. Este paiz essencialmente agricola, em artigos de modas é essencialmente importador.

Por volta de 1820, mais ou menos, prepara-se outra grande transformação no modo de trajar. Bonaparte cahiu, com tanto estrepito quanto havia subido; seguem-se os reinados ephemeros de Luiz XVIII e Carlos X. Sumiram-se os modelos greco-romanos,

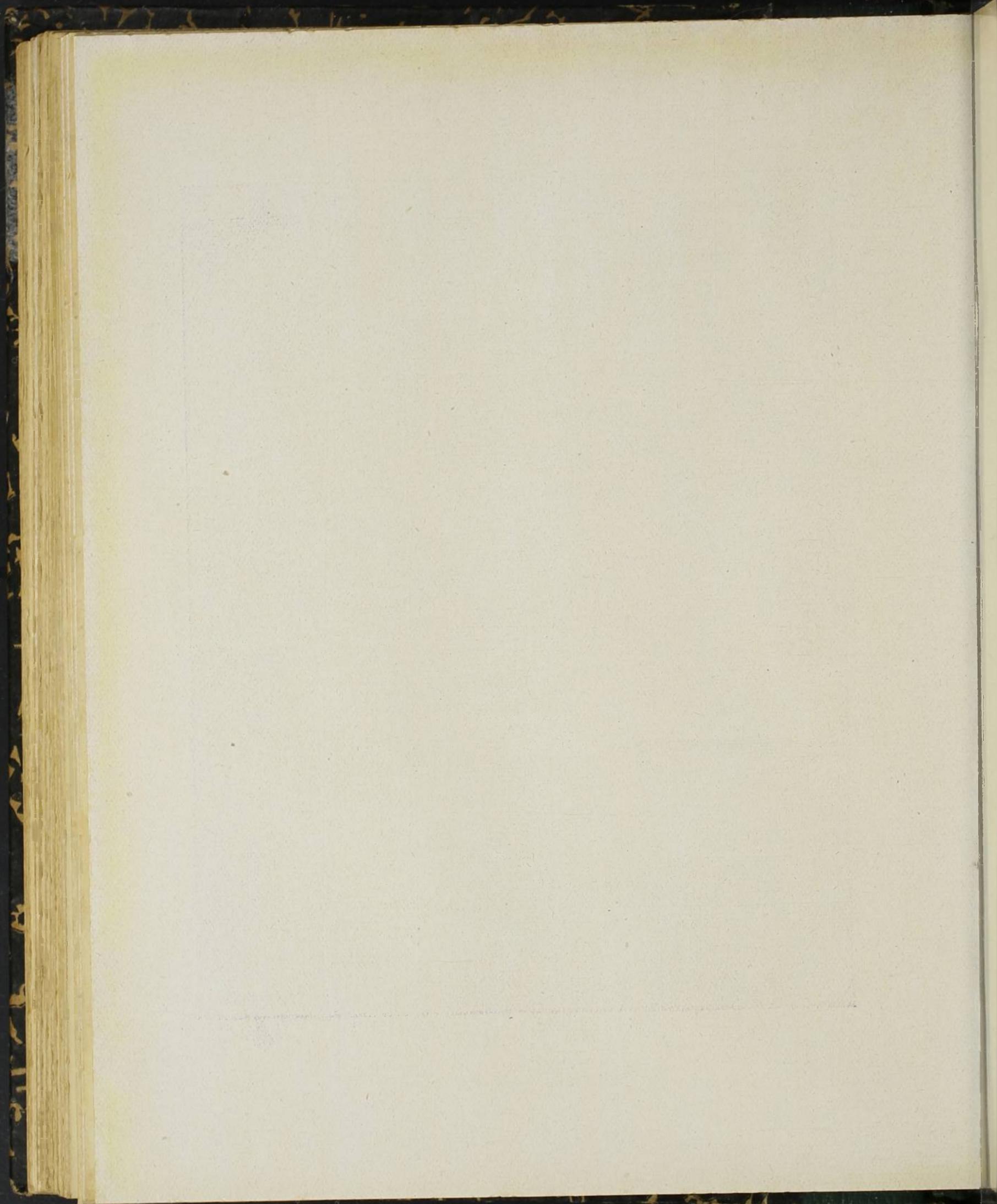
preferidos de Madame Recamier, languidamente estendida num sofá, tal o retrato exposto no muscu do Louvre, pousando para a "Corinna" de sua amiga Madame de Stael. E' a época em que o genio de Balzac dá vida ás heroínas da "Comedia humana": Madame Birotteau, Eugenia Grandet, a viscondessa de l'Estorade, Modesta Mignon. Mas se estamos numa phase de transição, melhor será passarmos immediatamente ao anno em que as novas fórmulas adquiriram feição decisiva.

1830 marca o advento de Luiz Philippe 1º, e a gloria do romantismo. Como producto de um governo, cujo chefe se revelou um pacato burguez, a quem a critica dava por sceptro um guarda-sol de panninho, as vestimentas de então nem por isso deixaram de recommendar-se pela graça do córte e pela feliz escolha das fazendas, conquistando por isso um dos melhores logares na historia das modas, nos poucos momentos em que ellas têm mostrado sensatez e bom gosto. Os vestidos faziam-se em tecidos ligeiros e claros, o "chaly", o "organdi", de côres suaves, com barras ou folhos bordados ou estampados de flores e desenhos delicados. Tudo era proporcionado e harmonico. O decote não offendia a decencia, o corpete tinha a cintura em seu devido lugar, nem muito sungada, nem demasiado comprida; as mangas, curtas, e em tufos; a saia, sem chegar ao chão, era de largura regular, tendo na beira

1820



J. A. F.
© 1915



uma série de folhinhos sobre postos, e permittindo vêr os sapatinhos de verniz, seguros por fitas cruzadas sobre o peito do pé calçado de meias brancas. Completava este engraçado traço um penteado feito de laços do proprio cabello, ladeados por pequenos caracões. Salvo alguns typos de chapéos, que destoavam, ás vezes, deste conjuncto agradavel, e, sob esse ponto de vista, faziam menos feliz o gosto da época, as damas que assim se vestiam e penteavam, tinham um ar encantador de frescura e mocidade. Nada pôde apeal-as desse galante pedestal. O caricaturista Gavarni, um dos maiores mestres nesse difficil genero de arte, metteu-as á bulha, mas sem transformar-lhes as linhas geraes.

O periodo romantico abrangendo, mais ou menos, a primeira metade do seculo XIXº, não se pôde dizer que logo em começo os homens trajassem por fórma a indicar a influencia das novas idéas na sua maneira de vestir. A não serem os escandalosos colletes vermelhos, com que Theophilo Gautier, para metter ferro aos adversarios, se apresentava no theatro, onde renhidas se travavam as batalhas entre os defensores da agonisante arte classica e os partidarios dos dramas de Victor Hugo, nada de extraordinario se notava na simples sobrecasaca de gola de velludo, no peitilho de cassa da camisa, no rosto escanhado e ornado de um par de "costeletas" summamente pacificas. Mas o calção curto pelo joelho desaparece, para só se admittir nas cerimoniaes palacianas, como ainda hoje é obrigatorio na cõrte

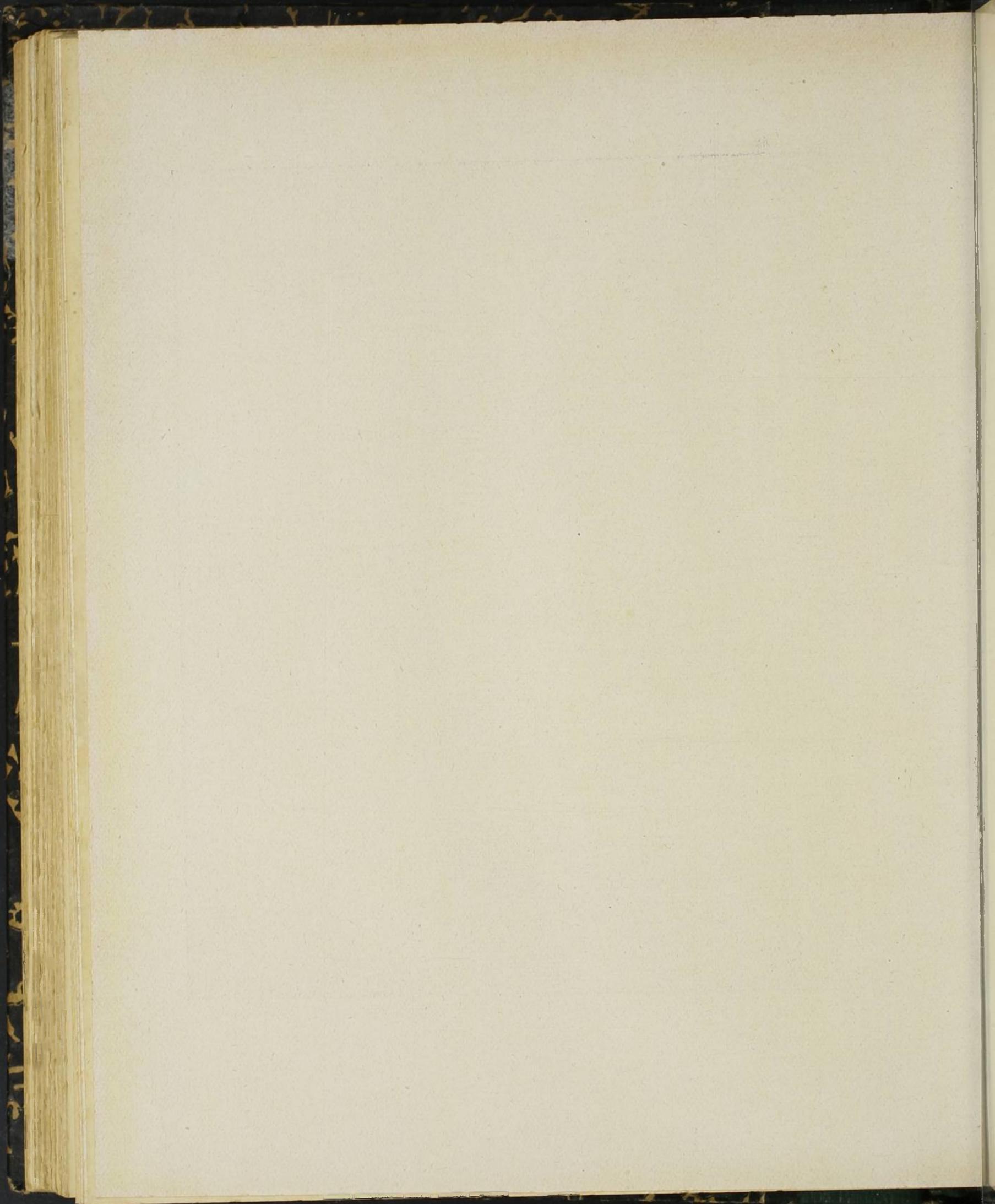
ingleza, ao ponto de por ocasião da visita do presidente Loubet, ser preciso que um decreto especial o libertasse desse dever protocollar. Convem, todavia, observar que o uso da calça comprida viera pouco a pouco se introduzindo desde a Revolução. Os energúmenos que passeavam pelas ruas de Paris a cabeça da princeza de Lamballe espetada no ferro de um chuço, vociferando a “Carmagnole” e o “Ça-ira”, traziam umas pantalonas, que foram as progenitoras das calças actuaes.

Da ardorosa combatividde humana, o romantismo resvala para o lyrismo de Lamartine, de Vigny, de Musset, para a sentimentalidade da Dama das Camélias, para o sensibilismo de Murger com a sua “Mimi Pinson”, ou para o desespero que veiu de lord Byron autobiographado em “Childe-Harold”, ao “Antony” de Dumas filho. Vemos, então, o janota de 1830, ora imitando o soberano reinante, com as “costeletas” um pouco mais fartas que suas predecessoras de dez annos atraz, no alto da cabeça uma trunfa, ou topete, de cabellos frisados; ora innovando o bigode, por tanto tempo proscripto, acompanhando-o dessa coleira de barba rodeando o queixo, e que em lingua portugueza se designa pelo nome pouco limpo de “passa-piolho”. Elle traz um fraque com portinholas, cujas abas são de mediano comprimento; a calça, um tanto estreita, descansa bem sobre o peito do pé, e é segura por presilhas, que passam por baixo das solas das botinas. Collete claro pintalgado; gravata dando duas ou tres voltas



1820

To/16
27 1/2"
Cop. 1915



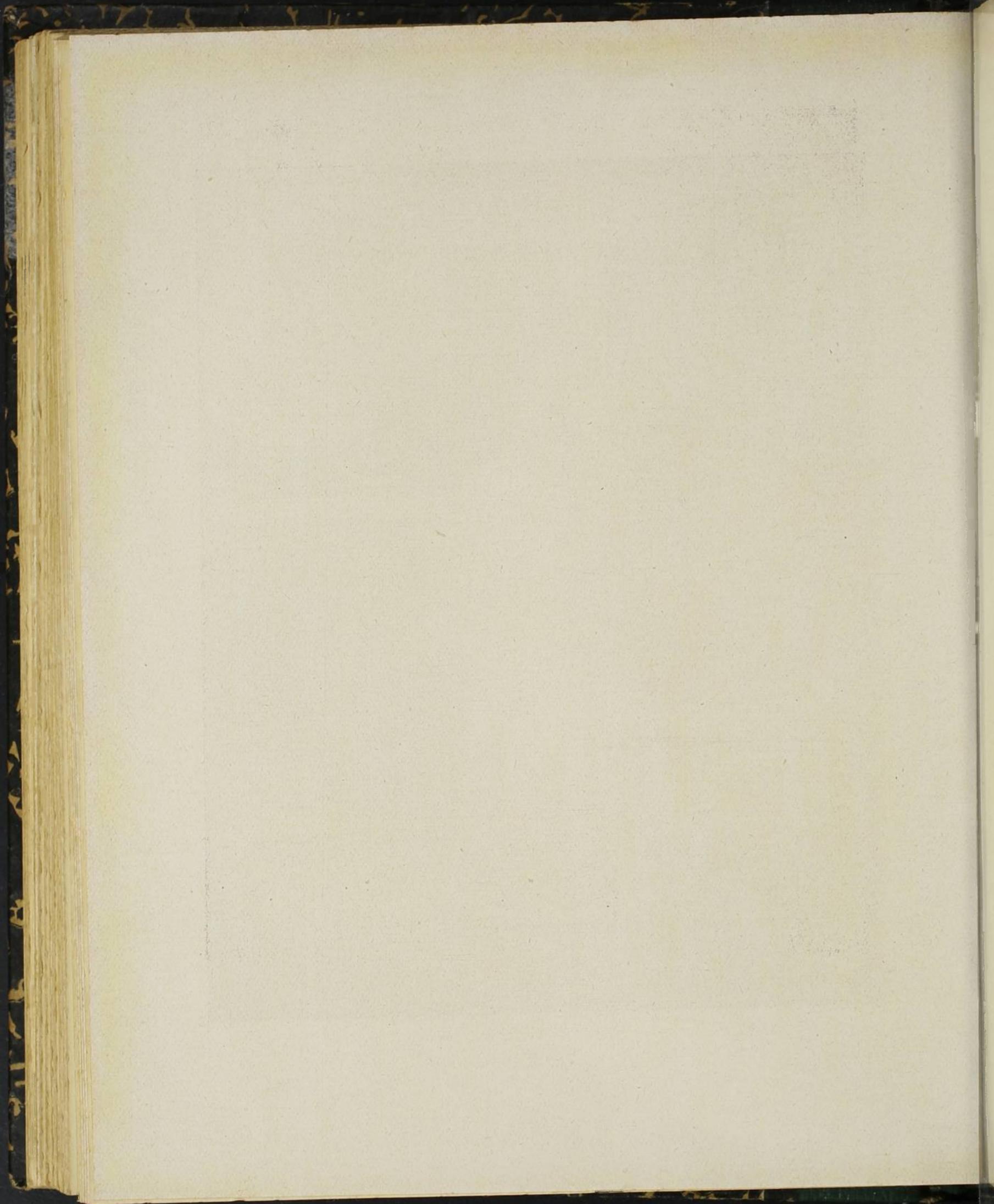
em redor do pescoço, e atada em um largo laço. Como chapéo, sempre o horripilante cano, umas vezes perfeitamente cylindrico, outras vezes adoptando a configuração de um pão de assucar.

E' opportuno, neste momento historico, registrar o advento do "dandysmo". Como em todas as épocas, a gente da moda tinha sua denominação especial. Os do romantismo eram os "leões", e ellas as "leôas". Consulte-se, a proposito, "As leôas pobres", de Emílic Augier. Mas não tardou que o "dandy" sobrepujasse o "leão", isto é, o sceptro das elegancias masculinas atravessou o estreito e, definitivamente, passou ás mãos dos inglezes. Musset imitava Byron, Byron imitava Jorge Brummell. Jorge Bryan Brummell foi corneta de um regimento de hussardos, commandado pelo principe de Galles, depois Jorge IV da Inglaterra (1820 a 1830), que o tomou para seu favorito. Por sua maneira de trajar, seus gestos apurados, sua polidez estudada, veio a ser o modelo da aristocracia britannica, sob o titulo de "rei da moda". Realeza essa que, uma vez estabelecida no Reino Unido, nunca mais dahi sahio, antes subiu de importancia cada vez mais, sendo posteriormente exercida, com particular brilhantismo, por um principe de Galles em pessoa, que não se desdenhava de assumir, entre as varias prerogativas do herdeiro do throno, a de "lançar" o cóрте de uma sobrecasaca, o feitio de um collarinho o formato de um chapéo, o padrão de uma calça, não abandonando taes funcções nem mesmo depois de

acclamado Eduardo VII, arbitro das elegancias e arbitro da paz do mundo. Se a França teve, pelo tempo adiante, um principe de Sagan, barão de Talleyrand-Perigord, notavel pela excessiva largura do cardoço de sêda preta com que prendia o seu monoculo; um Barbey d'Aurevilly escandalizando a burguezia com a excentricidade das suas fatiotas; um Carlos Le Bargy colleccionador de gravatas; um André Brulé introductor do collete de piqué branco de um só batão—são pequenos accessorios, novidades insignificantes, que não conseguem nem por sombras abalar a supremacia ingleza concernente ao vestuario do janota parisiense, tributario submisso da moda londrina. O “mignon”, o “petit-maitre”, o “muscadin”, o “incroyable”, passou a ser o “fashionable”. Os mais seguidos codigos do bom-tom, editados em Paris, recommendam, lá mesmo, casas inglezas que se estabeleceram na praça: Cook & Co., Sleator & Carter, e a English Tailoring Company, sob a gerencia de C. J. Cocks, e com a nota especial—“alfaiates inglezes em toda a accepção da palavra, córte irreprehensivel á ultima moda de Londres”...

E a ascendencia dos figurinos de Piccadilly e de Regent Street não se limitou ao continente europeu: transpoz o oceano, universalisou-se. Onde penetrava o byronismo, entrava ao mesmo tempo o dandysmo. E' o que se depreheende de uma das raras poesias humoristicas de Alvares Azevedo, o mais legitimo representante no Brasil da escola litteraria do auctor do “Don Juan”, intitulada “Namoro a cavallo”:





Circumstancia aggravante. “A calça ingleza”
Rasgou-se no cahir de meio a meio...

Por outro lado, não é preciso assignalar que, a partir do primeiro quartel do seculo XIX, o traje do homem civilisado fixou-se para sempre, e nunca mais variou, salvo ligeiras particularidades, que absolutamente não lhe alteram as fórmias essenciaes. Casaca, sobrecasaca, fraque, paletó, de gola fechada ou aberta, de cintura curta ou longa, de abas fartas ou chanfradas; colletes altos ou decotados; collarinhos em pé ou deitados; punhos de um ou de dois botões; camisa branca ou de côr, de peito liso ou pregueado; gravata de dar laço ou de laço feito, “borboleta” ou “regata”; calça “a balão” ou “estoque”, de bocca de sino ou de bocca estreita, com o vinco na frente ou de lado; chapéo cartola, chapéo de côco, chapéo “canotier”; botina, borzeguim ou sapato, de verniz, de couro amarello, de lona branca; bengala grossa ou fina, guarda-chuva “barraca” ou chapéo de sol “agulha”—é, em summa, “mutatis mutandis”, o mesmo fraque, o mesmo collete, a mesma calça, o mesmo chapéo, a mesma botina—uniforme, monotono, sem esthetica, sem pittoresco, sem graça, com o unico prestimo de servir de contraste para realçar a elegancia, a arte, a esbelteza do sexo feminino.

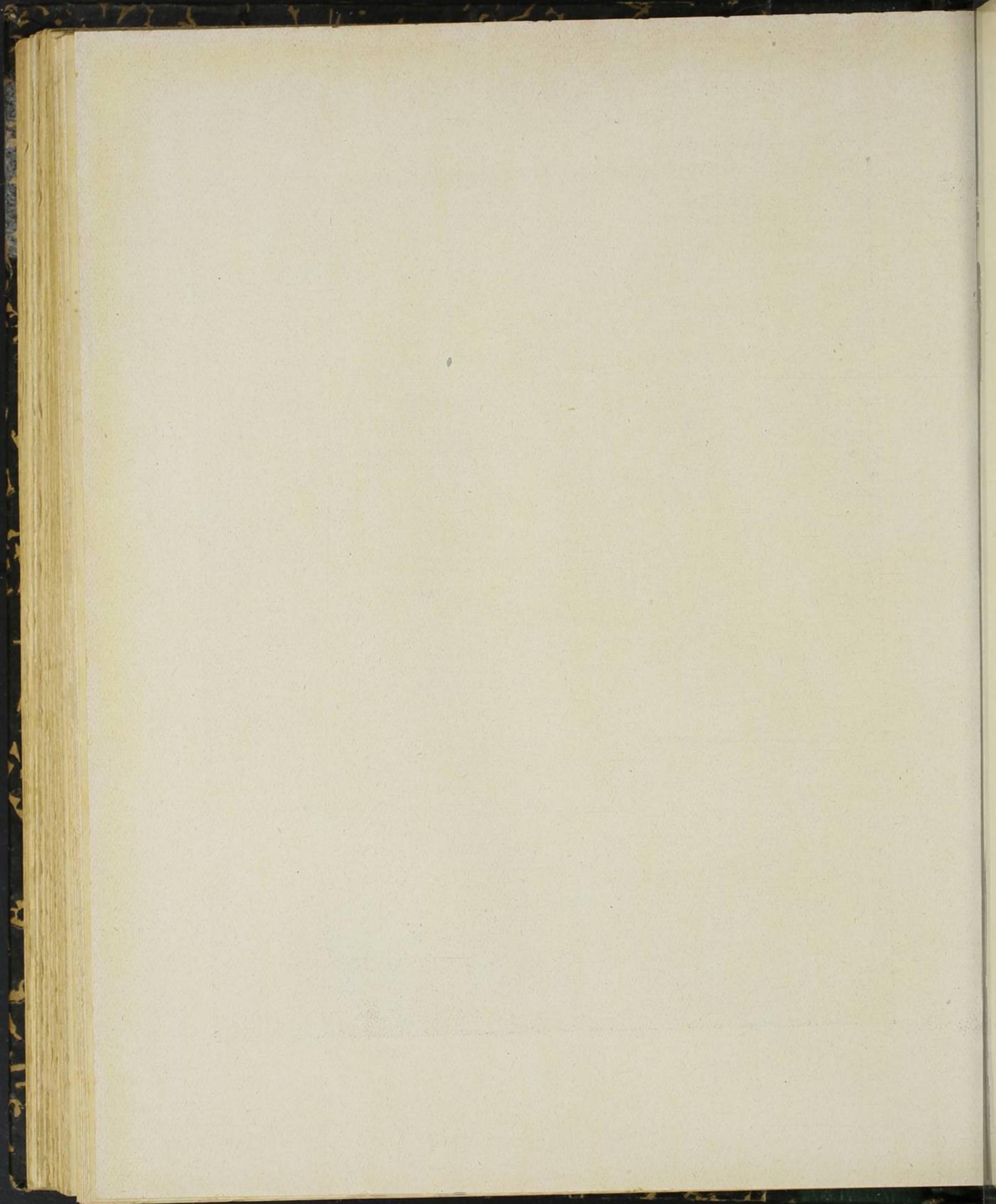
Entre 1830 e 1850, temos duas décadas de quasi completa estagnação em materia de modas. Nem

mesmo o advento da segunda republica, em 1848, republica de ephemera duração—apenas o tempo necessario para dissipar aos ventos das duras realidades da vida as utopias lyricas de um dos seus corypheus e ministro dos estrangeiros, Affonso de Lamartine, que sonhava alliar a poesia á politica — contribuiu para occasionar sensiveis mudanças nos padrões em uso. Apenas as saias gradualmente se fizeram menos curtas, tocando ao de leve no chão, mas sem cauda, raras vezes ornadas de folhos, ou com um só folho na beira, e outras vezes todas lisas: permanecia, portanto, a simplicidade burgueza, introduzida pela monarchia de julho.

Em 1850 refulge de novo a estrella dos Bonapartes. Do consorcio de um dos irmãos do fundador da intrusa dynastia — o que elle improvisára rei da Hollanda, e fizera casar com Hortensia de Beauharnais, filha de sua primeira mulher — nasceram tres rapazes, o terceiro dos quaes, por morte dos dois irmãos mais velhos, se investiu das prerogativas de chefe da familia, e, após varias tentativas infructiferas, atravessadas de aventuras picarescas — conspirações, deportações, prisões, evasões — para guindar-se ao poder, de que se considerava herdeiro directo depois do fallecimento do duque de Reichstadt, conseguiu, afinal, ser eleito presidente da republica sahida da revolução de 48. Pouco tardou que, com habeis manobras de pescador de aguas turvas, trans-

1830





formasse a simples poltrona presidencial em throno imperial, primeiro, por meio do golpe de estado de 2 de Dezembro de 1851, instituindo a dictadura, seguida da tragi-comedia de um plebiscito, que o acclamou imperador, sob o titulo de Napoleão III.

No começo do seu reinado, a França readquiriu o antigo prestigio, graças aos felizes resultados de algumas campanhas, na Criméa e na Italia, e á remodelação de Paris, sob a direcção do celebre barão Haussmann, prefeito do Sena, por processos mais ou menos parecidos com os que, meio seculo mais tarde, pôz em pratica no Rio de Janeiro o nosso Pereira Passos, fazendo daquella capital o attractivo dos estrangeiros ricos e ociosos, com grande vantagem para o commercio e a industria do paiz.

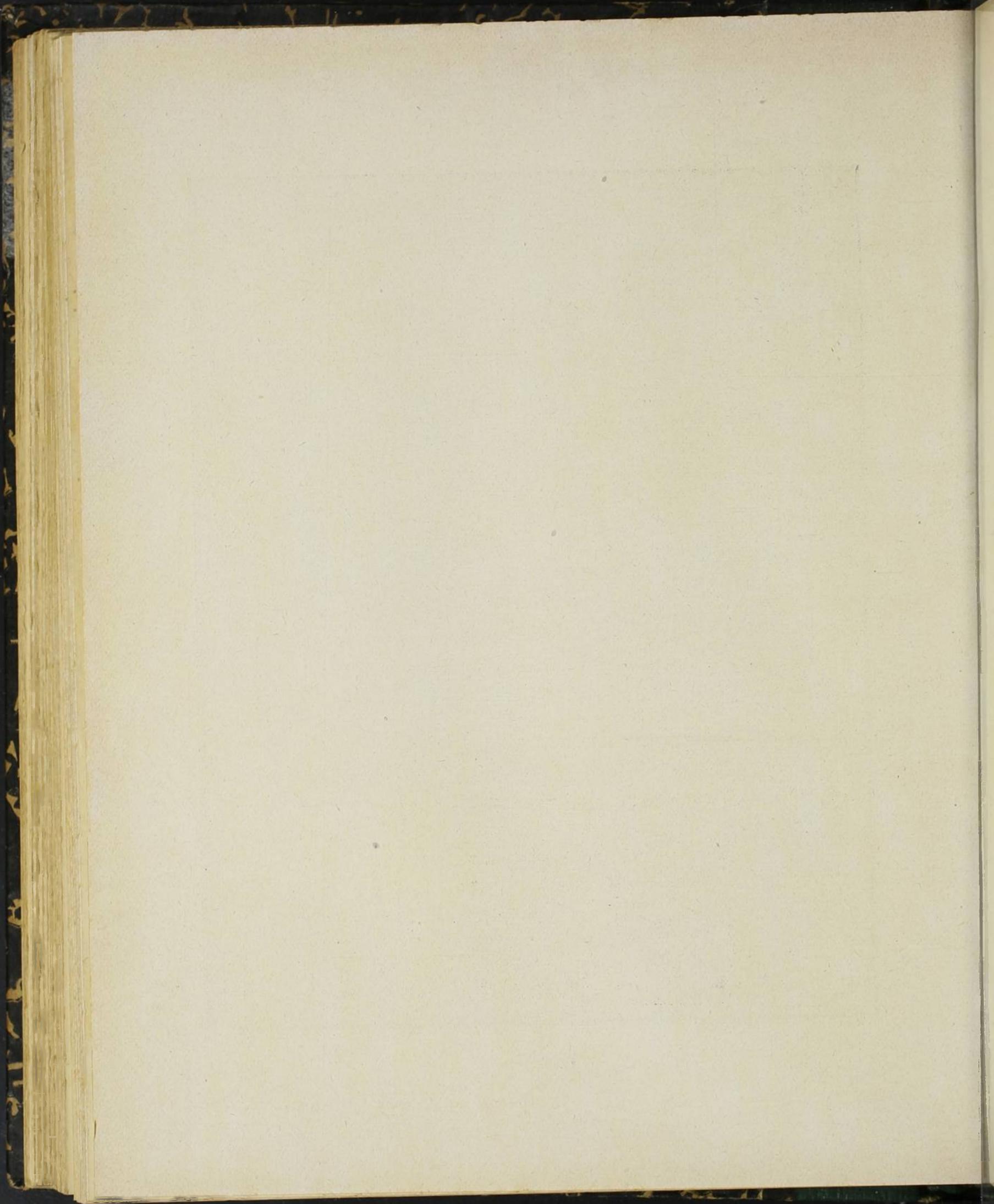
Sob o influxo do orgulho nacional estimulado pelos triumphos militares, e do desenvolvimento da riqueza publica, a moda sacudiu a apathia em que de ha muito se immobilisára, e entraram de apparecer novas creações, que dentro em pouco redundaram na mais radical refórma. Tanto as victorias recentes, como os embellezamentos da cidade, forneciam themes para as novidades nos tecidos e enfeites, e nas côres respectivas: Sebastopol, Malakoff, Magenta, Solferino, eram invocados de envolta com a "côr de lama de Paris", até a "côr de orgia", como que confirmando a reputação attribuida a Paris, de Babylonia moderna, pelos deslumbramentos de seu luxo, e pelos desregramentos de seus vicios. Tiveram origem, nessa occasião, as actuaes blusas, de

fazendas leves, claras e vistosas, differente das saias, e que então se chamavam "garibaldis", por serem copiadas da camisa fôfa, usada pelo famigerado caudilho, que nessa data se batia, á frente do seu bando "dos mil", pela independencia italiana.

Os primeiros ensaios innovadores, logo em 1850, são assáz moderados, conforme se verifica pelas personagens do drama "A Dama das Camélias", quando esta peça, obrigatoriamente incluída, em todos os tempos, no repertorio dos theatros de todos os paizes, e em todas as linguas, é representada com a preocupação da côr local, e do vestuario á epoca em que floresceu a heroína: Margarida Gautier, decotada, mangas curtas, ampla saia de setim coberta de rendas e filós bordados, toucado de plumas e fios de perolas sobre fartos bandós negligentemente cahidos sobre as orelhas; Armando Duval, de casaca de panno azul com botões dourados, calça côr de flôr de alecrim, luvas côr de canario, cabelleira romantica, barba nazarena. Assim elle exhala os êstos de um peito atribulado, as imprecações e queixumes, representativos do estado d'alma de uma sociedade em dado momento historico; assim ella expira, em scena aberta, apaixonada e héctica, provocando gemidos de violinos na orchestra (recitativo da Dalila, em surdina, ou cavatina do ultimo acto da "Traviata"), e soluços das pessoas sensiveis na platéa.

O verdadeiro movimento reformador, é quando Napoleão III toma por esposa a bella Eugénia Maria





de Montijo de Guzman, condessa de Teba, casamento de mera inclinação, união de puro amor, extremamente de razões de Estado, independente das praxes usuaes das combinações politicas entre casas reinantes, consoante declarou o imperador ao corpo legislativo, ao annunciar-lhe os seus esponsaes. Os veranistas das estações thermiaes, cruzando-se, no vestibulo de algum palace-hotel de Vichy ou de Spa, com uma veneranda nonagenaria, balançando lentamente a cabeça diademada de alvas cans, arrimada a um bastão, acurvada ao duplo fardo dos annos e dos desgostos — milagre de resistencia vital num fragil corpo de mulher—, tendo na physionomia os estigmas do mais cruel martyrologio, mater dolorosa a quem a sorte reservou todas as provações, inclusive a da perda de seu filho unico, na flôr da juventude, perecendo de morte heroica, mas ingloria, ás zagaiadas dos cafres, nos bamburraes da Zululandia,—ignoram, talvez, que alli vae a ex-soberana de uma das mais ricas côrtes da Europa, e ao mesmo tempo rainha da moda, na época do seu maximo esplendor, de que se encontram preciosas indicações nas curiosas memorias deixadas por uma das suas damas de honor, madame Carette.

Esta testemunha dos factos e dos faustos do segundo imperio, contesta que a imperatriz levasse o seu amor do luxo ao ponto de não vestir duas vezes o mesmo vestido, legenda esta propagada por seus inimigos, taes os accusadores de Maria Antonieta a responsabilisavam pelo desperdicio da fortuna pu-

blica. Todavia, ella nos conta que “duas vezes por anno, a Imperatriz reformava a maior parte de seus vestidos, e dava-os a suas criadas. Era para ellas um alto proveito, pois que os vendiam geralmente para a America, onde, em certas partes da sociedade, é de uso, ao que parece, alugar “toilettes”, que as costureiras accomodam ao corpo de cada qual, por uma noite, e que assim passam por numerosas transformações.

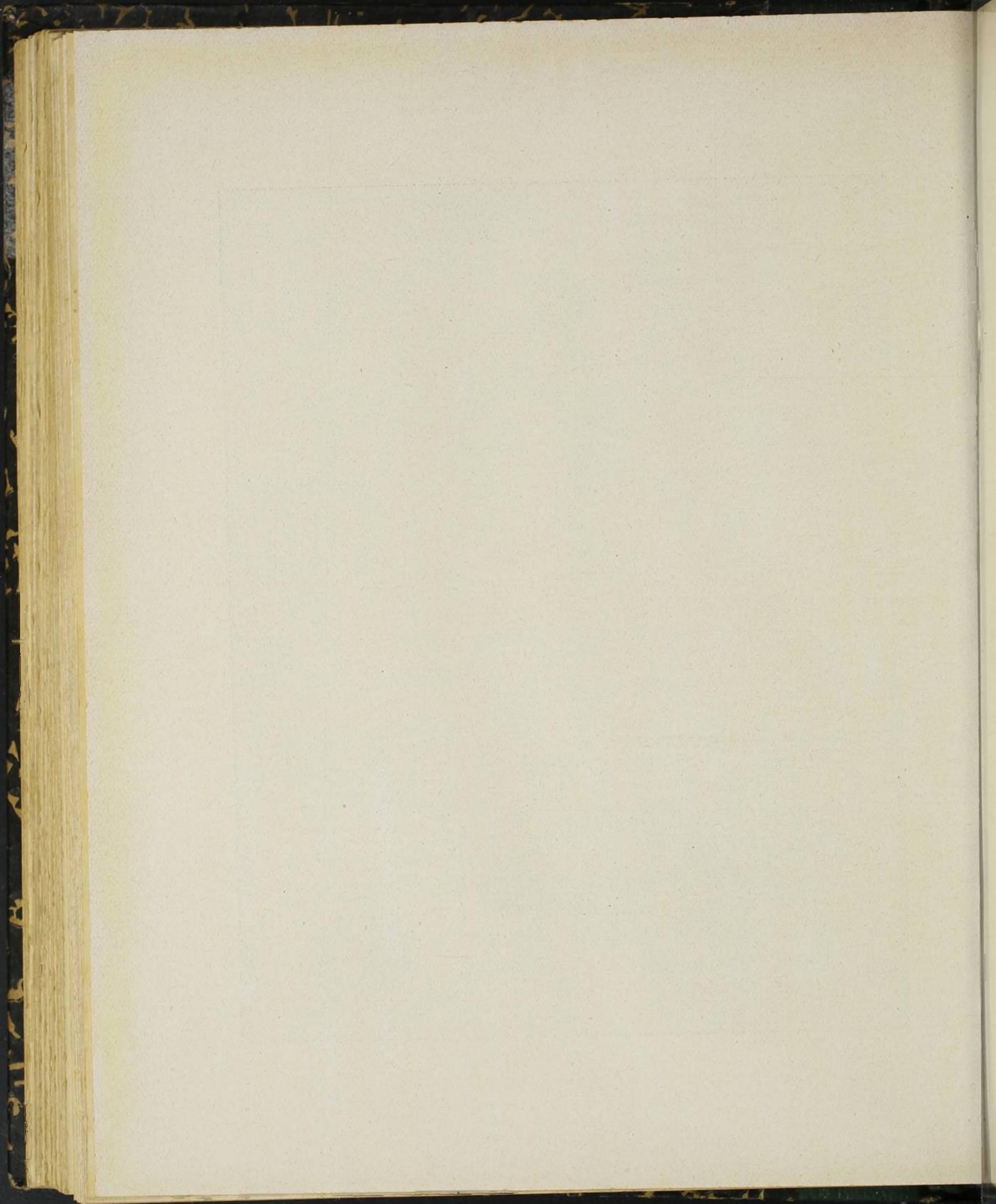
“Havia nas rouparias salas de costura, porque a Imperatriz fazia executar muitas vezes, por uma costureira residente nas Tulherias, os vestidos que ella mesma ideava, e lhe pareciam assentar-lhe melhor. A cada mudança de estação, a Imperatriz recebia seus fornecedores, que lhe submettiam fazendas e modelos: ella escolhia a quantidade de vestidos de que necessitaria, ensaiava-os, e não se occupava mais com isto, salvo alguma circumstancia imprevista.”

Mas em breve o bom gosto e a elegancia, de que Sua Majestade dava o exemplo, preferindo, como todas as mulheres superiores, “vestir de uma maneira pratica e commoda”, foram deturpados, como vimos succeder em precedentes periodos, pela ambição das modistas. “No primeiro periodo do Imperio, prosegue a nossa informante, a moda foi bem singular. As elegantes modernas, que envolvem o corpo esguio numa bainha estreitamente moldada, estremeceriam de horror, se as obrigassem a sahir com um apparatus de pannos amplamente sustenta-

1850



J. A. S.
© 1915



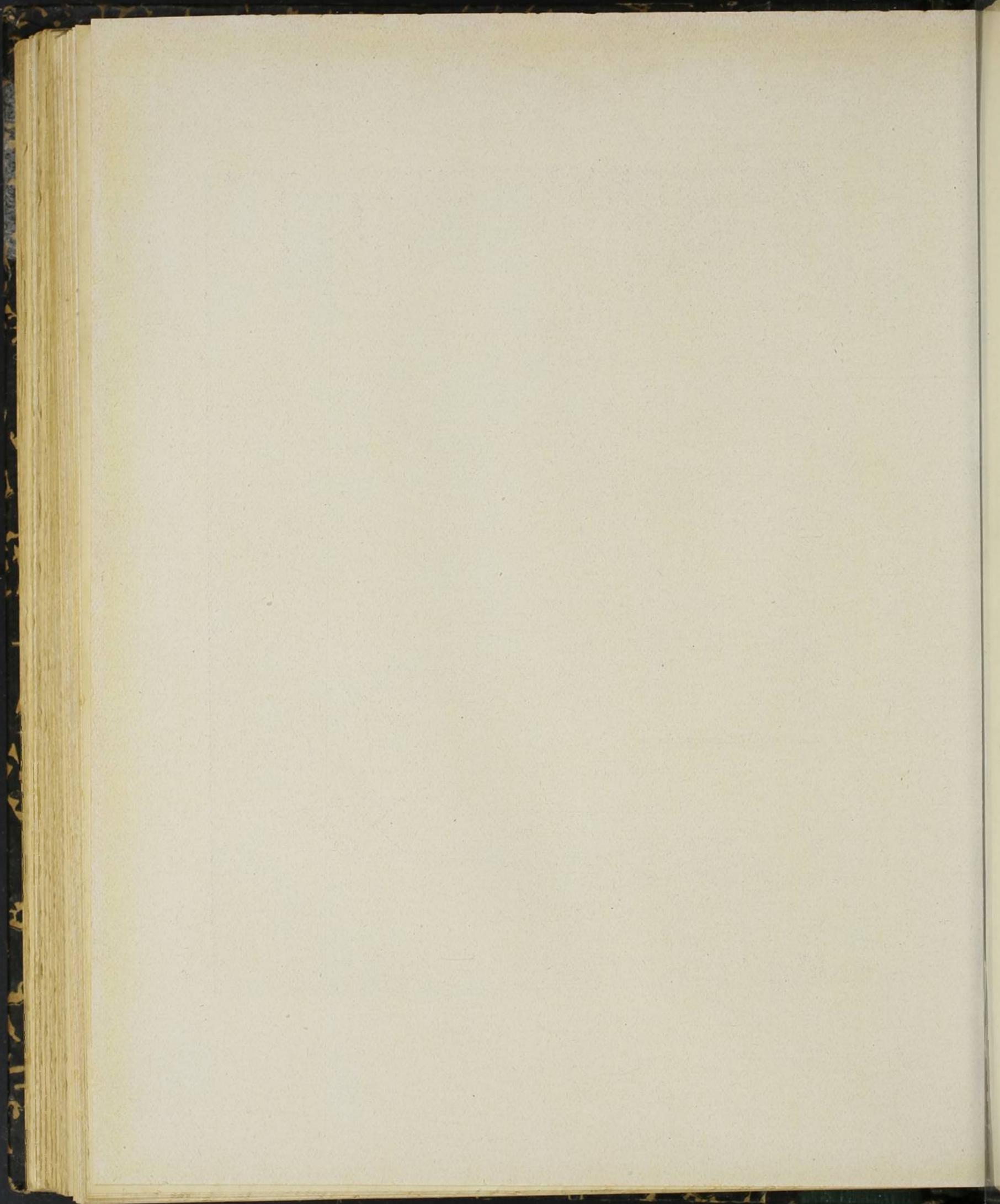
dos pelas gaiolas de flexiveis molas de aço, cuja extensão mal permittiria a tres damas sentadas occupar a saleta de uma casa. Tudo isto se sobrepunha em peças sabiamente dispostas, guarnecidas de franjas, tufos, rendas, pregas, terminando em longas caudas difficeis de governar por entre a turbamulta dos salões. Era uma mistura de todos os estylos: applicavam-se as tunicas gregas sobre a rotundidade dos "paniers" a Luiz XVI, com a basquina das amazonas da Fronde e as mangas pendentes da Renascença. Era talvez mais custoso que hoje parecer encantadora, e demandava, no deslize do andar, nos gestos, numa certa attitude do busto, a harmonia que nasce da graça das fórmulas e do habito de observar-se, senão esvaía-se o encanto. Assim o comprehenderá quem compulsar as gravuras da época: alguns traços maliciosamente accentuados, bastam para transformal-as em caricaturas grotescas. Era preciso dextreza feminina a toda a prova, para poder tirar partido de tão singulares ornamentos. Caminhar transportando em torno de si aquella amplidão, que nos envolvia por todos os lados, não era cousa facil; e o busto estreito, collocado no centro de todo aquelle volume, parecia como destacado do resto do corpo. Sentar-se, evitando a desordem das molas rebeldes, era um milagre de precisão. Para entrar numa carruagem, sem amarrotar ligeiros tecidos, quando os vestidos para a noite se faziam principalmente em filó e renda, exigia muito tempo, muito socego dos cavallo, muita paciencia dos paes

e dos maridos, cuja complacencia era experimentada, convidando-os a se conservarem immoveis no meio das frageis nuvens, a que o menor movimento poderia causar desastres. Quanto a viajar, estender o corpo, emballar os filhos, ou mesmo dar-lhes a mão para sahir com elles, eram problemas de ternura e de bôa vontade a resolver. A partir desse tempo foi que se perdeu o uso, hoje banido, de dar o braço ás senhoras nos salões, ou acompanhando-as na rua. Os chapéos eram altas pyramides de flores e fructos, augmentando desmedidamente a cabeça.”

De facto, a moda, na vintena de 50 a 70, encaminhava-se a largos passos para os mais absurdos disparates, talvez prenunciativos de alguma calamidade, tal qual já assistimos, nos derradeiros annos do seculo antecedente, presenciando as loucuras da fina nobreza, precipitando-se cegamente no abysmo da Revolução. A phase que estamos agora observando, pertence ao numero daquellas em que o mau gosto campeia triumphante, e o senso commum é posto de banda, graças á aberração das idéas, á perversão dos costumes de uma sociedade, unicamente preocupada em variar de todos os modos o luxo e os prazeres.

A crinolina, vulgarmente designada pelo expressivo titulo de “balão” pela semelhança de suas formas com as do apparelho aeronautico cujo invento Bartholomeu de Gusmão disputa aos irmãos Montgolfier, a armação de talas de aço, ou de barbas de





baleia, diminuindo de circumferencia á medida que se approxima da cintura, e ligadas entre si por cardãos dispostos perpendicularmente, tirava ao corpo da mulher toda a elegancia, por mais elegante que ella pretendesse ser, e por mais habilidade, ou esforços, que empregasse para attenuar o seu desgraçado effeito. Já não era pequena conquista saber manobrar de modo a evitar as quedas, perigosas ou ridiculas, a que a todo o momento se expunham, por pouco que enfiassem um dos pés nos arcos do balão. Quem escreve estas linhas, ainda se recorda de ter visto, quando creança, uma pobre senhora, nessa critica situação, rolar, de alto a baixo, uma escada de muitos degraus, do que lhe resultou partir a cabeça e amolgar não sei quantas costellas, além de ter offerecido aos circumstantes o espectáculo curioso, e gratuito de uma tafula litteralmente de pernas para o ar.

“O busto estreito, diz a dama de honor da imperatriz Eugenia, collocado no meio de todo aquelle volume, parecia destacado do resto do corpo.” Acrescentemos que estabelecia enorme disparidade de proporções entre as suas duas principaes partes, como se fôra uma creança, que se fizesse gente só da cintura para baixo. E a discordancia desta inesthetica conformação ainda mais se aggravava, pelas mingadas dimensões das demais peças do vestuario, e de seus accessorios, relativamente á monstruosa crinolina. O corpo do vestido constava ordinariamente de uma blusa pouco folgada, tendo por cima um

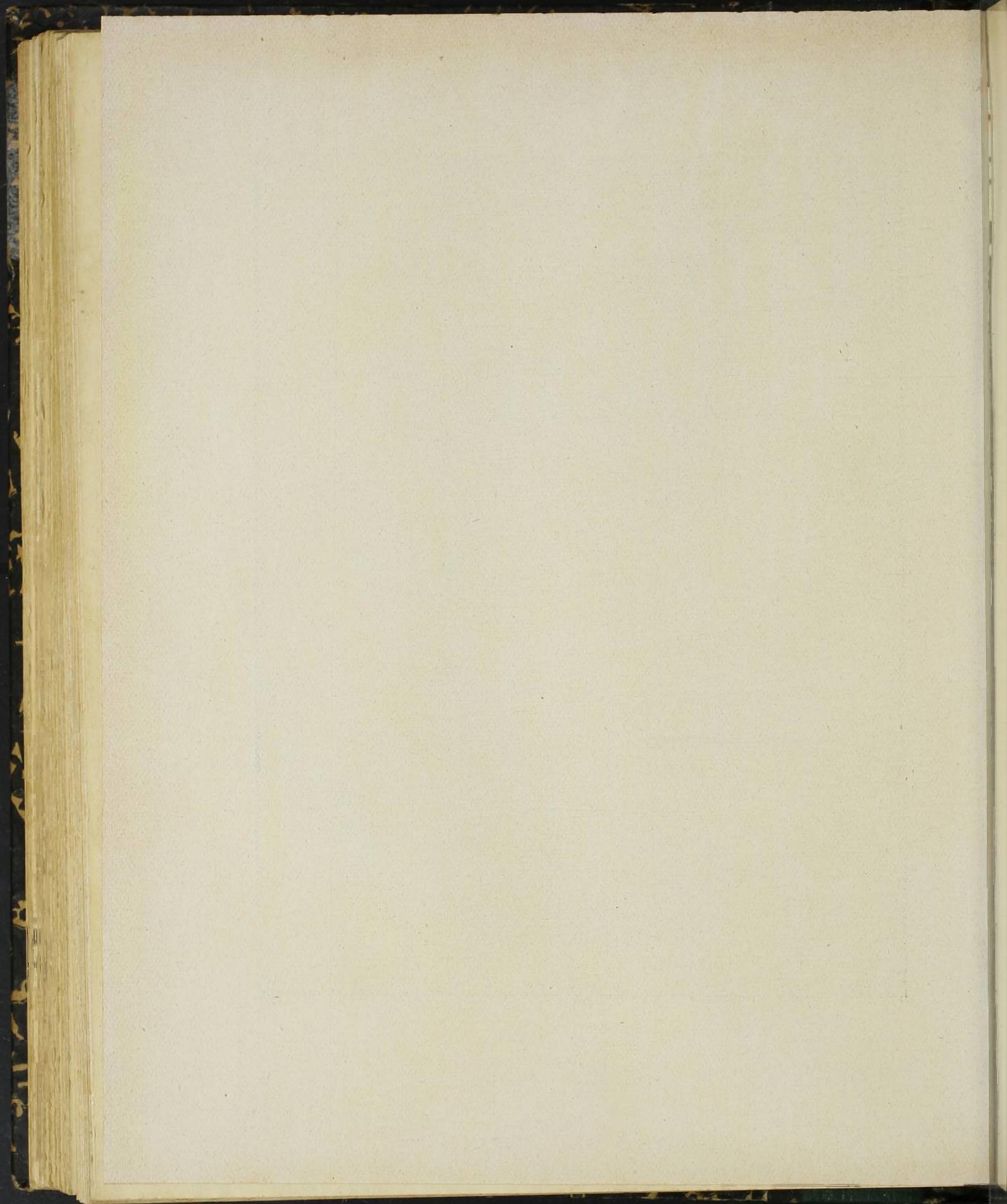
bolero muito curto, semelhante aos dos toureiros, de mangas estreitas, compridas até ao pulso. Esse bolero, algumas vezes, se era quadrado nas pontas, chamava-se “zuavo”, em homenagem ao uniforme dos soldados da guarda imperial, reproduzido do das tropas argelinas. Na cabeça, penteada em bandós chatos, e as tranças atrás recolhidas numa coifa de retroz, um chapellino de cacaracá, capotinha insignificante, ou reduzido gôrro á maneira dos dos toureiros, sem duvida para “engrossar” a imperatriz, que era de origem espanhola, e na mão uma sombrinha microscopica, sombrinha de boneca, mal abrigando uma parte do rosto dos raios do sol, sem nenhuma serventia pratica. Perambulando pelos boulevards, debalde a faceira do segundo imperio quizera attrahir na esteira do seu balão os amante-ticos conquistadores, arvorando o signal convencionado — a fita de velludo estreitinha, segurando ao pescoço a medalha em fórmula de coração, atando na nuca em breve laçada, e cahindo longamente pelas costas abaixo, com o suggestivo appellido de “Sui-vez-moi, jenne homme”. Seguil-a-ia o mancebo, é certo, de bom grado... mas a respeitavel, senão a respeitosa distancia, para se não chocar com a fortaleza ambulante, que a defendia, contra sua vontade, de qualquer abordagem.

“Alguns traços maliciosamente accentuados, prosegue Madame Carette, bastam para transformal-as em caricaturas grotescas”. Nem tanto é preciso. Já têm todos os caracteristicos da caricatura as litho-



1860

To A. F. O.
"A. F. O."
Cop. 11915



graphias da época, aliás copiadas do natural, em que o classico inglez, vindo a Paris para pandegar no baile Mabile ou na “descente de la Courtille”, sentado entre duas cocottes, que o submergem nas ondas de fólhos e babados, entufados pela força expansiva das crinolinas impellidas de baixo para cima, apenas mostra a caraça vermelha, enquadrada num par de suissas côr de milho, e escancarando num riso satisfeito a bocca mobilada de alvinitentes parallelepipedos de marfim.

As differenças essenciaes a notar no usual traje masculino, são as calças muito largas, e os paletós muito curtos. Como as saias das damas, as calças dos cavalheiros tambem se denominam “a balão”. Na sua demasiada amplidão, descrevendo um perfeito arco de circulo da cintura ao peito do pé, onde a estreita bocca descança sobre a polaina de brim branco, ella imita a calça militar, porquanto corresponde ás victorias dos exercitos do imperio, que davam o tom a tudo, inclusive á moda. O chapéo alto, é ordinariamente de castor branco, com larga fita preta, e é de fôrma direita como um tubo de chaminé, e de abas chatas e curtas. Nos padrões de fazendas para roupa de homem, surgem as casimiras de xadrezinho branco e preto, hoje conhecidas por “urucubacas”. Usa-se a bengalinha de junco muito fina — a “badine”, com castão de cornalina. A gravata na maior parte das vezes é a “mignonette”, de sêda preta, estreitissima, dando o laço de pequeninas cabeças, e pontas excessivamente compri-

das, em volta do alto collarinho em pé, a Pinaud.

Quasi sempre, o janota de então, á parte o monoculo, que era de rigor, preparava a sua physionomia pela de Napoleão III: bigode e pêra, aquelle afinado nas guias, enceradas e ponteagudas como duas agulhas; cabello repartido ao meio, numa risca impeccavel que descia até á nuca, e duas pastilhas lateraes, cobrindo as fontes, o que fazia parecer ainda mais elevada a fronte.

Desenvolve-se cada vez mais a industria da perfumaria, com Coudray á frente, lançando aguas de Colonia, extractos, essencias, tinturas, cosmeticos. Como artigo de exportação para o Brasil, fabrica-se a banha de Macassar, o oleo de baboza, cujos vidros trazem no rotulo as armas brasileiras, e a pomada de Cottance, em latinhas em fôrma de tambor.

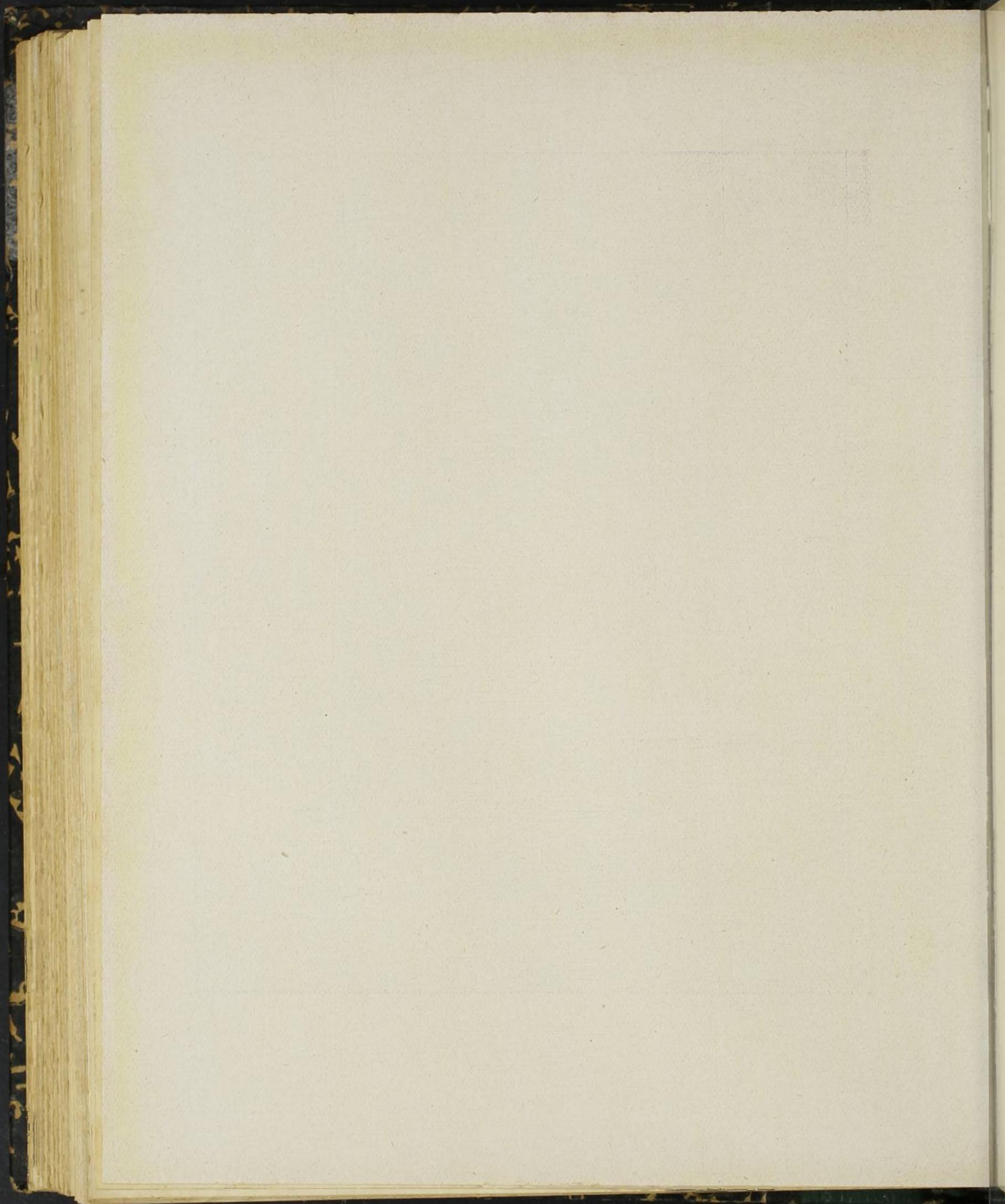
No vocabulario da alta roda, introduz-se a palavra "chic", que uns querem seja resuscitada de uma secular abreviatura da "chicana", e outros fazem derivar do allemão "schick" (geito), e que faz logo carreira por todo o mundo, onde tudo quanto é bonito e de bom gosto se diz "chic de Paris". O rapaz da moda é o "petit-crevé".

Innovam-se, ou renovam-se, nos salões onde a gente se diverte, varias danças, mais ou menos importadas do estrangeiro: a valsa, a polka, a schottisch, a mazurka, a redova, a varsoviana — dançadas aos pares isolados, ou dançadas por grupos de pares, formando figuras: os "lanceiros", entremeados de visitas e mesuras, o "principe imperial", a



1875

To A. F. Co.
©. 1915



quadrilha franceza, dividida em cinco partes ou contradanças, a primeira, “pantalon” ou “chaine française”; a segunda, “l’été”, ou “en avant-deux”; a terceira, “la poule”; a quarta, “la pastourelle”; a quinta, “la boulangère”, podendo terminar por um galope, ou por outras figuras diferentes, á escolha do marcante: “grand’chaine, chaine des dames, promenade, chassé-croisé, tour de main, balancé”, adicionadas, nas reuniões dançantes brasileiras, de coisas nossas: o “caminho da roça”, o “careca”, em que os pares, andando á roda, cantavam:

Quando a careca chegou,
Todos deram seu vintem,
Só não deu o Guimarães
Por ser careca também.
Careca é o pae,
Careca a mãe,
Careca toda a geração...

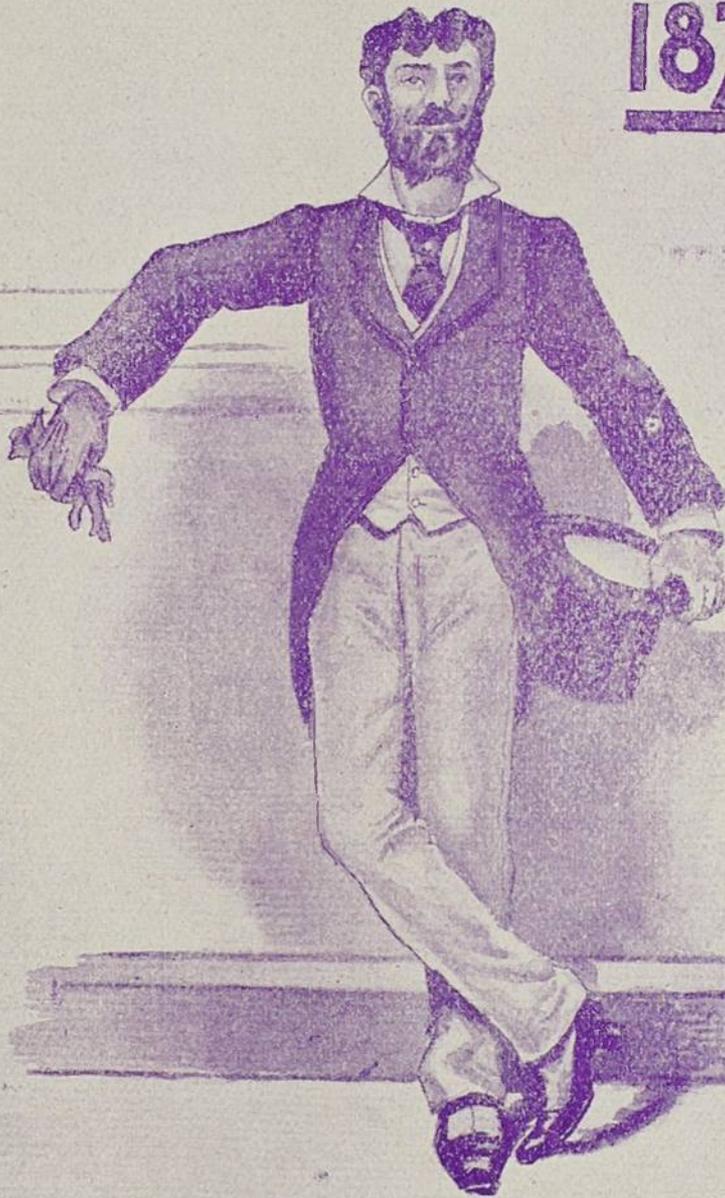
Outras vezes, a ultima parte da quadrilha com porta o “cotillon”, série de figuras complicadas, dirigidas por um cavalheiro e uma dama previamente designados, e acompanhadas de accessorios de phantasia, que os circumstantes guardam como lembrança da festa.

Emfim, sob o reinado de Napoleão III tocou a meta o “cancan”, o qual nos é explicado nestes termos por um lexicologo: “Dança livre, descabellada, deformação licenciosa da quadrilha; é a quadrilha

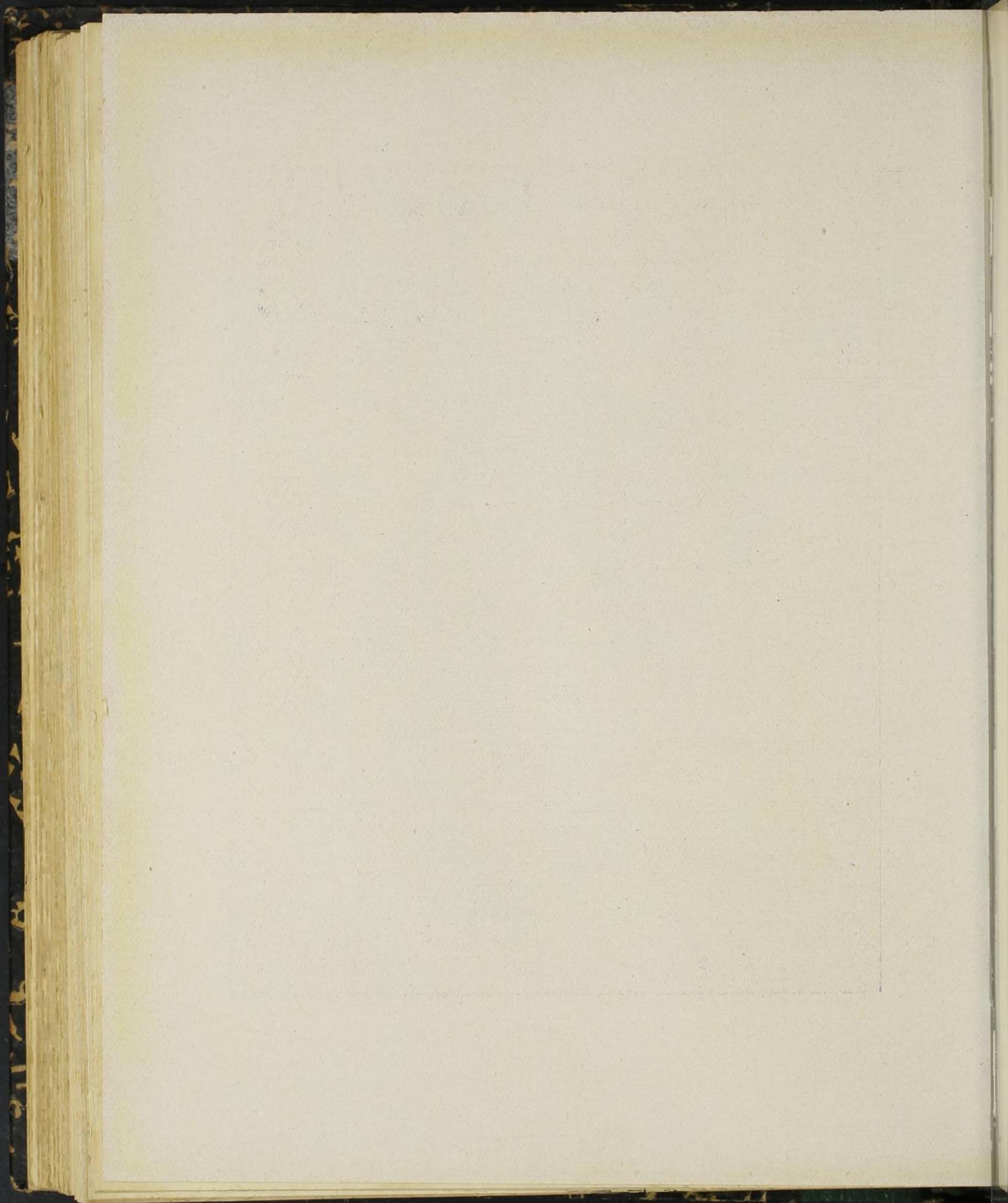
desordenada, exasperada ao ponto de tornar-se epileptica. Os saltos mais grotescos, os pulos mais furiosos, as pernadas mais inverosímeis, unidos aos gestos, ás contorções, aos desengonços fabulosos, constituem esse divertimento desavergonhado. Com razão se disse que o cancan é para a dança o que o “argot” é para a linguagem. O cancan nasceu nos bailes publicos sob o reinado de Luiz Philippe, entre 1830 e 1840, na época das façanhas coreographicas do famoso Chicard, que parece ter sido o seu inventor. Dançavam-no com furor na Grande Chaumiére, no Prado, no Mabile, no Valentino, no Chateau Rouge, onde triumphavam as bellas noctambulas appellidadas Pomaré, Celeste Mogador, Rosa Pompon, Maria Ingleza, Luiza Balochouse, Rigolette, Clara Fontaine, Margarida Dadel (la Rigolboche) e outras, cujo exercicio mais modesto consistia em levantar a perna bastante alto para com o bico do pé tirar o chapéo da cabeça do seu “vis-a-vis”. Encontram-se numerosos traços do cancan nas melhores lithographias de Gavarni. Mais tarde a quadrilha excentrica formada pelo celebre Clodoche, fez brilhar o cancan nos bailes da Opera.”

Mais que tudo isto o cancan foi o symbolo de um momento historico, quando Heitor Cremieux, Meilhac e Halevy, Aristophanes do seculo XIX, pondo em pratica o “ridendo castigat mores”, traziam para o palco dos Bouffes Parisiens, com as desopilantes canalhices do “Orpheu dos Infernos”, da “Bella Helena” e da “Gran-Duqueza de Gerolstein”, condi-

1875



J. A. F.
©. 1915



mentadas com a musica debochativa de Offenbach, a dissolução dos costumes sob o segundo imperio, precipitando-se cegamente, na galopada final de um cancan desenfreado, para o vórtice de Sedan.

A republica proclamada em França, aos 4 de setembro de 1870, terceiro ensaio do regimen democratico, que parece ter, afinal, criado raizes definitivas no sólo gaulez, fazendo seu advento a cem annos de distancia da Convenção e do Terror, aproveitando a modificação dos costumes e dos sentimentos através dos tempos, absteve-se dos excessos de rigores e crueldades inuteis, que assignalaram aquella época sanguinolenta e, á parte as medidas repressivas provocadas pela Comuna, tratou de consolidar-se por meio de um governo tolerante, e essencialmente conservador.

Não tolerou, porém, a prodigiosa rotundidade da saia-balão. Consultem os figurinos de 1871: as fórmas femininas voltaram, mais ou menos, ao seu natural, tornando a mulher mais esbelta e elegante.

Apenas, para que de todo não operasse uma transição brusca, banindo de repente a crinolina, esta localisou-se na parte posterior da saia, tomando o nome de "tournure", que entre nós se traduziu por "anquinha".

Mas, a partir de 1875, essa mesma protuberancia, algo copiada da esthetica da Venus hotentote, desapareceu por completo. Em compensação, e como

para provar mais uma vez que a moda, por isto ou por aquillo, sempre se divorcia do bom senso, as saias se alongaram em cauda roçagante, varrendo o pó dos tapetes nos salões, recolhendo na rua todas as impurezas e sujidades, espalhadas por sobre o asphalto das calçadas.

Já então os minúsculos chapellinhos do segundo imperio augmentavam de tamanho, surgindo os chapéos desabados, de palha da Italia, enfeitados de flores campestres. 1880 regista, neste particular, grande variedade, quer no feitio, quer nos ornatos, de fitas, plumas, passaros; uns pousando simplesmente sobre os cabellos, fixados por grampos de phantasia, outros atados por baixo do mento.

Approxima-se, no emtanto, nova investida da anquinha, predominando por nunca menos de seis a sete annos (1882 a 1888).

Vão em progressivo augmento os chapéos, e sempre sortidos na configuração, e na guarnição. Ha uns bem interessantes, de abas curtas e copa alta, um tanto afunilada, tendo ao lado comprida pluma frisada, imitação dos dos huguenotes. Entram em voga os véos, protegendo o rosto, transparentes ou espessos, lisos, de salpicos e lavrados.

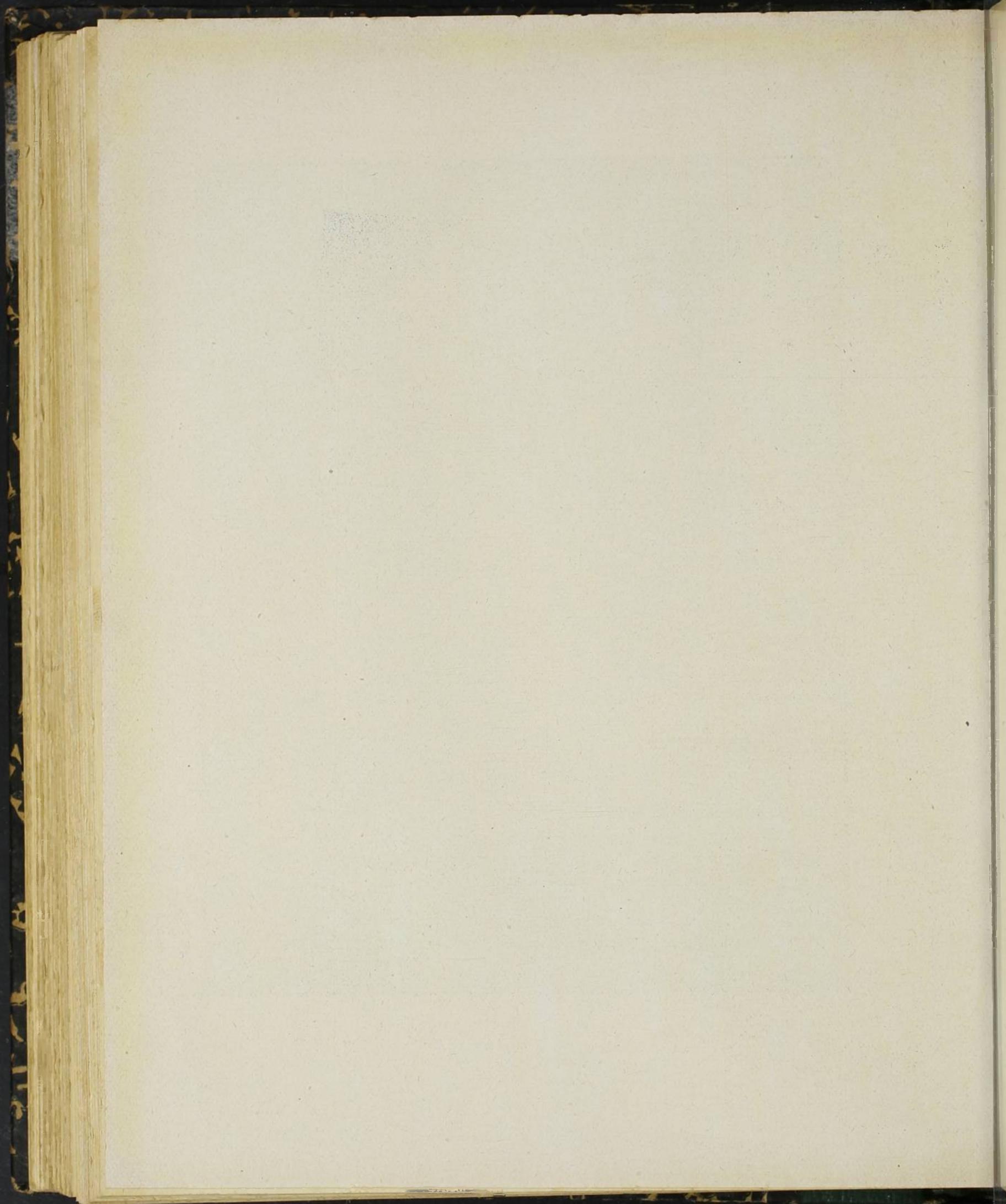
Cumprê advertir que, de 1882 em diante, e por uma reacção favoravel ao asseio e á hygiene, são supprimidas as caudas; as saias, cada vez de menos roda e todas por igual, mal tocam o chão.

Salvo os trajos de baile, obrigatoriamente decorados, e de mangas curtas, estas, lisas e estreitas,



1880

Jo Afo
Apr. 1915



quasi justas ao braço, descem até aos pulsos, onde rematam em folho, ou babado, de renda. Os corpetes, bem afogados, fecham até á garganta, ahí guardados de uma ligeira tira de cassa, pregueada ou encanudada.

Ha vestidos inteiriços, o corpo e a saia de uma só peça, desenhando estrictamente a linha sinuosa do busto, da cintura, dos quadris. Outras vezes, é um casaquinho de abas curtas, abrindo sobre um collete da mesma fazenda, ou uma especie de fraque um pouco longo. As saias são em pregas verticaes, ou em folhos, umas com tufos ao alto, rodeando a cintura, e tambem com sobresaia arrepanhada ao lado, e segura por laço de fita larga, e de longas pontas, ou formando poloneza por detrás.

A sombrinha, mais utilitaria que nos tempos do segundo imperio, em que não passava de uma teia imprestavel, é agora de razoavel tamanho, forrada de sêda de côr semelhante á do vestido, o cabo extremamente alongado, com castão de tartaruga, madreperola, ou metaes finos incrustados de pedrarias, e adornados com cordões tendo nas extremidades borlas ou "pompons".

Assim os leques. Este accessorio indispensavel á mulher, arma offensiva e defensiva ao mesmo tempo, interprete e confidente, cumplice e protector, póde-se dizer, sem metaphora, que tem altos e baixos, á mercê dos criadores e introductores de modas. Ora não excede de um palmo; depois, vae crescendo, crescendo, e attinge perto de cincoenta centime-

tros. Então, dispondo de farta superfície, o capricho e a phantasia têm livre curso, expandem-se á vontade: são pennas e plumas, rendas e bordados, ou sobre tela de sêda, e de gaze, lindas guaches de pintores especialistas, representando flores, aves, paisagens, scenas campestres e historicas, tudo enfim, quanto acudir á imaginação do artista.

Os tecidos mais usados na época ora em revista são: em sêda, a nobreza, o gorgorão, o chamalote; em lã, o merinó, o "gros-de-Naples"; em linho, a cambraia, o fustão; em algodão, a percale, a setineta. Mas, acima de tudo isso dominava a popelina, o brando e macio tecido de sêda e linho, que adquiriu voga universal, prestando-se a uma infinidade de côres e padrões.

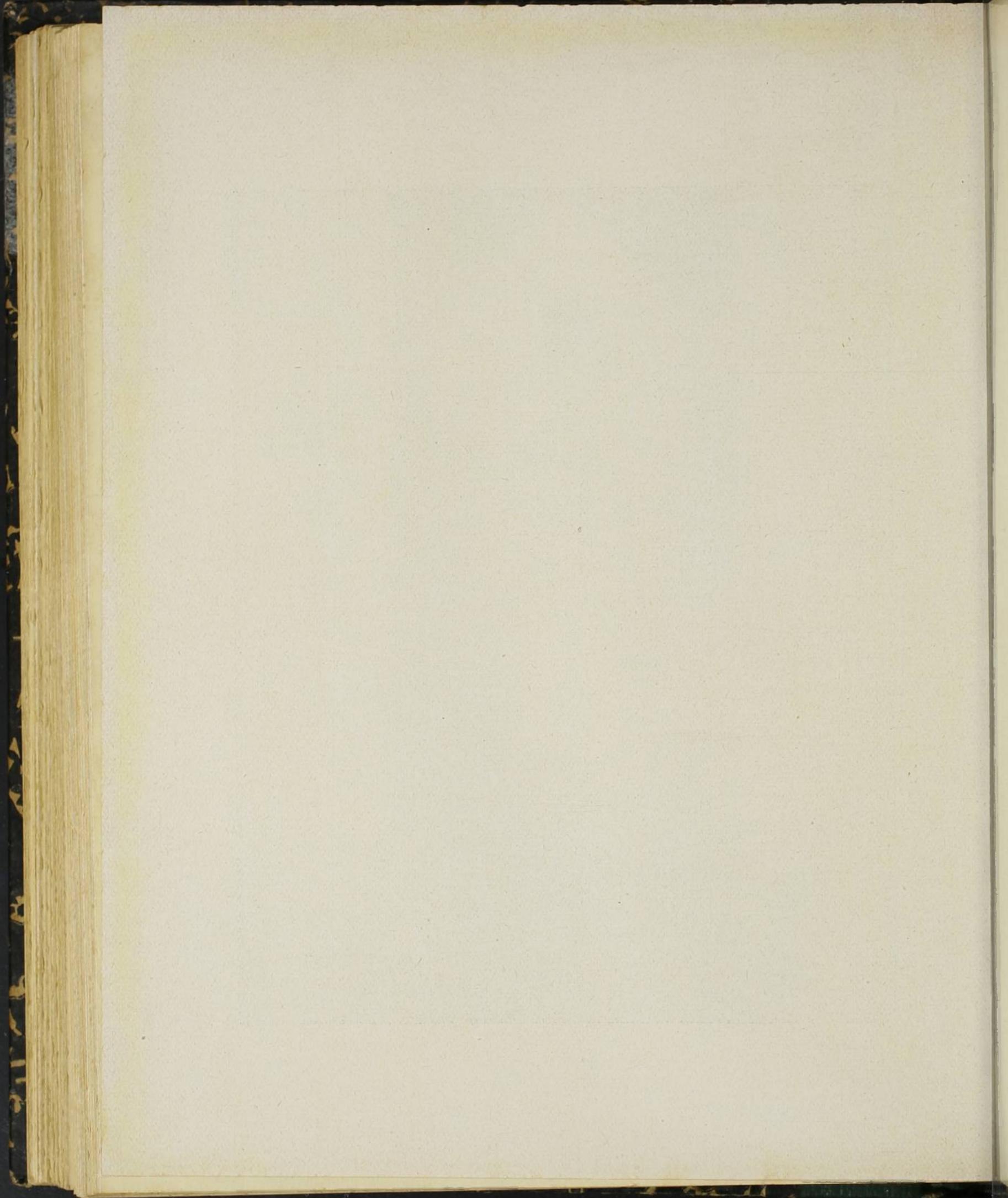
Por falar em côres, seria nimiamente fastidioso arrolar todas quantas produziu a tinturaria de então, graças aos progressos da chimica industrial, puras, mistas, combinadas, vivas, esmaecidas, attenuadas, percorrendo toda a gamma das tonalidades; e se acaso foram designadas por uma nomenclatura peculiar á giria das modistas, como já anteriormente se viu, não tinham mais o sainete lyrico e sentimental do reinado de Maria Antonieta, nem pertenciam á linguagem estapafurdia do Directorio.

Concernente aos penteados, nada tinham de extraordinario, trazendo-se os cabellos em "torsade", um pouco cahidos sobre a nuca, e na frente, cobrindo quasi toda, ou toda a testa, a pastinha, ou a franja "á la chienne".



1880

To A. P. G.
J. M. V.
© 1915



O calçados das damas consistia, principalmente, na botina de cano alto, abotoada ao lado, de duraque, de setim, de pellica, gaspeada de polimento, preta ou de côr afinada pela do vestido, salto torneado, mas sem exaggero de altura.

Os productos da joalheria, ricos e luxuosos embora, variando conforme a imaginativa dos ourives, não entravam todavia, por emquanto, na categoria de obras de arte, qual adeante se vae vêr.

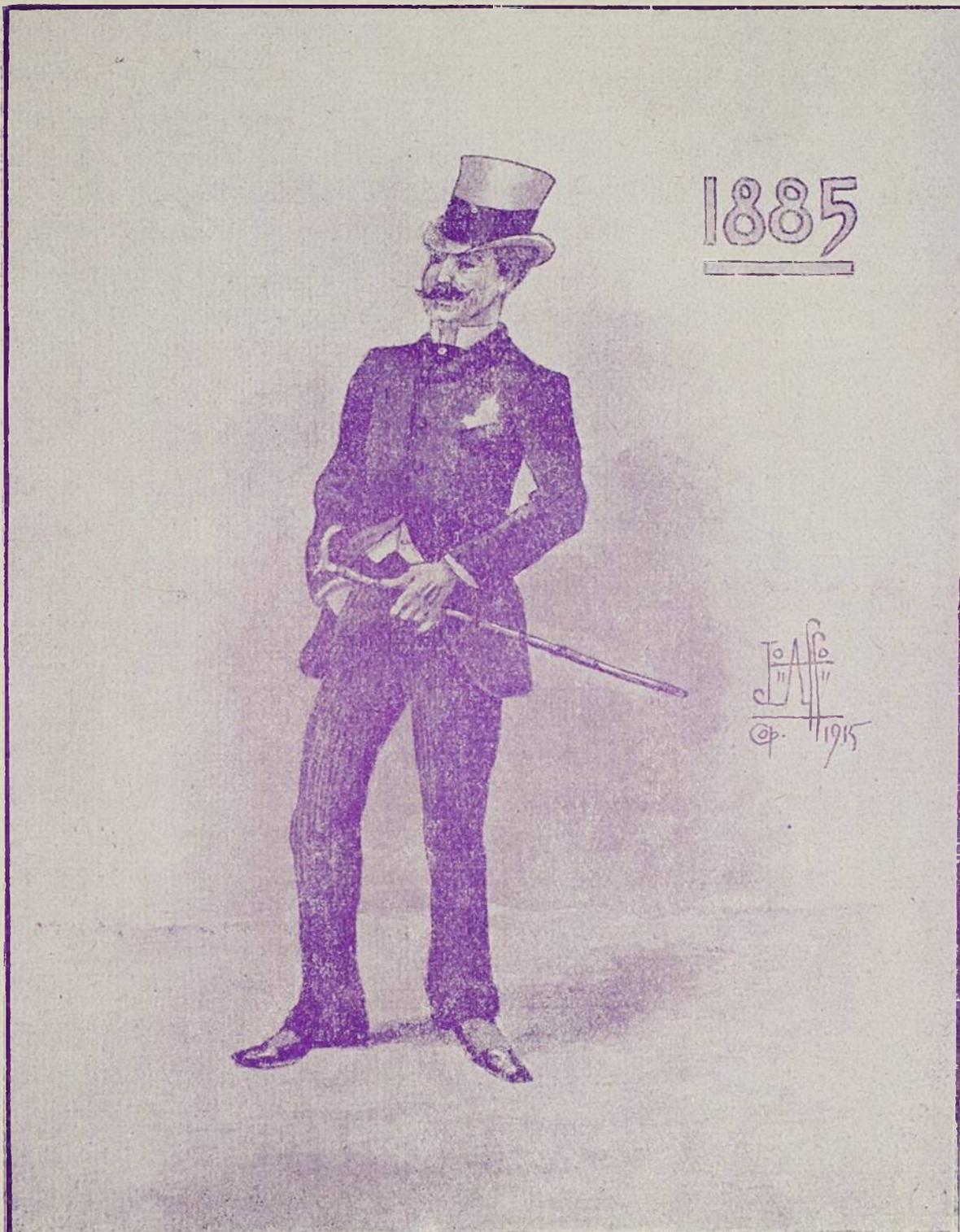
E os cavalheiros? Escusado será repetir que, no aspecto geral, o indumento masculino é inalteravel. Pequenas innovações a observar, na decada de 75 a 85, num ou noutro ponto. A principio, o fraque, de regular comprimento, fechando com dois botões, gola não muito larga, um pouco decotada, mostrando bem a gravata regata, descendo de um collarinho de grandes pontas dobradas, mas deixando a parte anterior do pescoço inteiramente descoberta e desembaraçada; calças estreitas, com a mesma largura de alto a baixo, sem cobrir de todo o peito do pé. Depois, as abas do fraque, debruado de cadarço largo, são mais estreitas, fechando mais acima com um só botão, de modo a patentear o collete, tambem debruado de cadarço como o fraque, ligeiramente curto, todo fechado com uma só ordem de seis pequenos botões, e sobre o qual brilha duplo correntão de ouro e platina, com medalha pendente, de um lado para o relógio, do outro para a lapiseira; calças de casimira de phantasia, ainda estreitas, mas dilatando-se para as extremidades, afim de cobrir gran-

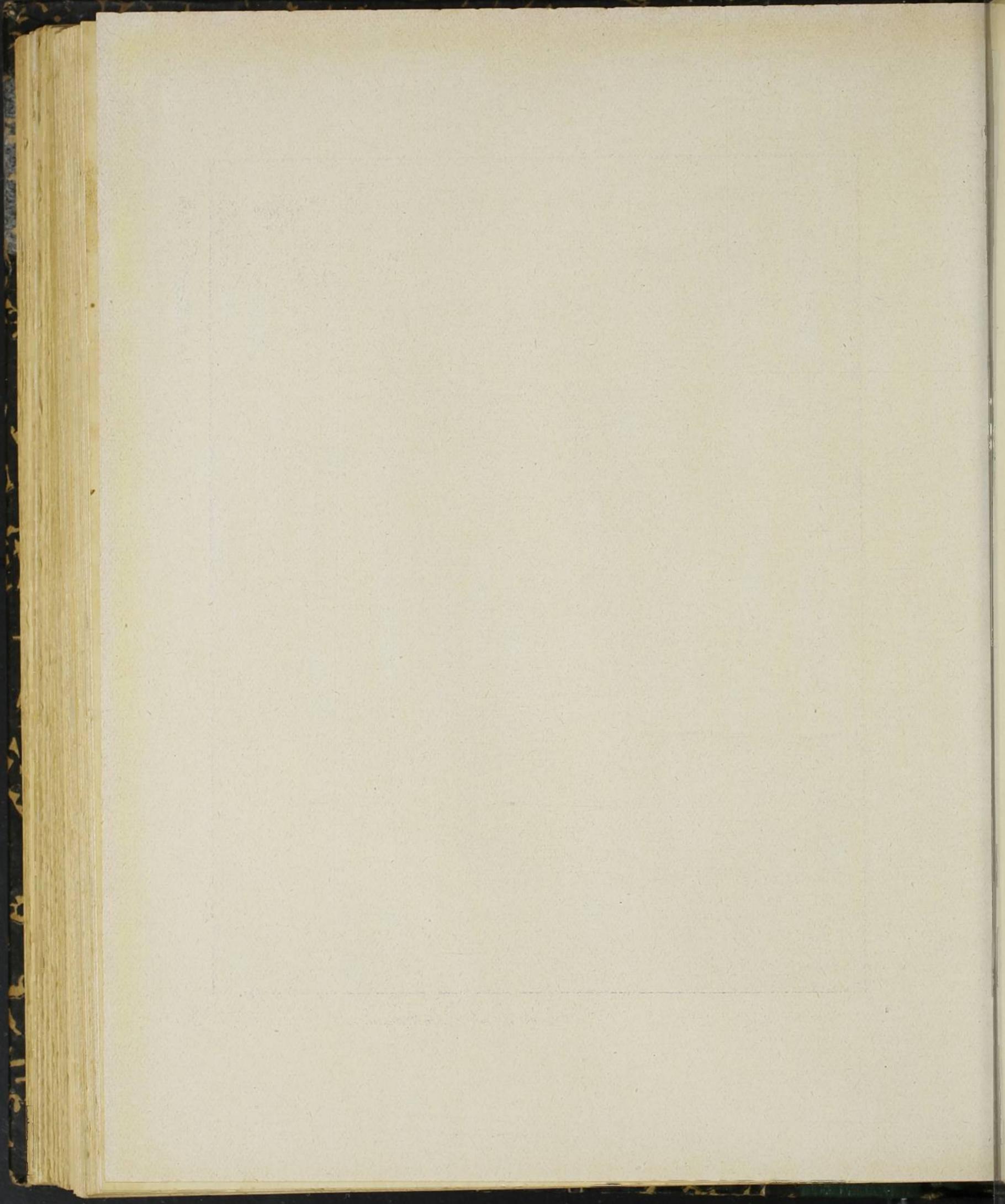
de parte dos pés, calçados de couro da Russia com polainas de brim branco.

Cartola baixinha, de pouca aba, fôrma de sino; collarinho deitado, mas se vê a gravata plastrão com alfinete de perola; os castões das bengalas são, em geral de cabeças de animaes esculpidas em marfim; a pêra napoleonica foi-se, mas conserva-se o bigode de pontas afiladas; outros preferem manter a barba dichitoma, ou aparada em ponta, á Guise; á cabeça, meia-cabelleira, salvo frequentes calvicies precoces, dissimuladas algumas vezes por chinós, que só illudiam... a quem os trazia.

Segue-se o fraque, ou o paletó, ainda mais curto, verdadeiro "tropa-moleque"; gola ainda mais estreita e mais afogada ainda; da chanfradura do fraque, fechado a quatro botões, surgem tres dedos de collete branco; calças ainda mais estreitas: é o que se chama a "calça estoque"; collarinho alto, pontudo; cartola alvadia, com larga fita preta; bengala de canna nodosa, com castão de prata em fôrma de "croque".

Tem cabimento consignar agora a adopção de uma vestimenta masculina de interior, a principio objecto de moda, mais tarde definitivamente installada nos costumes, de onde nunca mais sahirá, tal é a sua utilidade pratica, o serviço que veio prestar á decencia e ás boas maneiras. O pijama, pois, substituiu, com incontestavel e enorme vantagem, as roupas de dormir ou de trazer pela manhã: o camisão, o roupão ou chambre que habituavam o ho-





mem ao desleixo e á relaxação, sem respeito pelos outros, nem por si mesmo.

Transmittidos do segundo imperio para a terceira republica, vieram as boquilhas, piteiras e cachimbos “de escuma do mar”, de enthusiastica voga por alguns annos successivos. Tocava as raías da mania, o cuidado, a preocupação do fumante, em “culottar” a piteira ou o cachimbo de escuma, de que se serviam sem os retirar do estojo, no qual praticavam aberturas apropriadas, que lhes permittiam fumar sem risco de manchar, ao contacto da transpiração dos dedos, o bello aspecto negro e lustroso, que a massa porosa adquiria, após alguns mezes de absorção da fumaça e do sarro. E que variedade infinita, na confecção das piteiras e dos cachimbos! Mulheres nuas, cupidos, scenas campestres, bustos de homens celebres, as garras de uma ave de rapina segurando um ovo, que servia de deposito ao tabaco, flores, ramos de arvores entrelaçados de folhagem delicadamente rendilhada; tubos curtos ou longos, direitos ou recurvados, rematando com a boquilha de ambar ou de chifre. Era muito conhecido em Belem, vae para trinta annos, pelo tamanho e pelo feitio, o monumental cachimbo de certo commandante de vapores mercantes, e que representava uma caçada ao veado, de enormes galhos, acuado pela matilha.

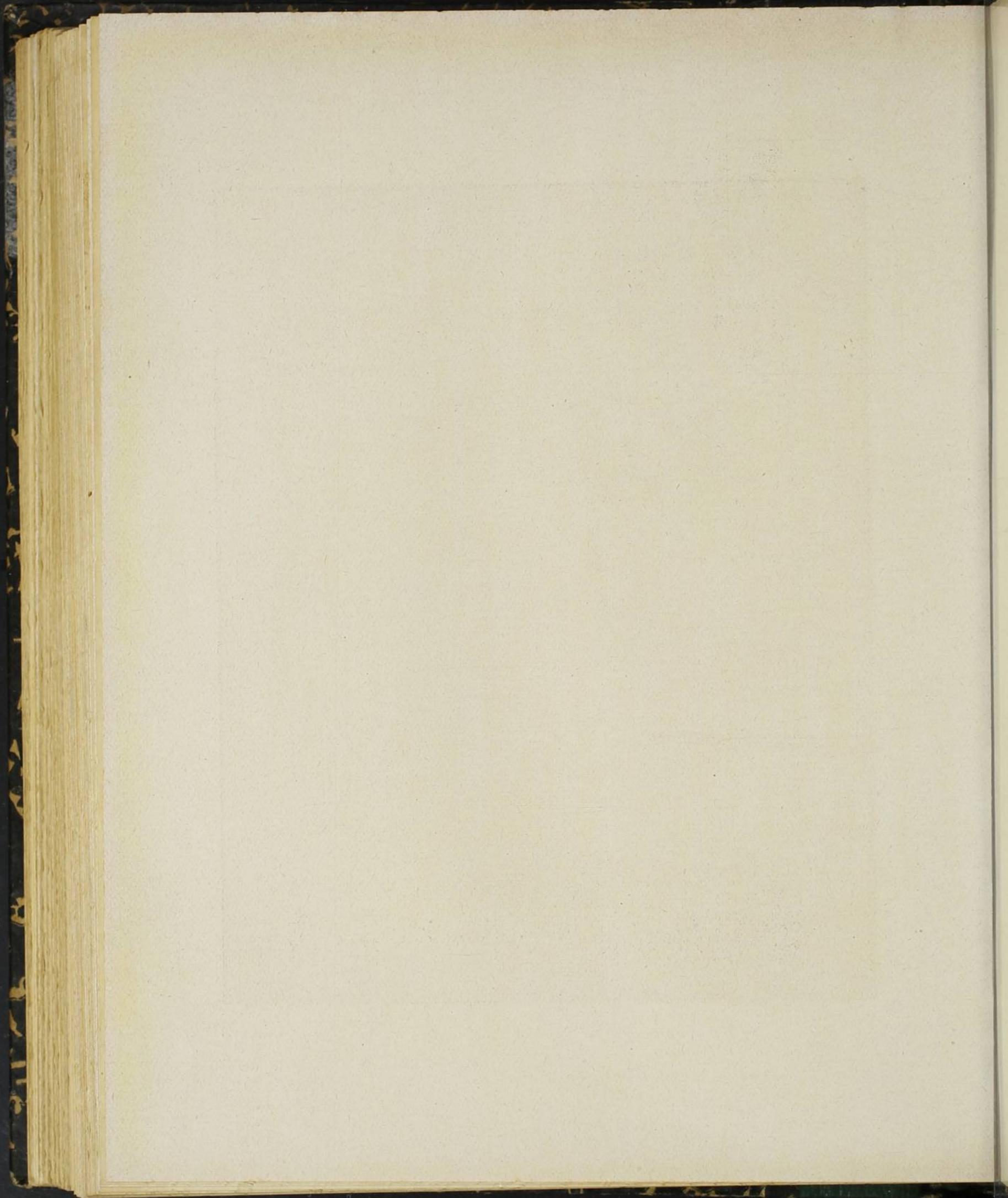
Tambem fez parte dos legados dos usos e costumes, communicados de 1870 aos annos immediatamente consecutivos, a mania da photographia. Lo-

go que as experiencias de Medgwood e Humphry Davy se aperfeiçoaram em successivas descobertas, até chegarem á calamitosa possibilidade de reproduzir a physionomia humana em numero infinito de provas, o desejo de multiplicar a propria imagem tomou proporções, mais do que de uma moda, de uma verdadeira epidemia, invadindo e avassalando todas as camadas sociaes. E como o novo morbo grassasse com o maximo de intensidade justamente quando imperavam as idéas romanticas e sentimentaes, a pessoa que poisava defronte da objectiva assumia ares e attitudes correspondentes ao estado d'alma que andava em voga, e, ou sentada negligentemente numa poltrona, ao lado de uma pequena mesa que supportava um jarro com flores e uma rima de livros, presuppontamente de novellas choraminguas e versos sorumbaticos, recostava na mão direita a fronte pensativa, e deixava pender desladamente a esquerda, ou, em pé, segurava-se a um columnello, se não se encostava a uma grade de pretense marmore, tal figurou, em "La Vie Parisienne", o desenhista Marcellin—"un monsieur qui se proméne avec sa balustrade". As provas photographicas, cuidadosamente colladas sobre papel-cartão, eram distribuidas em abundancia por parentes de todos os graus, e por todos os amigos e conhecidos do retratado, levando no dorso a indefectivel dedicatoria, em calligraphia apurada, e alambicado estylo. De tal modo se agglomeraram, em poder de cada qual, os retratos dedicados por seus parentes e amigos, que



1885

J.A.F.
1915



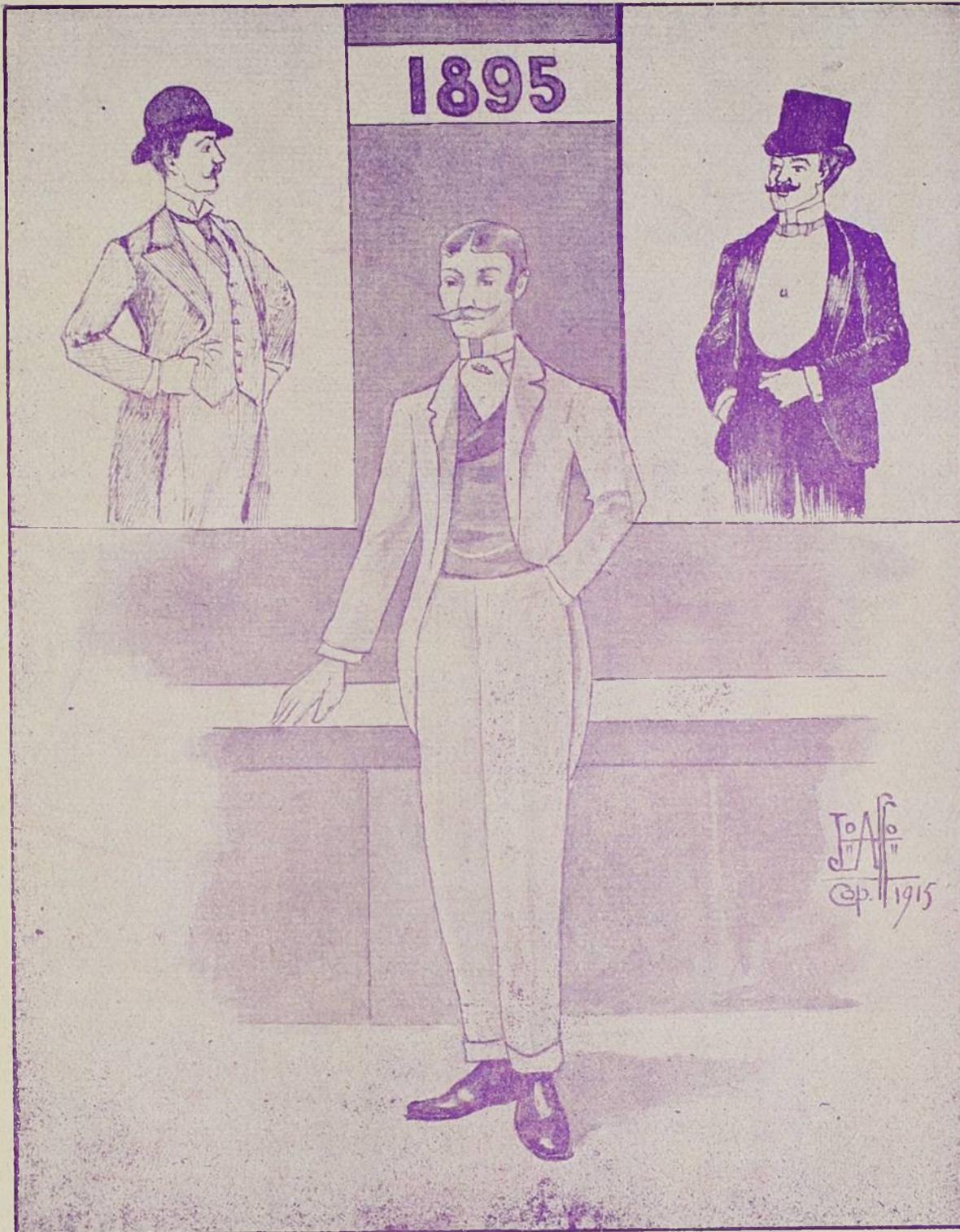
foi preciso, para os accommodar e resguardar convenientemente, inventar o album, o album de photographias, que todos nós conhecemos em cima da jardineira do meio da sala de visitas da casa de nossos paes, de varios tamanhos e grossuras, com ornatos de decalcomania nas folhas internas, emoldurando, em diferentes formatos, elles e ellas, com os seus vasos de flores, as suas poltronas, os seus livros de versos, as suas columnas, as suas balaustradas; por fóra, as capas forradas de chagem, ou de veludo, com os cantos e os fechos de metal dourado, às vezes collocado sobre um pequeno cavallete, e alguns occultando, na parte de baixo, a agradável surpresa de uma caixinha de musica, que automaticamente executava, ao abrir-se o pantheon photographico, trechos da “Norma” e d’“O trovador”, quando não era o hymno nacional. Um desses repositórios de retratos é que faz exclamar o matuto de “Uma noite de Reis na Bahia: “Olha, D. Pedro 2º! Como está velho o nosso imperadô!” E ahí está porque o chronista Pedro Véron classificava a photographia entre as “feias artes”...

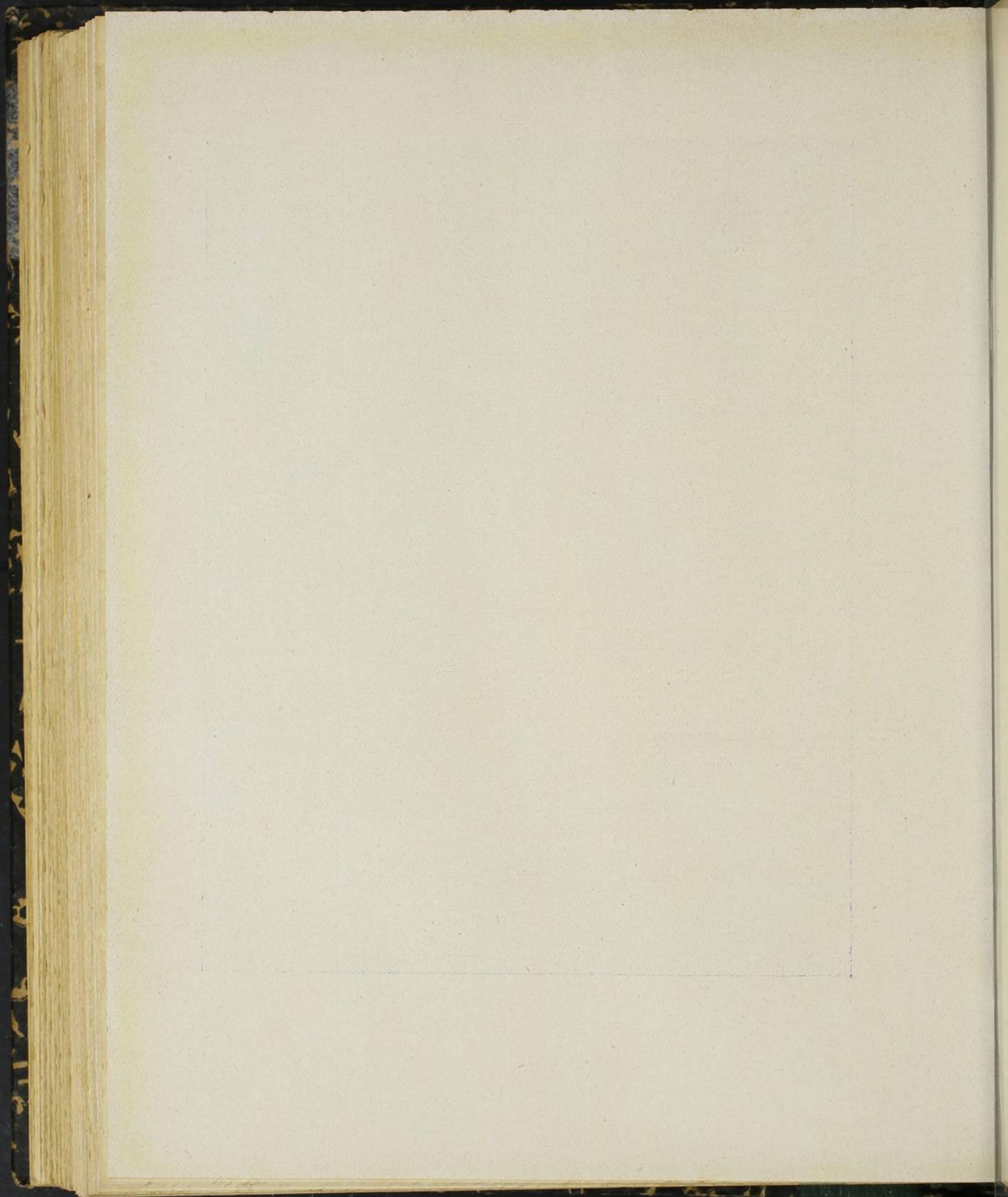
De si mesmas, certas perversões do gosto e dos costumes dos últimos dias do imperio desapareceram, e o ambiente social saneou-se pouco a pouco. A opereta offenbachiana, com a sua musica agarrada, o escarneo dos seus cançans e dos seus galopes, a satira mordente dos seus entrecchos bordados sobre a devassidão da mythologia grega, cedeu o passo a um genero menos dissoluto. Lecoq compõe “La

fille de Madame Angot” (1873), musica cheia de vida e de graça, sobre um libreto espirituoso, sem malos subentendidos; Planquette produz “Les cloches de Corneville” (1877), cujo enorme successo de sempre se justifica por sua factura correcta, ao ponto de quererem alguns entendidos elevar a applaudida partitura de opereta ligeira á opera comica.

E nem só sob esse ponto de vista a éra iniciada a partir de 1871, em que a França, desopprimida dos desmandos damnosos do imperio abatido pelas armas prussianas, cicatrizadas as feridas abertas por uma guerra desastrosa, rapidamente resgatado, pelo impulso unanime do patriotismo, o tributo imposto pelo vencedor, entrava francamente o caminho do progresso em todas as manifestações da intellectualidade e do engenho humano, constitue uma brilhante etapa da civilização.

Nas letras, a herança deixada pelo genio formidavel de Balzac com a sua colossal “Comedia Humana”, ia ter ás mãos de Flaubert, que, após o ridiculo processo movido pela justiça de Napoleão III á sua immortal “Madame Bovary”, assume o seu posto de reformador do romance, secundado por Zola, Daudet, os irmãos Goncourt, Maupassant; a poesia passava do preciosismo de Gautier para as novas formas innovadas por Coppée, Heredia, Sully Prudhomme; revolucionarios da pintura foram Manet, Corot, Monet; na musica, o gesto publico restituia a Berlioz, outr’ora vilipendiado, o merecido triumpho, enquanto que Gounod se fazia o idolo das platéas, ao





mesmo tempo que, a despeito dos ataques de um grupo exaltado, mais por snobismo que por amor da patria, o éstro sublime de Wagner firmava-se no repertorio das orquestras parisienses, e o horizonte da arte franceza era illuminado pela fugaz trajectoria do incomparavel Bizet; a alta comedia, de analyse psychologica e de estudos de costumes sociaes, desthronou o dramalhão sentimental.

Esta divagação, que pareceria desviar o assumpto principal deste estudo, longe de pretender enveredar pelos dominios da litteratura e das bellas-artes, não visa, entretanto, senão indicar, aliás mui summariamente, a correlação que liga entre si todas as partes componentes de uma determinada época historica, as variantes que se vão succedendo não passando, muitas vezes, de manifestações da moda, mais ou menos transitorias, quer se trate de indumentaria, quer do romance, do verso, ou da pintura.

Eis porque apenas foram citados os corypheus do novo movimento intellectual, omittindo-se outros que certamente mereceriam ser nomeados, mas que tomariam demasiado espaço, tanto mais quanto é preciso assignalar, se bem que mais perfunctoriamente ainda, a influencia desse mesmo movimento, reflectindo-se nas lettras e nas artes portuguezas, renascendo sob o influxo da celebração do tricentenario de Camões, e no Brasil egualmente, correspondendo ao periodo em que brilharam entre tantos outros: no romance, Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Raul Pompeia; na poesia, Castro Alves,

Raymundo Corrêa, Theophilo Dias; na pintura, Pedro Americo e Victor Meirelles; na musica, sobretudo, o genial Carlos Gomes.

Não póde nem deve ser encerrado este cyclo em breve resenha das modas, e das varias modalidades da vida social, que em torno dellas giram, sem uma referencia ás danças de salão. Persistem sempre as valsas rodadas, as polkas puladas; mazurkas e schottisches vão insensivelmente desertando dos programmas das reuniões familiares, mas surge a valsa denominada, não se sabe porque, “valsa ingleza”, freneticamente rodopiada e entremeada de velozes galopes, do mesmo passo que alguns valsistas de bom gosto procuram propagandear a valsa americana, o “boston”, compassado, elegante, deslizando maciamente em caprichosas evoluções, semelhantes ás dos patinadores—isso que mais tarde, ao que parece, se chamou “valsa lenta”.

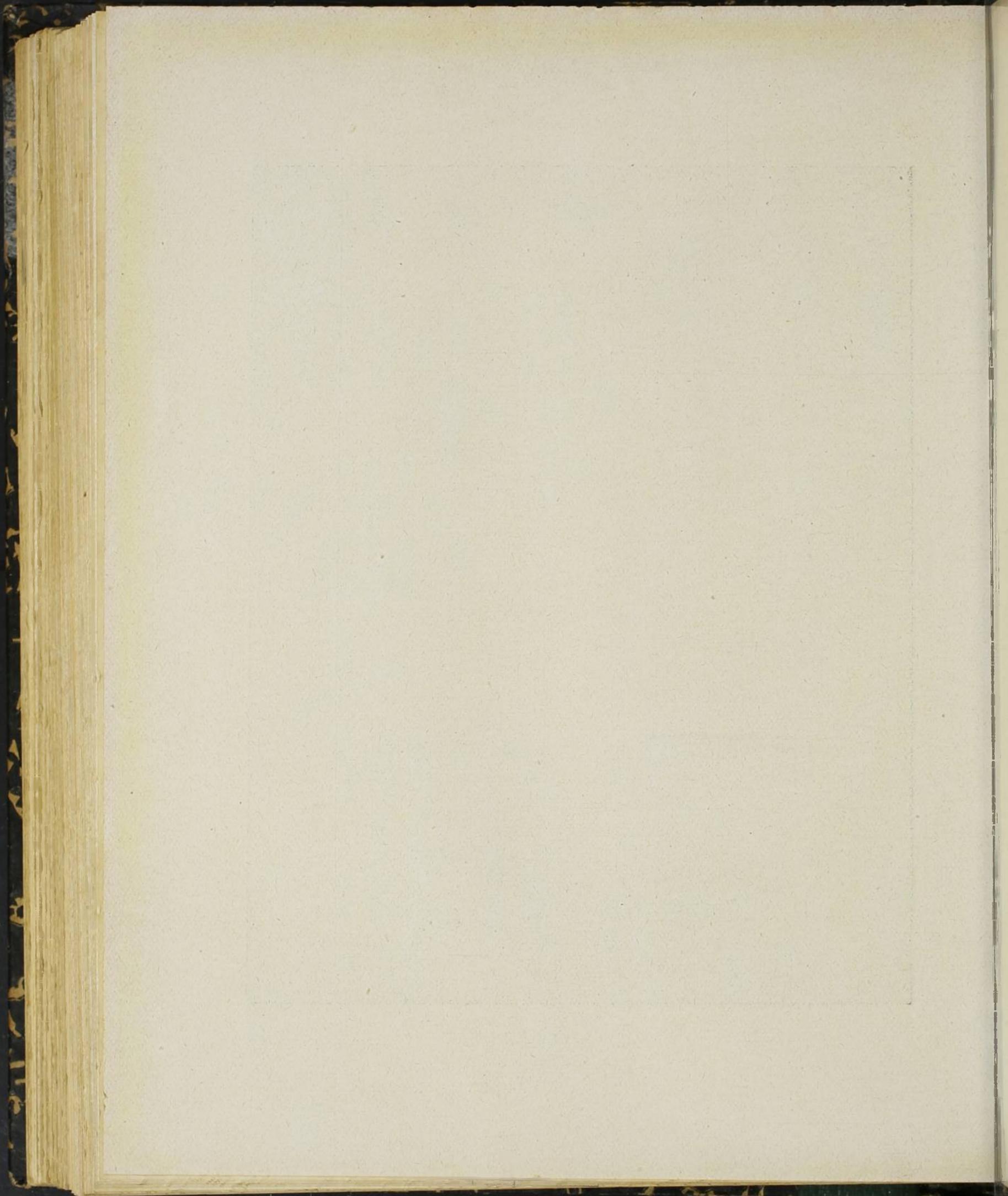
Não quiz a moda, sempre versatil, sempre irrequieta, e em cata de excentricidades, que entretenham o seu prestigio nas innumeras hostes de seus subditos e subditas incondicionalmente doces ás suas imposições, não quiz a moda que terminasse o seculo XIX^o—seculo das luzes o intitularam—sem que alguma mudança sensível nos figurinos communicasse ás senhoras e senhoritas apparencia radicalmente contraria á que por enquanto exhibiam.

As mangas, até aqui singelas, colladas aos bra-



1895

J.A.F.
Sep 11/95



ços, começam a dilatar-se na parte superior, fazendo como que suppôr os hombros, por defeito da natureza, exaggeradamente e desagradavelmente elevados. Assim vão indo, acabando por expandirem-se em enormes tufos, estreitando do cotovello ao pulso. E esses tufos, que formam a manga chamada "houffante", accrescem de volume quando se lhes sobrepõe uma especie de romeira, feita de repetidas camadas de folhos, ás vezes bastante largos, outras vezes em tiras estreitas.

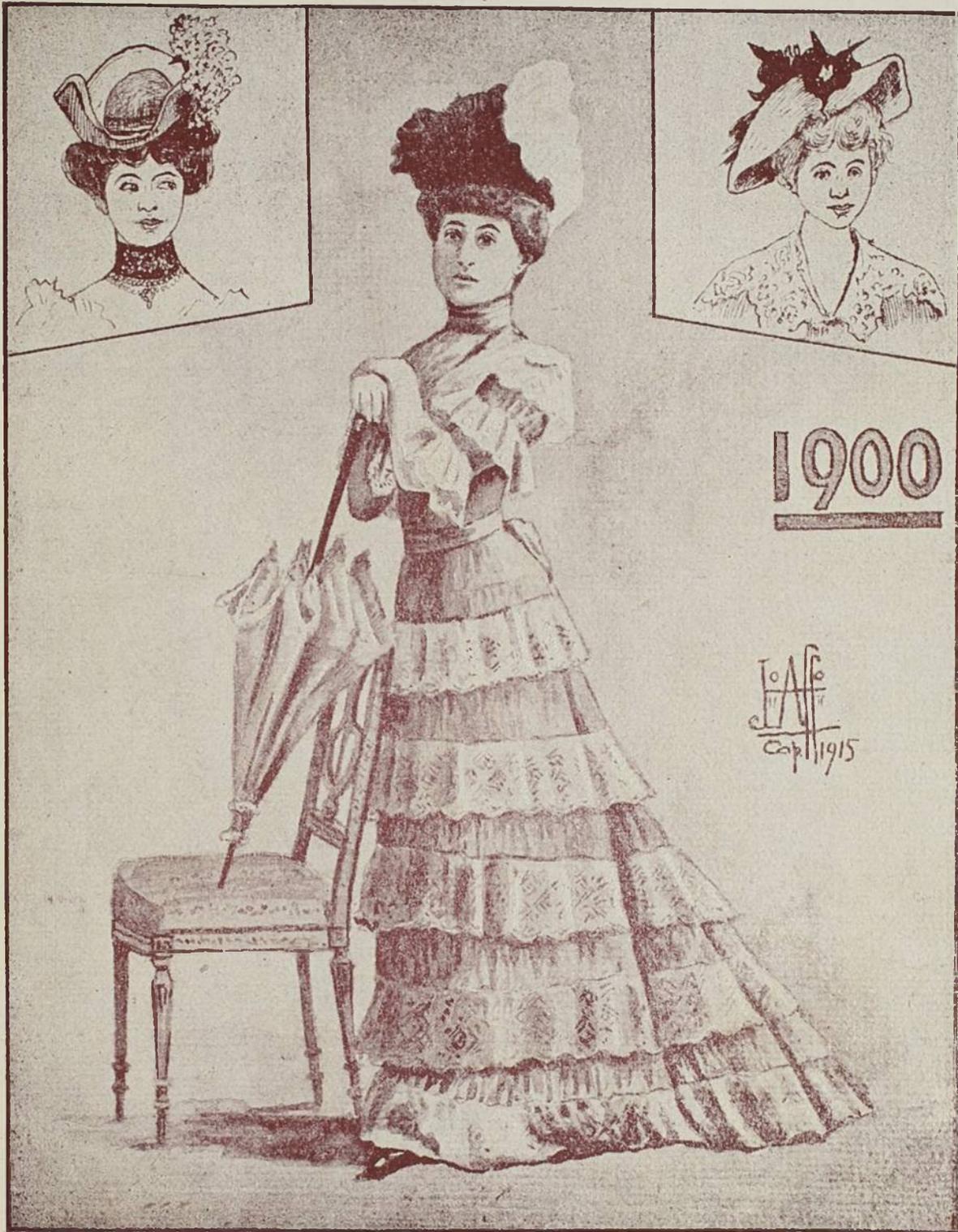
A cintura fina é cada vez mais de rigor. Em opposição ás ancas, que dantes se queriam sobremaneira boleadas, com o recurso dos enchimentos artificiaes, os quadrís agora são reduzidos á mais stricta exiguidade, escorrendo por elles abaixo a saia, completamente lisa, e alargando gradualmente para baixo, até fazer grande roda ao tocar no chão, toda por igual, sem a menor velleidade de cauda. A pessoa assim trajada, por effeito do feitio conico da saia, lembra uma campainha emborcada, ou um funil, sobrepujado por um busto feminino, todo em tufos, em rufos, em pregueados, em encanudados.

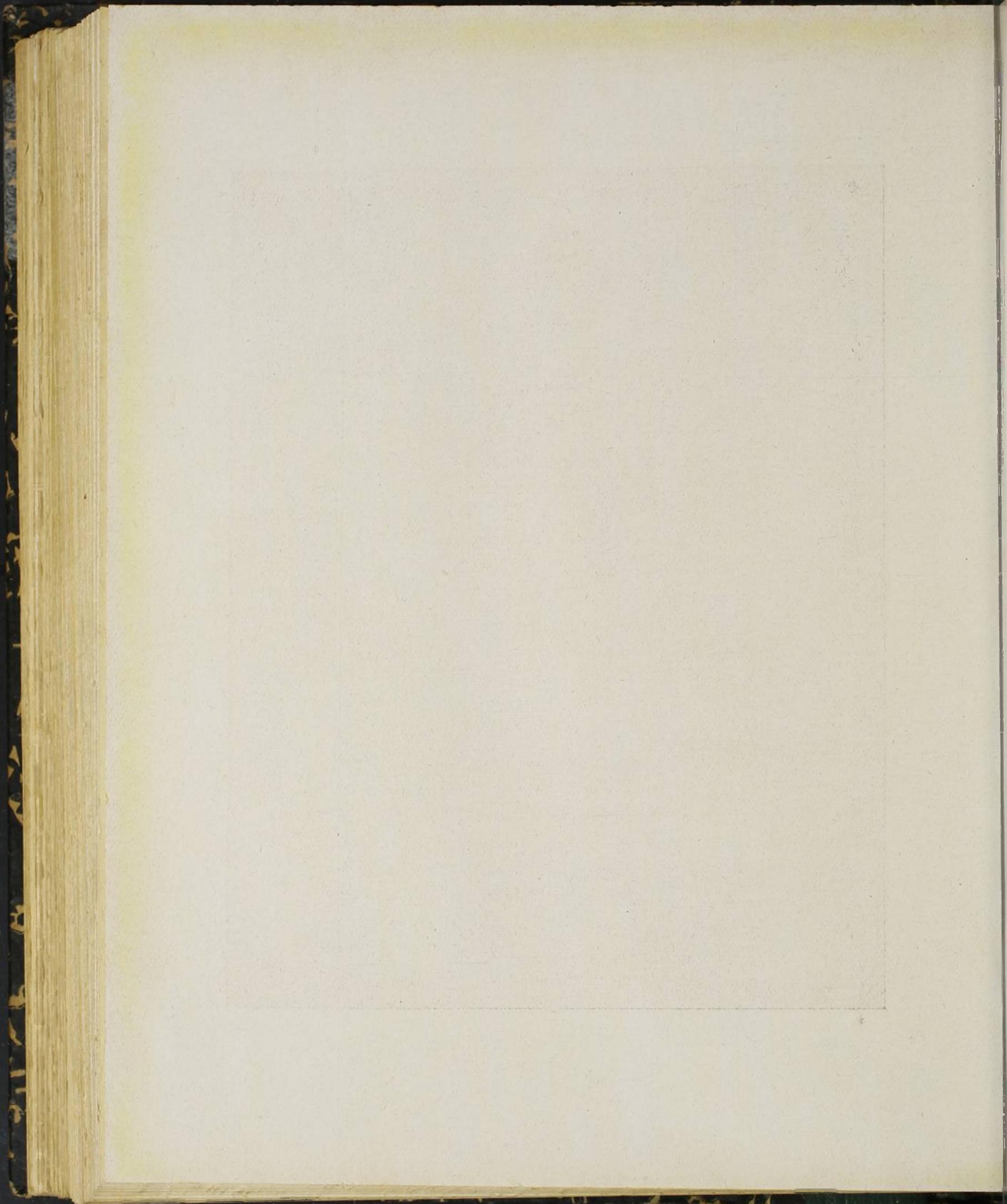
O corpete é ás vezes em fórmula de couraça; ás vezes traz por cima um curto bolero.

Duas coisas uteis e praticas, que nunca mais deixarão de andar em uso, se deve a este cyclo da moda: a blusa, singela, modesta, elegante, ao alcance de todas as bolsas, de côres claras para trazer com saias escuras; de cambraia branca ou de tafetá, lisas ou com estmpados de phantasia, ou xadrez escossez,

apertadas com cinto de couro e fivela de metal, com collarinho, gravata e punhos de homem; e o chapéo “canotier”, modesto tambem, e singelo, de palhinha clara, com a fita mais ou menos larga, ordinariamente preta, tendo do lado um laço da mesma fita, ou uma aza de passaro, destacando-se assim, e sem nada perder da elegancia e do bom gosto, pelo contrario, ao lado dos outros chapéos seus contemporaneos, espectaculosos na fórma e nos ornatos, de permcio com as pequeninas capotas, as “toques”, quasi invisiveis sob fitas e flores. A blusa e o “canotier” servem para realçar, em contraste com o luxo das tafulas exhibicionistas, a sympathia e a graça natural da moça pobre.

Emquanto aos homens, se ainda se vêem os casacos bem afogados, abotoados até acima, com pequena gola, já se notam os fraques e sobrecasacas mais abertos. E’ occasião de citar o advento de uma peça do vestuario, destinada tambem a viver longa vida, apenas com ligeiras variantes sem importancia, graças á sua utilidade pratica—o “smoking”, casaco leve e commodo, de creação ingleza, substituto da casaca nos jantares intimos e nas reuniões de meia cerimonia. O “smoking”, completamente aberto, usa-se com o mesmo collete decotado que para a casaca, o peitilho da camisa branca ora duro e lustroso de gomma, ora fôfo e pregueado, com dois ou tres botões de ouro fôsko, ou de perolas, ou um só botão cercado de minusculos brilhantes. A gravata, de laço diminuto, oscilla periodicamente entre a preta, de

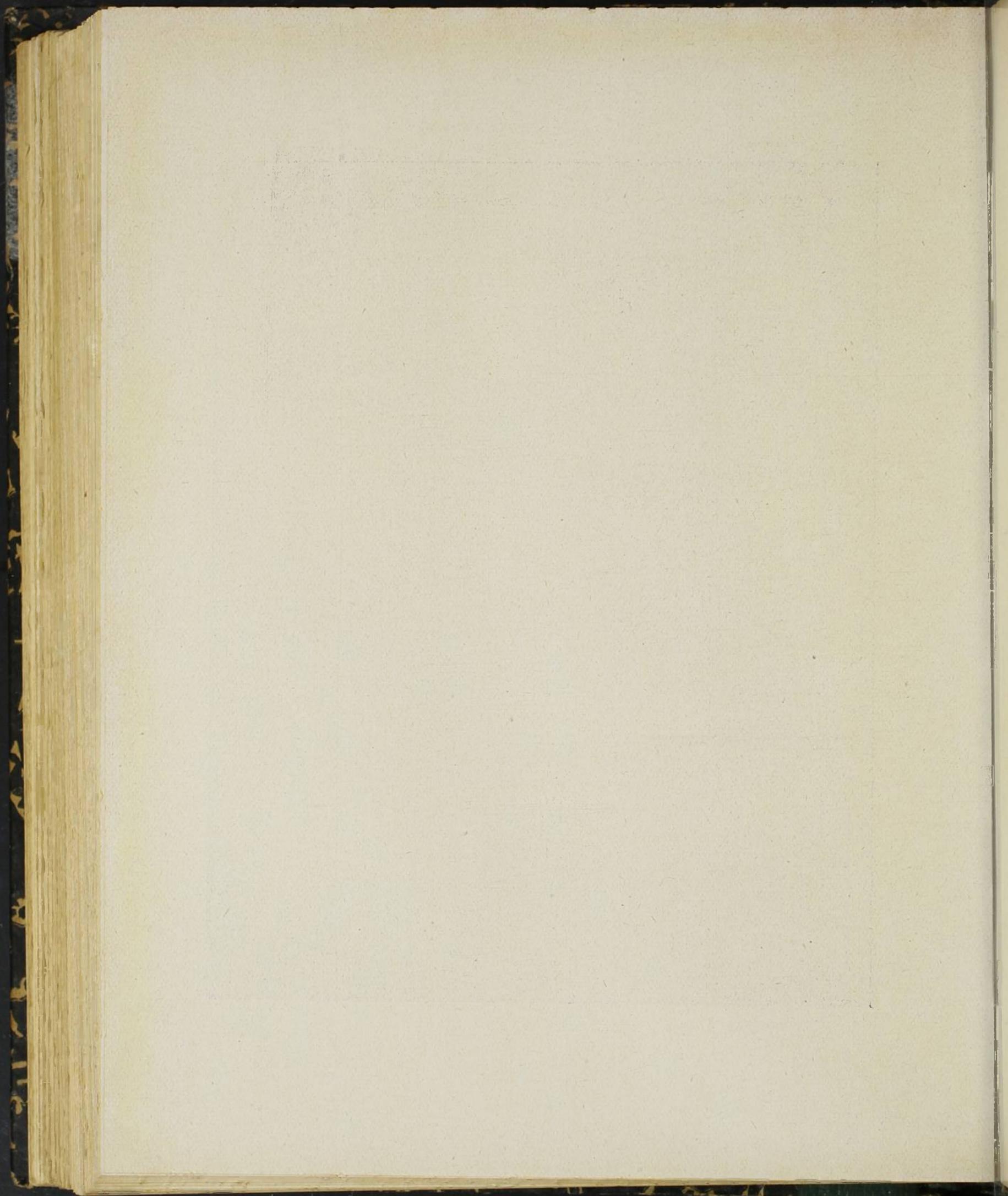






1900

J. A. G.
Cop. 1915



setim, ou a branca, de cassa. O chapéo é a cartola, ou o “panamá”, ou o de côco, conforme o determinar a pragmatica, sempre ingleza, em todo o caso.

Muitos homens adoptaram o penteado de pastinha, cobrindo parte de testa, ao passo que outros preferem cortar o cabello á escovinha, de que ha mais de uma maneira: “brosse carrée”, “fond d’assiette”, e quejandas. O bigode, a barba, já vão cedendo á invasão da moda norte-americana de trazer a cara totalmente escanhoadá, cousa que outr’ora só cabia aos padres e aos comicos, e que posto não assente bem em todas as physionomias, é, pelo menos, asseada e hygienica.

Do memo modo veiu da Inglaterra a lembrança de dobrar a bainha das calças por motivo da chuva, mas que, afinal, ficou para moda permanente, vindo ella já dobrada, e fixada pela costura, da casa do alfaiate, como acontece com outros accessorios da vestimenta, que se explicam, nos logares de sua procedencia, pelo serviço que prestam de accôrdo com o clima e com a estação, mas que acabam introduzindo-se em climas e estações differentes, fóra do proposito, por conseguinte, e sómente porque se encontram nos figurinos de origem estrangeira, em toda a parte servilmente copiados. Com a bainha das calças dobrada, passeava certo janota por uma bellissima tarde de verão tropical, o que causou especie ao amigo **com** que se encontrou:

—Ora esta! Com este bonito sol, tu de calças arreçadas!

—E' que não sabes, respondeu, se estará chovendo em Londres...

Semelhante ao caso da bainha das calças dobradas, temos o das mangas dos paletós e dos fraques com os canhões dobrados para cima, abotoando e desabotoando á vontade, evidentemente destinados, nos paizes frios, a serem desdobrados, quando de inverno, de maneira a cobrirem as mãos, aquecendo-as,—moda essa logo imitada por toda a parte, mesmo nas regiões mais quentes, só porque as estampas dos jornaes europeus a recommendavam.

E como estas, ainda muitas outras inconsequencias, que ficam na fita da Underwood, para não demorar o XX° seculo, que nos espera na pagina seguinte.

V

1901 a 1916

A aurora do seculo XX^o foi a mais risonha e auspiciosa possivel, dessas que os poetas pintam com dedos côr de rosa, espargindo flores á frente do carro dourado de Apollo como no quadro celebre de Guido Reni.

Os proprios prophetas, comquanto experientes na antevisão do futuro, não penetraram tão a fundo os seus arcanos, que lhes fosse dado perceber a tremenda catastrophe que, transcorridos poucos annos, desabaria sobre o mundo civilisado, reduzindo grande parte da Europa a um campo de ruinas materiaes e sociaes, e reflectindo seus funestos effeitos sobre a humanidade inteira.

A França fechára o seu inventario do seculo precedente nas mais lisonjeiras condições de prosperidade, demonstradas na grandiosa feira universal de 1900.

Se é certo que a historia se repete, foi, talvez, esse luzido certame que corroborou no animo da

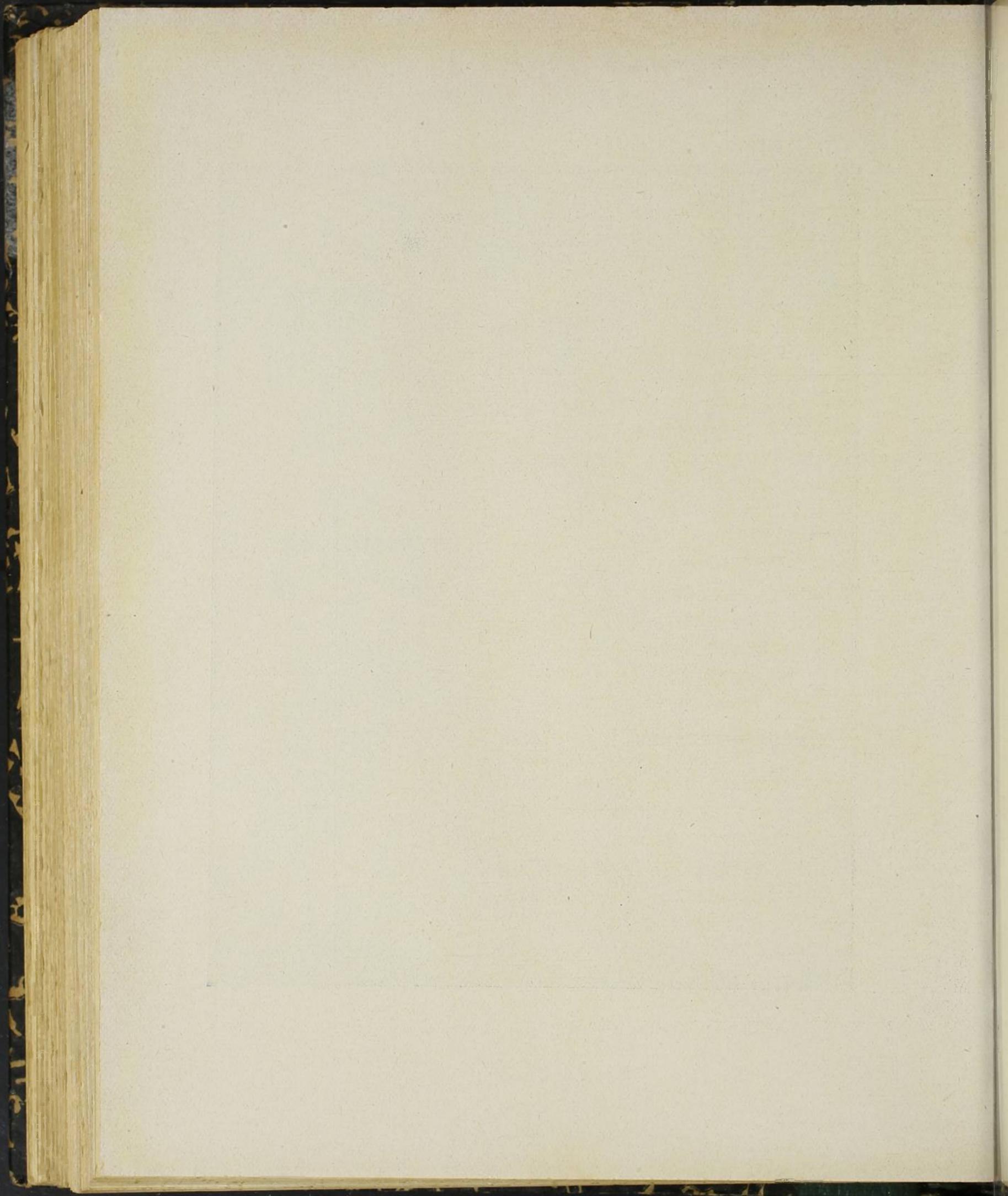
Allemanha o intuito de applicar segunda tarefa na petulante vizinha, e já então irreconciliavel inimigo, que com tamanha galhardia se reergueu promptamente dos revezes de 1870.

Durante a exposição de 1867, o astuto Bismarck, valsando nos salões das Tulherias com as damas de honor da imperatriz Eugenia, e prodigalizando amabilidades a Napoleão III, interiormente se rejubilava á idéa de em breve destroçar tudo aquillo, matando de uma cajadada dous coelhos: anniquilar um competidor importuno, e promover a unificação da Allemanha.

Não seria, portanto, de admirar se, em 1900, patenteando os francezes a todas as vistas os recursos de uma raça intelligente, trabalhadora e economica, e investigados no mais intimo recesso de sua organização politica e militar por uma chusma de espiões, novos ataques se premeditassem, para lhes tirar de uma vez por todas as velleidades de desforra.

Para entrar no recinto dessa exposição, havia que transpôr a porta monumental concebida pelo architecto Binet, cujas audacias deram causa a discussões e polemicas, inclusive a proposito da estatua que cercava a cupola, representando, ao que se allegava, a Cidade de Paris, mas que, tendo substituido a classica tunica romana por uma vestimenta toda moderna, quer dizer, da ultima moda, reproducção fiel do derradeiro figurino, segue-se que, em vez da cidade, estava alli mais particularmente representada a Parisiense, acolhendo, dominando a turbamulta cosmo-





polita, acudindo de todos os pontos do globo para render a homenagem de sua admiração áquella que resumia, numa só graciosa e attrahente pessoa, toda a supremacia franceza em materia de luxo e elegancia á soberana do bom-gosto, á Rainha da Moda, emfim.

E tanto prevalecia o pensamento de homenagear a mulher, que houve o projecto, aliás rejeitado pelo commissariado geral da exposição, mas desde logo adoptado em Londres, de uma “exposição feminina”, com especimens ethnographicos de mulheres de todas as raças.

“Uma exposição da mulher”, exclamava então um articulista, “mas o que vem a ser senão isso a Exposição Universal de 1900, na sua grande generalidade, pergunto eu? ou, pelo menos, não serão os grupos e as classes a ella consagrados, directa ou indirectamente, os centros attractivos da multidão, quer nos Invalidos, com a joalheria, quer no Campo de Marte, com a nave gigantesca do Palacio dos Fios, Tecidos e Roupas? Entre as attracções, onde é maior a affluencia do que no Palacio da Vestimenta? Decididamente teve o sr. Moreau-Vauthier a mais justa concepção, collocando a sua Parisiense no cume da Porta monumental do sr. Binet: é a Moda feminina que acolhe as visitantes do mundo inteiro, é a modista parisiense, esboçando seu sorriso tentador, convidando as mulheres bonitas a deterem-se defronte dos seus mostruarios de frivolidades, no immenso bazar internacional.” E nada foi esquecido para estimu-

lar a curiosidade, e provocar o desejo do fragil espirito feminino, em extase á vista de tanta maravilha.

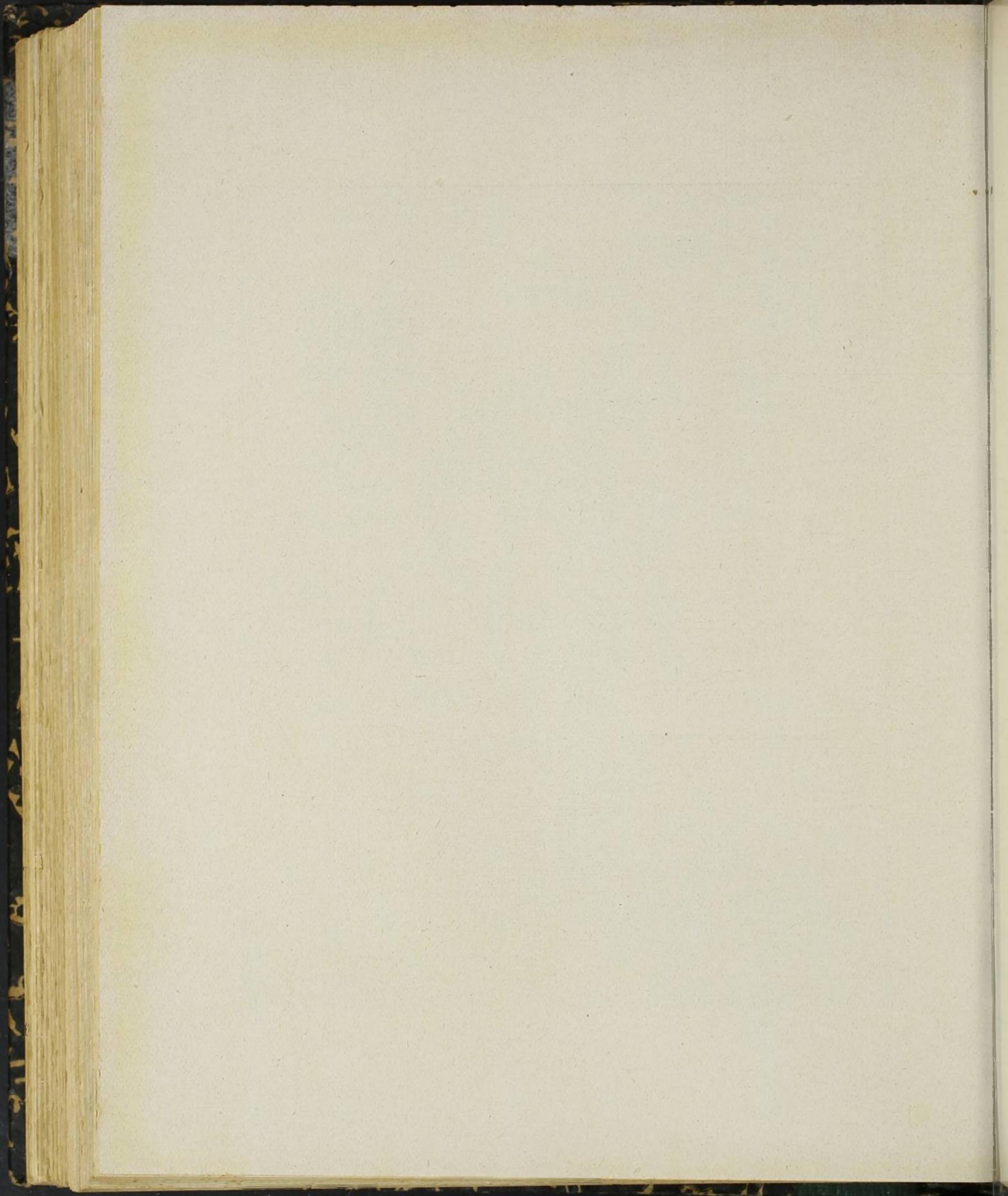
A “Camara syndical de costura”, a que adheriram as primeiras casas occupadas nesse genero de negocio, se encarregou de preparar o scenario adequado, por seu esquisito gosto artistico, a seduzir os olhos e aguçar os appetites. A vitrina organizada por um grande “costureiro” de Paris, expunha uma série de manequins em tamanho natural, em varias attitudes e posições, envergando toda a sorte de vestidos, cada qual mais lindo e luxuoso, proprios para todas as horas do dia e da noite, para usar por casa, para sahir a passeio, para visitas, para bailes, para theatros, e até para luto “ao ponto (notou um humorista) de fazer suspirar a uma loura com vontade de ser viuva, por saber que a côr preta lhe assentava bem”. A esses vestidos acompanhavam, com o mesmo apparatus e o mesmo luxo, os indispensaveis accessorios: chapéos, mantas, sombrinhas, etc.

E’ de notar que nestes assumptos de modas e costuras se façam referencias quasi exclusivamente aos “costureiros”, deixando como que em plano inferior as “costureiras”, que entretanto deveriam ser as unicas competentes em coisas femininas. De facto, assim vinha succedendo de certa data áquelles tempos. Os maiores e mais famosos estabelecimentos de costura a pouco e pouco entraram de ser dirigidos por homens, revestidos de uma autoridade, pôde-se mesmo dizer de uma dictadura, que delles



1905

J. A. P.
Ep. 1916



fazia tyrannicos oraculos na sua especialidade. A iniciativa emprehendedora desses soberanos da Moda dilatou consideravelmente a zona de influencia de Paris em tudo quanto se prende ao vestuario e adorno da mulher, influencia que se estendeu pelo mundo a fóra, principalmente na Inglaterra, e mais especialmente nos Estados-Unidos, onde as multi-millionarias americanas têm uma "paixa" violenta por tudo quanto trazer a marca da procedencia parisiense, elevando-se a uma colossal quantia a cifra annual de suas encomendas.

Não obsta, todavia, que ao lado dos grandes "costureiros" continuassem a prosperar certas casas de identica natureza dirigidas por senhoras, que mantinham as velhas tradições da supremacia das mulheres naquillo que com as mulheres se relaciona; tanto assim que, resolvendo o governo francez reconhecer e galardoar os incontestaveis serviços prestados á nação pelas casas de modas da rua de la Paix, deu preferencia a Madame Paquin, condecorando-a por seus esforços "em prol da propaganda do gosto francez no estrangeiro".

Com razão frisou o jornalista, autor do artigo de que acima ficou transcripto um periodo, a exposição de joalheria. Ahi havia, realmente, verdadeiras preciosidades artisticas, fornecendo a prova irrecusavel da superioridade, ainda nesse ponto, do artista francez em comparação aos seus competidores de outros paizes, inglezes, austriacos, allemães, belgas, dinamarquezes. Eram pentes, collares, pingentes, bro-

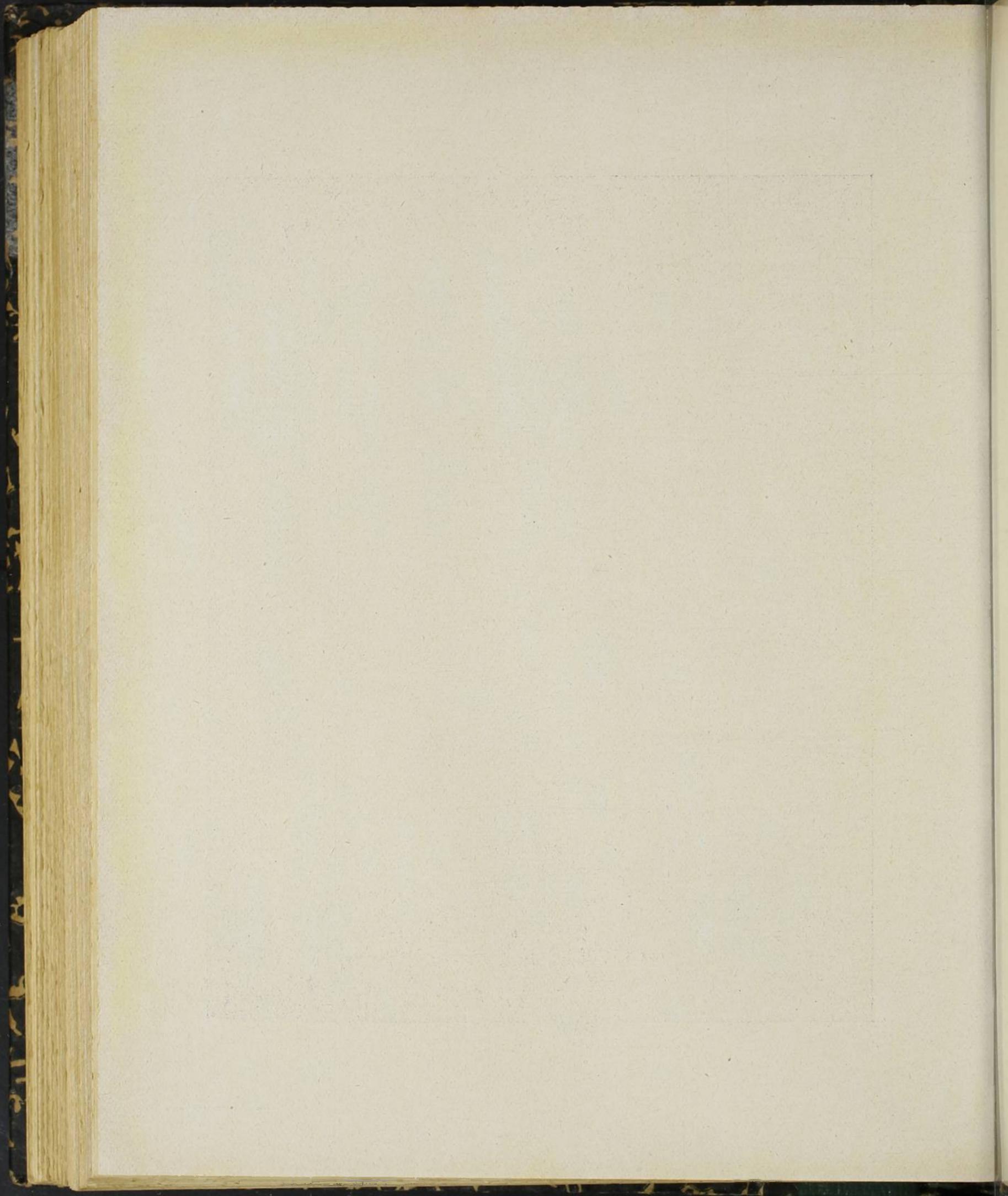
ches, brincos, alfinetes, “chatelaines”, anéis, cabos para sombrinhas, grampos para chapéus, nos quaes uma grande variedade de materias, obedecendo docilmente á imaginação creadora e aos dedos habilitados do artista, conjugavam-se umas com as outras na confecção de pequeninas obras primas, para satisfacção do luxo e da vaidade: o ouro, a prata, a platina, a tartaruga, o marfim, as pedras preciosas, as perolas, os esmaltes.

Annos atrás, tantas sumptuosas e tentadoras bugigangas constituiriam, simplesmente, collecções de obras de ourivesaria, de autores anonymos, ignorados dos espectadores e dos consumidores. Agora, não. Cada objecto é uma obra prima á parte das outras, distincta, original, subscripta por um nome celebre, incontestavel, como se fôra um quadro ou uma esculptura de mestre. Ante cada uma dellas, o conhecedor citava o autor, quando não reunia, elle só, dois nomes—o do que imaginou e desenhou o modelo, e o do artifice,—ouvires, cinzelador, burilador, que o executou. E, de bocca em bocca, circulavam os nomes de Lalique, de Fouquet, de Grasset, de Boucheron e de Hirtz, de Debois, como tambem das empresas: “La maison moderne” e “L’art nouveau”.

Arte nova—“art nouveau” (para o inglez “modern-style”)—eram todos elles productos da reforma radical operada no desenho de ornato applicado ás cousas da phantasia e do capricho, imprimindo uma orientação mais agradavel á vista, em que a seccura e a symetria das figuras geometricas eram

1910





felizmente substituídas por variadas e graciosas combinações de linhas, de arabescos, sobretudo a estylição da flora, utilizada em mil contornos interessantes pela elegancia e pelo bom gosto. Infelizmente, a arte nova, consoante acontece a todas as novidades, não tardaria em abrir passagem aos abusos, aos exaggeros, engendrando verdadeiras abominações no mobiliario, na ceramica, na architectura, quicá preparando o advento do cubismo, essa aberração do bom senso, symptoma evidente de uma geração doentia, empenhada no criminoso proposito de iniciar a éra de decadencia da arte, pretendendo assumir a missão de “tirar ás cousas a apparencia banal”. Póde-se, no emtanto, tirar aos srs. cubistas o privilegio da invenção, attribuindo-o ao caricaturista inglez Henrique Bumbury, que, mais de vinte annos antes, numa alegre série de figuras humoristicas, imaginou a “mulher triangular” e o “homem quadrado”.

Antes de transcorrida a primeira década do XXº seculo já os trajos das senhoras haviam passado por consideravel mudança. Alguns delles, é certo, recordavam modas transactas, porque, afinal, a moda, como a historia, se repete, e até dizem que os empregados de certas bibliothecas de Paris sabem de antemão mais ou menos, o que vae ser “lançado” na proxima estação, em vista da procura de estampas

de uma determinada época, consultadas pelos proprietarios das casas de costura.

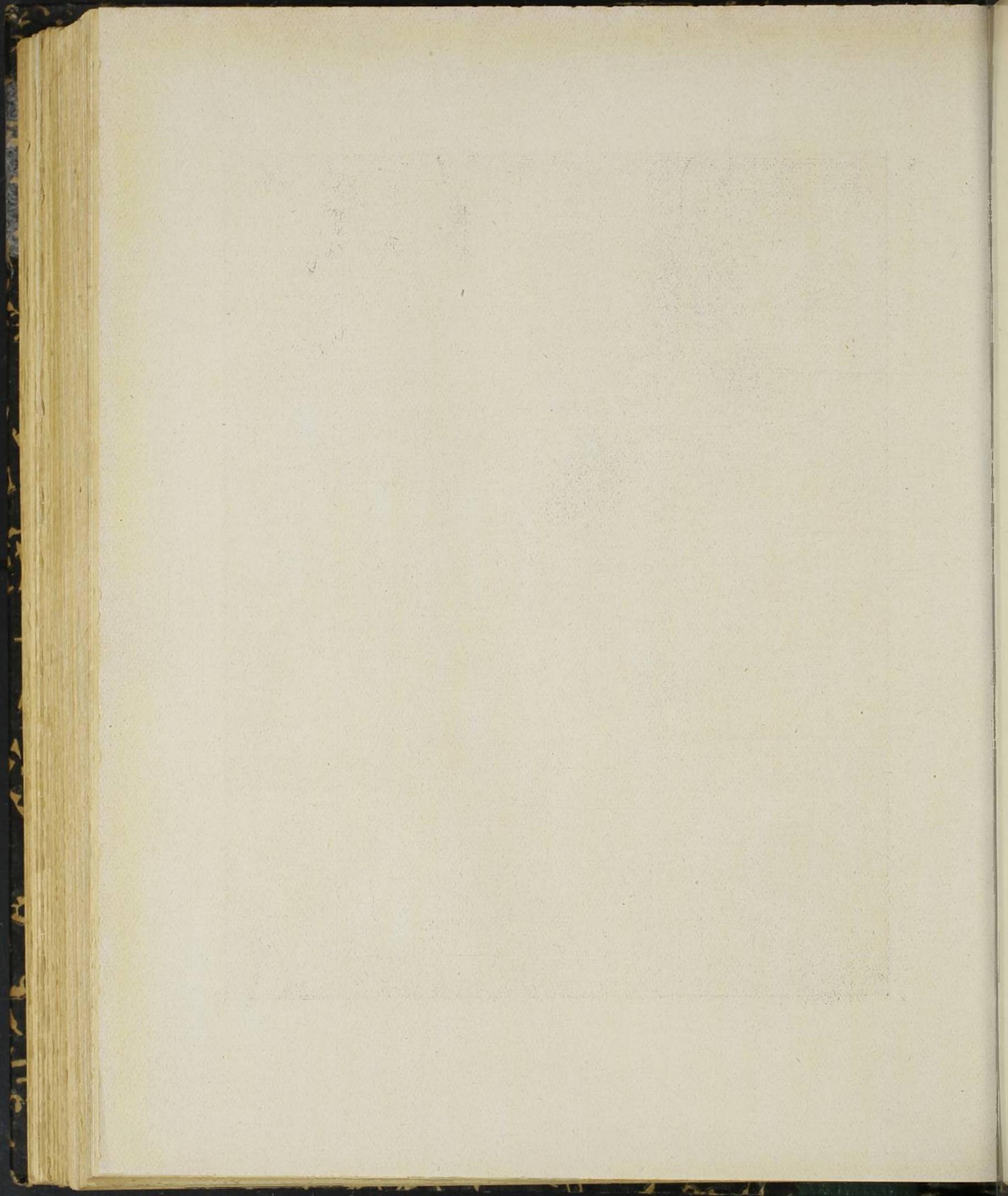
E' assim que se vê resuscitar o vestido chamado "a Imperio": cintura logo abaixo das axillas, mangas curtas, saia esguia como uma bainha, e quasi inteiramente lisa. Mais liso, e mais simples ainda, principalmente no inverno, para sahir á rua, e para viagem, é o vestido "tailleur", de linhas sobrias, corte severo, fazendas pesadas, de côres escuras em tons neutros, casacos amplos, apenas guarneccidos de botões, saias sem o menor enfeite.

Por volta de 1910, cabe ao chapéo das damas salientar-se por uma desmedida enormidade, pela extravagancia do feitio. Abas immensas, e, muito peor, alguns com as copas tres vezes maiores que as cabeças das donas, por consequencia tres vezes mais feios do que quando, por minusculos, pousavam apenas no alto do penteado. A moda, positivamente, não admitte o meio termo; pelo contrario, prefere sempre os extremos, porque exaggerando é que consegue despertar as curiosidades, e angariar adeptos.

Menos extraordinarios são elles, os chapéos, em 1913: pequenas copas, abas reduzidas, barretes e gorros em que a cabeça se enterra bem, e, nesse caso, o que augmenta e dá na vista, ameaçando mesmo espetar os olhos das pessoas proximas, são as plumas, os pennachos, os martinetes, de comprimento descommunal, collocados a uma banda. São mais complicados os vestidos, todos em traspasses, em suspensões, em arregaços, em pregas perpendiculares

1910





ou obliquas, o que, em summa, em linguagem de modista se diz "drapé". Dentre esses, ha os que se prolongam por detrás em extensa cauda, terminando em bico.

A guerra, a grande guerra, abalando o mundo, transtornando tudo, não teve o poder de fazer estacionar a moda enquanto duraram as hostilidades. Ella continuou impassivel, no seu programma de innovar e renovar de quando em quando. Houve até um momento em que pareceu quererem os americanos do norte, como gente que sabe aproveitar as occasiões, e dellas tirar partido, assumir a dictadura das elegancias, deslocando de Paris para New-York o privilegio da invenção e da diffusão dos figurinos, por toda a parte admirados e adoptados sem discussão. Tal intento, porém, se o houve, não chegou a realizar-se: Paris continuou na posse exclusiva da soberania das modas para damas. Nem se concebe que o yankee, de maneiras rudes e arrogantes, todo pábulo dos seus billiões de dollars e dos seus horriveis arranha-céo de quarenta e cinco andares, tivesse a delicadeza de sentimentos indispensavel ao exercicio de uma arte feita de finura e subtileza.

Naturalmente, nos éstos bellicosos provocados pelo enorme conflicto internacional, vão os desenhistas dos jornaes e revistas de modas haurir inspiração para accomodar seus modelos ao gosto militar da época, combinando dolmans guarnecidos de galões e alamares, com barretinas coroadas de pennachos de rabo de gallo.

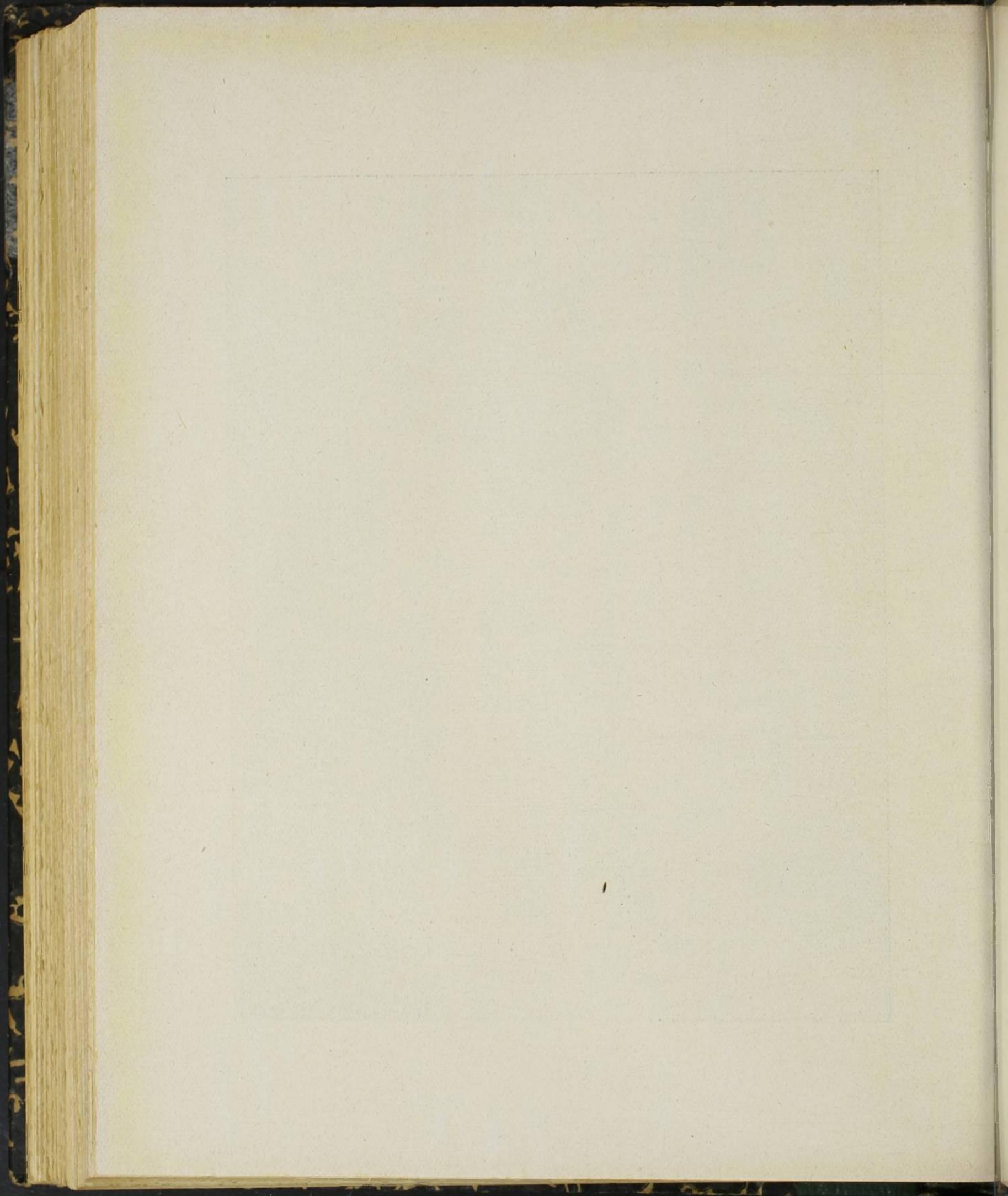
Aliás as cabeças femininas só têm o embaraço da escolha, tal é a infinita variedade de fórmulas, de tamanhos, de denominações, que attinge o interminável capítulo dos chapéus, muitas vezes estapafúrdios, incoherentes, e todavia encontrando sempre preferências para todos elles.

Chegando ao extremo limite deste incompleto estudo, deparam-se-nos os primeiros indícios de uma profunda transformação nos vestidos, pronunciando, num futuro vizinho, renhidas polemicas entre peraltas e sécias do século XXº de um lado, forçando a nota provavelmente para metter ferro no adversario, e do opposto os moralistas, os paladinos do decôro e da pudicicia, os “homens da familia”, no genero do typo lendario da revista de Arthur Azevedo.

As saias sobem, muito além dos limites traçados ás de 1810 e 1830; os decotes descem, mais do que poderia permittir a simples e honesta decencia; supprimem-se as mangas, e até mesmo, nos vestidos de baile, as summarias alças que, á guisa de suspensórios, passando por cima dos hombros, sustentariam o corpete. E nada protege os braços, totalmente nús. As luvas, outr’ora complemento obrigado do vestuario de uma senhora que se prezasse, as luvas, que, no caso em apreço, seriam bastante longas,—de pellica ou de malha de sêda—indo acima dos cotovellos, são dispensadas: trazem-se séries de braceletes, collocados em varias alturas, á maneira das orientaes,—de ouro, de prata, de madeiras diversas, de osso, de vidro de celluloide, de tartaruga. Em mate-

1910





ria de joias, resurgem os brincos de nossas tetravós, compridos, pesados, affectando todas as fórmulas imagináveis. Ha tambem os vestidos, se vestido se póde chamar á vestimenta sem cintura, ampla e livre dos hombros aos pés (alguma cousa acima, valha a verdade), muito parecidas com uma camisola de bébé, ou um penteador, com que algumas mulheres não hesitam em sahir á rua, trajando aquillo que antigamente só usavam na intimidade da alcova, ou do tocador.

As fazendas, leves, transparentes, "sans dessous" revelam indiscretamente as mais reconditas linhas do corpo, provocando commentarios maldosos, idéas concupiscentes; proporcionando, tambem, algumas decepções, quando se esbarra pela frente com uma velhota mais que madura, e que antes disso, vista pelas costas, ao "vieux marcheur" se afigurára elegante menina.

Para coroar esse conjuncto de desafios ao paco e susceptivel bom-senso, o calçado consiste em sapatos raro abotinados, ordinariamente rasos, de entrada baixa, encarapitados em tacões denominados a Luiz XV, de dez centimetros de altura, pondo em embaraço os poetas attreitos a dizer que a mulher bonita tem um "andar de deusa". Pois sim, mas de deusa... claudicante: "claudicans déa".

Em taes condições, sob o reinado de uma moda que põe tudo á mostra, seria de suppôr que certas pessoas mal aquinhoadas pela natureza, modificassem o seu traço de maneira a occultar as deficiencias,

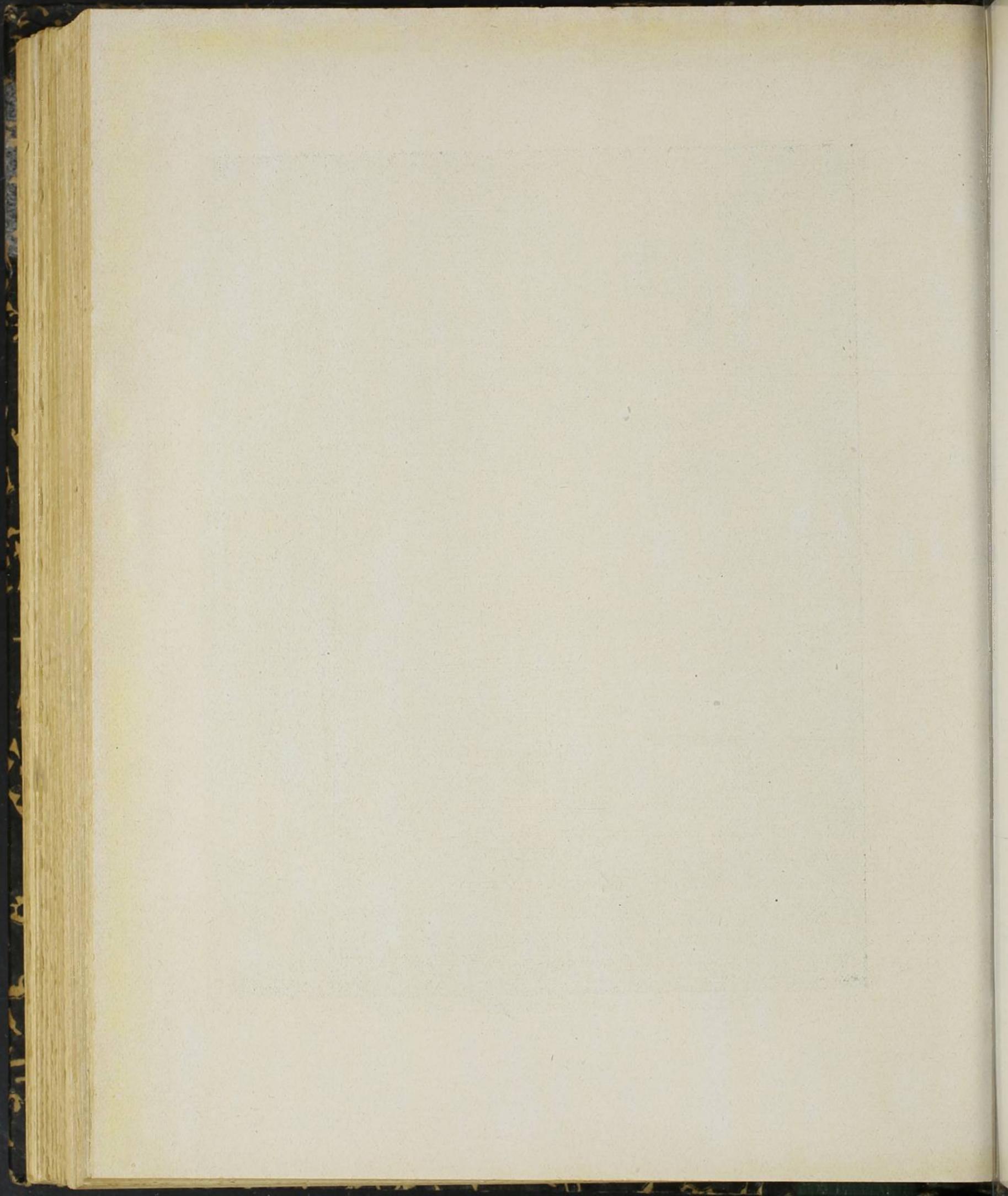
ou as deformações do seu corpo. Nada disso. Comtante que andem no rigor, corajosamente patentêam as pernas tortas, arqueadas, dessas chamadas “de vaqueiro”, ou uma fina e outra grossa, por effeito de varizes; braços de vaqueta, clavículas salientes, e outras desvantagens physicas. E’ talvez caso de dar parabens aos candidatos ao casamento: ante uma tal franqueza, não se poderão queixar de que fôram illudidos pelas apparencias favorecidas pelos artificios, comprando gato por lebre.

Na maneira de trajar dos homens, gradualmente se vão succedendo mudanças relativamente importantes. Registe-se, desde já, nos centros elegantes dos paizes de estações regulares, e onde a gente de tom afflue, durante o verão, ás praias de banhos, ás fontes de aguas mineraes, com os seus divertimentos custosos, e a fascinação ruinosa da roleta e do baccará, as roupas ligeiras, de flanela muito clara, fatos completos, ou apenas as calças, harmonisando-as com casacos pretos, ou azul-marinho.

Para os climas tropicaes, adoptam-se, mui sensatamente, o casaco e a calça de brim branco, de algodão ou de linho, sapatos de lona branca, meias brancas, camisa de listras de côres, collarinho molle, deitado, seguro nas extremidades por atacadores feitos de pequeninos botões de ouro, de prata, ou de madreperola; gravata de sêda, preta ou de fundo escuro, laço regata, bem larga nas pontas, bastante comprida e fluctuante, cinto de couro amarello, com fivela de metal; chapéo de palha, panamá ou chile.

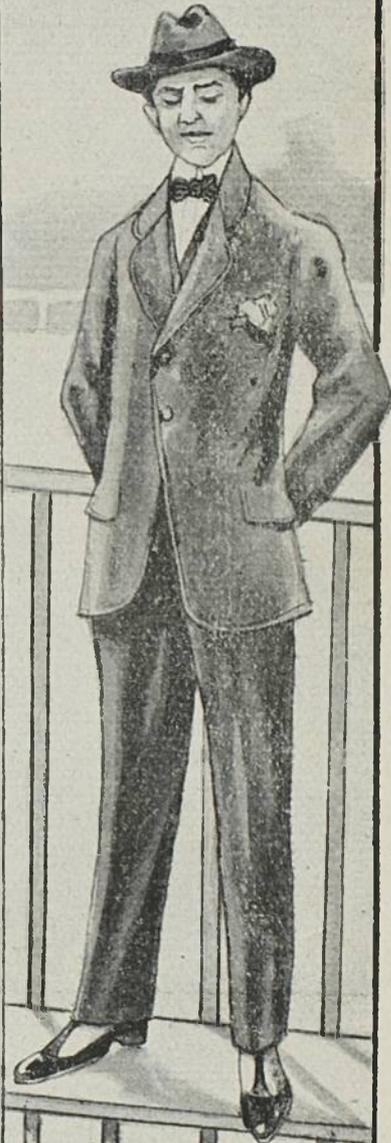
1913

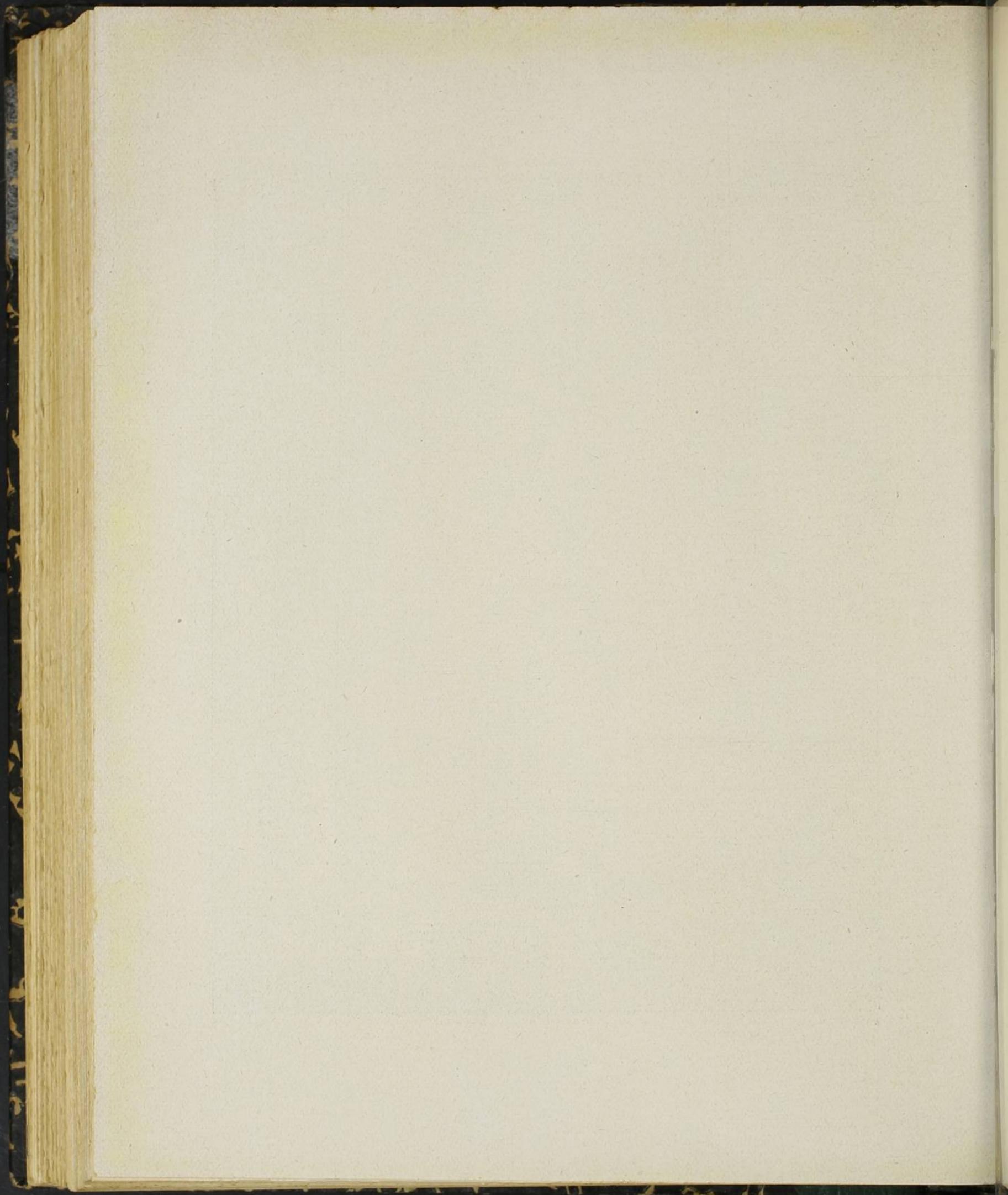




1913

J. A. Co.
1916





Cabe aos inglezes, mestres em assumptos de roupas masculinas, a gloria da adopção destas modas de character permanente, nos paizes quentes; e como, ao mesmo tempo que partidario de tudo o que seja commodo, racional e pratico, John Bull não abdica do seu culto á tradição e ao formalismo, ha uma especie de modelo official, para os trajos de cerimonia, que só elles usam nas suas colonias, em que, com as calças pretas e collete decotado, meias de sêda tambem pretas, e escarpins de verniz, vestem, em vez da casaca, uma jaqueta de brim branco e, na cabeça, o chapéo capacete, forrado de lona, tão conhecido e preferido dos exploradores e excursionistas.

A commodidade do fato branco se propagou até ao ponto de servir de pretexto para infringir as regras da etiqueta, invadindo as reuniões sociaes, em que dantes só se admittia a cerimoniosa casaca.

Paletós e fraques têm as golas bem decotadas e bem largas; aquelles deixam de ser os classicos "paletós sacco", para se usarem exaggeradamente cintados, e fendidos atrás, desde o meio das costas. Fraque de cheviote preta, muito chanfrado, as abas terminando em bico como asas de andorinha, collete da mesma fazenda, ou de phantasia, calças de casimira escura, listrada, gravata de sêda clara, cartola oito reflexos, botinas de verniz—eis o uniforme introduzido pelo actor Le Bargy para os casamentos pela manhã. Com a casaca veste-se o collete de fustão, cada vez mais decotado, com quatro minusculos botões de esmalte, muito juntos uns dos ou-

tros, seguindo-se uma longa chanfradura, dando motivo a dois grandes bicos.

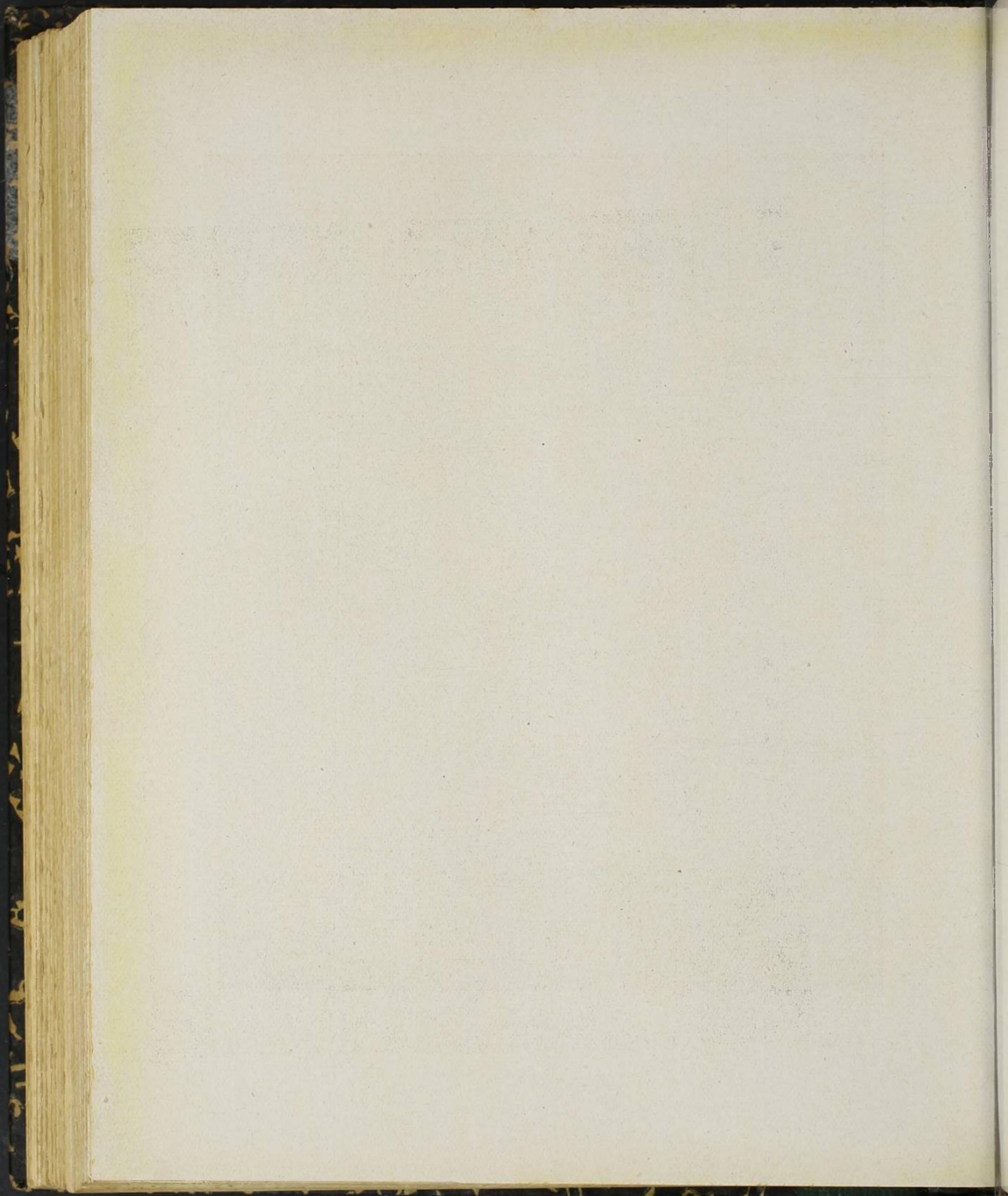
As calças são folgadas, estreitando um pouco para baixo sobremaneira encurtadas, acima dos tornozellos, bainha dobrada. O calçado varia muito: sapatos, borzeguins, botinas, tendendo a ponteagudos, brancos, amarellos, canos de variados tons, gaspeas de couro da Russia ou de polimento, abotoados de uma banda, enfiados, nunca, porém, as obsoletas botinas de elastico, sob pena de merecer diploma de retrogrado, ou de roceiro. Igualmente atrazado burguez, no significado pejorativo com que o termo é empregado pela gente modernista, o portador do austero guarda-chuva, inseparavel dos nossos precavidos antepassados, hoje substituido pela bengala de todas as qualidade e grossuras.

Os collarinhos, quando deitados, são baixinhos, como do mesmo modo os collarinhos em pé, de pequenas pontas dobradas; para as gravatas, pôde-se dar largas á phantasia, quer compridas como as regatas, ou de laço minuscuro denominado "borboleta"; em todo o caso, é do regulamento repudiar o laço feito, como prova de mau gosto e caipirismo. Numa roda de moças, uma dellas derretia-se a elogiar certo rapaz de seu conhecimento, por uma especial habilidade em "dar o nó" de uma gravata. Variam grandemente os chapéos, desde a cartola ao tyrolez, cahindo um tanto em descredito os de feitio "melão", ou de "côco".

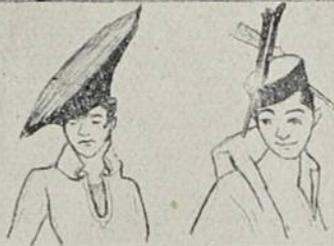
A' parte esta regulamentação do vestuario mas-

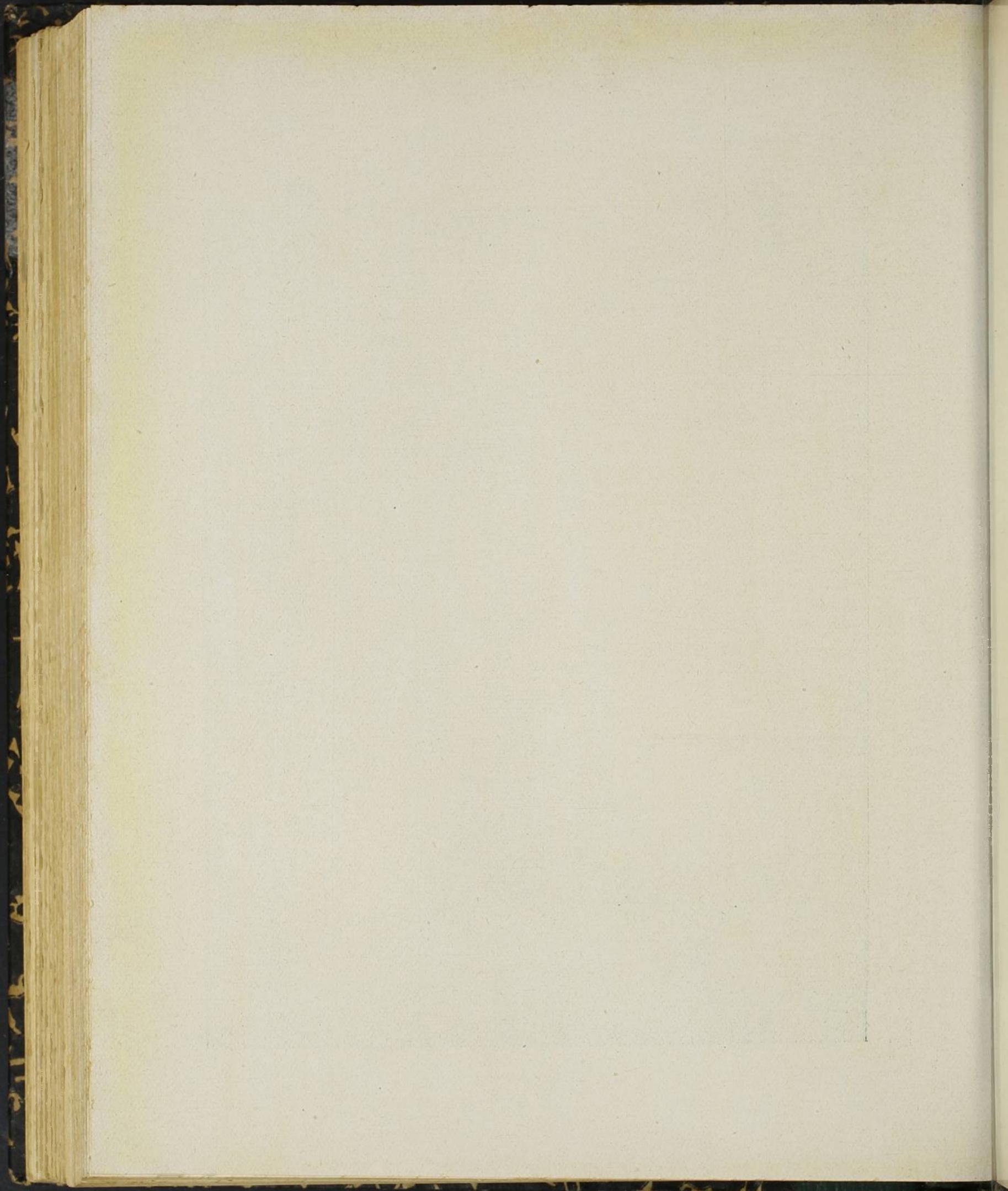
1915-1916





1915 - 1916



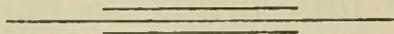


culino, e usos concomitantes, ha uma outra corrente, de moda, de moda salutar e benefica, digna de animação, qual seja, entre alguns dos nossos rapazes, a dos trajos esportivos, correspondentes a cada um dos ramos de exercicios physicos, cultivados por florescentes e enthusiaslicas associações, disseminadas por todo o territorio nacional, para o "tennis", o "foot-ball", o remo, a natação, a gymnastica, o tiro ao alvo, elementos preparatorios de futuras gerações de homens fortes e sensatos, providencial barreira a oppôr, quando antes, á perigosa tendencia, que se vae pronunciando, para a degenerescencia.

Não é preciso accentuar que influencia tiveram certas recentes innovações da moda nos costumes brasileiros, dada a nossa propensão, mais talvez do que em nenhum outro povo, para acceitar sem exame, e imitar sem discussão, tudo quanto fôr novidade, mormente procedendo de Paris, e quão profunda repercussão exercem na nossa mocidade, irradiando, como de rigor, da Capital Federal para os Estados da União.

Semelhante propensão já vae preoccupando os espiritos reflectidos, mesmo os que não censuram pela simples mania de censurar systematicamente o que não obedece aos costumes "do seu tempo", mas que, pelo contrario, desejariam ver-nos constituir uma raça menos futil, menos vaidosa, que leva todo o tempo a cogitar como ha de entreter seu eterno ocio, na audição das valsantes operetas viennenses, nos "chás dançantes" com orchestras de tziganos,

na macaqueação dos heróes e heroínas dos perversos episodios cinematographicos, ou então, por alarde de um singular nativismo, a bambolear-se nos requebros lascivos dos maxixes e dos tangos.



Para terminar

Não sei se o leitor—a leitora principalmente — terá experimentado algum prazer, nesta travessia pelos meandros triseculares da Moda caprichosa; se achará que o assumpto foi sufficientemente explicado na sua variadissima complexidade; se, pelo contrario, lhe parecerá foram omittidas muitas particularidades dignas de menção; ou, finalmente, se houve desperdicio de um tempo merecedor de melhor emprego, em acompanhar as successivas metamorphoses de uma Divindade, que só poderá arraigar o culto de suas futilidades e exercitar o peso de sua tyrannia nos espiritos destituídos de senso, ou baldos de occupação séria.

Aos que acaso se detiverem nesta ultima hypothese, peço venia para observar que não é a Moda cousa tão vã, nem tão inutil, como a muita gente talvez se afigure.

Pelo contrario, parte componente, indispensavel mesmo, de toda a civilisação, cuja evoluçào acom-

panha evolucionando sempre, sua utilidade é incontestavel, porque cria necessidades que proporcionam a varias industrias ensejo de inventar, ou, pelo menos, de innovar, proporcionando, por sua vez, ao commercio elementos para entreter suas faculdades especuladoras, procurando a constante movimentação do dinheiro, que é uma das essenciaes condições da economia das sociedades organizadas.

Nem se desdenhe dessas industrias, nem desse commercio, porque careçam de importancia: demandam o mesmo tino, a mesma aptidão inventiva, o mesmo senso da oportunidade, a mesma energia emprehendedora, o mesmo risco de capitaes que qualquer outra grande empresa industrial ou alto negocio commercial, todos elles se valendo reciprocamente uns aos outros, encadeando-se mutuamente na tarefa geral de suscitar e satisfazer as necessidades de que é feita a trama da nossa existencia de civilizados, sem que esta, por sua importancia, se possa considerar superior áquella outra, por sua insignificancia, mesmo porque "il n'est point de sot métier", no pensar do francez, que é, em summa, professor jubulado nas ninharias da Moda.

Parcece, pois, que este modesto estudo não terá sido de todo baldado. Pelo menos, despertará, talvez, noutro mais competente, o desejo de abordar o assumpto, ampliando-o, completando-o, preenchendo as numerosas lacunas, que aqui por sem duvida se encontram e assim tambem tirando as necessarias conclusões, segundo os methodos de analyse e de

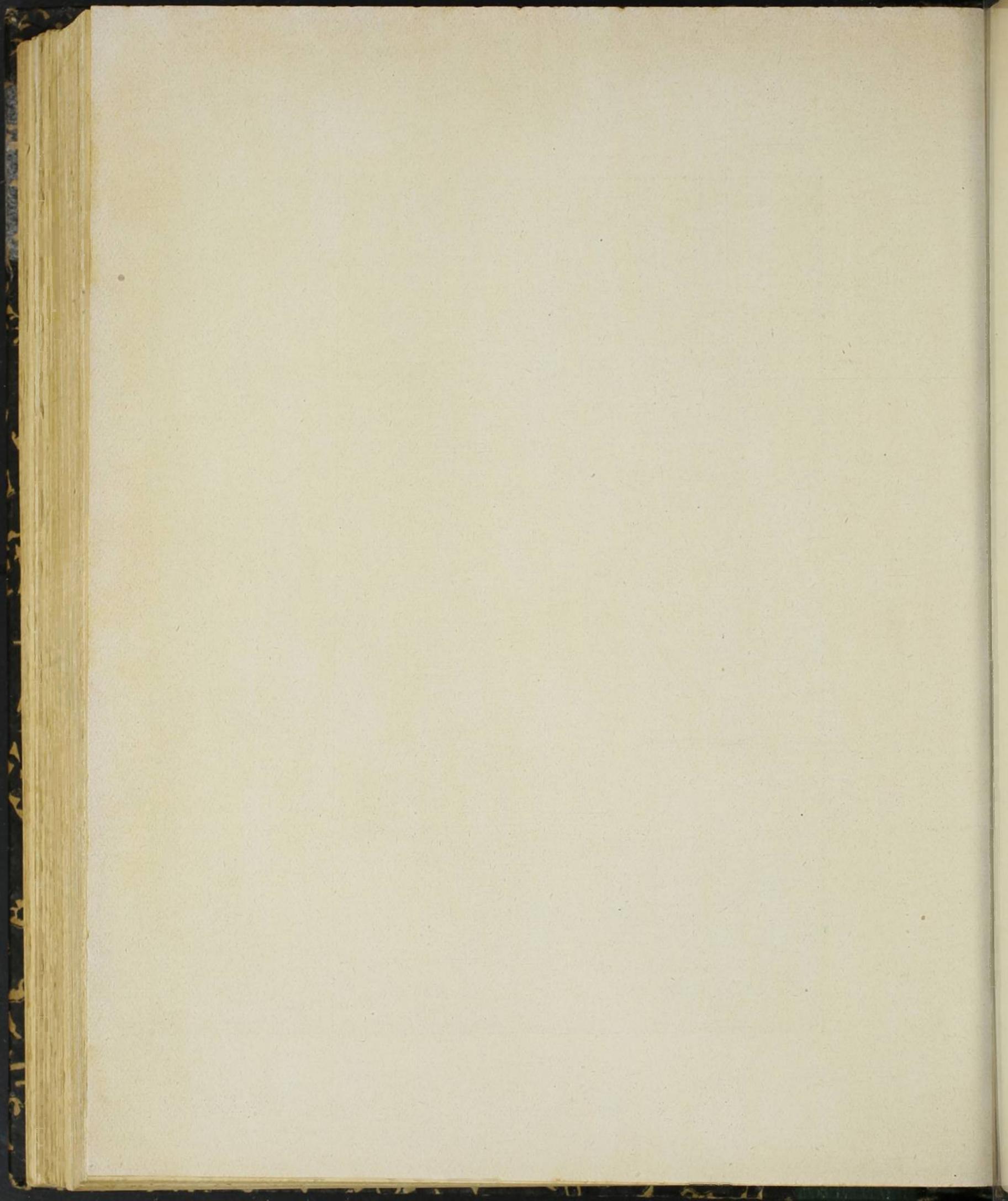
A mulata paraense

J. A. F.
Cop. do natural
em 1885
1916



J. A. F.
Cop. de Widhoppff (1895)
1916





commentario, que lhe aprouver estabelecer, porque afinal, não entrou, de modo algum, no programma destas breves paginas, fazer philosophia, mas tão sómente um pequeno tratado de physiologia da Moda.

Mas antes de o dar por concluido, resta ainda falar de uma classe de modas, que é inteiramente o contrario da moda propriamente dita. Esta, como se acaba de vêr, é, de sua propria essencia, variavel e inconstante, e a ella se applica, muito a proposito, tanto mais quanto se trata da mulher, a popular canção de Verdi—"la donna e mobile", ao passo que a outra se conserva firme, inalteravel, através dos tempos, representante legitima da tradição entre os povos ciosos da manutenção de seus usos e costumes, transmittidos de geração em geração, resistindo aos ataques do progresso, que tudo transforma, modifica e substitue.

Allude-se á maneira de trajar,—isto é, a moda—de grande numero de povos, especialmente da velha Europa, onde as populações do interior, a gente do campo, se conserva fiel ás vestimentas especiaes—differentes das trazidas nas cidades—usadas por seus antepassados, e que se repetem sempre com o mesmo córte, os mesmos tecidos, as mesmas côres, os mesmos ornamentos, differindo muitas vezes de uma localidade para outra, e cada qual mais bizarramente pittoresca.

Não falaremos das raças orientaes, que essas, salvo, ultimamente, lá por certos motivos de peculiar

interesse, os japonezes, vestem uniformemente a seu modo, sem admittir as modas occidentaes.

Mas se percorrermos o continente europeu, teremos, a nos deliciar a vista, os typos campesinos mais interessantemente apreciaveis, rebeldes ás roupas dos cidadãos submissos aos caprichos dos figurinos, enquanto que elles se apegam áquillo que é puramente tradicional, e, portanto, immutavel.

E assim desfilariam, como uma prelecção de geographia indumentária, verdadeira revista de figuras ruraes, da Russia, da zona balkanica, da Bohemia, do Tyrol, da Grecia, da Hollanda com seus casaes de frisões vendendo saude e asseio; da Alsacia, popularisados nas gravuras dos romances regionaes de Erckmann-Chatrion; da Suissa, diversificados em cada cantão; da Espanha, em que o catalão não se confunde com o valenciano, nem o basco com o alicantino.

Em França, destaca-se, pelo modo de vestir, a Bretanha da Normandia, a Picardia da Gasconha, o Limosino do Auvergne, sobresahindo, de cem formatos diversos, mas sempre engraçadas, as toucas e coifas das mulheres.

Não é menor a variedade de trajos em Portugal, sob esse ponto de vista. O autor destas linhas teve o gosto de admirar, assistindo á festa de São João em Braga, uma soberba collecção de cachopas, vindas das aldeias circumvizinhas, com as suas saias e aventaes de riscas multicôres, alacres e vistosas, se bem que algumas preferissem tecidos de tons som-

brios, custosamente bordados, muitas vezes, ao que me fizeram notar, valendo uma pequena fortuna, quando era qualquer lavradeira apatacada; os corpetes de velludo atacados na frente por fitilhos cruzados, sobre a camisota de nivea bretanha de linho; os “ouros” abundantes: pesadas arrecadas, grossos grilhões, corações de filigrana, anéis e teteias sortidos.

Dir-se-ia que o Brasil, nacionalidade ainda não completamente formada e definida, amalgama de raças heterogeneas, sem tempo sufficiente para firmar tradição, nenhum contingente pôde trazer ao assumpto aqui ventilado: as mais que humildes andainas de Geca Tatú e da sua Maria Francisca, nada apresentam que particularmente os notabilise.

Não é tanto assim, todavia. Encontra-se no Rio Grande do Sul, por exemplo, o gaúcho com a sua vestimenta caracteristicamente original: o poncho listrado, as fartas bombachas transbordando por sobre as botas de montar, o vasto sombreiro de couro, seguro pelo barbicacho atado por sob o queixo, as “chilenas” de grandes rosetas, o rebenque de cabo de prata lavrada, como de prata, aliás, são os ricos arreios da ardega alimaria que elle cavalga d’ta e noite, e que fórma como que parte integrante de sua pessoa, centauro dos pampas, impetuoso e valente.

Encontra-se, outrosim, meio caminho do norte, a preta da Bahia, igualmente impermeavel ás injuncções da moda, a mesma, ainda hoje, que ha um seculo tentava o lapis de Rugendas e o pincel de De

Bret, com o seu turbante e a sua manta de panno da costa traçada a tira-collo, a sua saia ramalhuda, figura sem a qual não se imagina o vatapá, nem a muqueca, mesmo quando manipulados pela mais seductora iáia.

Chegados ao Maranhão, se ahi já não fôr habitual cruzar nas ruas a “preta mina”, pelo menos haverá quem se recorde de a ter visto, ha menos de cincoenta annos, pomposamente adereçada nos dias das grandes festas. A “preta mina” vestia camisa e saia; camisa decotada, de mangas curtas, toda guarnecida de bellissima renda de almofada, quando não era de labyrintho, ou de “cacundê”; saia de finissimo e alvissimo linho, tendo na beira largo fôlho, tambem de renda, como de renda é o lencinho que ella cuidadosamente segura na mão direita; e se a saloia portugueza exhibe, no dia do oraculo da sua parochia, o melhor de seus haveres, representados em dices e teteias de ouro, o “ouro” da “preta mina” é muito mais abundante, e mesmo muito mais solido: na cabeça um par de pentes, e um par de “travessas”, de tartaruga, chapeados de ouro cinzelado; nas orelhas, enormes brincos de ouro, obra do Porto; a começar do pescoço, até ao decote da camisa, não se vê a pelle do collo, occulta sob uma successão de enfiadas de contas de ouro em grossos bagos, a ultima das quaes tem dependurado, no centro, um grande crucifixo de ouro massiço, e, por ultimo, em separado, um cordão de fortes élos de ouro, de que pendem, na frente e nas costas, os “bentinhos”,

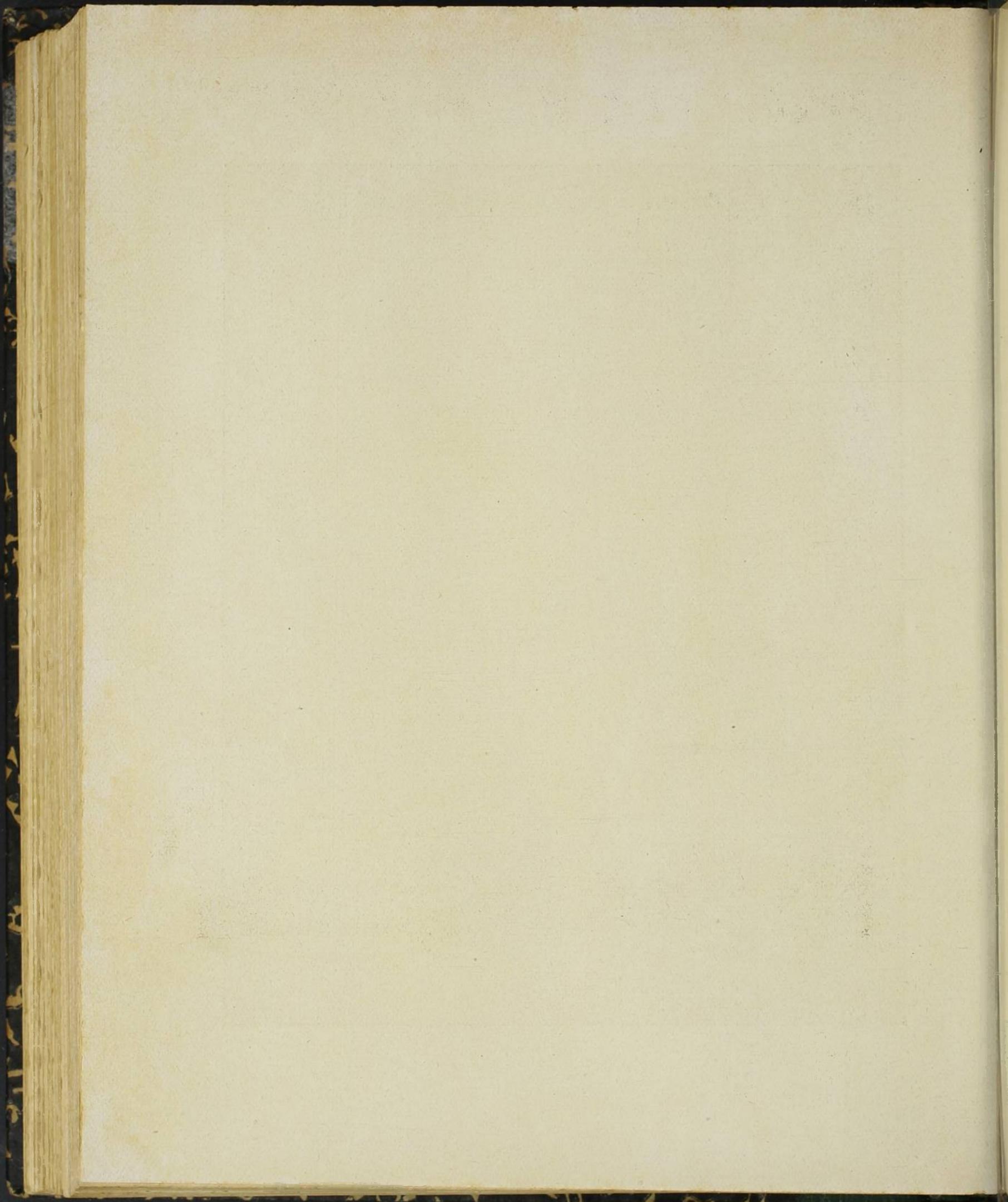
Preta miua Crioula do Maranhão

João
Ep. do natural
(em 1880)
1916



João
Ep. do natural
(em 1880)
1916





ou escapularios, de N. S. do Carmo, ou de N. S. das Mercês, segundo a confraria a que a preta pertencia, e que, emquanto a gente de poucos recursos se contentava em forrar com oleado, para preservar do contacto da transpiração do corpo, ella queria que fossem mettidos entre duas chapas de ouro; nos braços, dois ou tres pares de braceletes, de pulseiras de ouro, de alentada grossura e exquisitos feitos; em cada dedo das duas mãos, dois, tres, quatro anelões de ouro, de variados lavores. E com toda esta ostentação de estofos finos, rendas caras e adornos de ouro, a “preta mina” vae descalça. Ha de haver, provavelmente, em São Luiz, quem reconheça no typo que assim fica descripto, a abastada capitalista Catharina Mina, negociante de farinha, com armazem á rua do Trapiche, que teve o capricho de casar com um cafuz, para quem arranjou uma patente de alferes da Guarda Nacional.

A descendente da “preta mina”, nascida e criada no Maranhão, “xerimbabo” da “senhora moça”, “cria de casa”, alforriada na pia ou já livre de nascença, uma vez attingida a puberdade, e em consequencia de certas liberdades, ou pela natureza de certos serviços externos, como o de vender doces e flores, levar recados ás pessoas de amizade, ir buscar amostras e fazer compras ás lojas e tavernas, logo ganhava a rua, e entrava para o gremio das chamadas “negrinhas de baralho”. Essas tambem conventionaram o seu modo peculiar de trajar, em nada sujeito á instabilidade das modas correntes, se bem

que em tudo differente da “preta mina”. Vestido de chita, afogado, mangas largas e compridas, de canhão, cintura curtissima, logo abaixo dos seios, saia muito curta na frente, e arrastando atrás uma extensa cauda, com folho largo da mesma fazenda, anagua farfalhante, dura de gomma. Na cabeça, a carapinha baixa era entretecida de pequeninas tranças, tendo espelada á banda uma grande rosa de todo o anno. Nas orelhas, argolões de ouro; ao pescoço, simples cordão de ouro com uma figa. Calçava chinelinhas de pellica branca, ou de polimento, em que mal introduzia os dedos do pé sem meia, apoiando-lhe o meio da sola sobre o salto, o que lhe communicava um andar “gingado” e cadenciado, crepitando nas pedras da calçada estalidos seccos, num tique-taque rythmado, que a denunciava á distancia. Podia o vestido da negrinha ser de melhor ou piór qualidade, de maior ou menor luxo, consoante seus “teres”, provocando de uma para outra chalaças e pilherias: “Quebra, gereba, quando tu acabá de quebrá com esse, quero vê com que tu quebra!”, mas o feitio, o talho, o molde, era sempre e invariavelmente o mesmo. Acaso uma ou outra cedia á tentação de “fazer de moça branca”, trajando á ultima moda, era logo alvo dos apodos das malungas, e da surriada dos moleques (o moleque maranhense, irreverente e revoltoso, foi uma vez intitulado “quinto poder do Estado”), que a perseguiam com remoques e cantiguinhas:

Ginga, ginga, ginga, tia Caraca!
Negra de poloneza,
Tia Thereza,
Cousa que nunca se viu!

Contou o Pará de outros tempos, entre as suas figuras regionaes inconfundiveis, “a mulata”. Cozinheira ou costureira, “amassadeira de açahi” ou “vendedeira de tacacá”, ama sêca ou criada de servir, a mulata paraense era sempre original no seu vestir, de que jamais se afastava. Em geral, bonitas, feições de mestiça, robusta, elegante, amando o asseio e os perfumes fortes, feitos de raizes e ervas nacionaes, a peperioca, o cipó-catinga, a mucura-caá, ella usava corpete decotado, de mangas curtas e tufadas, saia pelos tornozellos, toda em roda da mesma altura, de folho na beira; as mesmas chinelinhas de luxo que já vimos calçando, “pro formula”, a negrinha do Maranhão. O cabello, ondulado e fôfo, repartia-se em duas fartas trunfas, e de cada lado, encaixados no alto de cada orelha, dous grandes ramilhetes de rescendentes jasmims; collar de ouro com medalha na frente, e, nas costas, sobre o cangote, para afugentar feitiços e maus olhados, enorme figa de azeviche. Posto negligentemente sobre os hombros, á guisa de chale, um lenço de sêda, de côres vivas; nos braços roliços, pulseiras de contas de coral; anéis em quasi todos os dedos. O braço esquerdo enfia na asa da cestinha das compras; a mão direita empunha a infallivel sombrinha, que tanto ser-

ve para o sol como para a chuva, de dia como de noite, forrada de tafetá furta-côres com barras de flores estampadas.

Quem quizer conhecer bem o que foi a mulata paraense, consulte a collecção d'“A Provincia do Pará” illustrada (edição dos domingos) de 1895, em que o lapis esplendido de Widheppff a immortalizou em ligeiros bosquejos palpitantes de espirito, de arte, e de flagrante verdade. E' o que a salva do total olvido. Hoje, esse typo desapareceu inteiramente do movimento da vida contemporanea de Belem, de sorte que o presente estudo da indumentaria de tres seculos, ao envez de acabar na actualidade, encerra-se com uma recordação do passado.

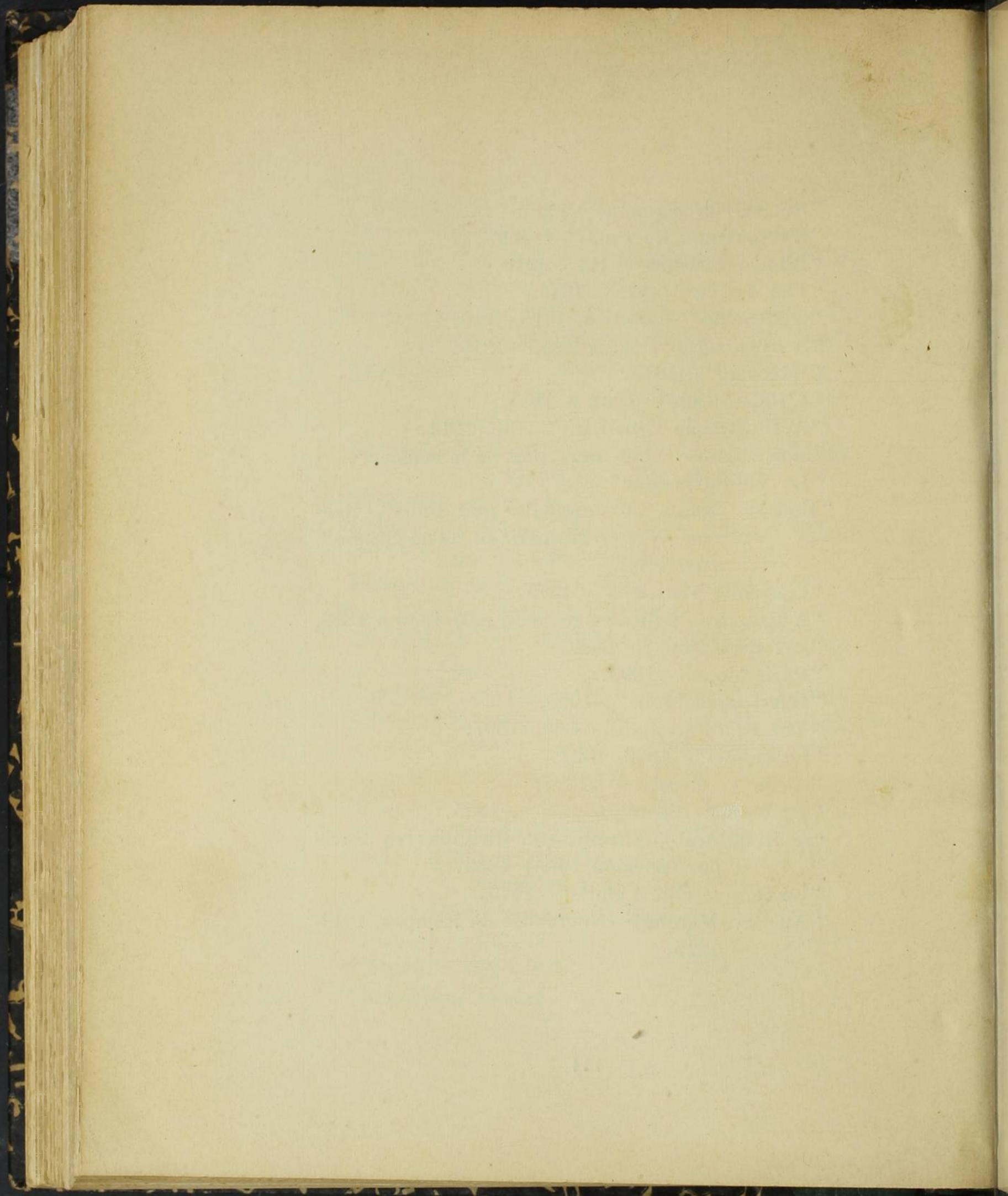
FIM.

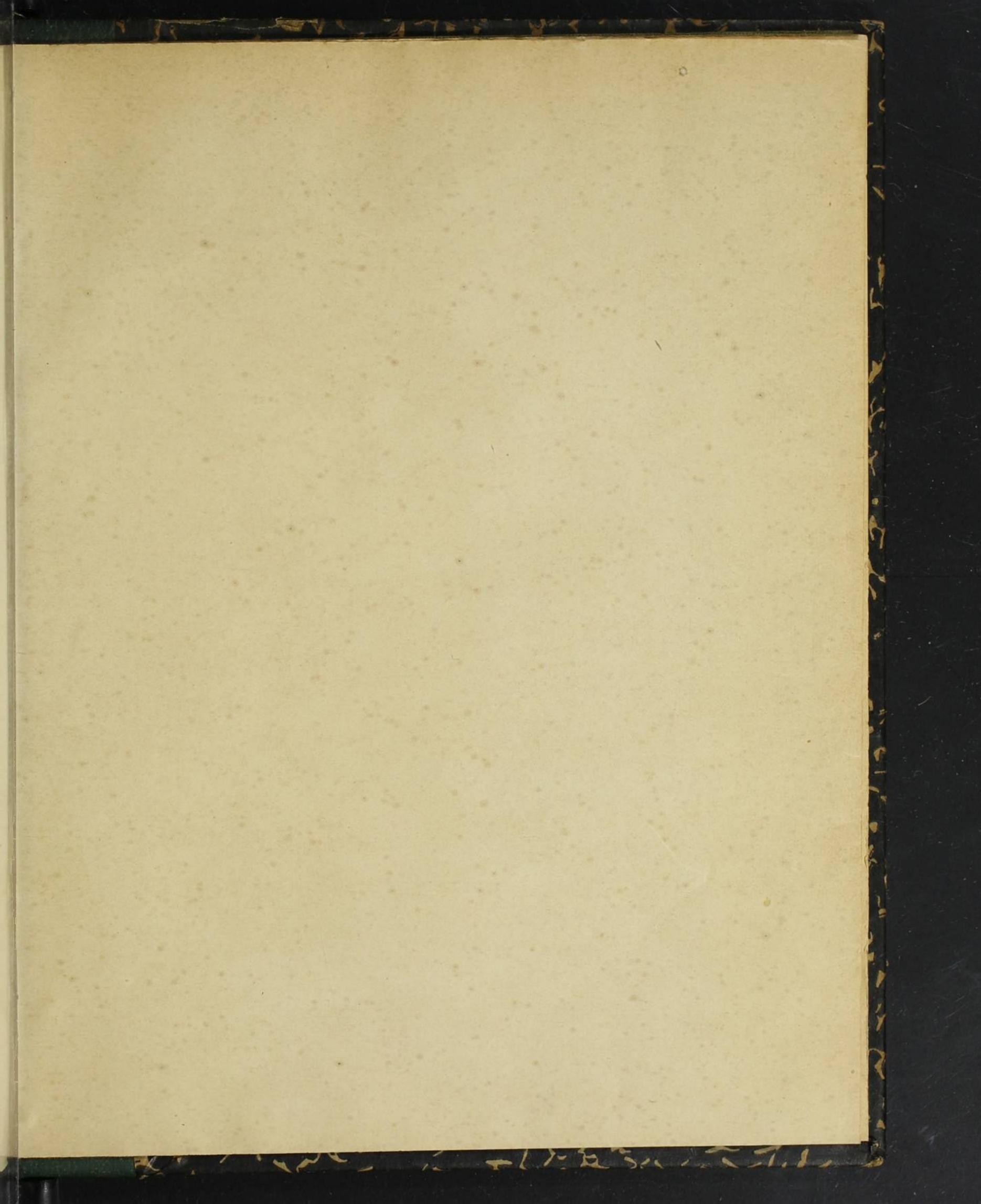
Livros, revistas e periodicos consultados:

- “Nouveau Larousse Illustré”.
- Ary Renan: “Le costume en France”.
- Charles Blanc: “L’Art dans la parure et dans le vêtement”.
- Théophile Gautier: “Le Capitaine Fracasse”.
- Edmond Rostand: “Cyrano de Bergerac”.
- Molière: “Théâtre complet”.
- Edmond et Jules de Goncourt: “La duchesse de Chateauroux et ses soeurs”.
- “Madame de Pompadour”.
- “La du Barry”.
- “La femme au dix-huitième siècle”.
- “Portraits intimes du dix-huitième siècle”.
- “Histoire de Marie Antoniette”.
- “Histoire de la société française pendant la Révolution”.
- “La maison d’un artiste”.
- Emile Bayard: “Le style Louis XVI”.
- M. de Lescure: “Les femmes philosophes”.
- Hector Fleischmann: “Réquisitoires de Fouquier-Tinville”.

- Frantz Funck-Brentano: "La mort de la reine".
Louise Elisabeth Vigée-Le Brun: "Souvenirs".
Clairville, Siraudin et Victor Koning: "La fille de
Madame Angot".
G. Charpentier et E. Fasquelle (éditeurs): "Un
siècle de modes féminines. 1794-1894".
Ignacio Moura e Estephanio Silva: "Vultos e
descobrimientos do Brasil e da Amazo-
nia".
Theodoro Braga: "A fundação da cidade de Nos-
sa Senhora de Belem do Pará".
Abbé Prévost: "Manon".
E'dition du "Figaro Illustré": "Le Musée galant
du dix-huitième siècle".
Honoré de Balzac: "Oeuvres complètes".
João Ribeiro: "Historia do Brasil".
Gavarni: Album comique—"Fourberies de fem-
mes".
Librairie Paul Ollendorff: "Paris-Parisien--1901".
Librairie Hachette & Cie: "Les capitales du mon-
de".
Alvares de Azevedo: "Lyra dos vinte annos".
Madame Carette (Née Bouvet): "Souvenirs inti-
mes de la Cour des Tuileries".
Albert Gleizes et Jean Metzinger: "Du cubisme"
—Paris, 1912.
"The Picture Magazine", London, 1893.
"Femina"—1901 a 1914.
"Selecta"—1915, 1916.
"Era Nova"—1915.

- "Revista da Semana"—1915.
 "L'Exposition de Paris"—1900.
 "Blanco y Negro"—1915, 1916.
 "The Sphère"—1915, 1916.
 "O Espelho"—Londres, 1915, 1916.
 "A Illustração Portugueza"—1915.
 "Excelsior"—1915.
 "L'Illustration"—1902 a 1915.
 "A Illustração Brasileira"—Rio, 1914.
 Louis Figuiere: "Les merveilles de la science".
 "La Vie Parisienne".
 "Modern Design on Jewellery and Fans"—Special Winter Number of "The Studio", 1901-1902.
 "Costumes Parisiens"—1875.
 "A Estação" (edição para o Brasil) 1880 a 1898.
 "Art et chiffons"—1885.
 "Paris-Mode"—1890.
 "L'Art et la Mode"—1895.
 "The Gentlewoman"—1896, 1897.
 "Le coquet"—1896, 1897.
 "A moda elegante"—1897.
 "Le Monde Illustré"—1875 a 1885.
 "A Illustração" (Publicação dirigida em Paris por Mariano Pina) 1885.
 "La femme chic à Paris"—1915.
 "Au Bon Marché"—Novidades da Estação, 1914-1915.





011763

